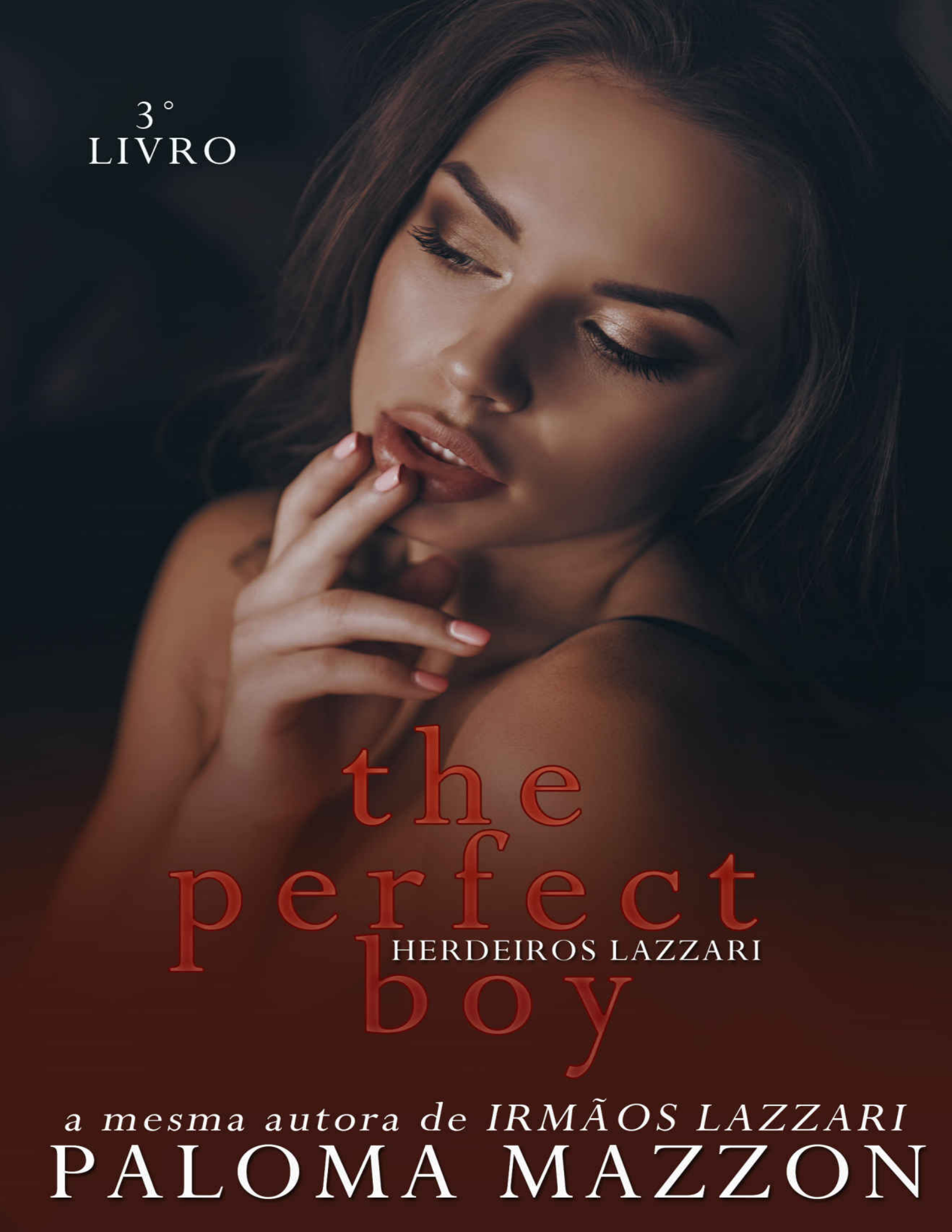


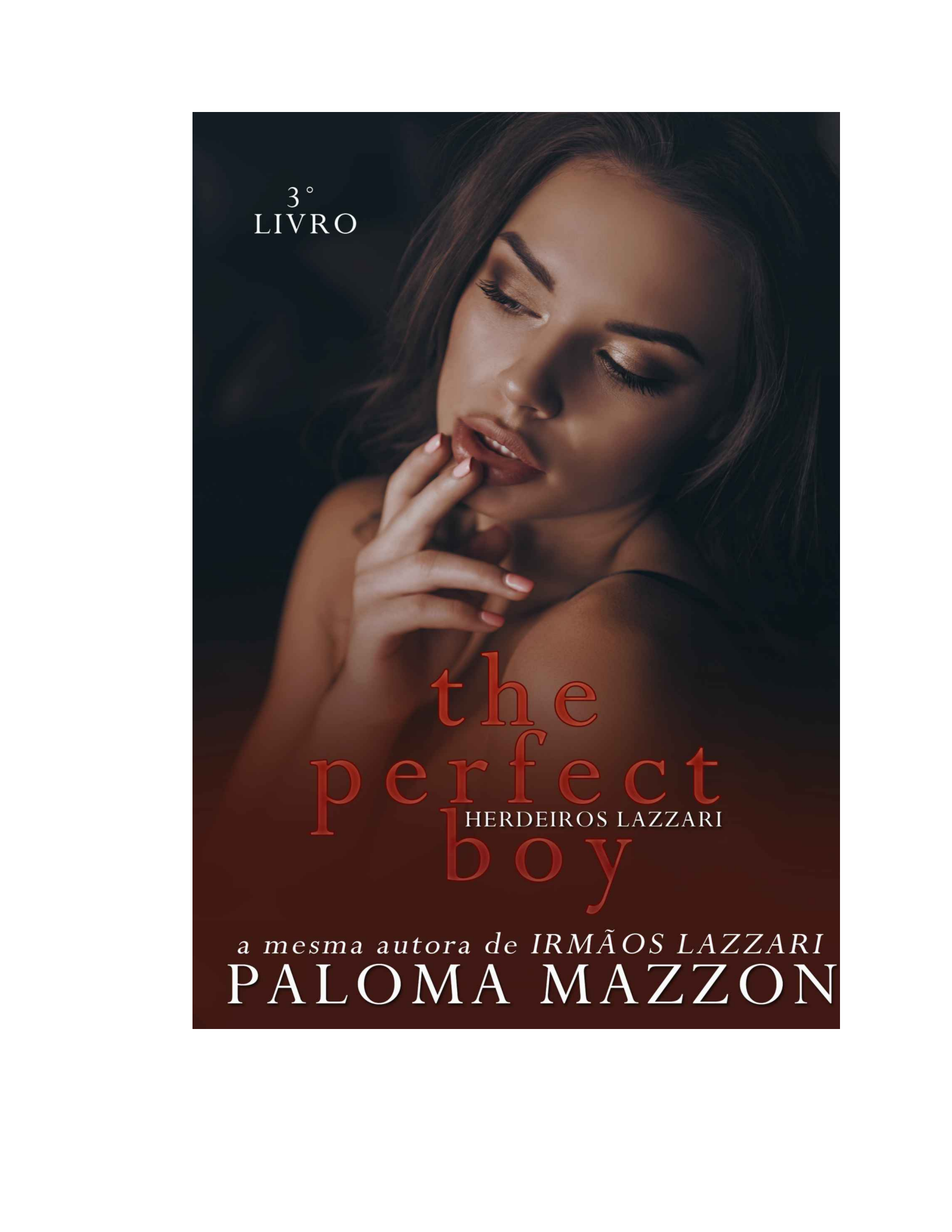


3°
LIVRO

the
perfect
HERDEIROS LAZZARI
boy

a mesma autora de IRMÃOS LAZZARI
PALOMA MAZZON





3°
LIVRO

the
perfect
boy
HERDEIROS LAZZARI

a mesma autora de IRMÃOS LAZZARI
PALOMA MAZZON

THE
PERFECT
BOY

Sumário

1° FASE

1 - PÉROLA

2 - KENT

3 - PÉROLA

4 - KENT

5 - PÉROLA

6 - KENT

7 - PÉROLA

8 - KENT

9 - PÉROLA

10 - KENT

11 - PÉROLA

12 - KENT

13 - PÉROLA

14 - KENT

15 - PÉROLA

16 - PÉROLA

17 - KENT

18 - PÉROLA

19 - PÉROLA

20 - PÉROLA

21 - KENT

22 - PÉROLA

2° FASE

23 - PÉROLA

24 - PÉROLA

25 - PÉROLA

26 - PÉROLA

27 – PÉROLA

28 - PÉROLA

29 - KENT

30 - PÉROLA

[31 - KENT](#)

[32 - PÉROLA](#)

[33 - PÉROLA](#)

[34 - KENT](#)

[EPÍLOGO](#)

1º FASE

1 - PÉROLA

Eu puxo os fones dos meus ouvidos e os enfio de volta para o bolsinho da frente da minha mochila, assim que passo pelas portas do edifício da LEA. Imediatamente, sinto o ar gelado do ar-condicionado envolver o meu corpo, e eu amo isso; amo o cheiro desse lugar, os zumbidos de diversas conversas, o som de telefones tocando e TVs ligadas nos canais do noticiário local, e o “ting” do elevador quando se abre. Eu realmente amo esse lugar. E amo as pessoas que trabalham nele, também. A maioria trabalha aqui desde que eu era criança, então, eu conheço cada uma delas pelo nome.

Eu empurro a minha mochila de volta para posição nas minhas costas e pego a alça solta, pendurando-a no meu ombro, então começo a ir para o elevador. Eu combinei de almoçar com o meu pai hoje, e ele pediu-me para encontrá-lo aqui na empresa após a escola, para então, irmos juntos. Levanto a mão para tocar com a minha palma, a palma da mão de Fred, um dos zeladores mais antigos do prédio. Virando-me nos meus calcanhares, ando de costas para poder sorrir para ele.

— Você assistiu ao jogo ontem, não é? Os Cowboys são uma porcaria!

Ele deu uma risada rouca que fez os seus velhos ombros sacudirem.

— Eles vão superar no próximo jogo.

— Claro que vão. — Eu balanço a cabeça, apontando para ele. — Nos seus sonhos, Fred. — ofereço o meu sorriso mais solidário e recebo uma outra risada do velho Fred. Quando

começo a virar-me novamente para poder andar de frente para o elevador, algo tromba com as minhas costas, e eu sou obrigada a dar três passos para frente para não cair. Chocada, eu olho para um garoto, que parece nervoso com os seus enormes olhos escuros.

— Eu sinto muito. — ele passa as mãos nas calças, como se as quisesse enxugar. — Realmente, eu sinto muito. — repetiu, em seguida, ele olhou para o meu rosto.

Piscando rapidamente, fiquei atordoada por um instante. Eu conhecia muitos caras bonitos. Sério, os meninos do time de futebol da escola eram gatos, mas nenhum tinha essa beleza. O cara é alguns centímetros mais alto que eu — talvez três... ou quatro? —, os olhos suaves e escuros, com ombros largos e pele branca.

Gato. Definitivamente.

— Pérola? — eu ouço uma voz masculina me chamar, e eu conheço bem a voz do meu tio Lucca, mas eu não vou ao seu encontro.

Encolho os ombros com um sorriso simpático para o cara gato.

— Não tem problemas. Acontece.

Ele não sorriu de volta com os lábios, mas seus olhos fizeram o trabalho.

— Mesmo assim, me desculpe. — Ele enfia as mãos nos bolsos, vira e vai para a recepção.

Continuo a encarar suas costas. São costas grandes e bonitas. Mas eu faço isso só por um segundo, já que no outro, as mãos de tio Lucca seguram os meus ombros por trás. Levanto a cabeça com o meu sorriso mais inocente estampado.

— Algum problema? — ele pergunta, olhando na direção do garoto.

— Não, não tem. — Eu me viro para abraçá-lo. — Ele só bateu em mim quando estava passando. Estava distraída com o Fred e não o vi se aproximando.

A sua sobrancelha arqueia.

— Só isso?

Deixe-me ver... não. Também tem o fato de que eu, pela primeira vez em dezessete anos, gostaria de perder a virgindade...

— Só isso. — abro um sorriso largo e pego no seu braço para irmos ao elevador.

Ele parece ficar satisfeito, uma vez que os seus lábios se curvam num sorriso torto que só ele sabe dar.

— Então, como está a minha sobrinha favorita?

— Espere um momento. — com uma expressão séria, eu puxo o celular do meu bolso e ativo o gravador de voz. — Pode repetir a pergunta? — empurro o celular para perto da sua boca. — Só para que eu possa mostrar para Mia depois.

Jogando a cabeça para trás, ele solta uma gargalhada.

— Com certeza, é uma Lazzari.

...

Ao chegar no andar dos escritórios principais da LEA, eu logo avisto o meu pai, saindo da sua sala, acompanhado por dois outros homens de ternos e muito sérios. Eu solto o braço do meu tio, os meus olhos rapidamente mirando a caixa da Twinke's, sobre a mesa de Soraya, a secretária do meu pai, e eu sinto a minha barriga roncar.

Eu e meu pai somos viciados nas rosquinhas da Twinke's. Tão viciados, que eu até coloquei esse nome da minha gatinha de estimação. Mais viciados ainda, que o meu pai investiu um bocado de dinheiro neles, quando a dona da Twinke's anunciou que fecharia a galeria por falta de dinheiro. Agora, para o horror da minha mãe e para a nossa total felicidade, somos clientes vips e, recebemos as primeiras amostras de novas rosquinhas, sempre que inventam.

Soraya me vê e um sorriso brinca nos seus lábios. Ela é mais velha que o meu pai alguns anos e o trata como um filho, ou algo do tipo. O que é bom, depois da sua secretária antiga, que era uma psicopata louca. Soraya está com ele desde então me viu crescer, sabendo todos os meus gostos.

— Estava imaginando aqui quando você chegaria, querida.
— Ela abandonou o seu tablet na sua mesa e veio até mim, puxando-me para um abraço carinhoso. — O almoço está marcado para daqui à meia hora.

— Me diga que marcou em algum lugar que tenha um x-tudo enorme e batatas fritas, por favor. — grunhi, apertando as

minhas mãos em meu estômago, sem conseguir parar de sentir os cheiros de rosquinhas de chocolate.

Humm, isso é cheiro de baunilha?

Soraya deixa escapar uma risada.

— X-tudo, batatas fritas e uma boa Coca-Cola geladinha.

Eu gemo, deitando a minha cabeça no seu ombro.

— Você me conhece tão bem...

— Amor da minha vida?

Levanto a minha cabeça e olho em direção ao meu pai, que acabou de se dispensar dos outros homens sérios e agora está vindo na minha direção, com os braços abertos e o meu sorriso favorito no mundo inteiro curvando os seus lábios.

Ele me pega num abraço apertado, e, como sempre, eu derreto nos seus braços.

— Está pronta? — pergunta quando se afasta.

— Você sabe que sempre estou, papai.

Ele ri.

— A sua mãe vai nos encontrar lá.

Vou até à mesa de Soraya e pego a caixa da Twinkes, o meu estômago reagindo ao cheiro delicioso.

— Então, temos que comer isso antes de chegar lá. — abro a caixa e pego uma rosquinha. Dou uma mordida e gemo no processo.

Sem dúvidas, baunilha.

Papai pega uma, também, e é como se eu tivesse me olhando no espelho. Ele dá uma mordida, então geme, de olhos fechados.

— Isso é baunilha? — ele questiona.

— Não é uma delícia? — eu pergunto, sem me importar com a boca cheia.

— Sem dúvidas. — ele geme, de novo, chamando a atenção de algumas mulheres que estão circulando.

Eu quase reviro os olhos, desejando que a minha mãe estivesse aqui, mas estou muito ocupada com a minha rosquinha de baunilha para falar qualquer coisa.

— Você me dá um minuto, amor? — papai pede. — Só vou pegar a carteira e o celular lá no escritório.

Anuí e voltei para o meu foco, enquanto ele some dentro do seu escritório.

O ting do elevador soa, avisando que alguém chegou no andar, só que a minha paixão por rosquinhas supera a minha curiosidade e eu não me movo.

— Com licença. — uma voz masculina pede.

Eu paraliso, com a rosquinha a caminho da minha boca. Eu conheço essa voz. Ouvi ela há alguns minutos.

— É a senhora que é Soraya Bennet? — ele pede. Era o cara de olhos escuros, que esbarrou comigo lá em baixo.

Me endireito, jogando a rosquinha de volta para a caixa. Ainda de costas para ele, limpo a minha boca para afastar todo resíduo de açúcar e alinho os fios do meu cabelo.

— Sim, sou eu, querido. — Soraya se levanta da sua cadeira confortável, que ela fez o meu pai comprar, alegando não ter uma boa coluna para as cadeiras normais de secretárias.

— Eu sou Kent McGregor — ele se apresenta — e estou aqui para a vaga no almoxarifado.

Oh! Kent McGregor.

Os cantos dos meus lábios são repuxados para baixo.

É um nome perfeito para um cara gato como ele.

— Ah! Sim. Claro. — Soraya dá a volta na sua mesa e pega um envelope, que eu suponho que ele estava lhe oferecendo, já que eu ainda estou de costas.

Ela estava no meu campo de visão, então eu pude ver quando ela abaixou a cabeça, os óculos quase na ponta do seu nariz, enquanto ela analisava os papéis que Kent McGregor lhe entregou.

Geralmente, quem faz as contratações é meu tio, Enzo Lazzari, que é responsável pela administração, assim como a contabilidade de toda a empresa. No entanto, a sua secretária,

Carla, a que devia estar aqui, falando com Kent, está de licença maternidade, portanto, Soraya está fazendo seu trabalho, uma vez que o meu tio não consegue confiar o trabalho de Carla para qualquer outra. Nem por algumas semanas.

— Quantos anos tem, garoto? — ela procura saber.

— 18, senhora.

Ela para de ler para observá-lo, com o queixo abaixado e por cima dos óculos. Para qualquer outra pessoa, isso seria apenas uma olhada curiosa. Mas para quem conhece bem o seu *modus operandi*, sabe que, na verdade, é o olhar que ela direciona antes de começar a falar “Você tem uma boa aparência, parece uma pessoa ótima, mas, infelizmente... ”.

Então, de repente, tudo dentro de mim se agita. Não faço ideia do motivo, mas eu me vejo virando no meu eixo, encarando o garoto gato e abrindo um enorme sorriso. Tão enorme, que posso sentir as minhas orelhas doerem.

— Kent? — eu finjo surpresa na voz, inclinando um pouco o corpo para dar ênfase. — Oh! Meu Deus. Kent McGregor, que coincidência!

Por um momento, Kent me olha como se eu fosse algum tipo de louca, mas, no momento seguinte, quando ele ver que estou esticando mais ainda o meu sorriso, percebe o que estou fazendo e entra no jogo.

— Ei! — ele dá um passo para frente, sorrindo, e o seu sorriso é perfeito, com covinhas nas duas bochechas. — É mesmo uma coincidência, não? Não imaginava te encontrar por aqui.

Ergo uma sobrancelha.

— Bem, eu sou a filha de um dos donos, então...

— Ah, claro. É mesmo. — ele bufa, sabendo atuar. — Sinto muito, é minha cabeça que está muito cheia esses dias.

— Sem problemas. — dispenso as desculpas com um aceno de mão.

Soraya olha entre nós dois, com cautela.

— Vocês se conhecem de onde?

Kent abre um sorriso para mim, deixando que eu responda.

— Escola. — minto, virando-me para a secretaria do meu pai. — Kent e eu somos da mesma escola.

Ela olha para Kent, uma sobrancelha grossa arqueada.

— Estuda na King High?

— Sim, senhora. Último ano. — ele responde rápido, mas firme.

Estreito os meus olhos, curiosa, sobre ele. Ou ele é um bom ator, ou ele realmente conhece a King.

— Notas? — Soraya pede.

— Tento me manter sempre com as melhores. — ele diz, prontamente.

— Hum. — É tudo que ela diz antes de voltar a ler o seu currículo e, é agora, que eu sei que Kent conseguiu o seu emprego.

Era só isso que faltava. Soraya era osso duro de roer quando o assunto era contratação. Ela prefere contratar pessoas de confiança ou que, pelo menos, tenha um extenso currículo, e eu acredito que Kent não teve tantos empregos assim, com apenas 18 anos. No entanto, ela sabendo que eu o conheço, com certeza, não vai descartá-lo tão rápido.

— Ok. — ela suspira, tentando o máximo ser durona quando sabemos que ela se derrete toda quase sempre. Ela abaixa os papéis e olha novamente entre nós dois, através dos seus óculos grandes. — Vai conseguir conciliar estudo e trabalho?

Kent assente, prontamente.

— Eu posso fazer isso, senhora.

— Vai estar aqui todos os dias, mesmo se tiver uma festa ou rolês, como dizem os jovens hoje em dia?

Eu seguro uma risada.

— Pode ter certeza disso. — Kent diz.

Eu olho de soslaio para ele e percebo que, ao mesmo tempo que ele parece tão calmo e tranquilo, as suas mãos estão unidas em frente ao estômago, ambas se esmagando, como se fosse um ato de nervosismo.

Soraya está em silêncio, em um dos seus momentos para avaliar a outra pessoa, mas Kent nem se abala com isso.

— Ah, qual é, So — eu solto, mais ansiosa que o próprio Kent e eu nem o conheço de verdade. — Ele é um cara legal. Olhe para a cara dele. — eu aponto. — Não tem uma cara de que gosta dos rolês.

— Quem não gosta de rolês? — O meu pai e tio Lucca chegam nessa hora e perguntam ao mesmo tempo. Ambos com olhares desconfiados quando focam em Kent, que está ao meu lado agora.

— O Kent. — respondo, indicando-o com o queixo, já que as minhas mãos estavam ocupadas com a minha caixa de Twinke's.

Tio Lucca ergueu a sobrancelha.

— Todo cara gosta disso. — ele diz.

— Bem, o Racer e o Nico não gostam.

— Eles têm menos de 14 anos. — Tio Lucca faz uma careta engraçada. — Acredite, eles vão crescer e isso vai mudar.

Eu ri, revirando os olhos.

— O que está acontecendo? — o meu pai ainda está sério, olhando para Kent.

Soraya estende o currículo de Kent para ele e explica.

— Este jovem está aqui para a vaga no almoxarifado.

Papai analisa o currículo por um instante, Tio Lucca se inclinando sobre o ombro dele para tentar ver também.

Eu consigo sentir a tensão da espera que vem de Kent. Não o culpo por isso. Ter dois homens enormes e sérios lendo o seu currículo para ver a possibilidade da sua contratação, não deve ser nada fácil para ninguém. Principalmente o meu pai. Eu até estou com pena do Kent.

— É um bom currículo para um cara de 18 anos. — Papai segura a folha com uma mão e bate na palma da outra, abaixando o queixo e olhando para Kent. Diretamente. — Conhece a minha filha?

Uh. Começou...

A necessidade de revirar os olhos é tão grande, que eu preciso enrolar os meus dedos dos pés dentro do tênis.

— Sim, senhor. — Kent responde sem piscar. — Estudo na King's.

Tio Lucca ergueu uma sobrancelha curiosa para mim.

— Ele não é o cara que esbarrou em você lá em baixo?

Ah, que ótimo!

Eu abro a boca para responder, enquanto o meu cérebro maquina rapidamente por uma desculpa, mas sou interrompida pela voz suave de Kent.

— Foi culpa minha, senhor. Estava tão apressado para chegar na recepção que mal olhei para ver quem era. — Ele virou a cabeça e me olhou, com um encolher sutil de ombros. — Sinto muito por isso.

Abro um sorriso.

— Não há problemas. Também não olhei direito. — minto de volta. Eu olhei para ele. Como não olharia?

— Hum. — o som da voz do meu tio saiu arrastado, desconfiado, seu cenho franzido.

Estreitei os olhos sobre ele, sutilmente enquanto meu pai abaixou a cabeça para olhar o papel outra vez. Ele estreitou de volta, deixando claro que me pegaria depois, a sós.

Papai devolve o currículo para Soraya.

— Faça uma experiência de um dia com ele. Se ele passar, contrate e diga ao Enzo que fui eu quem mandou.

— Tudo bem. — Soraya sorri para todos nós antes de ir para trás de sua mesa, pegar se tablet. — Venha comigo, garoto. Vamos.

Kent me direciona um sorriso agradecido antes de virar e ir com ela para o elevador, e eu assisto eles sumirem atrás das portas de aço. Não perco a forma perfeita que seu cabelo ondula na nuca. São cabelos pretos e, aparentemente, suaves. O tipo de cabelo que eu gostaria de enfiar meus dedos, e eu nem sabia que eu tinha um tipo de cabelo.

— O que está olhando? — Foram papai e meu tio outra vez, perguntando ao mesmo tempo.

Dessa vez, eu reviro os olhos, bufando.

— Ué, pensei que o lado bom dos dois olhos serem meus, era que eu poderia olhar para o lugar que quisesse.

— Pensou errado. — Papai diz, irritado. — Vamos embora logo. — ele passa por mim, resmungando, como um velho, e eu vejo meu tio fazer sinal de depois para mim.

Eu faço uma careta e acompanhando meu pai para o elevador privado, já preparada para um sermão de pai ciumento. Mas eu apenas finjo que está tudo bem e me concentro em minhas rosquinhas.

Em silêncio, porém, emanando raiva pelo pequeno e apertado elevador, rouba uma rosquinha da minha caixa e dá uma mordida furiosa.

Como filha legítima dele, não posso evitar abrir um sorrisinho de lado quando pergunto:

— Você está nervoso?

Se olhar matasse, os noticiários teriam um bom homicídio hoje.

— Ah, pai, sai dessa! — exclamo, fingindo inocência. — Era o Kent e estudamos na mesma escola. Grande coisa ter olhado para ele e para Soraya — ênfase. —, quando estavam saindo.

Seu corpo grande se vira para me encarar de forma severa. É o tipo de encarada que qualquer pessoa se encolheria, menos eu. E minha mãe, claro.

— Eu penso que você se esquece, às vezes, de que já tive sua idade e que sei como os jovens pensam. Não pense que sou idiota, Pérola, porque eu não sou.

Dou outra mordida em minhas rosquinhas, então pisco para ele, de forma, teatralmente, ingênua.

— E você, às vezes, se esquece que sou sua filha, senhor Giovanni Poderoso Lazzari. — meu sorriso é quase virtuoso. — Não pense que eu vou ficar para titia, porque eu não vou.

As portas do elevador se abriram com um ting, e eu saí na sua frente, sabendo que ele vinha como uma fera atrás de mim.

2 - KENT

Eu mal coloquei meus pés dentro da King's e já estava me sentindo como um peixe fora d'água.

King High era considerada uma das melhores escolas particulares do país, que fica localizada em Beverly Hills, uma parte nobre de Los Angeles. Era quase como uma Harvard do ensino médio. Aqui estudam apenas os alunos com grana o suficiente para livrar o mundo da fome. E é por isso que eu neguei a primeira proposta de vir estudar aqui.

Não era algo para uma pessoa que estudou a vida inteira em colégios públicos. Sem contar, que eu precisaria me deslocar da minha cidade para cá, e isso significa viajar 2.659,1 km. Lá, em Branson, eu tinha meus amigos e os vizinhos que ajudam sempre minha mãe. Tínhamos um bom hospital, que tratavam dela sem custos, e eu não precisava me preocupar com sua saúde, apenas de trabalhar e colocar comida na mesa, uma vez que meu irmão era apenas um garoto que estava saindo da infância.

Até o dia que mais uma carta chegou, e eu estava no trabalho, então, minha mãe abriu e viu o que eles estavam propondo. Eu tinha uma bolsa completa para terminar os estudos na King, e em troca disso, eu tinha apenas que ser o novo quarterback do seu time de futebol, e ganhar o campeonato que eles não ganham há muitos anos. Minha mãe praticamente ordenou que eu fizesse as malas e disse que nós viajaríamos para Califórnia.

Então, eu estou bem aqui. Como um idiota em uma farda.

Eu olho para baixo, o cenho franzido enquanto eu encaro a calça vermelha e depois a camisa branca e gravata da mesma cor da calça. Um blazer, também vermelho, está por cima, completando o fardamento. É sufocante, mas dá para levar.

— Senhor McGregor?

Levanto a cabeça, encarando uma mulher mais velha, de cabelos grisalhos, presos em um nó comportado no alto da cabeça. Ela está vestindo um terninho feito sob medida para seu corpo robusto e tem uma pasta em seu braço, me encarando de volta em uma postura quase doída.

— Sim. — Eu limpo a garganta. — Quer dizer, sim, senhora. Sou eu.

— É, eu sei que é você. — ela força um sorriso de boca fechada. — Tem sua foto no contrato de bolsa, e eu tenho uma ótima memória para uma mulher de quase cinquenta anos.

Eu fico calado, porque não teria nada que eu pudesse dizer sobre isso.

— Seja bem-vindo a King High. Eu sou Olivia Moore, secretária do diretor. — Ela parece um robô falando. — Temos um dos melhores ensinos do país, no entanto, devo enfatizar que, apesar de sermos uma escola cara, apreciamos a humildade e igualdade. Então, em nome do diretor Brown, espero que se sinta em casa e nos procure, caso precise de algo.

As laterais dos meus lábios se curvam para baixo quando meneio a cabeça devagar.

— Obrigado.

— Ah! — ela exclama, parecendo aliviada quando seus olhos cinzas encontram alguém sobre meu ombro. — Senhorita Lazzari, que bom vê-la aqui e agora!

Eu não precisei me virar para olhar porque Pérola Lazzari, a garota de ontem na LEA, pisou do meu lado e seus olhos azuis arregalaram em surpresa, ao mesmo tempo em que seus lábios rosados se entreabriram.

— Senhorita Lazzari — Sra. Moore chama —, você pode, por gentileza, levar o senhor McGregor até sua sala de aula, querida?

Pérola Lazzari olha para ela, ainda em choque, e assente.

— Ah, claro. Pode deixar comigo, Sra. Moore.

A secretária dá as costas e segue pelo corredor, seus saltos pequenos fazendo um barulho estranho e chato contra o piso de porcelanato.

Eu assisti isso, vidrado em seus saltos irritantes enquanto ela sumia no meio de uma multidão de alunos, que começavam a circular. Então me viro para Pérola Lazzari, que vira para mim no mesmo instante.

— Olá, colega de escola. — Eu sorrio.

Ontem, ela me ajudou a conseguir um emprego em uma grande empresa apenas dizendo que me conhecia da escola. Eu percebi seu jogo e entrei nele, e acabou dando certo. Se não fosse por ela, eu estaria entregando currículos em lanchonetes na beira da praia essa tarde.

Seu sorriso é radiante quando ela, finalmente, abre.

— Não acredito que você estuda mesmo aqui. — ela sacode a cabeça, impressionada.

— Bem, você chutou e fez o gol. — encolho os ombros.

— Por isso que você estava tão seguro quando falou ontem. — Ela supôs, sorrindo. — Aliás, deixe-me apresentar formalmente — Ela estende a mão. — Sou Pérola Lazzari.

Eu aperto sua mão pequena e quente, hipnotizado com sua beleza natural. Eu vi outras garotas daqui e todas elas tinham grandes camadas de rímel e sombras de fazer você pensar que é carnaval. Mas ela não. Tudo nela é natural, e eu gosto disso. Por algum motivo.

— É um prazer, srta. — Ofereço um sorriso. — Sou Kent McGregor.

— O prazer é todo meu, acredite. — Ela prende o canto do lábio inferior quando sorri para mim e retira o cabelo de seus olhos, tentando os controlar do vento. — Deixe-me ver seu horário. — Ela pede, e eu lhe entrego, então, enquanto olha, ela faz um sinal com a cabeça, pedindo para segui-la pelo corredor.

A King é enorme. Há telas de alta definição nos corredores. As salas do andar superior, têm vistas perfeitas do Beverly Gardens Park. Tem até elevadores. Tudo nessa escola envolve um monte de grana.

Eu sigo Pérola todo o caminho e deixo que ela me mostre alguns pontos importantes da escola. Ela aponta e explica com detalhes várias coisas, como a forma que a enorme biblioteca funciona e como fazer para ter o cartão vip do estacionamento.

Ela vai um pouco à frente enquanto faz isso, e eu não consigo evitar olhar ela, de cima a baixo.

Ela é extremamente linda. Sua pele parecia tão macia e suave. Ela deve ser uns quatro centímetros menores que eu e está vestida com o fardamento feminino da escola, igual o de ontem, que é uma saia de pregas vermelha, que chega até o meio de suas pernas grossas, e uma blusa de botões branca, com uma gravata vermelha. Eu vi que elas também tinham blazer, mas Pérola parece ter dispensado essa peça hoje. Seus cabelos estão soltos e um pouco desconsertados por causa do vento forte. Os olhos azul-bebê são hipnotizantes sempre que ela olha para mim. Os lábios são chamativos enquanto ela fala, vez ou outra enfiando a língua entre os lábios para umedecê-los.

Ela para quando chegamos a frente a uma sala com o nome Biologia na porta. Se vira para mim e sorri.

— Bem, sua primeira aula é de Biologia, segundo seu horário. — ela diz e me devolve a tabela de horários de aula. — O nome do professor é Sr. Acton e ele é legal, se você souber leva-lo.

— Vou me lembrar disso.

Ela sorri. É definitivamente linda.

— Você ganhará um laptop e um iPad para os estudos, e se seguir minhas instruções, ganhará passe livre na biblioteca.

Eu assinto, lentamente, agarrando a alça da minha mochila.

— Tudo bem. Muito obrigada por me ajudar.

— Não tem de quê. — ela encolhe os ombros. — Me passa seu celular. — estende a mão aberta.

Ergo uma sobrancelha, confusa.

— Seu celular, Kent. Me dê ele aqui. É rápido.

Eu puxo meu celular do bolso e coloco sobre sua palma, então assisto ela digitar alguma coisa, em seguida, bloqueia e me devolve.

— Salvei meu número em sua agenda. — ela esclarece. — Qualquer dúvida ou se precisar de ajuda para encontrar a próxima sala de aula, basta me dá um toque.

— Humm, ok? — Se eu soou surpreso, é porque é exatamente assim que eu estou. Enfio o celular de volta ao bolso e abro um sorriso agradecido para ela. — É sério, muito obrigado. Não só por isso agora, mas por ontem, também.

Ela pisca, com um pouco de choque.

— Você não precisa agradecer. — Ela agora parece sem jeito, o rosto levemente corado. — Eu fiz o que eu pensava que era certo. Foi assim que meus pais me criaram.

Assenti, sem falar uma palavra. Meus olhos inspecionam cada parte de seu rosto impressionante.

— Mas eu agradeço mesmo assim. — eu digo, então aponto para a sala de aula. — Eu vou entrar logo para não ter que fazer isso quando o professor já estiver dentro da sala. Odeio o lance do primeiro dia.

Seu sorriso é divertido quando ela começa a se virar e diz:

— Bem-vindo a King, Kent. Nos vemos depois, por aí.

Eu apenas aceno com a cabeça, sorrindo de volta para ela, e observo ela se afastar, falando com todos os alunos que encontra no caminho. Meus olhos caem em sua bunda e eu mordo minha própria língua.

Pérola Lazzari é linda demais, mas é o tipo de garota que não é para mim.

3 - PÉROLA

— Eu não gosto dela. — Claire cantarola enquanto se debruça na nossa carteira dupla. Ela está olhando diretamente para Stacy, que está na carteira ao lado.

Sorrindo, sacudo a cabeça quando abro meu livro de física e procuro pela página que o professor pediu.

— Acredito que muitas pessoas não gostam dela — murmuro. — Pare de encará-la ou ela verá nisso um motivo de pegar no seu pé.

— Que ela pegue no meu pau, se achar ruim.

— Quando você tiver um, talvez — eu ofereço com um sorriso.

Stacy Montgomery é a filha do treinador da escola e, como em todas as escolas desse país, ela é a garota que adora colocar as outras para trás, apenas pelo fato de ela ser ela mesmo. Ela é a típica líder de torcida clichê, tirando apenas o fato de que ela não é loira, nem tem olhos azuis. Todo o resto ela tem, no entanto. As roupas curtas, as maquiagens ridículas. As piadinhas sem graça.

No meu ver, ela não passa de uma garota solitária que vê nessas coisas uma forma de ficar por cima e chamar atenção, uma vez que seu pai passa a maior parte do tempo em um campo e sua mãe só quer saber qual cor de esmalte vai usar da próxima vez.

Eu disse: clichê.

— É sério — Claire faz uma careta. —, ela parece uma vareta de duas pernas. O que Avery viu nela, afinal?

Encolho os ombros.

— Por que não pergunta isso para ele?

— Ah-há. Claro. — Ela vai para trás, encostando no encosto de sua cadeira. — Ele é outro ridículo.

Ergo uma sobrancelha divertida.

— Um ridículo pelo qual você é caidinha.

Seus olhos se estreitam para mim, irritada, mas ela não consegue esconder as bochechas rosadas.

— Não vamos tocar nesse assunto, tudo bem?

Eu sorri, jogando os ombros para cima, de forma displicente, então me concentro no professor quando ele começa a falar com a turma.

Quando a aula termina, eu começo a arrumar minhas coisas dentro da mochila; Claire faz o mesmo ao meu lado. Sorrio para algumas garotas que passam e falam comigo enquanto faço isso. Terminando, eu jogo uma alça sobre um ombro e me levanto com Claire, prontas para seguirmos para fora da sala de aula.

Mas a voz estridente e metida de Stacy soa, assim que ela se levanta de sua carteira, ao lado da minha, e eu diminuo a velocidade dos meus passos.

— Souberam do nosso quarterback? — Ela pergunta para suas amigas. Há um toque malicioso em sua voz. — Eu ainda não o vi pessoalmente, mas vi uma foto dele no arquivo que está com meu pai. Ele parece um sonho moreno! Kent McGregor o nome dele.

— Ele já está aqui? — Lily, uma de suas amigas, pergunta.

— Sim. Chegou hoje, acredito. — Stacy solta uma risadinha animada, seguida de suas amigas. — Ele já deve estar pelo pátio agora.

Elas passam por mim nas pressas, e eu faço uma careta.

Um sonho moreno. Uh.

Era só o que faltava.

Puxo meu celular do bolso da bolsa e ascendo a tela. Nenhuma mensagem de Kent.

— Algum problema, P? — Claire me pergunta.

Sacudo a cabeça, enfiando o celular de volta para a bolsa.

— Não — falo.

Nós vamos para os corredores, e há vários alunos andando de um lado para o outro. Eu e Claire vamos direto para nosso lugar favorito no pátio, onde ficamos até dar o horário da próxima aula. Se trata de uma grande árvore antiga, que fica no centro do gramado, com uma sombra perfeita para se sentar debaixo.

Enquanto andamos, eu pego meu celular e mando mensagem para minha mãe, avisando que vou para casa de Claire depois da aula, para que possamos fazer o trabalho de química juntas.

— Quem é aquele na nossa árvore? — Claire questionou.

Desviando os olhos da tela do meu celular, olho para cima e meu coração dá um salto, meus passos quase parando, quando o vejo. Quase sorrio.

Kent está sentado debaixo da árvore — da nossa árvore. Uma perna está esticada enquanto a outra está dobrada, seu joelho sustentando seu braço. Seus cabelos negros estão uma verdadeira bagunça por causa do vento. A gravata da farda está com o nó quase desfeito. Ele parece uma bagunça muito bonita. Ele está mexendo em seu telefone e sua mochila está jogada ao seu lado.

— É Kent McGregor. — eu digo a Claire, mas minha voz é quase um sussurro, como se tivesse contando um segredo. Retiro os cabelos do rosto e os coloco atrás da orelha.

— O garoto que Stacy estava falando? — Os olhos de Claire se arregalam.

Anuí.

— Ele mesmo.

— Uau. Ele é gato.

Eu sorrio, meneando a cabeça quando chegamos perto o suficiente para que ele erga a cabeça para nos encarar.

— Sabe — vou logo dizendo, ao mesmo tempo que retiro minha mochila do ombro e me sento ao seu lado, cruzando as pernas em minha frente. —, quando coloquei meu número no seu celular, imaginei que você mandaria mensagem.

— Você disse que era para mandar se eu tivesse uma dúvida ou precisasse de ajuda. — ele lembra, com um meio sorriso.

Meneando a cabeça, eu sinto quando um sorriso desliza em meus lábios.

— São duas das opções. — Eu olho em seus olhos escuros, e eles estão divertidos para mim.

Sua boca está pressionada, forçando as duas covinhas a aparecerem. O vento sopra em seus cabelos, trazendo-os para seus olhos, e eu tento controlar os meus próprios. Seu cheiro é muito bom, também. Quase tão bom quanto a sua aparência.

Quando ele não fala nada, eu me seguro para não revirar os olhos, porque ele não captou a minha mensagem, e aponto para minha amiga, que está empolgada, mostrando seu dedo do meio para Landon White, que está passando por nós.

— Essa é Claire, minha amiga — apresento.

Claire vira para nós, abrindo um sorriso largo, automaticamente, e estende a mão para ele apertar.

— A melhor, para deixar claro — ela diz, quando ele aperta sua mão e sacode um pouco.

— Kent. — É tudo que ele diz, antes de voltar a olhar para mim. — Eu ia mandar mensagem para você.

Ergo uma sobrancelha, cética.

— É sério. — Ele ri. — Eu não conheço ninguém nesse lugar, além de você e agora sua amiga, agora. Essa escola é enorme, e eu nem acertei o banheiro ainda.

Foi minha vez de sorrir.

— Com o tempo, você se acostuma. — Eu apoio as mãos juntas sobre minha perna, olhando para ele sob meus cílios. — Soube que você é o novo quarterback do time da escola.

Kent faz um biquinho.

Ele faz um biquinho.

Um.

Biquinho.

— É, foi o que me disseram, também. — ele dá de ombros.

Ótimo. Ele tem um bom humor, e eu gosto disso.

Lindo, gostoso e de bom humor.

Eu viro para ele, fazendo minha melhor cara séria.

— Certo. — eu ergo um dedo em riste. — Eu vou logo avisando que sou fanática por futebol, o que significa que você precisa ser bom de verdade, porque meu pequeno coração não vai mais aguentar uma derrota para o Elite.

Agora ele está me olhando com um misto de curiosidade, incredulidade, surpresa e admiração.

— Estou falando sério. — meio que enfio o dedo em sua cara linda. — Fica como a forma de me agradecer por ontem.

— O que houve ontem? — Claire se estica para ver nós dois quando pergunta.

Eu ainda não tinha contado a ela sobre minha pequena mentira na empresa da minha família, que, por um milagre, acabou sendo meia verdade. Eu não conhecia o Kent, mas ele estava estudando na minha escola, então, é sim uma meia mentira.

Eu virei para ela.

— Nos conhecemos ontem, na LEA, e eu o ajudei a conseguir um emprego lá.

— Hum, legal. — Ela volta a se encostar na árvore e puxa seu iPad da bolsa.

Essa é Claire Bryant, a garota nem aí para nada. Tudo que importa para ela é saber que sua conta no Instagram está com muitos seguidores e que Stacy Montgomery sofreu um acidente terrível, na qual seu rostinho perfeito se modificou. Tirando isso, minha melhor amiga é super zen.

Eu volto para Kent, no momento em que ele começa a falar.

— Tudo bem, então, Lazzari. — ele concorda, meneando a cabeça. — Eu sou ótimo, aliás.

— Muito modesto. — Eu abro um sorriso, prendendo o canto do meu lábio entre os dentes. — Eu gosto.

— Se estiver lá no dia em que eu ganha para o Elite, dedicarei a você a vitória. — De uma forma quase por instinto, Kent ergue a mão e enrola uma mecha do meu cabelo em seu dedo, puxando-o devagar.

Não posso ver, mas tenho certeza que meus olhos brilharam e pude sentir meu sorriso se abrir ainda mais.

Oh, Deus, ele é tão lindo.

— Lá vem a doce de leite. — Claire cantarola, enquanto puxa seus fones da bolsa e se apressa a coloca-los em seus ouvidos.

Mal respirei de novo antes que as pernas longas de Stacy pararam na nossa frente. Seu sorriso era gigante, mostrando cada dente branco em sua boca. A saia da farda estava mais curta que de costume, indo de contra as regras da escola, que ela nunca seguiu. As mãos estavam na cintura e seus olhos castanhos estavam presos em Kent.

— Olá. — Ela disse, em seguida, agachou e se sentou em sua frente. Suas amigas se sentaram cada uma de um lado seu. *Clichê*. — Sou Stacy e eu sei quem você é, nem precisa se apresentar. — ela estende a mão, toda empolgada. — Stacy Montgomery, filha do seu novo treinador.

Kent aceita sua mão e faz um aceno, seu olhar correndo entre ela e suas amigas sorridentes.

Antes que ele possa dizer qualquer coisa, a voz irritante dela soa novamente:

— Eu e minhas amigas somos líderes de torcida. Vamos torcer muito por você durante os jogos.

— Hã, obrigado. — Kent franze o cenho, completamente, atônito.

— Não tem de quê — ela dispensa o agradecimento com um aceno de mão. — Qualquer coisa, pode me procurar. Todo mundo nessa escola sabe quem eu sou, não é, P?

Eu finjo um sobressalto quando ela fala meu nome, rapidamente captando a ironia em seu tom de voz e tendo a certeza de que Kent também percebeu. Forço um sorriso gentil, colocando a mão sobre meu peito.

— Ah, sim. Sim. — eu concordo. — Todo mundo conhece Stacy Montgomery. — Eu olho para Kent. — Deus, eu conheço Stacy Montgomery.

— Ha-há. — Stacy se levanta com suas amigas e puxa, em vão, a saia, arrumando seus cabelos, que estão presos em um rabo de cavalo. Então ela fala para Kent, como uma atriz pornô. — Bem, você pode me procurar sempre que quiser, K. — ela se vira, com força demais, fazendo sua saia subir com o vento e a velocidade, deixando bem claro que está usando uma calcinha rosa e fio dental.

Eu faço uma careta, e Kent me olha parecendo pasmo.

— Por favor, não me diga que todas as garotas dessa escola são assim.

— Meu Deus, só eu vi o útero dela? — Claire pergunta, chocada. — E, não, meu bonitinho, apenas ela é assim.

Kent estica o pescoço para ver minha amiga.

— Meu bonitinho?

— Sim, você é um gato, portanto, tomou o lugar de Avery Dawson no meu coração e se tornou meu crush número um.

— Ah.

— Está vendo? — ela levanta o braço, passa por cima de mim e aperta a bochecha dele. — Lindo demais.

Ele ri e volta para sua posição antiga, me passando seu horário.

— Pode me ajudar a encontrar essa sala?

Eu olho para a tabela em minha mão e concordo com a cabeça.

— Literatura. Você está comigo agora, pode deixar.

...

No dia seguinte, eu acordei com meu despertador, como todos os dias. Faltava uma hora para ir para a escola, então, de forma preguiçosa, eu me arrastei para fora da minha cama e caminhei até o banheiro. Tudo estava um pouco confuso ainda, considerando que eu odiava acordar tão cedo.

Depois que vesti meu uniforme, pego minha mochila, que eu sempre deixo arrumada na noite anterior, antes de dormir, e

desço para o café da manhã. Encontro meus pais na cozinha e aceno para eles.

— Bom dia, razão da minha vida. — Papai é o primeiro a cumprimentar, se inclinando para beijar meu rosto quando vou passando por ele.

— Bom dia, papai. — beijo sua bochecha, em seguida, a da minha mãe. — Bom dia, mamãe.

— Bom dia, meu amor. — Ela devolve o carinho, abandonando sua xícara de café para me abraçar. — Vai para casa da Claire hoje de novo?

Sacudo a cabeça, negando.

— Não. Já acabamos o trabalho ontem. — Eu me empurro para cima de uma banqueta e minha barriga ronca quando o cheiro de panquecas de chocolate chega em minhas narinas. Pego minha xícara quando mamãe despeja um pouco de café nela e adiciona leite, e tomo um gole para despertar. — Hum. Posso fazer uma pergunta?

— Claro, querida. — Mamãe se senta em seu lugar, ao lado do meu pai e indica para que eu fale.

— Quando viu o papai pela primeira vez, suas pernas tremeram?

A boca da minha mãe se abre em surpresa, ao mesmo tempo em que meu pai se engasga com o café.

— Por que quer saber disso? — Ele pergunta.

Torço o nariz um pouco.

— A pergunta foi para minha mãe.

Eu posso ver as bochechas do meu pai ficando vermelhas.

— Sim, mas eu tenho dois ouvidos muito bons, para seu governo. E eu escutei sua pergunta.

— Ok. — ajeito meu corpo de modo que fico de frente para ele. Descanso meus antebraços sobre o balcão de granito e inclino meu corpo, levemente, para frente, focando apenas nele. — Quando viu minha mãe pela primeira vez, suas pernas tremeram?

Seus olhos, azuis como os meus, adquiriram um brilho nervoso e irritado, então, se estreitaram para mim.

— O que foi? — Balanço a cabeça, quase imperceptivelmente, fingindo inocência. — Agora fiz a pergunta para você, assim, você pode responder.

Ele estreitou ainda mais os olhos, o tom de vermelho saindo de seu pescoço.

Inclino minha cabeça para o lado, observando-o.

— Papai, você vai ter um infarto antes de responder minha pergunta?

— Querida! — Mamãe repreendeu, mas ela estava, visivelmente, tentando prender o riso. Ela afagou o braço do meu pai, com carinho, tentando aliviar as coisas. — Sim, meu anjo. Minhas pernas tremeram na primeira vez que vi seu pai. — Seu tom era doce e quase sonhador quando falou. — Por quê?

Encolho os ombros, ignorando meu pai e seu ataque.

— Porque eu penso que minhas pernas tremeram pela primeira vez.

— O quê? — Papai grita, irritado.

— Hum. — resmungo, tomando um longo gole do café, enquanto estico o braço e capturo uma maçã. — Preciso ir agora. — me levanto e pego minha mochila. — P ama vocês! — Eu grito enquanto corro para fora.

— Pérola Lazzari, volte já aqui!

Eu já estou passando da porta de entrada quando ouço a voz severa do meu pai.

4 - KENT

Pelo visto, os jogadores dessa escola levam à sério todo o lance dos jogos, apesar de que a King não ganhou um campeonato em mais de dez anos.

Quando eu chego na academia da escola, vejo todos do time se exercitando, pegando pesado mesmo. É uma coisa boa, porque mostra que eles são esforçados, e o futebol é a terceira coisa mais importante na minha vida. Se não fosse pela minha mãe e minha irmã, que precisam de mim, eu estaria tentando algo como entrar para um time de futebol de verdade.

— Você deve ser Kent McGregor, não é?

Eu me viro para um homem de cabelos grisalhos, que se aproxima com um apito pendurado em um cordão, em seu pescoço.

Ele para diante de mim, com as mãos na cintura, sorrindo como se tivesse acabado de dar de cara com um subway gigante.

— Sou o treinador Montgomery. — se apresenta, estendendo uma mão, que eu rapidamente aceito. — Ouvi falar muito bem de você, garoto. Fui eu mesmo quem pediu para trazerem você para cá.

— Obrigada, senhor. Espero ajudar.

— Ah, mas tenho certeza que vai. — Ele bateu em minhas coisas, amigavelmente. — Venha, vou te apresentar ao time.

Eu abandono minha mochila no chão e sigo ele até o centro da academia, onde ele, sem aviso prévio, apita alto e estridente, me fazendo enrijecer. Levou tudo de mim para não levantar a mão e fechar o ouvido.

Quando tinha a atenção de todos, ele berrou:

— Quero que conheçam Kent McGregor, nosso mais novo quarterback! — Novamente, ele deu tapinhas em minhas coisas, de uma forma que meu ombro sacudia para frente. — Vocês têm exatos... — deu uma olhada em seu relógio no pulso. — dez minutos para conhecê-lo, antes que o treino comece. Podem enchê-lo de perguntas, mas não o cansem muito. Precisamos dele bem para o próximo jogo.

Com isso, ele sai andando, como se não tivesse acabado de me jogar na jaula dos leões. Vários pares de olhos estavam sobre mim agora, analisando-me com cuidado e curiosidade. Até parecia que eu estava nu ali.

Enfie as mãos nos bolsos e esperei. Não me intimido fácil, nem mesmo se tenho vinte e um pares de olhos sobre mim. Estava começando a pensar que os dez minutos passariam assim, quando um dos caras, um moreno do queixo um pouco torto, se levanta de uma das máquinas de musculação, e estica a mão para me cumprimentar.

— Não liga para esses idiotas. Estão só observando o novato. — ele sorri. — Sou Avery Dawson, wide receiver. — Ele cruza os braços e ergue o queixo para mim. — Diz aí, você é bom de verdade?

Algun dos caras me arremessa uma bola e eu agarro com precisão, encaixando-a entre minhas mãos. Abro um sorriso, que

a maioria das pessoas podem presumir que é um sorriso convencido.

— Você pode tirar suas próprias conclusões no treino. Que tal assim?

Avery pareceu satisfeito com minha resposta. Sorriu, sacudindo a cabeça, então, bateu em meu bíceps esquerdo.

— Vamos até o campo, então, cara.

Eu fiz o que era esperado que um quarterback fizesse. Dei início as jogadas do nosso pequeno treino particular e fiz os passes precisos para nosso wide receivers. Eles permitiram que eu liderasse a partida, como um quarterback faria, e eu sabia que isso era uma chave para que eles confiassem em mim.

E, sério, para um time — não só de futebol — dar certo, precisa haver a confiança. Tanto no time em geral, quanto no líder. Mas, no futebol, isso é de extrema importância. O time precisa confiar no quarterback para ser seu líder ofensivo, e o quarterback precisa confiar no time.

Eu jogava no time da minha antiga escola e era muito bom. Os caras eram esforçados e bem treinados. Mas esse time aqui, é genial. Esses caras amam o que fazem e, pelo visto, estão fazendo de tudo para ter um bom campeonato. E eu espero que não seja apenas a sede de vitória sobre o tal do Elite, porque eles são realmente muito bons no que fazem.

Avery Dawson é, sem dúvida, o melhor Wide Receiver que eu já vi. Ele parece até que tem um foguete em cada pé. Velocidade imensa e, tenho a maior certeza do mundo, enquanto vejo ele alcançar a área e marcar mais um touchdown, que é uma profunda ameaça para os nossos times adversários.

No final da partida, meu time — nós dividimos o time em dois — ganhou com seis touchdown de diferença. Avery gritou, com a bola na mão, arrancando seu capacete com um largo sorriso.

— Puta merda, cara! — ele berrou para mim, do outro lado do campo. — Você sabe como jogar!

Os outros concordaram com ele.

Eu puxei meu capacete e sacudi meus cabelos, molhados de suor.

— Você é rápido. — elogiei de volta.

— É, já me disseram isso antes.

Sorri. Comecei a acreditar que os caras por aqui têm uma mania esquisita de bater no ombro dos outros, quando alguns do time passaram por trás de mim e bateram em meu ombro, me parabenizando.

— Mas é sério — Avery chamou minha atenção. —, estávamos precisando de um bom quarterback, e eu não faço ideia aonde foram encontrar você, mas, porra, você é o melhor, sem dúvidas. Os maricas do Elite não vão ter vez.

— Eles tinham vez sem mim? — provoquei, elevando uma sobrancelha irônica.

— Nah. — ele bateu em minha cabeça, sorrindo. — Não seja convencido. Você é novato ainda, McGregor.

Ergo as mãos em rendição.

— Foi você quem disse.

— Treinador! — ele berra, com as mãos ao redor de sua boca, então aponta para mim. — Eu não gosto dele!

Não consigo evitar quando minha cabeça cai para trás e eu solto uma gargalhada.

O treino com o treinador foi pesado. Ele não pegou leve apenas porque eu era um novato. Berrou o tempo inteiro que não precisamos de moleza, precisamos da vitória na final.

E eu estou totalmente com ele. Corri todo o campo com os outros. Empurrei alguns pesos; Levantei outros. Fizemos mais algumas partidas práticas e, no final do treino, eu fiz meu caminho até o vestiário dos homens. Tomei um banho lá e coloquei meu uniforme. Estava quase na hora de largar e depois daqui ainda tinha que ir para LEA, mas eu poderia trocar de roupa na empresa. O uniforme era uma regra da escola, e eu não estava a fim de quebrar nenhuma regra em minha primeira semana.

Estava saindo do vestiário, distraído com o zíper da minha mochila, quando esbarrei em alguém no corredor. Rapidamente, levantei minha cabeça e meus olhos se trancaram com o par de olhos azuis mais bonitos que já encarei em meus 18 anos.

— Sinto muito. — Eu e Pérola dissemos ao mesmo tempo. Então, sorrimos.

Ou ela sorriu primeiro, e então, meus olhos caíram em sua boca e eu não pude evitar sorrir, também.

Era impossível não fazer, porque, apesar de que eu não penso que daria certo um relacionamento meu com qualquer garota dessa escola, principalmente com essa garota, ela ainda era a garota mais gata que já passou na minha vida.

— Ah, não tem problema. — Ela disse. — Você pode esbarrar em mim à vontade. Sempre que quiser.

Dessa vez, meu sorriso foi mais natural.

— Obrigado. Fico feliz em saber disso.

— Hum, hum. — ela balança a cabeça. — Estou até agora esperando uma mensagem sua. Perdeu meu número?

Eu observei sua sobrancelha arquear, numa tentativa fingida de parecer realmente curiosa com isso. Ela estava apenas sendo sarcástica. Meus olhos correram por todo seu rosto bonito. Os olhos grandes, azuis cristalinos. O nariz arrebitado. A boca com lábios nem tão finos, nem tão grossos, perfeitos para serem beijados. Eu penso se seria legal beijar ela.

Provavelmente, sim. Mas não seria inteligente da minha parte.

Apertei a mão ao redor da alça da minha mochila quando a joguei sobre meu ombro direito e ofereci um sorriso leve para ela.

— Você me pegou. — aponte. — Na verdade, eu estava esperando ter alguma dúvida para poder te mandar uma mensagem. Mas, acabou que teve o treino e o treinador pega pesado, então... — levanto os ombros, de forma desleixada.

— Hum, hum. — ela mexeu a cabeça de novo, e eu estava começando a pensar que isso é algum TIC que ela tem. — E o treino, como foi? Pronto para atacar vencer?

— O time é muito bom. Acredito que possamos ganhar essa temporada.

— É, eles só estavam precisando de um bom quarterback. Oliver é bom, mas não é o suficiente para ganhar do Elite.

— Vocês levam muito a sério essa coisa de rivalidade com esse tal de Elite. — observei, com o cenho franzido, enquanto puxava caminho pelo corredor.

Na minha antiga escola, tínhamos rivalidades. Era futebol e isso era bem normal, mas eu sinto que a King e o Elite são cachorros grandes nesse lance de rivalidade.

— Você, obviamente, não conhece eles ainda. — Pérola abriu um sorriso desdenhoso.

— Penso que não.

Ela vira, ficando de frente para mim e andando de lado. Suas mãos não param de gesticular enquanto ela explica:

— De uma forma bem resumida? — ergue uma sobrancelha. — São uns tremendos babacas. Se acham super demais só porque vem ganhando por três anos. Por isso, eles acreditam ter o direito de zombar de nós. O que eu não entendo, porque, mesmo com as derrotas, temos o melhor Wide Receiver.

— O Dawson é muito bom.

— Não é? — Ela arregala os olhos, me mostrando que realmente gosta do esporte. — Avery é o melhor, mas, sem um bom quarterback, ele não podia fazer muita coisa, apesar de que tentava bastante. Mas, agora ele tem, então, isso significa que os idiotas, filhos da mãe do Elite vão apenas sentar e chorar na final.

— E como você sabe que vamos pegar eles só na final?

Um sorriso esperto cura seus lábios.

— Acredite em mim — ela pede —, sempre arrumam uma forma de nos colocar juntos na final.

Os cantos dos meus lábios se curvam para baixo e eu meneio a cabeça, impressionado. Pelo visto, eu posso ter um pouquinho de dor de cabeça com esses caras.

O sinal toca, avisando que o dia de aula chegou ao fim. Olho para meu relógio, certificando-me de quanto tempo ainda falta para chegar na LEA.

Os alunos começam a sair das salas, a zoadá terrível segue eles pelos corredores. O diretor fala alguma coisa sobre protetores solares no alto-falante. Algumas meninas gritam.

E eu olho para Pérola, que está digitando em seu celular agora.

Quando ela para, seus olhos travam com os meus e ela sorri, docemente.

— Vai para LEA agora?

Anuí.

— Essa é a ideia.

— Quer uma carona?

— *Essa* não é uma boa ideia. — aponto.

— Por quê? — ela sacode a cabeça, piscando.

— Porque eu percebi que seu pai e seu tio não gostaram muito da ideia falsa de você me conhecer. Eu gosto muito da minha vida para perdê-la assim, tão fácil, caso um deles me veja com você.

Ela estava a língua no céu da boca.

— Os homens da minha vida são ciumentosos, e daí? Eles não mordem. — ela pegou minha mão e me puxou, mas eu não saí do lugar. — Vamos.

— Eu posso pegar um ônibus, Lazzari. — eu digo.

— Pode, mas não vai. — disse ela, firme e teimosa. — Não quando eu tenho um carro com o banco do passageiro vago e estou indo para o mesmo lugar que você.

— Continua sendo uma péssima ideia.

Ela para de tentar me puxar e vira, ficando na minha frente e precisando erguer o queixo para me encarar. Suas mãos encaixam em sua cintura fina, num ato de superioridade e confiança.

— Seu medroso, se meu pai ou meu tio, ou qualquer pessoa naquele prédio, resolver bater ou matar você, não se preocupe, eu protejo você.

E lá estava de novo, o tom sarcástico que ela parece adorar usar comigo.

Estreitei meus olhos sobre ela.

— Eu vou perder meu emprego desse jeito! — digo, exasperado.

— Vai nada! — ela rebate, agitando as mãos.

Estávamos discutindo no meio do corredor principal do colégio, como se não tivesse milhares de alunos circulando ao redor.

— Que tal você parar de ser medroso e vir comigo? — ela propôs. — Meu pai é, apesar do lado ciumento e possessivo, um cara legal. Você vai ver. Ele é um ótimo chefe.

— Não quando se trata de um cara que está pegando carona com a filhinha dele, não é?

Ela bufa.

— Besteira. Eu tenho dezessete anos e, daqui a pouco, se Deus quiser, logo, eu estarei namorando, e ele vai ter que aceitar. Uma carona não é nada em cima disso.

Olhei para ela, perplexo, com sua forma de lidar com a situação.

— Você sabe que você vai causar o infarto no seu pai, não é?

Seu sorriso grande é impecável quando ela joga os cabelos para trás dos ombros.

— Ele é grande e saudável. Vai aguentar.

Eu acabo cedendo porque, fala sério, é missão impossível discutir com essa menina. Mesmo temendo pela minha vida, eu a sigo até o estacionamento.

Ela retira as chaves da bolsa e destranca um carro dos vários carros de luxo. Meu queixo cai quando ela anda até uma das portas traseiras de uma Land Rover Velar azul e abre, jogando a mochila branca lá dentro. Ela bate a porta e olha para mim, que ainda estou parado no meio do estacionamento, atônito.

— Você vem? — ela pergunta, com um sorrisinho de lado e abre a porta do motorista.

Assinto e, hesitante, começo a caminhar para a porta do passageiro.

Merda. Como eu acho que estou a fim de uma garota que tem uma Land Rover?

5 - PÉROLA

Enfieei uma colher de sorvete na boca no momento em que tio Lucca entrou na cozinha.

Ele estava com uma bermuda e uma camisa branca simples. Usava chinelo e um óculos escuros puxados no alto de sua cabeça, deixando seus cabelos pretos, já um pouco grisalhos, bem rebeldes.

Era domingo, e a família sempre se reúne em pelo menos dois domingos do mês, na casa de um dos parentes, para almoçar todos juntos e tirar a tarde na piscina. Hoje, a reunião era na minha casa e estavam todos por aqui.

É uma coisa que eu sempre amei, o lance de ter todos que eu amo ao meu redor. A casa cheia o dia todo. Estar na piscina com minhas primas, mesmo que a Mia esteja tão longe para vir, também. Com todo o negócio de modelo mais famosa do momento, ela não tem muito tempo de ficar indo e vindo, mas vem sempre que encontra uma brecha em sua agenda.

— Tem alguma coisa para me dizer? — tio Lucca escorrega na banqueta ao lado da minha.

Todos estão lá fora, então, somos apenas nós dois aqui dentro.

Passando a mão ao redor do pote gigante de sorvete de menta, eu puxo-o contra meu peito, em um abraço protetor.

— Tenho. — respondo. — Não vou dividir, mesmo te amando.

Ele abre meu sorriso favorito.

— Muito esperta, princesa. Mas sabe que não estou falando sobre seu sorvete.

Levo outra colher à boca.

— Do que está falando? — pergunto de boca cheia.

— Kent McGregor. — ele diz, e apenas essas duas palavrinhas fazem meu estômago gelar, e não é por conta do sorvete. — Sabe que eu não caí na história de que vocês se conheciam, não é?

Estreito meus olhos nele, mas não por muito tempo. Acabo suspirando, meus lábios torcendo em uma careta porque eu sabia muito bem que não conseguia esconder nada dele. Não que meu pai seja idiota e burro, mas tio Lucca é sempre atento, observador. Ele sempre saca as coisas muito rápido, por isso, eu só tenho um pouco de pena da Nina.

— Okay. — empurro o pote de sorvete. — Eu menti naquele dia, confesso, mas tio... Ele precisava do emprego e você sabe como a Soraya é terrível quando o assunto é contratação do pessoal. Todo mundo sabe que a Carla é mais legal e não diria não para ele, mas a Soraya sim.

— Então você pensou que se dissesse que conhecia ele da escola, faria com que ela o contratasse.

— Eu não achei; eu sabia. Funcionou, não foi? E acabou que isso se tornou verdade. O Kent é realmente da King.

Ele considerou por um momento.

— É, mas não pode fazer essas coisas, princesa. Apesar de ter sido muito bonito da sua parte, há outras maneiras de ajudar uma pessoa.

Abro um sorriso inocente.

— Como falar com você?

É a vez dele estreitar os olhos.

— Ou com o Enzo, seu pai...

— Meu pai mataria ele.

— Tem razão. — Ele assentiu e sorriu. — Seu pai é um ogro.

Concordei com a cabeça e raspei a colher pelo sorvete.

— Mas, quero só deixar claro que — ele ergueu um dedo em riste, sério. — estou de olho em vocês dois. Posso ser legal, o melhor tio do mundo e blá blá blá, mas você continua sendo minha princesinha. Eu quebro ele no meio se descobrir que ele te fez mal.

— Tio, somos amigos! — eu protestei. — Apenas isso.

— Hum, sim. — ele se estica e pega uma colher na gaveta para poder pegar um pouco de sorvete. — Eu também era amigo da sua tia Mel, para o seu governo, mocinha.

...

Durante as próximas semanas, correu tudo tranquilo e normal. Estudei bastante para as provas, que ainda faltavam algumas semanas para acontecer, mas eu gostava das coisas organizadas e a antecipação fazia parte disso e deixava tudo melhor para mim. Meu coração a cada dia parava mais um pouco quando eu dava de cara com Kent na escola e quando ele sorria para mim. De uma forma que eu estava começando a acreditar que chegaria um dia em que ele pararia de vez e eu viria a óbito.

O garoto sabe ser gato e quente ao mesmo tempo como ninguém.

Percebi que ele estava se entrosando muito bem com o pessoal da escola, principalmente com os jogadores do seu time. Ele e Avery eram como eu e Claire agora, inseparáveis. Sua equipe estava sempre lá com eles, em qualquer lugar.

E, como faz parte do normal, Stacy estava sempre em cima, tentado ao máximo chamar a atenção de Kent, que parecia distante de sua sedução barata. Claro, ele não era mal-educado, nem nada. Sorria quando achava necessário, cumprimentava, deixava que ela tocasse seu braço — algo que eu achava desnecessário — e até ria de algumas piadas. Mas não parecia interessado quando ela sussurrava coisas em seu ouvido ou quando ela chegava por trás e o abraçava.

Eu sorria internamente nessas horas, mesmo com aquela coisa chatinha corroendo dentro de mim. Bufo mentalmente. Eu estou com ciúmes dele?

Mas, já?

— Numa escala de zero a dez, o quanto você acha da minha bota nova bonita? — Claire esticou uma perna, me

mostrando sua bota branca de cano alto, que alcançavam os joelhos.

Analisei por um segundo e os cantos dos meus lábios se curvaram.

— Parece a bota da Mia Colucci do RBD, lembra?

Claire revira os olhos.

— Zero a dez, P, não com quem parece.

— Nove.

Ela pisca.

— Por que não dez?

— Porque é branca e eu não gosto de sapatos brancos.

Claire faz uma careta engraçada. Ela encolhe os ombros, sem ligar para nada.

— Que se dane, eu amei!

— É o importante. — eu puxo uma parte rebelde do meu cabelo e coloco para trás da orelha. No momento em que levanto a cabeça, encontro os olhos escuros de Kent, que estão presos em mim. Ele nem tenta disfarçar quando o pego me olhando, e ofereço um sorriso gentil. Milhões de borboletas se agitando em meu estômago quando ele devolve o sorriso, repuxando os lábios de um lado só.

— Agora podemos vir de calcinha para escola?

Eu puxo meu olhar para longe de Kent e encaro Claire, que está com sua típica careta anti-Stacy.

— Do que você está falando?

— Olha para a saia do uniforme dela! — aponta ela. — Se antes eu via o útero, agora eu posso ver até o pulmão daquela garota!

Assisto o momento em que Stacy se senta entre Kent e Avery. Torço os lábios, odiando vê-la tão perto dele. Ela ergue uma mão e pousa sobre a coxa dele, um sorriso sedutor em seus lábios pintados. Cruza as pernas e toda sua perna está amostra, com a saia-lingerie fazendo seu trabalho.

Kent, que está com os ombros curvados para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos, vira a cabeça para ela e escuta o que ela tem a dizer. Eu vejo sua sobrancelha elevar. Sua expressão séria por um momento, até que ele abre seu sorriso bonito.

Semicerro os olhos quando vejo Stacy ofegar, os seus olhos brilhando enquanto encara o rosto perfeito de Kent.

Odeio ela.

Odeio ter ciúmes de um garoto que eu mal conheço direito. Algumas semanas vendo-o todos os dias não deviam me fazer sentir dessa forma. E eu lembro que senti isso desde a primeira vez que pus meus olhos sobre a figura grande e... bem, aparentemente, deliciosa de Kent McGregor.

— Ela não estava saindo com Avery? — perguntei para minha amiga, que estava verificando seu esmalte vermelho em suas unhas.

— Hum. — Ela desviou os olhos para mim, distraída e deu de ombros. — Ele comeu, Pérola. Nada mais. Essa é a nossa querida colega de classe. — abre um sorriso deslumbrante. — Uma verdadeira e perfeita puta.

— Ah.

Decidida a parar de olhar para eles, eu volto para meu livro, só que não leio nada realmente.

Minha cabeça está dando umas voltas sinistras. Começo a pensar no motivo pelo qual estou me permitindo sentir essas coisas. Eu sempre fui uma garoa confiante e autossuficiente. Eu não gosto de disse-me-disse. Eu não gosto de enrolação. Comigo, é ou não é. Certo ou errado. Vai ou não.

Nunca abaixei a cabeça por conta de garoto nenhum. Muito pelo contrário: dos dois caras que eu já fiquei, ambos fui eu que fui atrás. Não precisei que eles viesse até mim.

Mas eu também não sou fã de garotos que saem pegando geral. Não sou garota de ficar com o resto das outras.

Se Kent vai ficar com Stacy e em seguida, com todas as outras garotas que estão o cercando, ele não é o cara que pensei que era. Eu mereço mais que isso.

Sabendo o único jeito de parar de pensar em Kent e Stacy, e em qualquer outra coisa, fecho o livro abruptamente, e ergo o queixo para Claire, de forma decidida.

— Eu preciso comer.

— Mas acabamos de fazer isso, P. — Claire diz, sem nenhuma surpresa na voz.

Eu me levanto, agarrando minha mochila branca, ao mesmo tempo em que ela faz o mesmo, puxando a alça de sua mochila vermelha.

— Claire, eu tenho que comer alguma coisa.

— Okay. — ela ergue as mãos em rendição. — Okay, amiga, vamos lá, então.

Enquanto nos afastamos, eu podia sentir o olhar sobre mim, em cada passo. Não olhei para trás, mas sabia que era Kent, porque os cabelos dos meus braços se ergueram.

...

Uma notificação de mensagem chegou no meu iPhone, e eu me estiquei para pega-lo perto do meu travesseiro.

Estava sentada, no centro da minha cama, com as pernas cruzadas debaixo do meu corpo enquanto estudava para uma prova. Coloquei minha digital e a barra de mensagens se abriu, revelando uma mensagem de Claire.

Claire: *Soube que Matt Baker vai dar uma festa hoje? Billie disse que os pais dele estão em uma viagem.*

Pérola: *Ouvi alguma coisa sobre isso.*

Claire: *Nós vamos? Fiquei sabendo — também pelo Billie — que Kent McGregor estará lá.*

Pérola: Ele vai?

Claire: Yep. Aparentemente, Avery convenceu ele.

Pressiono os lábios, lendo a mensagem várias vezes. Ontem, eu cheguei à conclusão que Kent não era o garoto certo para mim, se ele vai ficar com Stacy ou qualquer uma outra. Hoje, as borboletas em meu estômago se reviram com animação de, provavelmente, o ver.

E cadê aquela Pérola Lazzari, que é confiante e firme em suas decisões?

Pelo visto, está em coma.

Olho para Twinke's, meu gato de estimação, que ganhei do meu pai quando tinha 3 anos de idade. Ele agora tem quinze anos e está muito velhinho, mas é lindo e fofo. É uma pena que eu não possa pega-lo para fazer carinho e apertar. Fiz isso uma única vez, no dia em que o ganhei. Mas minha deficiência respiratória me impede disso.

Twinke's está deitado em sua cama personalizada, com desenhos de peixinhos. Ele está com a cabeça deitada em suas patinhas dianteiras. Totalmente treinado para não se aproximar da minha cama.

— Acha que eu deveria ir? — pergunto, não esperando uma resposta, porque é óbvio que um gato não iria me responder.

Ele levanta a cabeça, seus olhos verdes me olhando como se estivesse entendendo. Seu rabo espesso balançando para cima e para baixo.

— Não me olhe dessa forma, tá bem? Eu sei que é ridículo, mas aquele cara é gato.

Miau.

— Okay, sinto muito. — me apresso a dizer, com um suspiro. — Não um gato de forma literal como você. Ele é bonito. Lindo, na verdade.

Chega a ser arrogante a forma como seus olhos afinam e seu rabo se movimenta.

Eu suspiro.

— Estou sendo patética, não é?

Miau.

Bufei. Era claro que eu estava sendo patética.

Três batidas na porta do meu quarto, chamaram minha atenção. Mamãe colocou a cabeça para dentro, pedindo licença, e eu concedi com um balançar de cabeça.

Ela estava linda, como sempre, em um vestido azul, colado em seu corpo perfeito para uma mulher de quase quarenta anos. Me ofereceu um sorriso doce e cheios de carinho quando se sentou ao meu lado.

— Querida, queria conversar com você.

— Pode falar, mãe. — eu empurro meu livro do meu colo para cama e bloqueio meu celular.

— Tem um cliente da LEA em Madrid, que pediu eu, seu pai e seu tio Lucca para o trabalho. Precisamos ir amanhã...

— Vocês dois vão dessa vez? — pergunto, um pouco surpresa.

Ela assente, com pesar.

— Eu não gosto da ideia de te deixar, mas ele viu nosso trabalho em Dubai e acha que nós três juntos trabalhamos muito bem. — deu um sorriso. — Você pode ficar na casa do Enzo e da Juliet ou até mesmo com a Mel, se quiser. Não vou ficar lá por muito tempo.

— Não, mãe. Tudo bem. — eu levo minha mão até a sua e aperto com carinho. — Estou só um pouco surpresa, porque faz muito tempo que você e o papai viajam assim, mas eu vou ficar bem. Olhe só, o Nono chega em dois dias.

Noah é o melhor amigo da minha mãe e foi a pessoa que a ajudou quando ela teve um problema com meu pai, antes de eu nascer. Ele também a ajudou me criar até meus dois anos, que foi quando mamãe voltou para LA, reencontrou meu pai e eles resolveram seus problemas. Ele é uma das minhas pessoas favoritas no mundo, e faz um tempão desde a última vez que o vi, uma vez que ele virou um grande artista plástico e viaja o mundo com suas obras e sua esposa, Lake.

Daqui a dois dias, ele virá para uma exposição aqui na cidade e me prometeu que viria me ver. Estou tão ansiosa e morta de saudade.

— Promete que vai me ligar se houver qualquer coisa? — mamãe inquire.

Anuí.

— Prometo.

— Ah, que bom, querida. — ela parece um pouco aliviada.
— Eu fico com meu coração bem pequeno quando vou para longe, mas, infelizmente, o trabalho às vezes é um filho da puta conosco.

Sorrio, sabendo que ela não acha isso realmente da sua profissão. Mamãe é a melhor designer de interiores dessa cidade, conhecida no mundo inteiro por seus trabalhos magníficos, e ama o que faz. Ela, meu pai, que é engenheiro civil e meu tio, que é arquiteto, é o trio maravilha para o mundo dos milionários.

Dubai que o diga. É lá que estão a maioria dos seus trabalhos.

E eu entendo perfeitamente. Eles são perfeitos juntos. Quando crescer, tenho o sonho de me tornar uma grande arquiteta, como o tio Lucca, e viajar pelo mundo a trabalho, também.

— Mamãe — eu chamo, quando ela já está de pé. —, tudo bem se eu for em uma festa hoje à noite?

Seu cenho franze.

— Que festa?

— De um amigo da escola. — Eu mostro meu celular, como se lá tivesse todas as respostas.

Mamãe pensa um pouco no assunto, em seguida, suspira.

— Por mim, tudo bem, meu amor. — ela diz. — Mas fale com seu pai antes. Sabe como ele é paranoico com sua segurança.

Sorrio largo e assinto, jogando minhas pernas para fora da cama.

...

— É uma festa, papai. — eu digo, pela milésima vez.

Papai para o que está fazendo — lendo o projeto, que provavelmente está relacionado com sua viagem para Madrid — e olha para mim. Sua sobrancelha escura se ergue. A mandíbula quadrada tensiona.

— Nome do dono da festa?

— Matt Baker.

— Idade?

— Não sei... talvez, dezessete?

— Está me perguntando?

— Pai!

Ele suspira e joga os papéis sobre a mesa de mogno do seu escritório em casa. Suas mãos encaixam em sua cintura e ele me encara sério.

— Sem ingerir álcool. Sem ir para os quartos com meninos. Sem... enfim, você sabe das regras.

Meu sorriso se torna gigante.

— Eu posso ir, então?

Ele ergue um dedo em riste.

— Estou de olho em você, Pérola Lazzari. — ele avisa. — E o Patrick vai levar você. Não quero que dirija essa hora.

Eu rio alto e pulo nele, abraçando-o com toda minha força. Ficamos abraçados por um tempo, e eu beijo todo seu rosto.

— Obrigada, papai. — eu me afasto, pronta para correr de volta para meu quarto, estranhando essa vontade súbita de ir para a festa.

— Tome cuidado, meu amor. — Papai pede. — E não saia de lá sem o Patrick, entendeu?

Assenti, agitada.

— Pode deixar.

— Eu amo você, P. — seu tom é tão cheio de amor, que eu derreto um pouco no meu lugar. Giovanni Lazzari pode até ser um homem durão em sua profissão, mas para família, especialmente para mim e para minha mãe, ele é todo carinhoso, cuidadoso.

— P ama você, papai. — eu devolvo, igualmente meu tom ao seu, antes de me virar e sair do seu escritório.

...

A roupa que estou usando foi minha tia Alessa quem me deu e, como todas as minhas roupas, durou cerca de uma semana para convencer meu pai a não me impedir de usá-la.

Claro que tive ajuda fiel da minha mãe. Ela sempre gostou desse tipo de roupa, mesmo que meu pai morresse de ciúmes.

Minha calça jeans preta era destroyed, bem no estilo rock in roll. Meu top de couro preto, tinha um decote perfeito, que me apaixonei no momento em que experimentei pela primeira vez. Eu amava a forma em que ele erguia meus peitos. Ficavam lindos. E meu pai surtava. Mas, para amenizar as coisas com ele, porque ele é o amor da minha vida, eu coloquei uma jaqueta por cima, para esconder um pouco. Meus cabelos estavam soltos. Uma bota de cano baixo e salto quadrado completava o look da festa de Matt. Sem maquiagem, apenas um pouco — mínimo — de rímel.

Claire estava com um vestidinho verde-lodo e uma jaqueta por cima, também. Outra bota branca em seus pés e uma maquiagem bem leve. Ela compartilhava comigo essa coisa de não-maquiagem. Acho que por isso nos tornamos tão amigas.

Ela estourou a bola de um chiclete quando pisamos na sala de estar dos Baker.

— Avistei Avery, Logan e... Olha, é o Kent! — estoura outra bola de chiclete e sorri, sugestivamente, para mim. — Gostei do casaco dele. Se um dia ele esquecer na sua casa, não devolva.

Semicerrei os olhos.

— Por que ele esqueceria lá?

— Não é óbvio? — Ela me olha como se eu fosse algum tipo de pessoa retardada. — Ele te olha como quem quer te comer, e você olha para ele como se implorasse por isso.

— Você é maluca, Claire, e eu te amo por isso. — sorri, puxando minha jaqueta pelos braços para pendurar ao lado da porta, com todas as outras do pessoal. Eu conhecia todo mundo aqui e fui cumprimentando pelo caminho, até o lugar onde os caras do time de futebol estavam.

— Olha só, ela veio. — Avery abre um sorriso simpático para mim. Apesar de que ele tem uma coisa com Stacy, nós sempre nos demos muito bem.

— É, fui convencida. — Meus olhos chegam em Kent e eu o pego me olhando, também. Ofereço um sorriso para ele e sou recompensada por um sorriso de lado, de tirar meu fôlego.

Ele parece especialmente lindo hoje. O casaco, o qual Claire mencionou, é preto, com nada de especial, além de um capuz e bolsos na frente. Estava de jeans preto e o cabelo bagunçado de uma forma rebelde e sexy. Simples, mas de chamar atenção.

A minha atenção.

— Minha boca está seca. O que tem para beber nessa festa? — Claire olhou ao redor.

Avery ri para ela.

— Tem Coca-Cola. — ele responde, mostrando seu copo vermelho.

— E cerveja.

Todos nós viramos para a voz de Stacy, que se aproximou com seu copo na mão e sua roupa completamente indecente. Seus olhos brilhantes estavam sobre Kent e o sorrisinho malicioso que está curvando seus lábios pintados, é o tipo de sorriso que mantém os garotos da escola aos seus pés.

Seria o tipo de sorriso que poderia me deixar insegura comigo mesma, uma vez que todos os garotos sempre vão primeiro para ela. Só que, isso nunca me deixou chateada antes. Até agora.

Até vê-la chegar na frente de Kent e deslizar os dedos finos pelo seu braço, coberto pelo casado.

Kent enfia as mãos no bolso grande do seu casaco e seu sorriso para ela é largo e bonito; não aquele pequeno sorriso de lado que ele me deu, há alguns minutos.

Semicerro os olhos, mas não digo uma palavra sobre isso. Viro-me para minha amiga e digo:

— Vou pegar uma Coca e trago a sua, tá?

— Certo. — ela assente e se joga ao lado de Avery.

Eu abro caminho entre o pessoal, a música alta é boa, apesar de que eu não costumo escutar esse tipo de música. Não é muito difícil encontrar o freezer na cozinha. Eu pego duas Coca e dois copos vermelhos e os coloco sobre a ilha de madeira. Puxo meu celular do bolso para checar as mensagens e só há uma da Mia e outra do Noah. Respondo ambas, antes de ir abrir as latinhas para despejar nos copos.

— Você não bebe?

Levanto os olhos para Kent, que está parado do outro lado do balcão.

— Ah, não. Meu pai me esquartejaria. — Rio um pouco, despejando o conteúdo da primeira latinha de Coca. — E você?

— Sou do time, não posso. — Ele pousou seu copo na ilha. Seus olhos estavam queimando meu corpo, e minhas mãos começaram a querer tremer. O silêncio reinou entre nós enquanto eu terminava de fazer o que estava fazendo. Até que ele falou de novo. — Estamos com algum problema?

Pega de surpresa com sua pergunta, eu movo, involuntariamente, minha mão, que bate em um dos copos cheios e o líquido preto escorre pelo balcão de madeira da ilha até o chão.

Merda.

Cerro os dentes, afastando-me rapidamente para não ter um estrago maior em minha roupa. Conseguiu molhar um pouco minha calça, mas eu foco mais na bagunça da cozinha.

Não que isso fosse ficar tão visível amanhã, no meio de tanta bagunça, mas eu sei que fui eu, então, eu preciso ajeitar.

Olho ao redor, à procura de um pano ou qualquer coisa que possa me ajudar, ciente de que Kent deu a volta na ilha quadrada e veio para perto, para me ajudar. Quando encontro a porta do quarto da limpeza, ele vem junto comigo. Abro a porta, aliviada por estar aberta — lá em casa, Molly sempre tranca e carrega a chave em um cordão no seu pescoço, como se as coisas que estão lá dentro fosse um tesouro — e entro, tateando pelas paredes em busca de um interruptor.

É Kent quem encontra atrás de mim, e eu dou um sorriso agradecido por cima do ombro para ele, antes de me voltar para pegar o que vim pegar.

— Não vai me responder? — ele pergunta, seu tom de voz quase divertido.

Encontro um mop e um pano.

— Nós estamos? — Certo. Responder uma pergunta com outra é o modo mais ridículo de escapar de uma. Mas eu não sabia realmente a resposta. Eu acho Kent o cara mais lindo que já passou pela minha frente e eu estou muito afim dele, mas não vou investir em um cara que fica com a Stacy.

— Por mim, não. — ele responde, calmo. Ele pega o mop da minha mão e, quando me viro para sair, seu corpo grande de atleta está me impedindo. — Você está com algum problema comigo?

Encaro seus olhos escuros, decidindo que vou ser eu mesma.

— Você ficou com Stacy? — Eu jogo.

— Não.

Eu avalio seus olhos e sua expressão. Nada. Ele nem hesitou para responder, o que me levou a acreditar em sua palavra.

— Então, não temos um problema, Kent. — eu digo, não conseguindo evitar um sorriso satisfeito. E o que é isso na minha barriga? Ah, sim. Alívio.

— Se eu tivesse ficado, era um problema? — Ele dobra um pouco os joelhos para me olhar de um ângulo reto.

— Um dos grandes.

— Por quê?

Encolho os ombros, indiferente.

— Não gosto dela.

Eu passo por ele para sair do quarto, mas Kent é mais rápido que eu. Ele fecha a porta com um braço e me encurrala contra ela, mantendo o braço para me prender enquanto segura o mop com a outra mão.

— Se estamos dizendo aqui de quem gostamos — sua boca estava a centímetros da minha. Eu podia sentir seu hálito quente, sua respiração controlada. —, eu posso dizer que gosto de você.

— Sério?

Lá fora, a música eletrônica está fazendo seu trabalho em divertir as pessoas. Aqui dentro desse quatinho minúsculo e abafado, tudo está quieto. O corpo de Kent é grande e toda conta de todo o ambiente. Seu perfume simples está por todo canto. As batidas do meu coração estão tão descontroladas, que eu posso senti-las e ouvi-las na veia do meu pescoço. Minha boca está entreaberta em busca de qualquer vestígio de ar. Eu mal posso ver o rosto bonito de Kent, porque minhas pupilas estão dilatadas demais, em excitação.

Eu quero que Kent me beije. Quero que me toque e que me leve aqui mesmo.

Uma vez, tia Alessa me contou que saberemos que é o cara certo quando nossas pernas tremerem sempre que eles estão por perto. Comigo, é um pouco diferente. Não é só minhas pernas que tremeram nessas últimas semanas sempre que o Kent chegava ao meu redor; foi todo o meu corpo, e isso acontece desde a primeira vez que o vi.

E isso me deixa tão confusa. Meu peito está subindo e descendo com violência, e eu odeio que Kent parece tão calmo. Totalmente ao contrário de mim.

Sua mão solta o mop e seus dedos gelados tocam meu rosto com uma suavidade que me faz estremecer.

— Estou falando sério. — ele sopra na minha boca, sussurrando, acariciando meus lábios com seu polegar. — Eu não deveria, mas eu gosto.

Ele abaixa a cabeça um pouco e seus lábios pressionam no canto da minha boca.

Eu arfo.

Oh, merda.

6 - KENT

Minha boca estava a poucos centímetros da dela.

Eu podia sentir sua respiração irregular, seus batimentos na veia do seu pescoço. Suas pupilas dilatadas eram bastante visíveis. Tocar em sua pele macia, era como tocar na porra das nuvens.

Estou salivando para beijá-la. O decote perfeito do seu top está me deixando maluco, desde o momento em que ela atravessou a porta da casa do Baker. Algo insano surgiu dentro de mim quando notei que eu não era o único que estava focando naquilo. Na forma como seus peitos ficavam lindos quando ela andava. Agora, a única coisa que me impede de tirar sua roupa, é o respeito que tenho por ela.

Essa garota tem essa coisa de me fazer querer quebrar as regras da minha própria consciência.

Eu não deveria gostar dela. De nenhuma garota da escola, aliás, mas especialmente dela. Mas é impossível quando ela é a garota mais linda que eu já vi. A única que foi capaz de me deixar duro apenas com seu cheiro.

Um cheiro delicioso, para ser mais específico. É levemente doce, frutado, longe de ser comum.

Meus olhos caem para sua boca, delicadamente, entreaberta. Ela está sugando o ar do jeito que pode. Então, tudo se apaga. A música, as vozes, a porra do mundo. Só tem ela, eu e nossas respirações. Mas também há a necessidade de experimentar seu gosto.

Ela umedece os lábios rosados.

— Você vai demorar muito para me beijar, ou eu terei que fazer isso por você? — me pergunta, em um sussurro atrevido.

Eu sorrio, tão perto de sua boquinha. É surreal a forma que essa menina pode ser tímida e decidida na medida certa.

— Eu estava pensando em fazer isso agora mesmo...

— Bem — ela meneia a cabeça devagar. —, estou esperando...

Não a deixo concluir. Minha boca toma conta da dela, sem pressa, sem brutalidade, contradizendo todo um desejo dentro de mim. Eu seguro seu rosto com ambas as mãos e mordisco seu lábio inferior, instantes antes de pedir passagem para minha língua; ela cede rápido, abrindo seus lábios para mim, segurando meus bíceps. E me beija de volta, ficando na ponta dos pés para vir mais fundo. Minha língua faz um bom trabalho, e eu gemo com o gosto delicioso que ela tem.

Como se fosse possível, eu a empurro mais contra a porta, não me importando se alguém está passando por trás dela. Minhas mãos descem para sua cintura fina, e as suas sobem para minha nuca. Seus dedos capturam os fios do meu cabelo e os puxa. Aperto sua cintura, minha boca se desconectando da dela, apenas para descer pela sua mandíbula e sugar um pouco do seu pescoço alvo.

Pérola pende a cabeça para trás, na boca. Gemidos saem pela sua boca bonita enquanto trabalho em seu pescoço. Arrasto meus dedos até sua bunda empinada e aperto; ela ofega e

levanta uma perna para circular as minhas, me trazendo para mais perto.

Eu sei que ela conseguiu sentir algo em seu ventre, porque seus olhos arregalaram e nublaram.

— Puta mer...

Eu mergulho em sua boca de novo, engolindo seu xingamento. Ela solta um gemido na minha boca, e eu aproveito inteiramente o espaço para explorar habilmente com minha língua.

Está tudo muito perfeito, até que meu celular vibra. Eu tento ignorar, continuando a beijar Pérola, então, as mensagens começam a vir como cascatas.

Com um suspiro resignado, quebro o beijo e descanso a testa em sua bochecha, tentando recuperar o fôlego. Posso sentir quando Pérola começa a abrir um sorriso.

— Está estranho toda essa vibração aí em baixo. — há um sorriso em seu tom, e eu acabo rindo também.

Me afasto apenas o suficiente para puxar o celular do meu bolso frontal; Pérola facilita, abaixando a perna. São mensagens da minha irmã, avisando que minha mãe está mal esta noite. A preocupação toma todo o espaço da excitação e, de repente, meu corpo está gelado.

— Aconteceu alguma coisa? — Pérola procura saber, seu tom preocupado.

Balanço a cabeça, empurrando o celular de volta ao meu bolso.

— Nada que você precisa se preocupar. — eu digo, tocando seu rosto lindo. — Eu preciso ir.

— Tudo bem. — ela assente, se recompondo. Sua expressão parece um pouco decepcionada, mas tenho a impressão que não vai falar nada. Ela dá as costas para abrir a porta e sua mão levanta para a maçaneta, mas eu a puxo de volta antes que ela consiga.

— Primeiro, vou ajudar você a limpar sua sujeira. — aviso; Ela meneia a cabeça, considerando, com um sorrisinho.

Eu pego o mop outra vez e abro a porta, permitindo que ela passe primeiro. Eu aproveito para admirar sua bunda na calça apertada. Pisco várias vezes para sair do transe e vou limpar a cozinha da casa de Matt.

...

— Cadê ela? — pergunto, assim que passo pela porta da minha casa.

Minha irmã mais nova está sentada em uma das cadeiras da mesa de jantar, com vários livros espalhados na sua frente. Ela levanta a cabeça para me olhar.

— No quarto, descansando. Ela falou que ia ficar bem e não quis tomar nenhum remédio para dor.

Assenti, já andando em direção ao quarto da minha mãe. Eu sabia bem como ela podia ser teimosa. Meu estômago estava

revirando, enjoado, porque eu sabia o que esse cansaço todo frequente significava.

Minha mãe descobriu que tem câncer de pulmão muito agressivo e que já invadiu alguns órgãos como seu fígado e nervos, então a cirurgia já não é mais uma alternativa. A quimioterapia está fazendo seu trabalho em ajudar a acabar com ela gradualmente. Essas merdas podem até ser uma opção de cura, mas as consequências são horríveis. Minha mãe está pesando pouco mais que quarenta quilos. O cansaço é constante. Tem episódios de falta de ar quase todos os dias.

O pior de tudo, é saber que logo que ela descobriu, ainda tinha possibilidade de cirurgia, mas não tínhamos dinheiro para isso e não conseguimos vaga no hospital filantrópico no Missouri.

Eu abro a porta do seu quarto e a vejo na cama, deitada de lado e de costas para mim. Sua respiração está tranquila, e eu sei que ela está dormindo. Empurro um ombro contra o batente e a observo por um tempo.

Se eu conseguisse entrar em algum time de futebol profissional, poderia dar para ela uma vida melhor, mais opções para que ela não sinta tanta dor. Para que passe o resto da sua vida em paz, sem preocupações. O trabalho na LEA coloca comida dentro de casa e paga o aluguel, mas não é capaz de ajudá-la nesse sentido.

Minha mãe criou a mim e a minha irmã sozinha. Meu pai sumiu após o nascimento da minha irmã e deixou toda a responsabilidade sobre ela. Ela não reclamou uma só vez. Muito pelo contrário, ela se esforçou mais, nos amou mais.

Se eu tivesse a chance de lhe proporcionar uma vida melhor, eu agarraria sem nem hesitar.

Suspirando, eu dou um passo para trás e fecho a porta de novo. É melhor deixar que ela descanse. Volto para sala e puxo uma cadeira ao lado da minha irmã, apoiando os braços sobre a mesa.

— Você quer ajuda?

Ela me olha com pesar, seus cabelos pretos presos em um rabo de cavalo alto. As bochechas rosadas e os grandes olhos negros bem abertos.

— Não está cansado? Quer dizer, você tem escola, treino, trabalho... — Ela encolhe os ombros, timidamente.

— Eu tenho tudo isso — estico o braço e seguro sua mão. —, mas nada disso importa quando o assunto é você, tá bem? Quero que entenda isso.

Ela assente e começa a me dizer o que precisa fazer na tarefa de casa.

Mais tarde, após ajudar minha irmã com seu dever e dar os remédios para minha mãe tomar, eu me deito na minha cama e obrigo meus músculos rígidos a relaxar. Assim que fecho os olhos, a imagem de Pérola vem com força total. Eu não preciso me concentrar para lembrar como é beijar a sua boca.

Seus lábios são suaves, sua língua doce. Ela é linda em todas as formas possíveis.

Naquele momento, eu me esqueci de tudo. Me esqueci que eu sou um funcionário da sua família. Me esqueci que eu não devia me envolver com nenhuma garota dessa cidade. Me esqueci que não devia me envolver com ela.

A maioria dos caras da minha idade só querem saber de levar as garotas sem compromissos. Eles não acreditam em fidelidade ou em se apaixonar; Eu não sou assim. Eu acredito que, se você ama uma pessoa, mesmo sendo tão jovem, então você deve levá-la para a vida toda. Eu acredito que um casal possa sim viver feliz e fiel.

Pérola Lazzari é uma garota para se apaixonar. Fácil.

Mas então, se eu me apaixonar por ela, e ela por mim, como vai ser? Não estou em busca de um lance temporário. Quando entrar em um relacionamento, vai ser para pegar em sua mão e trazer para conhecer minha família. Para ir em sua casa e pedir para namorar ela. Para dar a ela tudo que ela possa sonhar.

Mas será que Pérola Lazzari já não realizou todos os seus sonhos?

Ela tem de tudo. Tem uma família enorme. Tem amigos. E tenho certeza que é capaz de comprar esse país, se assim quiser.

Não é que eu sou machista ou nada parecido. Mulheres devem crescer e ter os mesmos direitos que os homens. É o que eu explico sempre para minha irmã. Mas é de tremer o estômago me imaginar não sendo capaz de dar para ela tudo que ela tem hoje.

...

— Qual é a da Stacy? Ela é assim mesmo ou é só porque sou novato?

Avery me olha e abre um sorriso idiota, dando socos com seus nós dos dedos de sua mão fechada no topo do seu capacete, que está em sua outra mão.

— Não. Ela é mesmo assim. — diz ele, dando uma olha na direção de Stacy, que está na arquibancada com suas amigas. — Às vezes, eu acho que é só uma maneira de chamar a atenção do treinador.

— Existem outras formas de chamar atenção. — digo.

— Hoje em dia são três formas, na verdade. — Avery se volta para mim. — Ou ela dá em cima de qualquer ser humano que tenha um pau entre as pernas, ou comete um crime, ou tenta suicídio. — Ele dá de ombros, como se isso fosse uma coisa normal. — Acho que ela optou pela melhor alternativa.

— Nenhuma das alternativas são boas.

— Tem razão. — concorda, meneando a cabeça. — Mas nenhum cara nessa escola leva ela à sério mais.

— Por quê?

Eu não sou nenhum santo. Não vou julgar ninguém.

Avery encolhe os ombros.

— No meu caso, meus pais me deserdariam, em seguida, mandariam me matar se soubessem que estou namorando ela. Eu gosto da Stacy, mesmo ela sendo uma cobra com todo mundo, mas a forma como ela age, e eu não falo do sexo com o time todo, não vale a pena ir de contra minha família.

Ergo uma sobrancelha.

— Isso tudo por causa de dinheiro?

— Não, cara. — ele faz uma careta. — Eu poderia me casar com um prostíbulo inteiro e minha família ainda teria muito dinheiro. É questão de reputação.

— Hum. — eu não digo mais nada em relação à isso. Seguro firme nas alças da minha mochila quando começamos a caminhar para os corredores da escola.

Avery aponta para longe, onde há um grupo de garotos do primeiro ano, cercados de meninas do primeiro ano.

— Está vendo o garoto que está sem o blazer?

Assenti.

— Ele se chama Benton Lazzari, primo da Pérola e filho mais velho de Lucca Lazzari. Você deve conhecer, né?

Assenti outra vez.

— É um dos meus patrões.

— Isso. — ele concordou. — O Ben tem dezesseis anos, é do primeiro ano, só que, mesmo assim, mesmo que ele seja dois anos mais novo que nós, a Stacy já tentou pegar.

— Tentou? Não conseguiu?

— Não. — ele negou com a cabeça. — Mesmo que a maioria dos garotos dessa idade se matam para ficar com uma garota gostosa e do último ano, como a Stacy, Ben não é muito ligado a isso. O moleque já pegou quase todas as garotas da sua

idade e até algumas mais velhas, mas Stacy está fora da sua lista.

— Por conta de reputação também?

Ele sacode a cabeça.

— Os Lazzari não têm essas merdas, cara. Ele apenas não vai com a cara dela.

Balancei a cabeça, indicando que entendi o que quis dizer. Olhei para frente e avistei Pérola, que estava ouvindo, distraída, o que sua amiga estava dizendo. Como se soubesse que estava sendo observada, seus olhos vieram para os meus e ela sorriu. Não era um sorriso tímido, pelo beijo da noite passada. Era um sorriso atrevido, com o canto do lábio inferior entre os lábios.

Alguma coisa sacudiu em mim e não foi meu estômago. Essa garota conseguiu me deixar duro no meio do corredor escolar.

Sorrio de volta, piscando para ela.

Ela e Claire começam a andar em nossa direção. Claire não para de falar e gesticular, mas sua amiga está com os olhos azuis focados em mim. Ela coloca os cabelos castanhos para trás dos ombros, a gravata está bem amarrada de uma forma sexy. As pernas bronzeadas brilhando a cada passo que ela dava; no entanto, ela não para quando chega perto. Passa ao meu lado e fala:

— Você tem meu número, McGregor. Mande uma mensagem, pelo menos.

Eu sabia que não era um pedido; era uma ordem.

Não pude evitar uma risada enquanto observava ela andar para longe.

— Ainda não mandou mensagem? — Avery me pergunta.

Saquei meu celular, abri na tela de mensagens e achei seu número, salvo com um coração vermelho ao lado, por ela mesma.

Pérola Lazzari é ousada e não tem medo de ter vergonha. Eu gosto disso nela.

Então, eu também posso ser ousado.

Kent: *Pare de rebolar, certo? Fica um pouco difícil raciocinar assim, principalmente, depois de beijar você.*

Eu vejo quando ela sente que chegou uma mensagem, retira o celular da mochila e olha a tela por segundos. Sua cabeça se agita, olhando-me por sobre os ombros, com um grande sorriso.

Eu pisco, devolvendo meu celular para o bolso e sigo com Avery.

— Acabei de mandar. — respondo sua pergunta.

— Garoto inteligente...

7 - PÉROLA

Kent é a primeira coisa que eu vejo quando subo as arquibancadas. Ele está no meio do campo, com todo o time, focados no que o treinador está ditando, antes do primeiro jogo contra a Estadual.

As arquibancadas estão lotadas, como sempre está em dia de jogos. A King leva muito à sério os esportes, mas principalmente, o futebol. Até o diretor está na primeira fileira, com a camisa do time e o rosto pintado.

— Eu estou muito nervosa! — Claire gritou para ser escutada em meio a tanto barulho. Os alunos estão cantando o hino oficial da escola, enviando positividade para o time, antes mesmo do jogo começar.

Sorrio, eufórica.

— Eu também! — grito de volta, esticando o pescoço para enxergar melhor.

Faz uma semana desde o nosso beijo. Uma semana desde que tudo piorou no meu sistema nervoso quando o assunto é Kent McGregor.

Não nos beijamos de novo, mas trocamos mensagens, e foi tão bom. Eu nunca imaginei que fosse o tipo de garota que fica ansiosa por uma mensagem. Mas eu sou, exatamente, essa garota. Bem do tipo que aperta em enviar, arremessa o celular na cama e começa a roer os cantos das unhas, com o estômago revirando, com medo, mas ao mesmo tempo ansiosa pela resposta.

— Quando seus pais voltam? — Claire pergunta.

— Papai disse que daqui a dois dias.

— E cadê seu tio bonito?

Nesse momento, Noah, melhor amigo da minha mãe antes mesmo de eu nascer, sobe ao meu lado com um enorme balde de pipoca e calda de chocolate.

— Se você está falando de mim, estou bem aqui. — ele diz para minha amiga, com seu sorriso gentil. Ele coloca o balde em minhas pernas, para equilibrar as coisas, uma vez que estou no meio dos dois.

Uma má ideia, e ele sabe disso. Tanto que me envia um olhar de “não coma tudo sozinha, mocinha.”

Inocente, jogo algumas pipocas dentro da boca. Não é como se eu matasse por isso, né?

O jogo começa e todos estão na maior euforia. Principalmente, eu. Eu tenho uma coisa por futebol e basquete, que me deixa nervosa sempre que estou assistindo a um jogo. Sou o tipo de torcedora que quer assassinar o juiz quando ele faz merda, mas que sabe bem como funciona um jogo desses. Eu sei as regras, as jogadas, a função de cada jogador. Estou sempre no meio dos homens em casa quando estão assistindo jogos na tv.

Aiden Jacob passa a bola para Kent por entre as suas pernas, dando início a jogada, e Kent, por sua vez, lança a bola longe, que cai diretamente nas mãos de Avery, que corre como o melhor nisso, atingindo a linha final. Touchdown.

Me levanto, com a multidão, gritando. Eufórica. Batendo palmas. Os caras do time comemoram. As líderes de torcida fazem suas dancinha sensual, comandadas por Stacy.

— Quem é ele?

Minha cabeça serpenteia para Noah, que está me olhando com curiosidade. Eu tinha lhe contado sobre um garoto que estou afim, da escola. Não disse nomes.

Noah não é como meu pai e meus tios. Mesmo sendo ciumento, ele entende que eu já estou na idade de ter necessidades. Então é mais fácil contar pra ele sobre o garoto da escola que eu gosto.

Eu aponto para Kent, que está no meio do campo, de volta a sua posição enquanto lidera seu time.

— Bem ali.

— O QB? McGregor?

Assenti.

Noah meneia a cabeça devagar.

— O cara é bom.

— Não é? — Estou animada. Eu imaginava que Kent era bom, porque a escola não iria trazer ele para cá se não fosse, mas, minha nossa, ele é o melhor!

Outra jogada começa. Jacob passa pra Kent, que lança para Avery, que, dessa vez, consegue correr apenas três jardas

antes de ser derrubado pelo time rival.

Kent bate palmas, gritando incentivos para a equipe. E então, a Estadual começa a próxima jogada.

O jogo termina com a King sendo campeã, com 5 touchdown a 1 da Estadual. A torcida vai à loucura. Os jogadores começam a cumprimentar uns aos outros.

E eu estou com um grande sorriso esticando meus lábios. Chocada com o quanto eles são bons juntos. A esperança de que nossa escola possa ganhar esse ano só aumenta.

Assim que descemos a arquibancada, Noah olha para mim.

— Eu prometi a Lake que passaria na casa dos pais dela ainda hoje. — ele me diz, com uma cara que mostra que isso era a última coisa que ele queria fazer. — Você quer uma carona para casa?

Sacudi a cabeça, negando.

— Estou de carro. Além do mais, tem a comemoração na escola. Mas, fico feliz por você ter vindo. Estava com saudades.

Ele me puxa para um abraço apertado, e eu suspiro, derretendo-me. Esse abraço é meu terceiro abraço favorito no mundo, perdendo apenas para o da minha mãe e do meu pai.

Também tem os dos meus avós, dos meus tios, principalmente, o do tio Lucca... mas esse sem dúvidas, é o terceiro na minha lista.

— Depois, quero conhecer esse tal de McGregor. — avisa, beijando meus cabelos.

— Papai vai querer matar ele.

Ele ri junto comigo.

— Por isso mesmo quero conhecê-lo. — ele aponta. — Tudo para ver seu pai perdendo os cabelos.

Não posso evitar a risada. Noah adora ver meu pai irritado com qualquer coisa. Ele diz que é uma forma de descontar os anos que minha mãe sofreu por conta dele.

Me dá um último abraço e beija meu rosto em despedida.

— Nonoh te ama. — ele me diz.

— P ama você. — devolvo, sorrindo, toda boba.

...

A escola estava lotada. Todos estavam circulando pelos pátios, pela área da piscina. O diretor está tão animado com essa vitória, que abriu a escola para a comemoração. Com direito a tudo que ela possa oferecer.

Claire está enfiada em alguma poltrona por aí, assistindo às pessoas e, com toda certeza, reclamando de alguém ou mostrando seu dedo do meio, como uma forma de demonstrar seu carisma completamente estranho para uma garota de dezessete anos.

Eu estou no segundo andar da escola, caminhando pelos corredores. Sozinha. Recebi uma mensagem do Kent, pedindo

para vir encontrar com ele aqui, mas o corredor está vazio e um pouco escuro, devido à noite. Meu estômago está apertado e meu coração martelando contra minhas costelas. Parece muito como um filme de terror. Meus passos estão lentos e, de cinco em cinco segundos, eu olho para trás, para me certificar de que não há ninguém.

Engolindo em seco, eu puxo o celular do meu bolso traseiro e envio uma mensagem para Kent, perguntando aonde diabos ele está. Aproveitando, ascendo minha lanterna para clarear um pouco mais. Consigo ver os alunos se divertindo lá em baixo, através das paredes de vidros, com vista para o pátio central da King.

Algumas garotas pulam na piscina de uma só vez, apenas de calcinha e sutiã. Por causa dos vidros à prova de som, não posso ouvir quando seus corpos chocam com a água, tampouco o barulho da música. Tudo que eu ouço, é o meu coração martelando na veia do meu pescoço.

Mas que merda, Kent...

Olho a tela do meu celular, mas ele ainda não respondeu. Continuo caminhando, porque ele tem que estar aqui, já que ele não está em nenhum lugar lá fora.

Estou passando da sala de biologia, quando alguma coisa agarra meu antebraço e me puxa para dentro da sala, completamente, escura. Eu grito, mas outra mão tampa a minha boca, impedindo-me de soltar qualquer tipo de som. Meus olhos se arregalam. O medo estalando em minhas veias.

A pessoa pega minha mão, que está com o celular, e levanta, permitindo que eu veja o rosto perfeito de Kent.

— Mas que porra! — eu arranco sua mão da minha boca, irritada, meu coração disparado. — Isso me assustou, sabia?

Ele ri baixinho, e o som é tão bom quanto sua aparência.

— Sinto muito. — ele segura em meus braços, fazendo movimentos para cima e para baixo, tentando me acalmar. — Eu só queria ficar sozinho com você.

— Que tal “*Ei, Pérola, vamos lá em cima comigo?*” — tentei imitar sua voz; Sem sucesso. — Bem melhor que um susto desses. Se eu tivesse problema de coração, já era. Não tinha Juliet certa no mundo para me salvar. Agora eu estou faminta de novo, porquê...

Ele me beija.

Me. Beija.

Kent McGregor, após uma semana, segurou em meu rosto e cobriu minha boca com a sua; e eu visitei o céu mais uma vez. Tudo aconteceu como da primeira vez:

Minhas pernas derreteram. Meu ventre se revirou. Minha calcinha estragou.

Eu nem ligo mais para a comida ou para o susto quando sua língua adentra em minha boca, lambendo-me. Ele me beija suavemente, puxa meus lábios com os dentes, em seguida, e olha através da luz da lanterna do meu celular.

— Todos esses dias — ele respirou em minha boca. —, sonhei em beijar você de novo. Tanto, que acredito estar obcecado.

Um sorriso bobo curva meus lábios. Levanto as mãos e arrasto os dedos por entre seus cabelos negros e molhados do pós-banho. Não digo nada de volta, porque ele não precisa me escutar dizendo que também sonhei com sua boca, quando eu posso demonstrar isso. Me empurro para cima e pego sua boca na minha outra vez.

Kent leva as mãos para minha bunda, apertando-me contra ele. Um grande volume presente em nosso meio. Ele chupa minha língua. Eu já beijei antes, mas nunca foi assim: intenso, erótico. Definitivamente, o beijo mais erótico que eu já experimentei.

Ele curva um pouco os joelhos e puxa minhas pernas para cima, então eu cruzo elas ao redor da sua bunda. Kent me coloca sobre a mesa mais próxima, separando nossas bocas apenas para focar em minha mandíbula, meu pescoço.

Não vejo nada, apenas sinto. Sinto-me quente em lugares que eu sabia que era possível, mas nunca tinha experimentado. Minha cabeça cai para trás, gemidos suaves escapando da minha garganta.

Eu nem sequer me lembro de todas as pessoas lá fora agora. Eu agarro a camisa de Kent e puxo ela por sua cabeça, em seguida, espalmo minhas mãos em seu peito duro, de jogador de futebol. Sinto sua pele quente. Perfeita.

— Droga... — sussurro, quando ele para de se mexer. — Ainda estou com fome, mas, talvez, não mais de comida.

Ele ri, rouco e baixo. Seu peito subindo e descendo com força sob minhas palmas.

— Percebi que você gosta mesmo de comer, não é?

— O tempo todo. — sussurro. Como não podia ver muita coisa, uma vez que Kent tinha desligado a luz da minha lanterna, sem que eu perceba, tateei até que minhas mãos descasaram no vão de seu pescoço. Abaixei a cabeça e beijei bem abaixo da sua orelha, descobrindo, bem ali, um ponto fraco dele; sua pele se arrepiou sob minhas mãos, e eu sorri, satisfeita.

Kent rosnou baixinho.

— Lazzari... — Era um aviso; no entanto, um que eu não estou seguindo.

Eu puxo seu corpo mais para o meio das minhas pernas, agarrando seus ombros, e beijo novamente abaixo de sua orelha. Dessa vez, coloco minha língua para fora e a passo pelo seu lóbulo. Por último, eu sugo.

Kent aperta minha cintura, gemendo, resmungando coisas incoerentes.

— Porra... — ele segurou com força os cabelos da minha nuca, puxando minha cabeça para trás e arrasta os dentes pelo meu queixo. — Estamos em uma sala de aula, Pérola. — Sua voz está tão rouca; eu sei que ele está muito excitado, e não apenas por causa do que estou sentindo em suas calças. — Se vamos fazer o que estamos querendo fazer, quero que seja da forma certa.

— Por quê? — pergunto, indignada.

— Porque você merece. — ele alisa meu rosto com o polegar. — Vamos fazer assim: primeiro, vou levar você para comer alguma coisa agora. Segundo, vou marcar um dia para

levar você para um encontro. Terceiro, vou fazer com que seja especial.

Tudo bem. Eu estou tão derretida agora, e eu não estou me referindo ao estado da temperatura do meu corpo.

— Tipo um príncipe?

— Tipo um cara que não para de pensar em você. — ele rebate, dando um rápido e duro selinho. — Tipo um cara que não devia fazer isso, porque tem mil e um motivos para não fazer martelando em sua cabeça, mas que não pode se controlar quando coloca os olhos sobre sua figura linda. Você quer isso, Pérola?

Assenti, mesmo que ele não veja. Meus lábios estão tão esticados em um sorriso.

— Sim, eu quero.

8 - KENT

UM ZOOLÓGICO.

Quando enviei uma mensagem para Pérola, perguntando sobre um lugar para onde ela queira ir no nosso primeiro encontro, ela disse que era no zoológico.

Eu nem sequer lembro a última vez que fui para um Zoológico. Acho que eu ainda era muito pequeno. Mas, acabo de descobrir que é o segundo lugar favorito da Pérola. O primeiro é a galeria de doces Twinke's.

— Quando eu era pequena, meus pais sempre me traziam aqui para ver o leão. — Pérola diz, enquanto caminhamos pelas ruas do zoológico. Ela está com uma pipoca G, repleta de calda de chocolate.

Com as mãos enfiadas no bolso da minha calça, eu sorrio, balançando a cabeça.

— Você gosta tanto assim do leão?

Ela assente.

— Tenho um problema chamado Deficiência Respiratória, que foi causado no parto prematuro que minha mãe teve — suas sobrancelhas franziram quando ela pareceu se perder em pensamentos por um instante. —, e se agravou quando fui sequestrada e fiquei várias horas sem minha bombinha. — ela jogou; eu estanquei no lugar.

Meus olhos arregalados, olhando para ela, surpreso. Completamente abalado com essa confissão.

Ela foi...? Que?

Pérola piscou várias vezes, como se não tivesse dito nada demais.

— Eu tinha quase três anos e era apaixonada pelo leão, então, no meu aniversário, papai me presenteou com um gato, o Twinke's. — diz ela, sorridente. — Não passo chegar muito perto dele, mas eu o amo mesmo assim.

— Você foi sequestrada? — eu quase gritei, ainda paralisado. Mal pude ouvir sua história.

Ela para, me olha como se eu fosse algum tipo de maluco.

— Sim, pela secretaria doida do meu pai.

— A Soraya? — Tenho certeza que meus olhos ficaram ainda mais alargados.

— Não! — Pérola ri. — Não a Soraya. Foi outra, há muito tempo. Ela tinha armado para separar meus pais e quando eles descobriram, ela surtou.

Um rugido muito alto do leão surgiu, e os olhos azuis mais lindos do mundo se arregalaram, com um brilho de excitação, admiração.

— Oh, meu Deus! Ele está acordado? — ela se anima e agarra meu braço. — Vem, vamos ver o gatinho!

— Não é um gatinho! — protestei, muito perplexo ainda, quando ela me puxou em direção à jaula de leão.

Assisti, como um bobo, ela admirando o leão, enquanto ele marchada de um lado para outro, provavelmente, incomodado com toda a merda de atenção. Eu posso imaginar como deve ser chato pra porra ter todos esses olhares curiosos sobre você. É o que acontece comigo durante os jogos.

Pérola me olha de lado, com um sorriso preso, eufórica.

— Sabia que ele tem 14 anos? — ela pergunta. — Eu conheci seu antecessor, também. O Gatinho já está velho. Não acho que ele dure muito mais de um ano.

— Isso não é um gatinho. — insisto.

Ela pega minha mão e me leva para frente da placa do leão, que tem escrito “Nome: Gatinho. Propriedade de Pérola Lazzari”.

— Meu pai comprou os direitos dele para mim. — ela explica quando ver que meus olhos estão prestes a sair das órbitas. — Ele manda dinheiro para os cuidados e tudo mais. Mas o leão, o qual eu coloquei o nome de Gatinho, é todo meu. — ela dá de ombros, como se tivesse falando que é proprietária de um bendito cachorro.

Eu olho chocado entre ela e a placa, e o leão, claro. A garota não tem apenas um carro de última geração e uma grana enorme no banco. Ela tem a porra de um leão!

É sério, que tipo de presente se dar a uma garota assim?

Engulo em seco.

— Você tem um leão. — eu murmurei, coçando minha cabeça, dando um passo para trás.

Pérola levou algumas pipocas para boca e assentiu.

— Sim. Eu queria colocar o nome de Gatinho, então... — deu de ombros, novamente.

Sacudi a cabeça.

— O que você tem mais? Uma girafa?

Ela franze a testa, confusa, e olha em direção à jaula da girafa.

— Claro que não! — Ela me olha estranho. — Tenho muitas coisas, mas não uma girafa. Quem tem uma girafa?

— Quem tem um leão? — rebati, apontando para o próprio.

— Eu? — ela agita a mão que não está segurando a pipoca, encolhendo os olhos. — Meu pai é um pouco exagerado quando se trata de mim, tá? Ele me comprou um avião quando eu tinha apenas dois anos de idade! Definitivamente, não discuti quando ele apareceu com os documentos do Gatinho.

Ah, que ótimo! Um avião, também!

O que eu vou dar pra ela?

— Ah, não. — Ela começa a balançar o dedo para mim. — Pode parar de pensar nisso.

— Em que eu estou pensando?

— “*Ela tem de tudo*”, “*blá, blá, blá*”. — Ela faz careta. — Não começa, tá? Não me importo com coisas materiais; me importo com pessoas e no caráter delas. Na bondade. No que elas têm de bom para me oferecer.

Eu soltei uma risada sem humor.

— Certo. E você está dizendo isso para um cara que trabalha após a aula para ajudar em casa?

— Eu digo isso para um cara que foi o primeiro a me chamar para um encontro, sem intenção de me levar para o banco traseiro do carro. — diz ela e seu tom parece chateado. — Eu digo isso para o cara que me faz ofegar toda vez que aparece na minha frente. Para o cara que disse que estava sonhando em me beijar de novo. Espero muito que aquele lance de “*mil e um motivos*” não envolva a diferença da nossa situação financeira, porque assim, ficarei tentada em arremessar minha pipoca na sua cara linda!

Encaro ela por várias vezes, querendo responder que sim, é o motivo mais gritante agora. Odiaria não ter como dar tudo que ela merece ter. Me odiaria por isso.

Mas, para amenizar o clima pesado, eu coço minha nuca quando falo:

— Primeiro que eu não tenho nem um carro para te levar no banco traseiro dele...

...

Foi um desastre.

Eu amei passar um tempo fora da escola com Pérola; no entanto, não foi bem como queria que fosse. Não a levei até lá e não fui levá-la em casa, uma vez que ela disse que não precisava, pois tinha carro. Descobri que ela é a adolescente mais rica da porra dessa cidade. Tem um avião, um leão... Meu Deus, a lista só cresce!

A única coisa que eu pude oferecer, e ela aceitou por educação, foi a pipoca com cobertura de chocolate, que aprendi que ela amava, há alguns dias.

Mas também, o que eu esperava? A garota é herdeira de uma família poderosa no país inteiro.

Quem começou a errar fui eu, que não devia nem ter me envolvido com ninguém. O foco era os jogos e ajudar a minha família. Agora estou caído de quatro pela filha de um dos meus patrões, que, por coincidência, é a garota mais linda que eu já vi.

Entro no meu quarto, abandonando minha carteira e meu celular no criado mudo, e sento na beira da minha cama. O cansaço da semana inteira de trabalho com os treinos e o jogo, pesando em minhas costas.

Depois do leão, eu e Pérola nos sentamos em um gramado, dentro do zoológico, onde as pessoas costumam fazer piquenique, e conversamos. Ela me contou mais sobre o tal sequestro; não lembra de muita coisa, só o que as pessoas contaram para ela durante os anos. Contou também sobre a história dos seus pais e sobre algumas de suas comidas favoritas. São muitas, aliás.

Por minha vez, falei para ela sobre minha mãe e minha irmã. Sobre como trabalho para ajudar, porque minha irmã ainda é muito nova e minha mãe não tem condições nenhuma de trabalhar mais.

O tempo se passou rápido e quando já estava começando o pôr do sol, ela recebeu uma ligação de sua mãe, avisando que tinha chegado, e foi voando para casa. Mas não sem um beijo de despedida.

Eu não faço ideia do que estou fazendo. Tudo na minha cabeça explode, avisando que Pérola não é para mim. Ela é linda demais, gostosa demais... perfeita demais, mas não para mim... eu acho.

— A mamãe não levantou durante todo dia. — a voz da minha irmã soa da porta e eu levanto a cabeça para vê-la, apoiada contra o batente. — Quando fui levar seu remédio, ela pediu para não acordá-la mais.

Assenti, cansado.

— Ela está muito acabada, Kaya. Só deixe-a descansar o quanto quiser, tá?

— Tudo bem. — ela, murmura, sua voz frágil, baixa. Ela abaixa o olhar para suas mãos entrelaçadas na frente do seu estômago. — Você acha que ela vai... — engoliu em seco, tentando conter as lágrimas, mas sendo traída pelos seus olhos lacrimejando.

— Ei, princesa. — Meu quarto é minúsculo, então eu só precisei esticar o braço para alcançá-la. Puxei ela para meu lado, na cama e abracei, beijando seus cabelos. — Não vamos pensar sobre isso.

— Ela está piorando, Kent... — ela soluça, me abraçando de volta. — Está tão frágil...

— Shhh! — balancei ela. — Você não tem que pensar muito sobre isso. É apenas o efeito da quimio.

Meu peito dói com minhas palavras. Eu sabia bem que não era só por causa do tratamento. Era pior que isso. Nossa mãe estava morrendo, e eu me sinto um idiota egoísta por estar pensando em como vou me sair com a Pérola enquanto minha irmã está sofrendo aqui por causa da nossa mãe.

— Shh, meu amor. — faço carinho em seu cabelo, enquanto ela chora em meu peito.

Pérola só foi mais uma preocupação para adicionar em minha lista.

Bela hora de se apaixonar, cara...

9 - PÉROLA

A prova de física foi moleza.

Confesso que precisei da ajuda do meu pai para entender algumas coisas que nunca tinha visto, mas o resto, eu levei tranquilamente.

Suspendi minha mochila, que estava no chão, ao lado da minha carteira e me levantei para sair, mas não sem antes dar uma olhada em Kent, sentado no final da sala, no canto esquerdo. Estamos fazendo física juntos. Ele estava focado em sua prova, o vão entre as sobrancelhas grossas, enrugado. Dei um meio sorriso e saí.

Algo pulou nas minhas costas assim que pisei para fora da sala.

— Que porcaria de prova fácil! — Claire torceu o nariz. — Eu odeio quando eles facilitam.

— O Sr. Jones não facilitou, Clair. — disse. Eu abri minha mochila, para enfiar a caneta, em seguida, pendurei a alça em meu ombro. — Estava fácil porque estudamos.

— É. Droga. — ela pragueja. Claire retira um hashi azul de sua bolsa e, com um movimento habilidoso, ela prende seus cabelos pretos azulados em um nó, no alto da cabeça. Então ela suspira, teatralmente. — Odeio ser tão inteligente! Não tem graça...

Eu ri, negando com a cabeça quando começamos a andar em direção ao refeitório.

Sentei-me em uma das mesas e esperei Claire ir buscar sua comida. Eu tinha trazido uma maçã, então busquei por ela dentro da minha mochila, com meu livro Garota Exemplar, que tia Mel me deu de presente. Eu abro o livro na minha frente ao mesmo tempo em que dou uma mordida. Minha nuca começa a queimar e eu fico inquieta, então olho por sobre o ombro e o vejo.

Kent está em uma mesa bem afastada, com Avery e o resto do time. E, claro, Stacy rodeando. Mas ele está olhando fixamente para mim. Algo dentro de mim revira com a intensidade do seu olhar escuro. As recordações do nosso passeio no zoológico, vindo com violência total, atingindo minha cabeça.

Abro um sorriso para ele, mas ele não devolve; Pisca forte e vira a cabeça para seus amigos. Meu sorriso começa a murchar devagar, meu cenho se franzindo. Meu estômago aperta. Estávamos bem na sexta. Não falei muito com ele esse final de semana, porque fui para Miami com minha mãe e minha tia, para visitar minha prima, Mia. Só trocamos poucas mensagens, mas tudo parecia bem.

Pisquei várias vezes em um segundo e abaixei a cabeça para meu livro novamente, sentindo-me estranha. Uma verdadeira idiota, para ser sincera.

— Acho que vou virar vegana. Essas merdas estão acabando com a esperança do meu corpo dos sonhos. — Claire resmunga, soltando a bandeja sobre a mesa e sentando ao meu lado. Completamente aleatória, como sempre.

Engoli o caroço em minha garganta. Kent me beijou. Ele disse que sonhou com isso. Ele me levou um encontro. Ele estava bem. Nós estávamos bem.

Em circunstâncias normais, eu nem estaria pensando nisso. Eu não choro por garotos. Nunca fiz. Nunca me senti pequena, vulnerável, como estou me sentindo agora. Nunca senti isso no peito. Essa... agonia miserável que acabou de se instalar dentro de mim.

Com minha visão periférica, eu vejo quando ele passa por nossa mesa, a mochila no ombro esquerdo, direto para fora do refeitório. Eu nem estou pensando quando fecho o livro com força e o jogo de volta na mochila. Abandonando minha maçã na bandeja de Claire, me levanto abruptamente.

— Ei! — Claire reclama. — Eu estava brincando! Não vou virar vegana! Onde você vai, Pérola? Eu não gosto de maçãs!...

Mas eu já estou atravessando a entrada do refeitório.

...

Vi o momento em que Kent entrou no banheiro masculino. Olhei ao redor, me certificando de que não há ninguém fora da sala, antes de empurrar a porta e entrar no banheiro.

Kent levanta a cabeça para me olhar. Ele estava abandonando sua mochila de lado para abrir a torneira da pia. Sua expressão é tranquila, apesar de que seus olhos mostram curiosidade.

— Você é bipolar? — arremesso. Avanço para frente, parando ao seu lado, meu quadril empurrado contra a pia.

— Esse é o banheiro masculino. — ele disse e continuou lavando as mãos.

— Estou me fodendo para isso.

— E não, Pérola. Eu não sou bipolar.

— Então, é o quê? — estreito os olhos. — Porque, até onde me lembro, estávamos bem. Nos beijamos, você me levou para um encontro, em seguida, nos beijamos de novo. Trocamos mensagens no final de semana, e agora você nem consegue olhar na minha cara?

Ele permanece lavando as mãos, olhando apenas para ela.

— Eu olhei para sua cara. É uma cara linda, aliás.

— Ah-há. Bela piada. — empurro um dedo em seu ombro. — Me fala o que aconteceu, Kent. Porque, sério, eu estou perdida aqui.

Ele esmurra a torneira, e ela para de liberar os jatos de água. Ele vira para pegar papel, para enxugar as mãos e continua sem me olhar.

— Não aconteceu nada. — diz, dando de ombros. Por fim, ele me encarou. — Pelo menos, nada em que você precisa se preocupar.

— Jura? — minha risada é incrédula — Porque estou bem preocupada.

— Não tem que estar. — seu tom de voz é duro. — Não é um problema seu, Pérola.

Eu pisco, atordoada. Como se tivesse levado um tapa, eu dou um passo para trás, porque a dor foi a mesma.

Patética, Pérola.

— Merda, eu não foi na intenção de te ofender que disse isso. — ele xinga, baixinho. Sua mão levantou e ele a passou pelos cabelos, exasperado. — Mas, poxa, olhe para você, em seguida, olhe para mim — aponta para seu próprio peito, a voz derrotada. — Você tem de tudo, Pérola, então, me diz, o que eu tenho pra te oferecer? Huh? — ele deu um passo à frente. — Eu estudo de manhã e trabalho o resto do dia para que minha família possa ter um lugar para morar e as refeições do dia. Eu tenho uma mãe e uma irmã que precisam de mim. Eu realmente gosto de você e, *putamerda*, Deus sabe como eu gostaria de ficar com você, mas essa é a nossa realidade, Pérola. Somos de mundo diferentes, e você precisa entender isso.

Minha pálpebras estão semicerradas para ele. Eu não acredito da quantidade de besteira que ele acabou de falar. Aperto meus dedos ao redor da alça da mochila. Respiro fundo, porque eu preciso me controlar para não perder a paciência.

— Eu entendo. — anuí, jogando meus cabelos para trás do ombro. — E sabe o que eu acho? — perguntei, inclinando ligeiramente a cabeça, olhando-o atenta; Ele espera que eu continue, e eu faço. Dou um passo para perto dele e enfio um dedo em seu peito. — Que se foda você e essa sua mania de inferioridade, Kent! Eu não sou idiota, e não será você que me fará uma.

Eu dou as costas e saio, batendo a porta do banheiro masculino com toda a força. Ignoro os olhares curiosos dos alunos que já estão circulando pelo corredor e vou para minha próxima aula.

...

— Posso saber o que está martelando a cabecinha linda da minha filhinha? — Mamãe pergunta, levemente ofegante.

Estamos fazendo nossa corrida matinal de sempre e, só agora, percebo que fiquei os primeiros quinze minutos sem abrir minha boca. Geralmente, eu não fecho ela.

Minha mãe para de correr e coloca as mãos na cintura, esperando pela minha resposta. O cabelo, preso em um rabo de cavalo, tem algumas mechas grudadas em seu pescoço, devido ao suor. Eu diminuo e paro, devagar, um pouco mais na frente, então volto para ela.

— É o Kent. Aquele que te falei outro dia. — confesso, de mau humor.

Ela assentiu, a testa franzida.

— O quarterback gostoso?

Não pude evitar uma risada.

— Se o papai te ouvir falando assim, ele te mata. — aviso.
— E, sim, mãe, é o próprio.

— Ele não tem que me matar, porque ele sabe que ele é o único que consegue me tirar do chão. — Mamãe tem um tom quase suspirante. — Mas, me conte o que houve com o Kent. — Ela puxou meu braço e entrelaça o seu nele.

Eu olho para nossos pés enquanto continuamos a andar.

— Ele acredita que nossa diferença bancária é um problema.

— Entendo...

Olho para ela, surpresa.

— Mesmo?

— Mesmo. — Mamãe assente. — Ele sabe sobre o avião?

Concordei com a cabeça.

— E do leão, também.

Mamãe me olha com pesar.

— Filha, eu me sentia desta mesma forma quando conheci seu pai. Ele era o poderoso engenheiro e bilionário, Giovanni Lazzari, e eu era apenas uma estagiária, que precisava fazer hora extra para poder pagar o apartamento na cidade. — Ela me conta, seu olhar perdido, como se estivesse lembrando daquela época. — E tinha a Amanda Thornburg, que era linda, famosa e rica. A queridinha da mídia, naquela época. E completamente louca pelo Giovanni. — Ela torce o nariz arrebitado, a única coisa que herdei dela. O do meu pai era afilado, mas o da minha mãe é bem mais. — Eu imaginava que não teria chance contra ela... até que seu pai me mostrou que eu não só tinha, mas que também não havia uma disputa. Ele me escolheu e fez questão que eu enxergasse aquilo. — Um suspiro. — Até que veio a carta e eu fui embora, grávida de você.

Eu ergo a mão e aperto a dela. Nossa caminhada estava tranquila. Sempre que escuto essa história, uma dor enorme invade meu peito. Não posso imaginar o que minha mãe passou com tudo isso. Se não fosse Nonoh, ela não conseguiria superar.

Mamãe suga uma respiração profunda.

— E, mesmo quando voltei, já com minha empresa e com dinheiro suficiente para criar você sozinha, eu me senti inferior quando reencontrei seu pai. Principalmente quando ele fez questão de comprar um avião para você. Aí teve o leão, o prédio com seu nome, e todas as outras coisas. Só que seu pai sempre fez questão de provar que eu e você importávamos mais que tudo isso.

— E melhorou?

Ela encolhe os ombros.

— Sempre há momentos em que eu me pego pensando como ele me escolheu. O motivo para isso, quando ela tinha as melhores e mais lindas aos seus pés. — Ela faz uma careta. — Ainda tem, infelizmente, mas agora sou sua mulher, então elas que se mordam de inveja.

Eu acabei rindo.

— Mãe, você é maravilhosa.

E não era mentira. Aos quarenta anos, minha mãe tinha um corpo de dar inveja e um rosto que meu pai não teve chance. Linda demais, gostosa demais, nas palavras do meu pai.

— Você é mais, meu amor. — Ela me diz, cheia de carinho. — E tenho certeza que Kent vê isso, ele só está com medo. Mostre para ele quem você é. Mostre que não se importa com dinheiro, poder... Mostre que você gosta dele, e ele vai entender isso.

— Você acha?

— Eu sei. — ela se inclina para beijar meu rosto. — Ele verá que tudo que você espera dele, é ele mesmo.

10 - KENT

— Eu posso falar com você por um minuto?

Eu paraliso o que estou fazendo quando ouço a voz já familiar de Lucca Lazzari, um dos meus chefes. Olho para cima, procurando por seu rosto, pedindo aos céus que ele não esteja falando comigo; só que é em vão, porque seus olhos azuis estão focados, fixados, em mim.

Sua expressão parece um pouco... divertida? Mas eu não acredito nisso. Esse homem é conhecido por acabar com um, apenas com seu sorriso gentil e olhos brilhantes.

Assenti, franzindo a testa. Não lembro de fazer nada de errado aqui na empresa, o que me deixa imaginando o que ele quer falar comigo por um minuto.

Sim, sobre a Pérola.

— Fiz algo de errado? — pergunto, mesmo já sabendo do que se trata. Quanto mais anular a hora da minha morte, melhor para mim.

— Não aqui na empresa. — Ele pisca para mim e estende seu braço, passando-o ao redor do meu pescoço, e me puxa para um canto. — Eu já falei com minha sobrinha, caso ela não tenha te falado.

Não falei nada, só neguei com a cabeça.

— Eu tenho dois olhos muito bons e, ao contrário do meu irmão, que gosta de agir, eu prefiro observar. E eu observo muito

bem. — Ele aperta meu ombro, em um gesto de camaradagem, seu tom suave e tranquilo. Seus olhos, nem tanto. — Saquei você e a Pérola desde o início. Eu sabia que vocês não se conheciam.

Engolindo em seco, assenti.

— E eu vi o jeito que ela olhou para você. — disse ele.

Eu não falei nada, mas olhei em seus olhos. Posso não ter certeza de que pode dar certo com Pérola, mas sei que sou homem o suficiente para encarar seu tio ou quem quer que seja.

— Eu só queria saber mesmo quais são suas intenções com a Pérola.

— Gostar dela vai gerar algum problema? — inquiri, sério. Afastando-me do seu braço, eu cruzei os meus sobre o peito.

Lucca faz o mesmo. Ele é da mesma altura que eu, por isso, se desse um passo à frente, ficaria nariz com nariz.

— Não se for algo sincero. — ele responde, sem enrolações. — E o mais importante — ergue um dedo em riste —, não se não a fizer chorar ou sofrer de qualquer forma.

— Não é minha intenção, senhor. — digo, prontamente. — No entanto, tenho que ser sincero. Acredito que afastei um pouco ela e, acredito mais ainda, que ela não quer olhar na minha cara nem tão cedo.

— Posso saber o motivo? — Lucca estreita os olhos azuis.

— Estávamos bem. A levei em um encontro no zoológico e acabei descobrindo que ela é dona do leão — meu riso ainda é

incrédulo quando me lembro dessa parte —, então eu fiquei um pouco assustado com isso. Mas até aí, tudo bem. Só que houve algumas coisas na minha casa e eu acabei associando isso a um relacionamento com a Pérola e cheguei à conclusão de que não daria certo.

— Por quê?

— Basta olhar para mim, senhor. Depois olhe para sua sobrinha, sua família. Acredito que não precisa ser expert em matemática para entender esse problema.

Os olhos de Lucca começaram a abrir devagar. O brilho de entendimento tingindo suas íris. Ele tocou meu olho, parecendo aliviado, e sorriu. Um sorriso conhecedor de tudo.

— Filho, você tem o mesmo problema que uma pessoa que conheci, há muito tempo.

— Mesmo?

— Sim. — Ele assente. — Ela dizia que não tinha como ficar com um cara rico, porque não tinha nada para dar em troca. Porque era estranho. Porque não queria ser sustentada por ninguém. Porque não queria ganhar presentes caros, etc. — ele faz uma careta. — Eu lembro bem como ela era teimosa.

— E o que aconteceu? — pergunto, curioso.

Ele deu de ombros.

— Ela hoje é minha mulher e tem dois filhos comigo. Um deles, estuda na mesma escola que você.

— Ah.

Lucca Lazzari me encara, sério, todo poderoso em um terno muito caro. Ele pode até ser o mais legal dos irmãos, mas ainda é tão assustador quanto os outros.

— Acredite em mim, ela vai olhar para sua cara de novo, basta lhe dar um motivo para isso.

Eu assenti. Não tinha a menor ideia de que motivo seria esse.

— Quando isso acontecer, mostre para ela o quanto você gosta dela, filho. — Ele toca meu ombro, uma expressão paterna em seu rosto. — Mulheres decentes não estão nem aí para quanto tem em sua conta bancária. Elas só querem saber se você realmente gosta delas ou se apenas quer tirar sua calcinha.

Aturdido, sacudo a cabeça quando ele aperta ainda mais meu ombro, sugestivamente. Quase não consigo evitar uma careta de dor.

— Espero que no seu caso não seja a segunda opção.

— Não é, senhor. — Me apresso em dizer.

— Que ótimo, então. — Ele sorri, largamente, e tira a mão do meu ombro, enfiando-a no bolso da calça. — Vejo você no próximo jogo, filho.

Eu assisto ele indo embora para um elevador, enquanto seguro meu ombro dolorido e torço o nariz.

Ah, que maravilha... E eu ainda nem estou namorando a garota.

Pelo menos, ele não ameaçou me matar.

Eu paro no caminho para minha área de trabalho, recordando que ele não ameaçou bem com essas palavras. Ele foi como ele sempre é: gentil, simpático... E ele conseguiu me ameaçar dessa forma.

Ele, definitivamente, mata com um sorriso.

...

Ela é a primeira pessoa que eu vejo quando saio da sala de aula.

Pérola está sentada debaixo da sua árvore favorita, só que sem a Claire. Está com as pernas cruzadas na sua frente, um livro aberto nas mãos e fones de ouvido.

Enfio a mão livre no bolso e com a outra eu seguro a alça da minha mochila, pendurada em meu ombro. Admiro por uns instantes a garota mais gata da escola. A garota pela qual eu não deveria insistir, mas que tudo dentro de mim torce pelo contrário. Eu preciso me desculpar com ela e lhe mostrar que eu não sou como os outros garotos. Eu ando até ela e me sento ao seu lado.

Ao perceber o movimento, ela ergue os olhos do livro e puxa o fone das orelhas. Seu cenho se franze, levemente.

Antes que ela possa abrir a boca, eu começo a me explicar.

— A minha mãe tem câncer no pulmão, que já atingiu o fígado e está se espalhando gradualmente. Ela está em estado

terminal, e eu não posso fazer nada além de cuidar dela e trabalhar após o horário de aula para ajudar em casa, porque minha irmã só tem quinze anos e também precisa de mim. Eu sei que isso não é desculpa para ter te tratado daquela forma, mas eu estou desesperado. Desesperado porque eu estou muito a fim de você, Pérola. Eu mal posso respirar quando estou perto de você, e por isso fiquei assustado pra porra quando você me disse que tinha um leão, um avião... — Eu puxo uma longa respiração, fazendo uma pausa. — Eu fico assustado porque eu quero muito ficar com você, mas eu não sou o tipo de cara que fica e depois esquece. Eu sou o cara que tenta fazer dar certo. Sou o cara que acredita que você pode sim se casar com uma garota que namorou na adolescência. E se ficarmos juntos, eu vou querer fazer dar certo para nós dois, só que é essa a parte do meu desespero, Pérola, porque você tem de tudo, então, o que eu poderia te oferecer?

Com um sorrisinho bobo, Pérola não responde logo minha pergunta. Ela abandona o livro em seu colo, se inclina para frente, uma mão em meu pescoço, e me beija. Seus lábios macios tomam os meus, suavemente, e eu devolvo. Enfio meus dedos em seus cabelos e a puxo para mais perto, deslizando minha língua para traçar um caminho pelo seu lábio inferior, de forma calma. Meu coração está acelerado pela satisfação de estar beijando-a novamente. As pessoas ao nosso redor, como das outras vezes em que nos beijamos, simplesmente sumiram.

Pérola ri em minha boca, e eu a beijo castamente. Como um selinho, para encerrar. Seus olhos brilham para mim, o sorriso lindo chegando até eles.

— Você. — É o que sai da sua boca deliciosa.

Franzo o cenho, confuso.

— O quê?

— Você, Kent. — repetiu. — Basta me oferecer você, e o resto eu dou um jeito.

Foi minha vez de sorrir, meu polegar alisando sua bochecha corada. Meus olhos focados nos lábios que acabei de beijar, querendo mais.

— Ah, que bom. — dou um beijo em seu queixo.

— É? — Ela prende o canto do lábio entre os dentes.

Anuí.

— Sinto muito por ter sido um idiota com você.

— Sinto muito pela sua mãe. — ela sussurra, seus olhos demonstrando que ela realmente sente.

Nego com a cabeça, sem querer me aprofundar nesse assunto.

— Vai aceitar sair comigo de novo?

Ela assente.

— Sim, mas você vai ter que ir na minha festa. Será no próximo sábado.

— Tudo bem. — Eu beijo sua boca outra vez. — Estarei lá com você. Estamos mesmo bem?

Ela assente de novo e beija a palma da minha mão.

— Você não surtando outra vez...

...

PÉROLA

— Mãe! — eu grito, enquanto desço as escadas correndo para chegar na sala de jantar. Encontro meus pais jantando, e conversando um ao lado do outro. Sorrindo, sento-me na cadeira de frente para minha mãe.

— Aconteceu alguma coisa, querida? — ela pergunta, docemente.

Nego com a cabeça.

— Não. Na verdade, só queria saber quando você soube que era a hora de tirar sua virgindade.

No topo da mesa, meu pai engasgou com a comida, seu punho caindo com violência na mesa de jantar, fazendo todos os utensílios pularem. Em minha frente, mamãe arregalou os olhos e, quase como um reflexo, estendeu a mão para o braço do meu pai, para acalmá-lo. Algo que ela fazia constantemente quando estou por perto.

Piscando inocentemente, eu olho para meu pai, que tem um olhar muito assassino em minha direção, a mandíbula trincada e as mãos grandes fechadas em punhos.

— Você está bem, papai?

Ele respira fundo, tentando manter calma, mas falhando miseravelmente.

— Que pergunta é essa, Pérola Lazzari?

— Eu só quero saber como ela soube que era a hora certa. — Eu dou de ombro.

A mandíbula do meu pai se apertou ainda mais, tanto que temi que se quebrasse.

— Querida, não podemos conversar sobre isso depois?

— Porra nenhuma! — papai explodiu. Seu rosto estava muito vermelho.

Ignorei completamente.

— Mamãe, eu lembro que você disse que sabia que era a coisa certa porque suas pernas tremiam sempre que meu pai estava por perto, certo?

Relutantemente, olhando de soslaio para papai, ela assentiu.

Eu abri um sorriso.

— Pois então — empurrei meu rabo de cavalo para trás do ombro — acontece que minhas pernas tremem, também. Eu acho que está na hora certa.

— Como é que é? — papai rosnou, jogando o guardanapo longe. Os grandes olhos azuis estavam ainda maiores quando ele me encarou.

Eu já tinha visto meu pai furioso antes, mas não dessa forma.

Mas, para o azar dele, não funcionava comigo.

— O que foi, papai? Estou prestes a completar dezoito. Esperei mais que muitas meninas de hoje em dia.

— Essas muitas meninas não são da minha conta! — ele grita.

— Graças à Deus. — eu me levanto. — Ou você já teria tido um infarto.

— Estou tendo um infarto! — Ele agarra a gola da camisa e começa a abrir os botões, puxando respirações difíceis. — Eu não quero mais ouvir essas coisas, mocinha.

— Querido, se acalme. — Mamãe pede, dando seu máximo para não acabar sorrindo. — Pérola, depois conversamos sobre isso. — Ela me dá um olhar de advertência.

— Não tem *depois*, Aurora!

— Tudo bem, mamãe. — eu abro um sorriso para ele. — E você não está tendo um infarto, papai. Relaxe e tudo ficará bem.

Ele estreita os olhos sobre mim enquanto puxa a camisa para respirar melhor.

Eu corro de volta para meu quarto, sorrindo de orelha a orelha.

11 - PÉROLA

Ele não vem.

Eu me jogo sentada no sofá, na área da piscina da minha casa, quando percebo isso. Minha casa está cheia de pessoas da escola, que vieram comemorar meu aniversário comigo. Mas Kent não está. Ele disse para mim que estaria aqui hoje, mas já está quase no fim e ele não chegou, tampouco mandou uma mensagem.

Checo meu celular pela enésima vez. Nada. Estou chateada, mesmo que meu coração esteja um pouco apertado. Kent me deu um beijo ontem e me disse que viria. Será que ele mudou de ideia e voltou a pensar sobre todos os motivos pelos quais ele não pode ficar comigo?

Odeio muito toda essa merda de diferença social. Grande coisa que minha conta bancária é maior que a dele. Gosto dele e a porra do dinheiro não vai mudar isso.

— Você precisar sorrir, sabe disso, não é? — Claire se senta ao meu lado, com um copo de refresco na mão e o óculos escuros pendendo, quase na ponta do seu nariz.

— Ele não vem. — Gemo, meus olhos desesperados, checando ao redor. Um único vestígio de esperança ainda rondando meu estômago.

Ele disse que estaria aqui. Ele me beijou e disse que estaria aqui. Ele não mandou mensagens. Ele não me telefonou.

Mais uma vez, checo o celular. Não vejo nada na tela que envolva Kent. Tem várias mensagens de parabéns, no entanto. Mensagens essas que podem esperar até mais tarde. Tenho até meia-noite para responder todas elas. Pressionando minha digital, desbloqueio o aparelho e vou para o número de Kent. Ligo para ele, só que seu celular se encontra desligado.

Hum, que ótimo!

Bloqueio e descarto o celular ao meu lado. Não vou ficar mais insistindo. Estou completando dezoito anos e meus pais liberaram a casa para que eu pudesse comemorar com meus amigos. Não vou ficar na bad só porque Kent resolveu me ignorar.

— Vem, amiga. — Eu me levanto e puxo Claire comigo. — Vamos comemorar meu aniversário.

— Dezoito! — Claire cantarola, erguendo o copo de refresco em um brinde, que eu aceito e tomamos um gole juntas.

O resto da festa foi bem legal. Fizemos algumas brincadeiras e as pessoas se divertiram bastante. Tentei ao máximo não lembrar que Kent mentiu para mim, no dia do meu aniversário.

Eu realmente estou gostando dele, mas não vou ser a garota que fica sentada e chorando pelo cara que não está nem aí para ela. É demais para minha personalidade. Por isso, procurei me divertir com os amigos que fizeram questão de vir. Meus primos também estavam por aqui. Só os adultos que foram, temporariamente, barrados, uma vez que teríamos um jantar em família mais tarde.

Até uma pessoa insignificante apareceu. A ex do meu primo Jax. Mas resolvi o problema, quase assassinando a ridícula. Eu seria presa no dia do meu aniversário, mas não me importava com isso.

No final, quando as pessoas já estavam indo, abracei Claire bem forte e agradei por ela ter vindo.

— Você sabe que eu não perderia por nada, não é? É a minha melhor amiga, P. Eu te amo demais para te deixar na mão.
— Ela me oferece seu sorriso carinhoso e aperta minhas bochechas. Claire é a irmã que eu não tive, sem dúvidas alguma.
— E não se preocupe com o delícia do Kent. Ele está muito afim de você, está na cara. Apenas dê um tempo para ele se explicar. Se ele não fizer, aí nós duas matamos ele. Tranquilo.

Eu não pude evitar uma risada.

— Super tranquilo. — Eu a puxei para outro abraço, tentando evitar o assunto. — Eu te amo, também, minha doidinha. Quer que o Patrick te leve para casa?

— Não precisa. Estou de carro. — Ela ergue a mão, segurando a chave do seu Audi R8.

— Tudo bem, então. Nos vemos amanhã no Cinematery?

Ela assente com precisão.

— Nos vemos no Cinematery.

• • •

— Meu amor, como foi sua festa? — papai procura saber quando desço, duas horas após o final da festa, pronta para o jantar da família, que será na casa do meu avô.

— Foi legal. — Eu aceito seu abraço quando ele vem com seus braços fortes abertos.

Sua sobrancelha grossa se eleva em desconfiança.

— Só legal?

— Foi muito boa, pai. Obrigada.

Ele abre seu sorriso perfeito e beija o topo da minha cabeça antes de sairmos para o jantar.

Nós não falamos mais sobre minha pergunta. Pelo menos, não em sua frente. Busquei pela minha mãe quando ele não estava em casa e ela me explicou tudo. Desde o momento em que o vi pela primeira vez. Como suas pernas tremeram e suas mãos suaram. Ela me disse que essas coisas são normais quando estamos atraídos por alguém. Mas, apenas nosso coração poderá nos dizer quem é realmente a pessoa certa. Nossas pernas podem tremer diante de qualquer pessoa que nos atraia, mas nosso coração só dispara quando se trata do certo.

— Filha, você está bem?

Olho para cima, já sentada no banco de trás do carro do meu pai, e encontro os olhos preocupados da minha mãe pelo retrovisor. Assenti, forçando um sorriso.

— Estou, sim. Não é nada demais, só estou um pouco cansada.

Meu pai vira a cabeça para me olhar, sua expressão me mostrando que ele não acredita nem um pouco. Desvio meus olhos para a rua, e ele dá partida no carro.

Meu coração dispara violentamente sempre que coloco meus olhos sobre Kent. Aparentemente, não acontece o mesmo com ele.

• • •

Cinematery é uma tradição da King, onde todos os anos os alunos se reúnem em um cemitério para uma noite de cinema. Os veteranos são quem escolhem o filme da vez e tem até direito a barracas de lanches e tudo o mais. Estaciono meu carro e desço, arrumando minha jaqueta no meu corpo, olhando ao redor, em busca dos meus amigos.

Encolho com o vento gelado quando começo a caminhar. A noite está fria hoje, e mesmo com uma calça jeans, tênis e uma jaqueta por cima da blusa, não estou imune a ela.

Puxo meu celular do bolso da calça para enviar uma mensagem para Claire, avisando que estou aqui. Estou digitando quando esbarro com um peito largo e familiar. Dou um passo para trás, praguejando.

— Sinto muito. — Kent, rapidamente, estende os braços para impedir que eu caia.

Desvio do seu toque.

— Jura? Pelo o quê? — Eu cruzo os braços, querendo mostrar para ele que estou muito brava e odiando a forma que meu coração está martelando contra minhas costelas. — Por ter esbarrado em mim ou por ter mentido, dizendo que iria para minha festa? Se for a segunda opção, pode esquecer. Odeio mentiras e não estou muito a fim de escutar uma em que envolve você e sua falta de consideração, porque estou pouco me fodendo para quanto tem em sua conta bancária, Kent. Ou em quanto você recebe no trabalho. Pensei que já estivesse bem claro para você, mas eu me enganei, não é? Quer dizer — meu sorriso é amargo. —, você me enganou durante toda a semana. Agora, se me der licença...

Começo a passar por ele, ignorando seu cheiro maravilhoso, que invadiu minhas narinas com o vento forte, mas sua mão grande segura em meu braço, impedindo-me de continuar.

— Pérola, me escute, por favor. — Ele pede. Sua voz é calma, rouca e grave. Ele pisca, preguiçosamente para mim, o vento bagunçando seus cabelos, levando os fios negros para seus olhos.

Pressiono os lábios juntos e estreito os olhos. Eu deveria ignorá-lo e ir procurar a Claire. Ele não merece meu tempo. Mas, em vez disso, livro meu braço de seu aperto e torno a cruzá-lo com o outro.

— O que você quer, Kent?

— Me explicar para você.

— Se for possível, fique à vontade.

Ele levanta uma mão, a mesma que estava envolta do meu braço, e massageia sua nuca. Em seguida, ele alcança seu bolso traseiro e puxa de lá uma caixa pequena de veludo verde-lodo e estende para mim.

— Sinto muito por não ter ido na sua festa. Você tem razão, foi falta de consideração, mas posso garantir que o motivo não foi o quanto tenho em minha conta.

Com o cenho franzido, eu pego a caixa de sua mão e abro. Engulo em seco quando vejo uma pulseira dourada com um pingente delicado de uma pérola.

Ele continua a se explicar, enquanto encaro, sem palavras, a pulseira dentro da caixa.

— A verdade foi que minha mãe passou mal e precisei levá-la ao hospital. E antes que você pergunte, meu celular ficou sem bateria e, sinto muito, mas eu estava muito preocupado com minha mãe para parar e procurar por um carregador. Passei a noite no hospital com ela e só saí hoje. Faz uma meia hora, para falar a verdade. Ela já estava melhor, então eu pedi para o Avery ir me buscar em casa para que eu pudesse vir até aqui e te entregar seu presente, pessoalmente. E me desculpar, claro.

Meu peito afunda com tudo isso. Ele não foi para minha festa por conta da sua mãe e não porque ele estava mentindo para mim. Abri minha boca, mas a fechei em seguida. Estou sem palavras. Olho entre seus olhos e a pulseira, e a única coisa que eu consigo formular é:

— Você comprou para mim?

— Sei que não é grande coisa. — Ele dá de ombros. — E você me disse que eu bastava, mas eu precisava te presentear com algo.

— Kent... é linda! — Puxei a pulseira de dentro da caixa para olhar melhor. Eu tinha muitas pulseiras, algumas delas com o preço de um carro, mas nenhuma delas seria tão especial quanto esta. — Muito obrigada! Sério, obrigada mesmo. E me desculpe por ser tão idiota...

— Não. Você não tem que se desculpar. — Ele sacode a cabeça. Suas mãos vêm em minha cintura e ele puxa meu corpo para o seu, abraçando-me com carinho.

Envolvo meus braços ao redor de seu pescoço, abraçando de volta. Sinto quando ele inala meu perfume, seu nariz em meu pescoço. Beijo seu ombro e me afasto para olhar em seus olhos.

— E sua mãe, como está? — procuro saber, preocupada.

— Ela está bem agora. Obrigado. — Ele diz, pegando a pulseira da minha mão e me ajudando a colocar em meu pulso.

— Tem certeza? Tenho uma tia que é cirurgiã. Pode não ser a especialização dela, mas talvez ela possa ajudar em alguma coisa.

Ele nega com a cabeça, seu polegar arrastando pela correntinha dourada em meu pulso. Seu olhar agora está um pouco distante, triste.

— Obrigado, mas não tem mais jeito, P. Tudo que eu e minha irmã podemos fazer é ajudar ela a ter seus últimos dias bons. Já nos conformamos com isso.

Fico doente por ele. Estaria em desespero se soubesse que a qualquer momento minha mãe iria morrer. Aperto sua mão com todo o carinho, deixando-o saber que estou aqui por ele, mesmo sendo tão explosiva, às vezes.

Ele abre um sorriso para mim, que faz cócegas em meu estômago.

— Você estava procurando alguém?

Ah, meu Deus! Esqueci completamente da Claire.

— Na verdade, sim. — Desbloqueio meu celular de novo. — Estava mandando mensagem para Claire. Preciso passar em uma dessas barracas de lanches antes do filme começar.

— Tudo bem. — Ele assente, então faz uma coisa que me deixa querendo sorrir de nervosismo e felicidade: ele entrelaça seus dedos nos meus e começa a me guiar em minha caminhada em direção as barracas de lanches.

Estamos andando de mãos dadas, como namorados.

Eu sorri, o canto do meu lábio inferior entre os dentes.

12 - KENT

— Então, o que vai querer para o filme? — pergunto para Pérola quando paramos diante de algumas barracas de lanches.

Ainda era uma coisa estranha para mim. De onde vim, não faziam um cinema no cemitério. Principalmente durante a noite, já que o frio de lá não permitia nem que você falasse direito. Estar aqui, dentro de um cemitério luxuoso de Los Angeles, com o pessoal da minha escola nova e a garota mais gata, é realmente muito estranho.

Enfio as mãos nos bolsos, esperando que ela decida.

Seu nariz arrebitado está torto, em uma careta engraçada, enquanto ela olha com atenção para cada um dos lanches que estão à sua frente. Os olhos estreitos, como se isso fosse uma escolha de vida ou morte. As mãos nos quadris estreitos.

Precisei morder meu lábio para não sorrir. Pérola é linda e não tem vergonha alguma de mostrar que gosta de comer.

Por fim, ela fala:

— Um balde de pipoca com pedaços de chocolates e cachorro-quente.

— Tudo bem. Vamos lá comprar isso.

Andei até a menina em minha frente, ofereci um sorriso educado e lhe pedi um balde de pipoca com pedaços de chocolates e um cachorro-quente, mas a menina mal pôde pegar em um balde de pipoca, porque Pérola foi mais rápida.

— O balde é o G e são dois cachorros quentes, por favor.

Virei para ela.

— Eu não vou comer.

— Sei disso. — Ela sacode a cabeça, mas quase não dá para perceber. É como o tic nervoso. — São para mim.

Minha boca cai aberta.

— Lazzari, você vai comer tudo isso? — Aponto para o balde de pipoca que a menina colocou sobre o balcão. Um som de incredulidade saindo da minha garganta. — É muita coisa!

Ela puxa o balde gigante e o abraça, como se fosse um cachorrinho, e me olha de cara feia.

— Gosto de você, Kent. Sério, falo isso do fundo do meu coração. Mas, não queira se meter com a minha comida. Se eu tiver que escolher, você vai sair perdendo. E vai perder muito feio.

Ergo as mãos em rendição, acreditando piamente em sua ameaça. Sorrindo, abaixo um braço e puxo a carteira do meu bolso frontal.

— Não precisa pagar. — Ela fala. — Vou comer, então faço isso.

— Eu quero pagar. — Abro a carteira.

— Kent...

— Lazzari — Respiro fundo, olhando para ela. —, você está comigo aqui, o.k.? Posso pagar um lanche para minha garota.

Fico chateado com isso. Retiro umas notas da carteira e pago a menina quando ela traz o resto do pedido. Minha mandíbula está contraída. Eu não gosto do fato de ela pensar que eu não posso pagar seu lanche. Fecho a carteira e a enfio de volta no bolso.

— Eu não falei por pensa que você não pode pagar. — fala, sua voz baixa, seus olhos procurando pelos meus. — Ei, McGregor. — Ela segura em minha mão, apertando meus dedos. — Eu sei que você pode pagar. Eu só não sabia que sou sua garota.

Por fim, olho para ela e vejo seu sorriso largo e bonito. Seus olhos azuis-piscina estão brilhando a luz da noite, como um anjo.

— Você é a minha garota. — Garanto. Levanto sua mão com a minha e beijo o dorso. — Como assim você não sabia?

Ela ri, e eu não posso evitar fazer o mesmo. Ajudo ela a carregar suas coisas até a multidão sentada em frente à grande tela de cinema que instalaram aqui.

Pérola avista Claire e vamos para ela, nos sentando em uma grande toalha verde. Logo, meus amigos começam a se aproximar e sentar por perto.

Assisto, divertido, Pérola comer tudo aquilo que ela escolheu. Ela não faz nem cara feia, como se estivesse cheia. Muito pelo contrário, ela come como se o que estivesse comendo fosse seu primeiro lanche.

O filme começa e os murmúrios de conversas cessão. O nome do filme é Cemitério Maldito, a produção de 1989.

Puxo Pérola para entre as minhas pernas, e ela encosta suas costas em meu peito. Seu cheiro é perfeito, de menta. Cerco seu corpo com meus braços e vejo seu sorrisinho quando beijo sua bochecha.

— Este lugar está ocupado?

Todos olhamos para cima, para Stacy, que estava com um sorriso nos lábios, embora, seus olhos estejam bem no ponto em que meus braços estão ao redor de Pérola.

Claire é quem responde:

— Para você? Com toda certeza.

Stacy revira os olhos cinzas. Ela faz uma careta para Claire, que devolve com a língua para fora. Resolvendo ignorar, ela me olha.

— Posso me sentar aqui?

— Claro. — respondo.

Sinto Pérola enrijecer. Seus ombros se tornam tensos à medida que Stacy começa a descer para se sentar ao meu lado. Ela não diz uma palavra, no entanto. Aperto meu abraço e pressiono meus lábios em seus cabelos.

O filme termina e á uma salva de palmas dos alunos da King. As pessoas começam a recolher suas coisas.

Eu me levanto e ajudo Pérola e Claire se levantarem primeiro, depois dou a mão para Stacy. Quando viro para Pérola, seus olhos estão estreitos sobre mim.

— Mesmo, Kent? — Claire pergunta com desdém quando Stacy se afasta de nós para falar algo com Avery.

— O quê?

Claire sacode a cabeça, bufando e opta por juntar suas coisas no chão. Ajudo ela a fazer isso, e quando tudo está dentro de uma bolsa grande, eu a carrego até seu carro. Um carro tão impressionante quanto o de Pérola.

Assobio.

— Belo carro. — Elogio seu Audi.

— Péssima amizade. — Ela rebate, dá um beijo na bochecha de Pérola e entra no carro, batendo a porta com toda força.

Fico sem palavras, então enfio as mãos nos bolsos e espero que ela dê partida. Eu só me movo quando ouço Pérola resmungar e virar, andando para o seu próprio carro.

— Ei. — Chamo, mas ela não para. Respiro fundo e vou atrás dela. — Qual o seu problema?

Ela não para, tampouco me responde. Quando chega ao seu carro, dessa vez uma Lamborghini Urus vermelha, ela para e olha para mim. Seus olhos me enviando punhais.

— Você jura que ela podia se sentar lá? Com tantos lugares nessa porcaria de cemitério, ela podia se sentar justo lá?

— Ela pediu, e eu não vi o motivo para não deixar.

Seu riso é sarcástico e incrédulo ao mesmo tempo.

Levantando uma mão, eu a arrasto ao longo da minha mandíbula. Eu quase não dormi no hospital com minha mãe. Estava preocupado demais para pregar os olhos. Olho, cansado, para Pérola, balançando a cabeça, de um lado para o outro.

— Pérola, não vou ser o cara que ignora a Stacy só pelo fato de ela sair pegando todo mundo. Eu nunca fui assim e nunca vou ser. Principalmente por status.

— Ah, que ótimo para ela, então, já que ela quer pegar você.

Dou de ombros.

— Não dou a mínima para isso. — digo, sinceramente. — Estou a fim de você desde que coloquei meus olhos em você, lá na LEA. E isso só aumenta. Estava lá com você e deixei que ela se sentasse ao nosso lado, sim. E sei que você e a Claire não gostam dela, mas eu não faço parte disso. Se a Stacy quer me pegar, ela não vai conseguir. Se ela quiser ser minha amiga, aí já é outra história. Ela parece precisar de amigos nessa escola.

Pérola cruzou os braços enquanto eu falava. Sua perna esquerda não para de tremer. Sua mandíbula parece que vai quebrar a qualquer momento.

— Eu não gosto disso.

— Estou vendo. — Assenti. — Mas você precisa respeitar.

Seus olhos azuis se estreitam novamente e ela me encara por longos segundos. Então sua sobrancelha se arqueia, seus ombros endireitam e ela sorri. Não é o sorriso típico de Pérola Lazzari. É um sorriso que me diz que ela não vai aceitar isso tão cedo.

— O.k.

— O.k.?

Ela confirma com a cabeça.

— O.k. Se você quer dessa forma, então, o.k.

— Lazzari...

— O.k., Kent. — ela insiste, dando um passo para frente. Segura meu rosto com as duas mãos e pressiona seus lábios nos meus. — Você quer namorar comigo?

Meu queixo cai.

— Como?

— Você falou que eu era sua garota, mas não me pediu em namoro, portanto, estou lhe pedindo em namoro.

Sacudo a cabeça, chocado com a mudança repentina e brusca de assunto.

— Eu... Eu... Minha nossa! — Eu umedeço os lábios com a língua. — Você é um furacão.

— Sou uma Lazzari. — Ela me corrige. — Eu não gosto de arroteio, Kent. Você quer ser meu namorado? Porque, sério,

gosto de você, e eu sinto tesão em você, então, se sou sua garota e você sente a mesma coisa por mim, eu não vejo motivos para não sermos um casal. Você quer?

— Hum, sim? — Eu não tinha reação alguma. Nunca tinha sido pedido em namoro por uma garota; eu fazia os pedidos. E nenhuma garota me disse assim, na cara, que tinha tesão por mim.

Mas eu, com certeza, sinto a mesma coisa por ela. Era impossível não sentir, uma vez que ela é uma garota linda e basta olhar para o seu corpo que tudo no meu ascende. Inclusive meu pau.

— Ótimo. — Ela beija minha boca. — Nos vemos amanhã, então. Te aviso quando chegar em casa. — Ela se vira para entrar no carro, mas para e me olha por sobre o ombro. — E não, eu não gosto da Stacy e eu não vou respeitar isso, mas vou confiar em você, tudo bem?

Ainda atordoado, eu assinto.

— Tudo bem.

Ela entra em seu carro e vai embora.

Putá merda, ela é intensidade pura.

13 - PÉROLA

— Giovanni, você precisa ficar quieto para que o nebulizador funcione corretamente! — Tia Juliet repreendeu meu pai, empurrando seu ombro com as mãos para que ele se encoste na cama do hospital novamente.

Como um perfeito teimoso, ele estreita os olhos, segurando o nebulizador contra seu rosto. Seu olhar severo recai sobre mim, que estou ao lado da cama, de braços cruzados e precisando morder o interior das minhas bochechas para não sorrir.

Tudo que falei foi “Oi, mamãe e papai. Estou namorando.”, então ele surtou. Primeiro ele se engasgou, como da outra vez. Pensamos que era apenas um de seus ataques de ciúmes. Mas aí, seus olhos ficaram enormes e vermelhos. Sua mão procurava urgente pelo nó de sua gravata para folga-la, enquanto ele começava a hiperventilar. Ele nem conseguiu formular a palavra “socorro”.

Foi aí que eu e a mamãe ficamos preocupadas e tivemos que trazê-lo para o hospital. Eu estava tremendo, vendo-o tendo algo parecido com um ataque cardíaco, quando peguei meu telefone para ligar para minha tia. Ela é cirurgiã cardiologista e saberia lidar com isso.

Tia Juliet termina de auscultar seu coração, retira o estetoscópio dos ouvidos e o pendura em seu pescoço. Ela olha para mim e para minha mãe.

— A pressão dele se elevou as alturas. Os batimentos estão descontrolados, também. Vou deixá-lo em observação por

algumas horas, só para garantir que ele não infarte em algum momento no caminho de casa.

Nego com a cabeça, suspirando. Rolando os olhos, falo para ele:

— Papai, você não precisa ter um infarte só porque estou namorando. — Toco em seu braço, e isso só faz seus olhos ficarem ainda mais cerrados. — O.k., eu deveria chamar com mais calma para contar... Ou mesmo levar o Kent até vocês, mas fiquei com medo que você tentasse matá-lo!

Ele retirou o nebulizador, apenas o suficiente para rosnar:

— Mas vou matá-lo! Esquarteja-lo! Pendurar sua cabeça em um poste no centro da cidade e tudo isso será culpa dele, por ter tocado na minha menininha!

— Não, você não vai fazer nada disso! — Fico séria, olhando-o da mesma forma que ele costuma olhar para as pessoas com quem está irritado. Estou irritada com ele por todo esse drama de pai ciumento. Eu sabia que ele teria um ataque dos nervos, mas não imaginei que viraria um assassino sangue-frio. — Na primeira vez que tocou uma garota, quantos anos ela tinha?

Ele pensa um pouco, ao mesmo tempo, em que ouço minha mãe bufar atrás de mim.

— Eu não preciso saber disso.

E sei que ela tampou os ouvidos com as mãos.

— Quinze, acho. — Papai responde, dando de ombros.

— Pois é. Tenho dezoito. — Falo. — E acredito que você é um cara bom, papai, e inteligente. Por isso não vai matar, tampouco esquartejar um garoto, só porque ele está namorando sua filha.

— Acredite, não sou tão bom assim quando se trata da minha filha...

Rolo os olhos.

— Papai, o Kent ainda não me *tocou*. — Confesso, simplesmente. — Claro, nos beijamos, como todos os casais, mas ainda não foi além disso.

— Ainda? — Ele grita, em seguida, começa a tossir. Os “bips” das máquinas ficando mais altos e descontrolados. — Ainda?

— Giovanni, pelo amor de Deus! — Tia Juliet corre para junto, para tentar controlá-lo. — Olha, faz muitos anos que nenhum dos meus pacientes morrem, mas você será o primeiro, se continuar se alterando dessa forma!

— Pérola, você pode conversar com seu pai depois? — Mamãe pede, entredentes.

— Não! — Respondi com o meu pai.

Me virei para ele de novo.

— Pai, eu te amo e não quero te matar, nem nada parecido, tá? Mas estou namorando um cara e isso não vai mudar se o senhor tiver um infarte. Então, que tal respeitar meu relacionamento e pensar que sua filha já tem dezoito anos e tem o direito de namorar?

Papai considerou por um instante, então encolheu os ombros.

— O.k. Então, quando você tiver seus filhos com esse...
Kent — Ele faz uma careta. —, você pode contar para eles como você matou o avô deles do coração.

Abro um sorriso.

— Vou contar o quanto o avô lindo deles é dramático e ciumento.

Ele estreita os olhos sobre mim, ainda segurando o nebulizador contra seu rosto.

Balançando a cabeça, digo:

— Papai, entendo o ciúme, porque eu também sou assim, mas eu não surto cada vez que vejo você e a mamãe aos beijos.

— Somos casados!

— E tenho um namorado! — Eu rebato. — Aceite isso, o.k.? É a única forma de tranquilizar seu coração.

Devagar, ele expira e inspira no nebulizador. Quando está com o fôlego reunido, ele o afasta do rosto para dizer:

— Vou matar ele!

• • •

Observo, de longe, Stacy tocar o braço de Kent enquanto eles conversam sobre algo que deve ser muito engraçado, já que

posso ver todos os dentes perfeitos e brancos de Kent.

E, por incrível que pareça, estou sentada na arquibancada e eles estão no meio do campo, esperando dar a hora do início do jogo.

O uniforme de Líder de Torcida de Stacy está um pouco mais vulgar do que das outras. Seu decote deveria ser proibido.

Eu e Kent estamos juntos há duas semanas e desde então, tenho praticado um tipo estranho de ioga, no qual eu preciso respirar fundo e contar até cinquenta para não surtar e acabar de uma vez com a palhaçada de “amizade” entre os dois. Não, eu não tenho nada contra amizades. Tenho amigos. Tenho o Avery, o Logan, entre outros vários nessa escola e fora dela, da mesma forma que Kent tem amigas, como, por exemplo a Emily, que é sua parceira de química. Mas, cada pessoa tem seu limite de paciência, e a minha já esgotou.

No entanto, eu me mantenho sentada na arquibancada ao lado da minha amiga, enquanto o jogo começa a rolar. Grito, xingo e comemoro a cada passe certo, a cada pontuação e touchdown que Kent e Avery conseguem fazer. Os dois formam uma dupla perfeita. Só quando apitam para o intervalo, eu me levanto.

— Ei! — Claire grita. — Para onde você vai?

— Comprar pipoca e chocolates. Você quer?

— Mas você acabou de esgotar um balde GG, Pérola!

Encolho os ombros.

— Você me conhece. Desde quando paro com um balde?

Ela ri, balançando a cabeça.

Desço a arquibancada de cimento com rapidez, pulando cada degrau como se tivesse brincando em um playground. Dou a volta por trás e vou direto para o local que os jogadores costumam ir nos intervalos e nos finais de jogos: o vestiário. Cumprimento alguns garotos quando entro, sem me importar com algumas gracinhas. Meu foco aqui é o QB deles, o cara mais gato de todos aqui dentro.

Quando Kent se vira, passando a mão em seus cabelos molhados de suor, e me ver, seus olhos escuros brilham e um lindo sorriso torce seus lábios grossos, formando duas covinhas perfeitas.

— Oi! — Ele vem para mim, em passos tranquilos. Ele pega na minha mão e me leva para um canto afastado de todos. Seus olhos passam por todo meu corpo, lentamente, e quando chega aos meus olhos, estou sem fôlego. — Você está muito gata hoje.

Olhei para baixo e sorri, vendo uma camisa do time que ele me presenteou na semana passada, com o pedido de que eu usasse ela hoje no jogo.

— Obrigada.

— O que está fazendo aqui? Não deveria estar com a Claire?

Assenti.

— É, mas eu não consegui chegar em tempo de falar com você antes do jogo, então, resolvi dar uma passadinha aqui e

fazer isso... — Fico na ponta dos pés e pressiono meus lábios contra os seus. Sinto quando Kent toma meu rosto com as mãos e sua língua pede passagem para dentro da minha boca. Eu logo concedo isso, sem me importar que tem vários caras, que provavelmente, estão vendo tudo.

— Hum. — Ele me dá um selinho. — Gostei disso.

— É?

— Ah, sim. — Ele me beija outra vez.

— Olha só — Eu me afasto dele, segurando suas mãos e com um largo sorriso. —, sou o tipo de garota e pode respeitar as suas amizades, tudo bem?

Ele franze as sobrancelhas e assente.

— Só que prefiro que a Stacy mantenha as mãos longe de você. — Falo. — Tipo, muito longe mesmo. Como você aqui e as mãos delas em Nova Iorque. Entende o que estou falando?

Kent acaba sorrindo, negando com a cabeça. Sua mão vem para minha bochecha.

— Você não precisa ter ciúmes, tá bom? Ela só estava me contando...

— Não me importo com o que ela estava te dizendo, Kent. — Faço uma carranca. — Sério mesmo. Sou filha única. — Curvo o corpo para frente, a fim de que só ele me ouça. — entende agora minha necessidade de posse? Sou assim, Kent. — Abro um sorriso mais largo que o anterior. — Eu diria para dar os créditos ao meu pai, mas minha mãe pode ser pior quando ela quer ser.

Dado o recado, dou as costas para ele, aceno para alguns caras que estão nos assistindo e saio de lá.

Estou com fome, então vou direto para o homem da pipoca.

14 - KENT

— Aqui, vem.

Deixei Pérola me puxar para dentro da sala de limpeza da escola. Assisto ela fechar a porta atrás de nós e, em seguida, o sorriso sugestivo em seus lábios bonitos.

— O que estamos... — Eu nem consigo terminar de formular a pergunta, mesmo já sabendo a resposta, porque ela segura meu rosto entre suas mãos e me beija. Não levo nem um segundo para reagir. Segurando em sua cintura, eu a empurro contra a porta e devolvo seu beijo, invadindo sua boca com a minha língua. Sugo seus gemidos, minhas mãos por todo lugar do seu corpo perfeito.

Minha boca estava na dela, então nada mais importava. A escola, não era mais a escola. A sala da limpeza, não era mais a sala de limpeza. A única coisa real aqui era nós dois. Nosso beijo; os seus gemidos. A temperatura do seu corpo, que se elevou quando encostei nela. E meu pau, muito vivo e duro contra seu ventre.

Eu solto seus lábios e desço pela sua mandíbula. Pérola pende a cabeça para trás e agarra meus braços, fincando as unhas. Mesmo sob o terno da escola, ficará marcas na minha pele branca. Mas eu não me importo. Chupo a pele do seu pescoço, lambo até a ponta da orelha.

— Kent... — As mãos de Pérola sobem e agarram meus cabelos, puxando-os até que eu sinta em meu couro cabeludo.

Volto para sua boca e a beijo com mais intensidade. A vibração do meu coração, causada pelo seu toque, faz tudo ficar ainda mais surreal, perturbador. Quero me sentir ainda mais perto dela, então colo mais meu corpo ao seu, sem dar tempo para que nenhum de nós possamos respirar ou se afastar.

Seu beijo é delicioso, e eu mal posso respirar quando passo mais de um dia sem senti-lo. Eu amo o toque suave dos seus lábios femininos e macios. Eu amo o seu toque sobre minha pele. Eu estou descobrindo que amo tudo relacionado a ela, mesmo que isso ainda me assuste.

Eu dou uma pausa no beijo e arrasto uma mão sobre seu rosto, e seus lábios inchados se curvam em um sorriso maroto.

— Sala da limpeza? — Eu pergunto o que eu não tive cabeça para perguntar antes.

Já nos pegamos na sala de Biologia, na de Química e por trás da arquibancada, mas nunca na sala da limpeza.

Ela encolhe os ombros.

— É pequena o suficiente para nós dois e escura. — Ela diz. — Eu gosto.

— Eu gosto de você. — Eu levo um dedo para seu lábio inferior. — Demais.

Vejo o momento em que suas pupilas dilatam e sua boquinha entreabre, resfolegando.

— Eu também gosto demais de você, Kent.

Sorrio.

— Bom.

— Kent?

Eu olho em seus olhos quando ela me chama, sua voz é quase um sussurrar.

— Eu quero ter minha primeira vez com você.

— Você...? — Eu fico tão atônito, que nem consigo completar a frase, apenas levo um tempo digerindo o que ela acabou de dizer.

— Sim — Ela assente. —, eu sou virgem e quero ter minha primeira vez com você.

Sem dúvidas, Pérola Lazzari é uma pessoa muito rara nesse mundo. Suas bochechas se tornam rosadas, apesar de que seus olhos rolam em desdém com minha cara.

— Olha, não foi por falta de oportunidade, o.k.?

Eu fecho a cara e a solto, dando um passo para trás. Meus olhos se estreitam enquanto meu estômago dá um nó bem apertado.

Não é como se isso fosse uma surpresa para mim. Ela é a menina mais linda que eu já conheci, então, é óbvio que os caras dariam de tudo para ficar com ela, só que eu não precisava ficar sabendo.

— Não me diga, Pérola. — Falo com sarcasmo.

Ela rola os olhos novamente.

— Não falei isso para você ficar com ciúmes, e sim para que entenda que eu estava esperando o cara certo.

Arqueio uma sobrancelha.

— Eu sou esse cara?

— Bem, minhas pernas não param de tremer, meu coração só falta sair pela boca cada vez que olho para você. — Ela encolhe os ombros. — Ouvi dizer que isso são sinais de quando encontramos a pessoa certa.

Meus ombros, que estavam tensos, suavizam, assim como meu olhar e minha voz, com essa sua confissão. É exatamente dessa forma que costumo ficar quando estou perto dela. A única diferença, é que eu tenho algo no meio das pernas, e ele fica duro sempre que eu penso nela ou vejo ela.

Ela dá um passo em minha direção, a voz está enganosamente tímida.

— É algo que venho pensando desde que vi você pela primeira vez. Foi como se, naquele dia, todo meu corpo tivesse mudado, sabe? Meus seios estão sensíveis, porque basta pensar em você e eles endurecem. Esses dias, precisei comprar um novo estoque de calcinhas porque as minhas estão sempre acabadas. Isso sem contar com a minha respiração e meus batimentos cardíacos. E isso tudo está acontecendo bem agora, Kent.

Quando ela termina de falar, está tão perto de mim, que posso sentir sua respiração quente no meu peito. A voz sussurrada me deixando ainda mais duro do que já estava com seu beijo.

— Sim, Kent — Ela balança a cabeça bem devagar, seu rosto sendo tingindo de rosa, pela primeira vez. —, você é esse cara. É o garoto perfeito.

Não consegui evitar um sorriso. Eu seguro suas mãos e as trago para meu peito, olhando em seus lindos e suaves olhos azuis, que eu posso ver claramente, mesmo com a pouca luz do ambiente que nos encontramos.

— Serei o cara mais feliz e honrado em ser o seu primeiro, princesa. — Eu falo pra ela, selando seus lábios em seguida. — Mas antes — ergo um dedo em riste, e seus olhos se tornam mais atentos, curiosos. —, vou te apresentar para minha mãe. E marcaremos para ver seus pais. Quero falar com seu pai e dizer para ele que eu quero muito estar com a filha dele. Sempre.

O sorriso que se formou em seu rosto tirou o meu fôlego. Outra vez.

— E porque não podemos ver meus pais primeiro? — pergunta.

— Porque eu quero muito estar vivo quando você for conhecer minha mãe.

• • •

— Mãe, tudo que você precisa fazer é se sentar e descansar, tá bom? Eu posso fazer isso! — Eu tomo a colher de pau da sua mão.

— Eu posso muito bem fazer isso, Kent McGregor! — Ela coloca as mãos na cintura fina. Sua figura estava mais para

desnutrida, o rosto magro demais, o pano ao redor da cabeça. A pele pálida a tornando, visivelmente, frágil.

— Sim, mas sente-se e descanse! — Eu aponto para o sofá com a colher de pau. — Eu disse pra você que minha namorada estava vindo para te conhecer. Você precisa estar bem para ver o quanto ela é maravilhosa. Se estiver cansada, não verá, portanto, sente-se que eu termino de preparar isso.

Ela bufa, como uma criança emburrada, mas acaba andando em direção do sofá enquanto resmunga.

— Você sabe, eu ainda sou a mãe aqui... Ainda não estou morta!

Ignoro-a e me volto por completo para o almoço. Marquei com Pérola em meia hora e tudo ainda estava no fogo.

Em exata meia hora, a companhia tocou. Por sorte, tudo tinha acabado de cozinhar. Enxuguei as mãos na minha calça jeans e caminhei até a porta. Com minha visão periférica, podia ver com perfeição minha mãe e irmã se esticando para ver. Abro a porta e lá está ela, linda demais, do outro lado, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás de seu short preto.

— Ah, qual é, Kent! Que tal mandar ela entrar de uma vez?

Eu reconheço a voz da minha irmã, mas estou muito hipnotizado com a imagem em minha frente para fazer qualquer movimento.

Pérola não parece ligar, também. Ela me encara com expectativa e um pouco de nervosismo. O que é bom e me deixa

um pouco aliviado por saber que ela pode se sentir nervosa quando é a garota mais confiante que já conheci.

— Você está linda. — eu digo.

Ela sorri.

— Eu estou com uma roupa normal e sem maquiagens.

— Você não usa maquiagens. — Eu lembro, sorrindo para ela quando dou um passo para frente e seguro sua mão para puxá-la para dentro. — E a propósito, você fica linda de qualquer jeito.

Eu amo como seu rosto se tinga de rosa e seus grandes olhos azuis se expandem com o elogio.

— Obrigada.

Eu puxo a porta atrás de mim e me viro para minha família, que já estão de pé, no centro da pequena sala.

— Bem, gente, essa aqui é Pérola, minha namorada. — Apresento e olho para ela. — P, essas são Nice, minha mãe e Kaya, minha irmã mais nova.

Com toda a educação que lhe foi dado, Pérola dá um passo adiante para cumprimentar elas. Ela beija o rosto da minha mãe, com carinho, em seguida, o da minha irmã. Seu sorriso nunca deixando o seu rosto lindo.

— É um prazer enorme conhecer vocês, sério. — Ela diz.

Mamãe dispensa com um aceno de mão.

— Ora, o prazer é nosso, minha querida. Finalmente estou conhecendo uma garota do meu filho. — Ela tosse um pouco e ergue a mão quando eu e Kaya fazemos menções de ajudar. Seu foco está todo em Pérola. — Sabe, ele nunca trouxe nenhuma para casa. Sempre com a desculpa que quando a garota certa aparecer, você poderá conhecê-la mãe. Tem que valer a pena. — Ela nega com a cabeça, com dificuldade. — Estava vendo a hora morrer e não conhecer ninguém.

— Mãe! — Eu e Kaya repreendemos em uníssono. Quando descobrimos o diagnóstico final, fizemos um acordo de não falar sobre sua morte. Isso ajuda a não surtar sempre aqui dentro desta casa.

Mamãe nos ignorou, estalando a língua no céu da boca. Ela enganchou seu braço no de Pérola e foi guiando-a para a mesa.

— Desde já peço desculpas se a comida não estiver muito boa, querida. Kent é teimoso e não me deixou ajudar.

Pérola sorri para por sobre os ombros, então se inclina como se fosse contar um segredo para minha mãe.

— Tenho certeza que vou adorar mesmo assim.

Ela acabou se sentando entre mim e minha mãe, e talvez isso não tivesse sido uma boa ideia. Mamãe bombardeou ela de perguntas, chegando até ao dia do nosso suposto casamento. Pérola respondeu tranquilamente e sem pestanejar. Sempre com um sorriso bonito curvando os lábios rosados.

E foi assim todo o nosso almoço. Mamãe fazendo perguntas, Pérola sabendo que está passando por um tipo de entrevista estranha, Kaya rolando os olhos e eu admirando minha

namorada. Quando todos acabaram, mamãe estava cansada. Língua também cansa, afinal. Ela se despediu de Pérola com um abraço, e eu fui ajudá-la a se deitar.

— Tudo bem se eu for para o quarto estudar? — Kaya me perguntou quando voltei para a sala. — Tenho uma prova de matemática na sexta e eu não faço ideia por onde começar.

— Se você quiser — Pérola encolheu os ombros —, posso te ajudar a estudar durante a semana. Eu sou muito boa com números.

Minha irmã olhou para mim com seus olhos brilhando, tentando decidir se aceita ou não. Como resposta, eu anuí para ela.

— Não quero incomodar você. Acabamos de nos conhecer...

— Não incomoda. — Ela apoia as duas mãos na mesa e se levanta. — Será um prazer.

— Mesmo?

Pérola assentiu, sorrindo.

— Vejo você amanhã?

Minha irmã praticamente pulou para abraçá-la. Agradeceu e se retirou para seu quarto.

Ficamos só nós dois e eu comecei a retirar os pratos da mesa. Pérola se movimentou para me ajudar, iniciando pelo seu prato e o da minha mãe.

— Você não precisa fazer isso. — Eu digo, tentando pegar os pratos de sua mão, mas ela desvia, dando-me as costas e depositando-os sobre a pia.

— Quem você pensa que eu sou, Kent? — pergunta, mas seu sorriso indica que está brincando. — Apenas uma garota mimada sem calos nas mãos?

Ergui uma sobrancelha.

— Já lavou pratos?

Ela parou, ponderou e entortou seu nariz afilado, negando com a cabeça.

— Na verdade, nunca precisei. Sem contar que lá em casa tem um tal de lava-louças.

— É, gostaria de um desses aqui em casa. — Eu recolho todas as coisas sujas na mesa.

— Eu nunca fiz, mas posso começar agora. Me deixa ajudar.

— Você pode. — Eu pego um pano de prato na gaveta e jogo para ela. — Eu lavo, você enxuga, tudo bem?

Ela concorda, assentindo.

Assim que terminamos, eu peguei o pano de suas mãos e beijei seu rosto.

— Obrigado pela ajuda. — Eu digo. — E por ser tão especial.

Sua expressão é divertida.

— Enxugar os pratos me torna especial?

— Não isso — Meus ombros sacudiram com a risada. — Minha mãe e minha irmã te adoraram. Você tem um jeitinho de contagiar as pessoas.

Ela sorri, lindamente.

— Eu apenas sou eu mesma, Kent. Sem contar que sua mãe é maravilhosa.

Eu assenti e abaixei os ombros para o local onde meus dedos apertavam o pano de prato.

As mãos de Pérola pousaram em meus braços.

— Olha, eu sei que não tenho nada a ver com isso, mas talvez eu possa fazer algo para ajudar.

Levanto a cabeça e olho para ela, confuso.

— Do que você está falando?

— Eu não sei a extensão da doença da sua mãe, mas tenho uma tia que é cirurgiã cardiotoraxica e um primo que é da neuro. Talvez não ajude tanto, mas pelo menos você poderá tentar.

Meu coração acabou de se entregar para ela, apenas pelo fato de ela querer ajudar. Mesmo que eu saiba que não tem mais jeito. Neguei com a cabeça, o interior da minha garganta ardendo.

— Eu disse que você era especial, Lazzari. — Eu joga o pano de lado e empurro ela contra o balcão da pia, ficando entre suas pernas. — Obrigada por querer ajudar, baby, mas já aceitamos que não tem mais jeito. Tudo que posso fazer agora é ajudá-la a ficar confortável.

— Kent... — Ela balançou a cabeça, os grandes olhos azuis cheios de lágrimas.

— Baby — Eu levo as mãos para seu rosto pequeno, segurando-a comigo. —, não me deixe mais apaixonado por você do que eu penso que já estou, tá bem?

Seus olhos se arregalaram.

— Você tá... Quê?

Eu ri, mas não respondi. Selei meus lábios com os seus e a beijei. Minha língua pediu passagem para saborear a sua. Perfeito. Os beijos com ela são sempre perfeitos.

Mas o beijo é quebrado quando seu celular toca e ela precisa puxa-lo do bolso para ver. Com lábios inchados e a ponta do nariz vermelha por causa do beijo, ela lê a mensagem.

— Eu tenho que ir agora. — diz em forma de desculpas. — Hoje é a tarde do cinema com os primos, então, preciso chegar logo lá.

Concordei com a cabeça.

— Que bom. Estava prestes a te levar para conhecer meu quarto, o que não seria legal, já que dissemos que preciso conhecer seu pai antes.

Seu sorriso foi sugestivo.

— Você que disse isso, não eu.

Ri, segurei sua mão e apertei de leve.

— Vou te levar até lá fora. Me manda mensagem quando chegar?

Ela assente.

Quando chegamos à porta, ela se vira, segura meu rosto entre suas mãos pequenas e macias, e me dá um último beijo antes de ir.

— Diga para sua irmã que estarei aqui amanhã.

Eu assisti um homem alto e de porte militar ajudá-la a entrar em uma Mercedes Maybach toda preta, e suspiro. Eu definitivamente preciso lutar contra ao sentimento de inferioridade, mas por essa garota, vale muito a pena.

15 - PÉROLA

Eu não estou nervosa e ponto final.

Mesmo que as pessoas estejam me encarando enquanto como minha quarta barra de chocolate, como se eu estivesse à flor da pele.

Bem, eu não estou.

— Por que tia Juliet está aqui? — pergunto, dando uma pausa no meu chocolate.

Mamãe sorri.

— Seu pai vai conhecer o primeiro genro dele. Ela é muito necessária aqui.

— Eu não preciso de uma cardiologista. — Papai reclama. — Estou calmo.

Ele está mentindo. Suas narinas estão dilatadas, seu rosto vermelho e seus cabelos uma bagunça de tanto que ele passou as mãos. E ele chamou meus tios — Lucca e Enzo — para participarem da reunião, o que significa que ele está planejando um esquartejamento e acionou ajuda.

Mas sou filha dele e isso torna minha linha de raciocínio igual a dele, então eu também acionei minha ajuda: meu avô.

Olho para minha mãe.

— Ele terá outro infarto.

Os cantos dos lábios da minha mãe se curvam para baixo em reconhecimento.

— Vai sim. Juliet trouxe os materiais dela.

— Ótimo. — Assenti e dei uma mordida na minha barra de chocolate. Minha atenção volta para o meu pai, que não para de andar de um lado para o outro.

Meus tios estão parados perto da porta de entrada, ambos com braços cruzados, como dois guardas. Tia Mel e tia Juliet estão no sofá grande de couro branco, conversando com minha mãe, enquanto meu avô está lendo algo em seu iPad em uma poltrona próxima à minha.

— Papai, sabe quem faltou?

Ele me fuzila com o olhar quando nota minha expressão sarcástica.

— Tio Ethan e o Jax. Não os convidou também?

— Não se preocupe, eles estarão em seu enterro.

A minha boca cheia de chocolate não me deixa gargalhar, então levo a mão para tampar quando sorrio.

Meu pai é o inventor do drama.

A campainha tocou, pulei do meu lugar e os meus donos correram para a porta da frente. Abriram a porta, e pude ver quando os olhos de Kent se arregalaram de surpresa ao se deparar com três paredões em sua frente. Todos os três de braços cruzados e olhos semicerrados.

Revirei os olhos e agradei quando meu avô se levantou calmamente e caminhou até a porta.

— Ora, deixem de ser... — Ele parou, olhos para seus três filhos e bufou, negando com a cabeça — vocês mesmo. Permitam que o rapaz entre, pelo menos, antes de caírem em cima do coitado.

Os três obedeceram, apesar de serem já três coroas, casados, pais de família e donos de si... e dos outros também, na teoria deles, claro. O comando do meu avô é sempre atendido.

Vovô acompanha Kent para dentro, como um guarda-costas, enquanto conversa com ele, provavelmente, para distraí-lo dos cães de guarda que querem atacá-lo.

— Não sei se me conhece, filho, mas sou Hetor Lazzari, o avô da sua namorada.

Kent assente.

— É um prazer, senhor. Sou Kent McGregor.

Meu avô apertou sua mão quando lhe foi estendida. Seu sorriso paternal está presente nos lábios.

— Conheço bem você, rapaz. — falou e acrescentou ao ver a confusão na expressão de Kent: — Assim como conheço cada um dos meus funcionários. E são tantos, que desisti de contar. — Sorriu levemente. — Sou muito agradecido pelos meus funcionários, afinal, o que seria da minha empresa sem eles? Então, estou lhe pedindo obrigado por me ajudar, certo?

— Que isso, senhor. — Kent disse, sem graça, balançando a cabeça. — Faça o trabalho que precisa ser feito. É uma honra trabalhar em sua empresa. Eu que agradeço pela oportunidade.

— Fico feliz em ouvir isso. — Vovô bate nas costas dele, de forma camarada. — Venha, sente-se! Não ligue para meus filhos. Eles esqueceram os bons modos que os ensinei em algum momento de suas vidas.

Hesitante, Kent se sentou ao lado do meu avô. Seus olhos buscaram os meus. Todo sua altura não adiantou muito nesse momento. Ele parecia perdido e nervoso.

Ofereci um sorriso para ele, numa tentativa de reconfortá-lo. Eu não era muito fã dessa forma de agir da minha família, mas o que eu poderia argumentar? Sou tão ciumenta e possessiva quanto eles. Eu, literalmente, arranquei um pouco de cabelo de uma garota na sexta série, só porque ela disse que achou o Jax, meu primo, um gato. E tenho vontade de matar a Stacy toda vez que ela chega perto do Kent ou fala no nome dele. É como se quisesse me provocar.

Portanto, eu não posso falar nenhuma palavra sobre melhorar os modos para esses homens. Sou igual.

— Kent — chamei, ignorando os olhares assassinos que se viraram abruptamente para mim. Menos o tio Lucca, que estava mais preocupado em checar se sua mulher estava bem. —, essa é a minha mãe, Aurora.

Ele se levantou imediatamente. Estendeu a mão para ela com seu belo sorriso, que derrete qualquer ser humano que seja atraído pelo sexo masculino.

Com minha mãe e minhas tias não foi diferente.

— É um prazer, Sra. Lazzari. Agora posso ver de onde vem a beleza da Pérola.

E minha mãe corou com o elogio e as duas covinhas.

Oh! Deus.

Meu pai também ficou vermelho, mas foi de raiva. E meus tios também, quando Kent virou e cumprimentou minhas tias, e elas coraram como minha mãe.

— O.k., mas já podemos pular para a parte do jantar antes que o rapaz esteja demitido? — Essa voz dura e tensa foi do tio Enzo. Ele estava com as mãos enfiadas nos bolsos de sua calça jeans, olhando com as pálpebras estreitas entre Kent e sua esposa, Juliet, que tem sua cor pálida do rosto tingida de um rosa muito quente.

— Uma boa ideia, irmão. — Tio Lucca concorda. Ele olha para sua mulher, Melissa, e abre um sorriso nem um pouco paciente, falando com os dentes cerrados: — Vida, você pode passar na minha frente, por favor?

Rolo os olhos, sorrindo e me levanto quando todos fazem.

Dez minutos depois, estávamos todos na mesa da sala de jantar, comendo a comida deliciosa da Sra. Muffay. Kent está ao meu lado e ao lado dele está meu avô. No meu outro lado, está meu pai, no topo da mesa.

Geralmente, mesmo estando em minha casa, meu avô que ficaria no lugar do meu pai. É uma forma de respeito que os filhos têm com ele. Mas hoje, ele mesmo optou por ficar ao lado

do convidado. Conhece muito bem os filhos que tem. Principalmente o do meio, conhecido como meu pai.

— Então, filho, conte-me — Vovô começa a puxar assunto, para aliviar o clima tenso. O sotaque italiano ainda forte em sua voz. — O que pretende fazer depois da escola?

Kent engoliu a comida que estava mastigando.

— Quero muito fazer carreira com o futebol, senhor. Mas, como sabemos que é um pouco difícil, com tanta concorrência, pretendo fazer faculdade de Literatura Inglesa.

Parei o garfo no caminho da boca e olhei para ele, surpresa. Pisquei, querendo saber se escutei direito e sim, escutei.

Ele quer fazer Literatura Inglesa?

— Ora, um homem de letras! — Vovô exclamou surpreso, mas, ao mesmo tempo orgulhoso. — É tão raro de se ver...

— Você nunca me contou que gostava de Literatura Inglesa. — Soltei, sem conseguir me conter.

Kent virou a cabeça para mim.

— Nunca conversamos sobre isso. Eu também ainda não sei o que pretende fazer.

— Arquitetura. — falo.

Meu pai solta uma risada de desdém.

— Ainda não conversaram sobre isso e querem namorar?

Viro para ele, piscando inocentemente.

— Papai, antes da minha mãe, sempre antes que começava a namorar, sabia o que a garota queria ser quando crescer ou só pensava em... *namorar mesmo?*

Ele faz uma carranca e seus olhos caem sobre Kent, que se mantém firme... Aparentemente.

— É esse tipo de namoro que quer com minha filha?

Calmamente, sem se abalar, Kent larga os talheres e fecha as mãos, apoiando os pulsos na quina da mesa. Ele está olhando para meu pai, em seus olhos.

— Senhor, eu não faço a mínima ideia de como você me imagina, mas vim até aqui para lhe dizer e garantir que sou um homem de verdade. Sei que posso não estar à altura da sua filha. — Ele nega com a cabeça, de forma firme, e meu coração se aperta um pouco. — Entendo se o senhor não confia em mim. Como pai, quer o melhor para sua filha. Tenho uma irmã mais nova, e isso pode até não se comparar com a relação pai e filha, mas eu me sinto dessa forma também em relação a ela, pois sou a única figura masculina que ela tem. Estou disposto a tudo para vê-la feliz, então entendo o seu lado.

Tudo está silencioso na mesa — até mesmo o tio Lucca, que adora soltar uma gracinha — quando ele faz uma pausa. Meu coração está a mil por hora por sua atitude.

Ele volta a falar:

— Se eu lhe dissesse que não vou tocar na sua filha, estaria mentindo para você e acredito que não é algo bom de se

fazer. Não gosto de mentiras, senhor. Mas eu realmente gosto muito da sua filha e estou aqui lhe prometendo que irei respeitá-la sempre. E, se for o caso, posso até esperar para depois do casamento...

Olho para meu namorado, espantada.

— É uma boa! — Tio Lucca, finalmente, solta, e sua esposa revira os olhos.

— Lucca, bebê, apenas coma, por favor.

— Eu também gostei da ideia. — Papai considera.

— Ahá! É claro que não! — Aponto em direção à Kent. — Nem se atreva. — Volto para meu pai. — Você, nem se iluda, papai. Tenho dezoito anos e posso muito bem decidir se quero ou não esperar até o casamento, e adivinha o que quero?

Ele me fuzila quando abro um sorriso irônico para ele. Eu não me importo, no entanto. Olho para meu avô com suavidade.

— Vovô, o senhor esperou até o casamento?

— Esperar pra que? A vida é curta demais para esperar uma decisão dessas.

— Pai! — Uma mistura de vozes masculinas gritaram em uníssono.

Meu avô nem se abala. Ele bebe um pouco do vinho de sua taça e olha para Kent.

— Você fazendo minha neta feliz, é tudo o que importa, filho. Se divirtam, mas com cuidado. A vida é curta, mas vocês

são jovens demais ainda. Não vão querer encurtar a juventude. Acredite nesse velho bem vivido aqui.

Kent assente.

— Sim, senhor. Pode deixar comigo.

Meu avô se volta para seus três filhos emburrados — menos o tio Lucca, que tinha a sobrancelha erguida e os lábios repuxados, levemente, para o lado.

Sim, ele mata um com o sorriso no rosto.

— Quanto aos três filhos que criei, não me lembro de ter passado para vocês toda essa possessividade que carregam. — Ele diz, negando com a cabeça. — É claro que devemos ser cuidadosos e, quando preciso, até um pouco ciumentos, mas a liberdade de uma mulher é essencial para a felicidade dela. A Pérola tem dezoito anos, como ela mesma ressaltou. Está se tornando uma mulher, assim como a Mia se tornou uma e, em breve — Ele focou no seu filho mais novo. —, a Nina, também.

Tio Lucca engasgou com o vinho.

— Assim como a Maya. — Vovô continuou. — Tentem mantê-las sob suas bolhas e não terão a confiança de nenhuma delas. Deixem que sejam livres para fazerem suas próprias escolhas e elas sempre voltarão para vocês.

A mesa ficou em silêncio e eu só queria pular e abraçar meu avô por ser esse homem lindo, maravilhoso e sábio. Se passou alguns instantes, até que tia Juliet afastou a cadeira para trás, jogou o guardanapo sobre a mesa e disse:

— O.k., vou pegar meu kit de primeiros socorros.

— Boa ideia. — Mamãe e tia Mel falaram juntas.

16 - PÉROLA

— Por que será que odeio tanto baratas?

Uma risada escapa da minha boca ao ouvir a pergunta doida de Claire.

Ela está fitando, de olhos estreitos, o seu livro de biologia. Uma barata gigante estava lá, na página 126. Não tinha nada a ver com o que estávamos estudando, mas, como sempre, minha melhor amiga é bem aleatória.

— Talvez por ser nojenta e medonhas? — Sugiro.

Ela parou, colocou a tampa da sua caneta entre os dentes e ponderou um pouco. No fim, deu de ombros.

— É, tem razão. Deve ser por isso mesmo.

Sorri, negando com a cabeça, e me virei para o nosso professor de Biologia. Sr. Gray estava usando uma de suas gravatas únicas de cor amarela com pontinhos pretos. A camisa vermelha era um belo contraste, com o perfeito terno azul-marinho sob medida.

Excêntrico demais.

— Bem, turma — Ele começou, com seu largo sorriso de sempre. — irei passar para vocês o papel da nossa viagem. Ela será para Florença, Itália. — Ele aponta para mim e pisca; Eu devolvo o sorriso. — E, claro, sem custos para vocês. Afinal de contas, seus pais pagam uma fortuna todo mês, não é mesmo?

Todos concordaram. Ele sorriu.

— No entanto, mesmo aqueles que já completaram dezoito anos e se acham os maiores, precisam das assinaturas dos responsáveis. A King ainda é uma escola que segue regras, então...

— E quanto ao voo? — Reconheço a voz de Eric, um dos garotos do basquete.

Sr. Gray balança a cabeça.

— Não se preocupem. A E.C.A, que para quem não sabe, é a empresa de aeronaves particulares dos tios da Pérola — Novamente, ele aponta para mim. —, irá cuidar disso. Eles garantiram para nós.

Assobios tomam conta de toda a sala. Claire empurra meu ombro com o seu, me zoando.

— Amém, clã Lazzari! — Eric grita lá de trás.

Eu o olho por cima do meu ombro e sorrio para ele. A vontade de corrigir e dizer que meu tio é Cross e não Lazzari fica entalada na minha garganta. Desvio o olhar para o outro lado da sala, para o lugar em que Kent está sentado com o Avery. Biologia e Matemática são as únicas matérias que fazemos juntos.

Seu olhar doce está em mim, e as borboletas adormecidas em meu estômago se agitam. Ele está com um sorrisinho de lado e pisca pra mim, mas seu lindo rosto se transforma em uma carranca quando Landon diz:

— O.k., Pérola, você precisa se casar comigo!

As pessoas riem, mas Claire sessa a brincadeira, rapidamente.

— Ah, não vai dar, cara. Ela está ocupada, namorando o cara mais gato da escola, que, aliás, é o seu QB.

Uma bolinha de papel voa pela sala e pousa bem no meio da cabeça de Landon. Levando uma mão para a cabeça, ele olha na direção do seu agressor.

— Qual é, McGregor! Era só uma brincadeirinha de nada!

— O.k., pessoal, chega! — Sr. Gray chama a nossa atenção, batendo palmas. — Deixe-me explicar a vocês algumas coisinhas básicas. — Ele empurra sua própria bunda contra a quina de sua mesa e cruza os tornozelos. Então ele começa a citar a lista enorme de regras para a viagem.

• • •

Puxando meus cabelos para cima, eu os prendo em um rabo de cavalo. Estou no banheiro feminino da escola, dando um jeito no furacão que virou meu cabelo após um rajada de vento bagunça-lo todo, no pátio. Dou uma última olhada no espelho para garantir que está tudo sobre controle e é então que encontro com o par de olhos cinzas de Stacy Montgomery. Me sobressalto, mas me recomponho logo em seguida.

— Então você e o Kent é verdade? — Ela me pergunta.

— Você sabe que sim, Stacy.

Ela dá de ombros.

— Imaginei que fosse apenas um boato das pessoas. Ele mesmo nunca falou isso em voz alta. A prova é tanta que nem o cara do próprio time dele sabia.

— Imaginou errado. — Falo com dureza. Eu não gostava de algumas pessoas nessa escola, e Stacy encabeçava a lista. — Agora que realmente sabe, espero que se mantenha o mais longe possível.

Seguro firme as alças da minha mochila branca e decido sair do banheiro. Meu sangue já estava fervendo de raiva e se isso atingisse meu cérebro, eu seria capaz de assassinar essa garota.

Mas ela não desiste tão fácil.

— Pérola, você sabe que isso não vai muito longe, não é?

Paro bem perto da porta e me volto para ela. Meus olhos estreitos e minha mandíbula apertada.

— E por que não?

Ela ri como se eu fosse uma idiota.

— Porque isso é o óbvio. — Ela levanta a mão com a palma para cima. — Essa é você e o poder que sua família têm. — Levanta a outra mão, agora um pouco mais abaixo que a outra. — Esse é Kent e todo o dinheiro que ele não tem. — Ela sorri. — Nenhum cara gosta de ser inferior, principalmente, no quesito financeiro.

Por dentro, quero colocar minhas mãos ao redor do seu pescoço e matá-la. Por fora, apenas curvei meus lábios em um sorriso tão falso quanto o dela e dei de ombros.

— Acredito fielmente que ele me dirá caso isso seja um problema para ele. Mas obrigada pela preocupação com meu namorado. — *E se você não sair daqui agora, vou enfiar sua carinha na privada.*

Os olhos de Stacy se estreitam, e eu me viro para encara-la de frente.

— Por que vocês, Lazzari, se acham tanto? — ela pergunta, cética. — Sério, eu gostaria muito de saber. Quer dizer, vocês passam a imagem que são humildes e tudo o mais, só que, na verdade, vocês não são, não. Você adora passar na cara das pessoas o quanto tem, que sua família tem aviões, casas pelo mundo. Seu primo? — Ela ri, mas é sem humor. — O grande Benton Lazzari não passa de um pirralho, cheio de gostos, que pensa que tem o mundo debaixo da sua bunda. Pensa que pode fazer pessoas que não tem tanto dinheiro quanto ele passar vergonha. E não é assim, Pérola. O resto de nós mortais também são seres humanos. Seu primo esqueceu que a mãe dele veio de baixo também? Dinheiro não é tudo, e Kent sabe disso.

Em parte, ela tem razão. O dinheiro não é tudo e minha família me ensinou isso desde que me entendo por gente. Ensinou ao Ben também, assim como fez com todos os filhos e netos. Mas todo esse pequeno show da Stacy é porque o Ben não quis ter nada com ela, e ele deixou isso bem claro para todo mundo.

Não faço ideia do motivo, uma vez que Stacy pode até ser uma idiota, mas ela não deixa de ser linda. Seu corpo de líder de torcida é perfeito. Tudo que sei, é que eu não gosto quando falam da minha família. Principalmente quando falam mentiras sobre ela.

Dou um passo para frente, ficando cara a cara com ela, quando digo:

— Que tal você lavar a boca para falar da minha família? Eu não sei o porque meu primo não está nem aí para você, mas posso fazer uma ideia.

Seus olhos inflamam com isso.

— Você está certa. Dinheiro não é tudo, mas estou pouco me lixando para ele, só que eu não vou deixar de usá-lo só porque você tem uma opinião de merda sobre isso. E se o Kent gosta de mim como ele diz que gosta, não vai deixar algo tão material acabar com nosso namoro. — Chego mais perto, e ela dá um passo para trás. — Ah, e só para ficar claro: eu não gosto da amizade do meu namorado com você, mas respeito a decisão dele. Eu te aconselho a ficar de olhos abertos, Stacy. Posso te mostrar o caminho para longe dele com um estalar de dedos.

Dito isso, dou as costas e saio do banheiro. Irritada. É assim que me sinto agora. É assim que Stacy Montgomery me faz sentir sempre quer falar comigo. Todos os meus nervos estão se corroendo. Fecho as mãos em punhos apertados enquanto caminho direto para o estacionamento. Eu nem me importo quando passo por algumas pessoas e elas me cumprimentam. Tudo que quero é chegar ao meu carro e ir para casa.

Chego na minha Land Rover, abro a porta traseira bufando e jogo minha mochila dentro. Bato a porta com toda força que eu consigo reunir. Então fecho os olhos e puxo o ar, tentando controlar minha raiva.

Droga. Ela não deveria me deixar assim mais.

— Pérola.

A voz grave e suave de Kent me faz tremer. Abro os olhos e encontro os seus.

— O quê? — Suspiro.

Ele ajeita a alça da sua mochila no ombro.

— Você disse para Stacy que não gosta da nossa amizade e ameaçou ela?

Ah, claro que ela foi... Cerro os dentes, toda a raiva que tentava controlar, vindo com tudo.

— Ela foi correndo te contar? Porque, sério, não faz nem cinco minutos que falei com ela.

— Ela esbarrou comigo no corredor e estava mal. Perguntei o que tinha acontecido, e ela me contou.

— Ah! Ela estava mal? — Se minha pergunta soou irônica demais, é porque ela é.

Ele olha para mim com sobriedade.

— Pérola, já conversamos sobre Stacy. Respeito que não goste dela por ela ter ficado com os garotos e...

Fico com tanta raiva que não consigo me controlar. Jogo as mãos para cima, exasperada, quando explodo.

— Estou pouco me lixando para quem ela deu ou deixou de dar, Kent! A droga da boceta é dela para que ela, e somente ela, decida isso! Eu não ligo, merda! Não é por isso que eu não gosto dela, o.k.? Não chega nem perto. Mas se você toca tanto

neste assunto, vou te contar uma coisinha sobre a sua “amiguinha” — Fiz aspas com os dedos. — Assim que entrei nessa escola, ninguém sabia quem eu era, mas ela já era um tipo de veterana. Capitã das líderes de torcida e tudo o mais. Meu sobrenome se tornou conhecido aqui, uma vez que minha prima, Mia, já estudou aqui e fazia parte das líderes de torcida. Todos passaram a me conhecer. E quando a merda da sua amiga descobriu que eu não poderia entrar para a equipe dela, nem para nenhuma outra que exigisse esforço físico, ela simplesmente começou a sessão incansável de bullying. — Sorrio com amargura. Lembrar das pessoas rindo, das garotas enchendo meu saco, ainda me causa arrepios. — É assim que ela é, Kent. Eu não fui a única, mas ela parou de mexer comigo e de inventar coisas sobre mim, como, por exemplo que eu tinha osteoporose e não podia me exercitar, depois que o pai dela ameaçou tirá-la da escola. Ele teve medo que o meu pai soubesse. Então, se você insiste em ter uma amizade com uma garota assim, fique à vontade, mio caro, como diria minha avó. Mas não me peça para fingir que aturo ela, quando não vou fazer...

Quando termino de gritar, me sinto tão esgotada, que preciso tatear até encontrar a porta do meu carro. Meu coração está acelerado. Posso sentir meu pulso forte através da veia do meu pescoço. Parece que o ar dos meus pulmões escaparam. Começo a puxar o ar com força.

— Pérola, o que está acontecendo? — Kent corre para me segurar e me ajuda a encostar no carro. Sua voz preocupada parece estar longe demais. — Merda! O que houve?

Puxo uma respiração profunda, com dificuldade.

— Tenho... E-Eu tenho... — Puxo outra respiração. — Minha bolsa... — Eu consigo acenar para a porta traseira com a

cabeça. — A bomba... Na bolsa...

Kent rapidamente vai até à porta de trás e abre minha bolsa. Primeiro o bolso grande. Ele retira tudo, às pressas, suas mãos tremendo.

— Não nesse... — Sinto meus olhos querendo virar. *Mantenha a calma, Pérola. É só manter a calma.*

Ele abre o da frente e faz a mesma coisa, jogando tudo no banco. A bombinha cai com minha carteira e com as mãos trêmulas, ela a agarra e vem para mim.

— Aqui! Achei, princesa. Tome.

Agarro sua mão e levo a bombinha para boca. Posso sentir quando o ar começa a adentrar nos meus pulmões e um alívio toma conta do meu corpo.

Com a mão livre, Kent alisa minha bochecha enquanto me ajuda a bombear com a outra.

— O.k., princesa, não me assuste assim outra vez. — Ele pede. Percebo que ele está com os olhos arregalados e a respiração entrecortada. — Não passei pela muralha de Lazzari's para perder minha namorada apenas uma semana depois.

Acabo sorrindo. Tiro a bombinha da boca e respiro com cuidado.

— Fazia tempo que não tinha uma crise dessas. Odeio quando parece que o mundo está se fechando ao meu redor. Ainda tenho a respiração trêmula, mas vai ficar tudo bem.

Ele assente.

— Vai sim. Me desculpe, o.k.? Não fazia ideia que a Stacy tinha feito algo tão horrível com você.

Balanço a cabeça.

— Não posso fazer nada se quer ser amigo dela. — Dou de ombros. — Só que eu nunca vou entender.

— Tudo bem, tudo bem. — Seus braços vêm ao redor dos meus ombros e ele me abraça com delicadeza, plantando o beijo suave nos meus cabelos. — Tudo bem, princesa. Não vamos mais falar disso. Prometo que não vou me meter mais nisso. Prometo.

17 - KENT

Estaciono a Land Rover de Pérola em frente à sua casa. Eu dirigi até aqui porque ela não estava em condições de fazer isso sozinha. E a culpa foi toda minha.

— Obrigada. — Ela diz, olhando para mim.

— Não é um problema, P. — nego com a cabeça. — Sinto muito mesmo. Não podia imaginar o que tinha acontecido entre vocês duas.

Seus grandes olhos azuis me fitam por alguns segundos, até que ela suspira e balança a cabeça.

— Você não poderia. Era para ter te contado antes, mas como eu ia imaginar que você seria o único que gostaria de ficar amigo dela? — Ela ri um pouco, em seguida, faz uma careta enojada. — Você realmente tem um coração bom, QB. — provoca, empurrando meu ombro de brincadeira.

Tento focar nos meus sentimentos agora. Eu já conversei com Stacy e, apesar de ela querer dar em cima de mim no começo, acabou que ela entendeu que comigo não vai rolar. E não é só pelo fato de que estou com a Pérola agora. Stacy é bonita e tudo o mais, mas tenho um foco no futebol, que só Pérola conseguiu desviar.

E, por incrível que pareça, eu não sou um idiota que está caindo no joguinho de uma garota psicopata. Eu já fui alvo de meninas manipuladoras na minha antiga escola, então sei bem como elas agem.

Stacy Montgomery é uma garota infeliz e seu histórico de vida diz isso por si só.

Entendo o lado da minha namorada. Entendo os motivos dela e respeito. Eu só acredito no amadurecimento das pessoas.

— Prometi para você que não vou mais me meter nisso e não vou. — Estendo a mão e agarro a sua. Os dedos gelados se encaixam com perfeição nos meus. — No entanto, vou me certificar que Stacy não chegue perto de você mais. Odiei te ver daquela forma.

— Tudo bem. — Ela anui com um sorriso lindo.

Levo a outra mão para seu rosto e me inclino para beijar sua boca. E como sempre acontece, tudo a nossa volta fica mudo, o tempo congela e os problemas evaporam.

Eu nunca me apaixonei por nenhuma garota, mas tenho minhas suspeitas de que Pérola é minha primeira.

• • •

Em casa, encontro mamãe cantarolando na beira do fogão e minha irmã logo atrás, seu rosto vermelho de raiva.

— O que está acontecendo? — Fecho a porta atrás de mim e jogo minhas chaves sobre o balcão.

Minha irmã bufa.

— Nossa mãe que é teimosa e não quer parar de cozinhar! Ela já fez cinquenta bolinhos e agora está fazendo o almoço!

Olho para minha mãe.

— O que vamos fazer com cinquenta bolinhos, mãe?

— Comer. — Ela cantarola, animada, se movendo como se estivesse dançando valsa com a colher de pau.

— Não podemos comer tanto assim. Vamos passar mal.

— Então vamos comer de forma moderada. — Ela sugere, ainda cantando.

Eu me aproximo e tento pegar a colher de sua mão, mas ela desvia graciosamente.

— Você está doente, mãe. Se cansa rápido demais.

— Kent, querido, agradeço a preocupação de vocês, mas sou grandinha e sei bem o meu limite.

— Ela quer morrer, não é? Só pode! — Minha irmã levanta as mãos e vai pisando duro para o quarto. Antes de fechar a porta, ela grita — Vou estudar, porque não aguento ver isso! Não aguento ver ela morrer desse jeito! — E, como um trovão, ela bate a porta.

Suspiro, colocando as mãos na cintura e minha cabeça cai para o lado quando volto a encarar minha mãe.

Seu ritmo diminuiu, o cenho está franzido e os olhos piscam descontroladamente.

— Ela só tem quinze anos e está com medo, sabe disso, certo?

Ela nega com a cabeça.

— Eu não estou, então ela não deveria estar.

— Como não, mãe? Você é a mãe dela.

Ela olha para mim pela primeira vez.

— Você está com medo?

Prometi a mim mesmo que nunca demonstraria fraqueza na frente dela e da Kaya, no entanto, está cada dia mais difícil de me segurar. Os dias passam e minha mãe só piora. Ela tenta nos enganar, fingindo que está tudo bem, mas ouvimos os gemidos dolorosos que ela emite durante a noite. Eu já troquei vários lençóis cheios de sangue de sua cama quando ela não está olhando.

Ela está morrendo e eu não posso fazer nada sobre isso.

Um suspiro trêmulo escapa da minha garganta.

— Estou apavorado, mãe. — Confesso.

Sua expressão se transforma em algo como pesar. Ela solta a colher e limpa as mãos no avental roxo, de cabeça baixa. O corpo magro se vira e caminha devagar, com dificuldades, até o sofá pequeno, onde se senta e cruza as mãos sobre as pernas.

— Kent, querido, sente-se aqui, por favor? — Ela dá batidinhas no espaço vazio ao lado dela.

Mesmo sabendo que isso não será nada legal, faço o que ela pede. Sento-me ao seu lado e espero ela respirar com dificuldades para começar a falar.

— Filho, estou morrendo. — Ela simplesmente diz, e meu peito se quebra em mil pedaços. A dor é tão grande, que me inclino para frente e apoio os antebraços nas pernas. — Estou partindo e nós não podemos fazer mais nada. Você não pode mais fazer nada. — Ela segura meu braço com carinho. — Ficar deitada naquela cama o tempo todo não vai mudar isso. Eu sempre fui uma pessoa ativa, sabe disso. Sempre gostei de cozinhar, arrumar minha casa, ser útil. Não me peça para ficar naquela cama, ok? É um pesadelo para mim.

Eu estava com um nó na minha garganta, então só movi a cabeça, concordando.

— E eu também não quero que você desista dos seus sonhos por mim.

Pisco para ela, surpreso.

— Do que está falando?

Ela consegue dar um sorriso fraco.

— Filho, você estuda e trabalha, e não tem tempo nem de seguir seu sonho de ser jogador profissional. Tudo isso porque não quer distanciar.

— Você e a Kaya precisam de mim.

— E você sempre estará aqui para nós duas. — Ela garante. — Mas não pare, sob nenhuma hipótese, de lutar pelos seus próprios interesses. A vida passa, meu amor, mas os sonhos não.

Assenti, engolindo em seco.

— Na verdade — Resolvo dizer para ela o que ainda não tinha contado para ninguém. —, recebi um e-mail dos New Orleans Saints. — Seus olhos adquirem um brilho curioso, e continuo. — Parece que um olheiro me viu nos treinos e nos jogos pela King. Aparentemente, gostaram de mim e do Avery, e nos querem lá.

As mãos da minha mãe cobriram a boca, os olhos explodindo de emoções.

— Ah, querido, isso é tão bom! O que você respondeu?

Neguei com a cabeça.

— Ainda nada. — O interior da minha garganta dói. — Não posso ir e deixar vocês duas aqui. E acabei de começar um namoro ótimo, mãe. Me diz qual namoro à distância deu certo?

— O namoro no qual ambos se amavam de verdade? Porque, desculpe, querido, mas você está apaixonado por aquela garota linda. Já vi você com outras, mas não era dessa forma. Com Pérola, você se transforma. Acende uma luz ao seu redor.

— Não é assim tão fácil, mãe.

— Tudo na vida é fácil, querido. As pessoas que tornam tudo difícil.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Meu peito dói só de pensar em não ver mais a Pérola. Claro, ela terá como ir me ver sempre que quiser, afinal de contas, ela tem um avião, mas não será a mesma coisa. Eu não vou acordar todos os dias sabendo que vou esbarrar com ela nos corredores da escola ou ver ela na arquibancada enquanto treino. Se eu aceitar, vou vê-la

apenas por uma tela de celular, sem tocar ou beijar, ou fazer qualquer outra coisa.

Puxando uma respiração, decido deixar de lado esses pensamentos ruins e viro para minha mãe.

— Vou dizer para eles que aceito na condição de que você e a Kaya vá comigo, como fiz aqui. Se eu disser sim, poderei te dar uma boa vida, mãe. Pelo menos pelo resto dos dias.

Mamãe levanta a mão e alisa meu cabelo como fazia quando eu era pequeno.

— Você é um menino especial, amor. Mas faça o que for melhor para você, tudo bem?

Assenti.

— O melhor para mim, é que você e a Kaya estejam bem.

Ela me puxa para um abraço apertado.

Depois que mamãe insiste em voltar para a cozinha, eu pego meu celular e envio um e-mail para o NOS com minhas condições. Em seguida, bloqueio a tela e largo o celular ao meu lado, e passo as mãos pelo rosto. Agora eu só precisava arrumar uma forma de contar para Pérola.

18 - PÉROLA

— Filha, não está esquecendo de nada? — Mamãe perguntou quando saiu do carro e veio me abraçar. — Pegou tudo que precisava?

Abracei-a com força e beijei seu rosto.

— Pela décima vez nos últimos vinte minutos? Não, mamãe, não esqueci de nada.

— Tenha dó da sua coroa aqui, certo? Você é minha única filha e ainda te considero meu bebê. E você nunca viajou sozinha antes, então é claro que vou ficar preocupada.

Não posso evitar um sorriso diante do seu drama.

— Mãe, eu já viajei sozinha antes. Lembra quando fui para a casa nova que a família da Claire comprou na Nova Zelândia?

— Sim, mas também lembro que sou amiga da mãe da Claire desde que vocês eram pequenas. Eu confiava nela.

— E que tal confiar na sua filha dessa vez?

Ela gemeu e me puxou para um novo abraço, me cheirando e apertando como se a viagem fosse por um ano.

— São só três dias, mamãe. Estarei aqui na segunda de manhã.

Enquanto estava abraçada com ela, vi meu pai dando a volta no carro, retirando os óculos escuros. Era possível ouvir os

suspiros de algumas meninas que estavam à mais de dez passos de distância.

Revirei os olhos e fui abraçar meu pai.

Ele beija meu rosto e devolve meu abraço com um carinho que só ele consegue transmitir.

— Eu não preciso dizer coisas do tipo *tome cuidado* ou *se comporte*, não é?

Balancei a cabeça negando, e sorri.

— Dezoito anos já é uma boa idade para parar com isso.

— Ter dezoito anos não significa que parou de ser minha filha, Pérola, portanto — ele toca a ponta do meu nariz e me dá aquele sorriso lindo que só ele tem. — Tome cuidado e se comporte.

Suspiro, evitando revirar os olhos para ele, mas sorrindo de volta. Bato continência, brincando com ele.

— Tudo bem, papai.

Papai olha além do meu ombro e sua mandíbula se aperta. Eu não me virei para ver o que ele viu para ficar tenso, mas eu sabia quem ele tinha avistado.

— Não sabia que Enzo estava dando folga assim, de graça, para todo mundo. Três dias são muitos dias, não? Nem tenho essa quantidade de folgas seguidas.

Dessa vez, revirei os olhos.

— Tio Enzo não deu a folga; vovô deu. Ele gostou muito do Kent e disse que essa viagem seria perfeita para ele conhecer um pouco da cidade onde o vovô nasceu e viveu boa parte de sua vida. — Empurrei um dedo em seu ombro. — E você não tem folgas, papai, porque você é um dos donos. Pode sair a hora que quiser.

Ele faz uma careta engraçada.

— Meu pai tem alguma coisa contra mim, isso sim.

— Heter é gentil e bondoso. — Mamãe se meteu, me abraçando de lado. — É diferente de ter algo contra você, o filho dele.

A careta se intensificou. Mamãe sorriu para mim.

— Não se importe com seu pai. Ele ficará rabugento assim até o dia que morrer e não puder mais tentar controlar sua vida. — Ela dá uma olhada divertida para ele, que cruza os braços com a cara emburrada. — Agora, filha, tome mesmo cuidado. Florença é uma cidade bonita, mas ainda assim, é perigosa. Não saia de perto dos seus colegas-

— Pode ficar bem longe daquele garoto. — Papai interrompe.

Sopro um beijo para ele, o que o deixa ainda mais furioso. Mamãe o ignorou e continuou.

— E me ligue o tempo todo, certo? Não conseguirei dormir sem notícias suas.

— Você sabe que lá são nove horas à frente, não é? — pergunto. Ela geme, aperreada, mas seguro suas mãos, sorriso

gentilmente para ela. — Vamos fazer assim: quando me deitar para dormir, ligo para você. Pode ser?

Ela assente, seus olhos castanhos se enchendo de lágrimas. Sorrindo, eu a puxo para outro abraço, garantindo que ficará tudo bem. Conforto ela, lembrando-a que minha avó mora lá em Florença e sua casa é há quinze minutos do hotel onde ficaremos.

— Oi.

Reconheço as duas vozes que falaram em uníssono. Claire e Kent. Meu coração dispara e eu solto meus braços que cercavam o corpo da minha mãe para vê-los se aproximarem.

Claire estava usando um cropped listrado com cores vivas, uma calça cintura alta vintage e um tênis branco. Sua pequena bolsa vermelha estava pendurada em suas costas e seus cabelos presos em um rabo de cavalo no alto da cabeça. Já Kent estava simples, com uma calça jeans, tênis adidas e uma camisa preta de mangas cumpridas, que estavam enroladas em seus cotovelos, deixando-me ver as veias por todo seu antebraço. O tecido abraçava bem seus braços perfeitos, e respirei com um pouco de dificuldade.

— Ah, oi. — Dei a eles um sorriso suave.

— Qual é mesmo seu assento no avião? — Papai quis saber de Kent. Ele tinha uma expressão de tédio, como se tivesse perguntando sobre as horas.

Kent piscou, confuso. Mas fui eu quem respondeu.

— Dez, pai. Ao lado da namorada dele.

— De repente — ele disse, erguendo os ombros. —, eu não acho essa viagem uma boa ideia.

Fiquei tentada a revirar os olhos novamente, no entanto, tive a impressão de que, dessa vez, meus olhos ficariam na parte de trás da minha cabeça, de tanto que fiz esse movimento. Mas para o ódio do meu pai, Kent sorriu, balançando a cabeça.

— Prometo me comportar, senhor.

Meu pai aponta para ele, ameaçadoramente.

— Mantenha as mãos longe.

— Sim, senhor.

— E quartos em prédios diferentes também seria uma boa ideia.

— Ai, Jesus. Pai, você agora precisa relaxar o coração, tá bem? Tia Juliet precisou ir em Londres, lembra? Ela não estará aqui para te socorrer, caso tenha outro ataque cardíaco.

— Tio Giovanni teve um ataque cardíaco? — Claire se divertiu. — Meu pai, no máximo, daria uma boa quantidade de dinheiro para o cara querer realmente ficar comigo.

Todos rimos. O pai da Claire é um pouco perturbado com seu trabalho e com as coisas que ela costuma aprontar, mas isso não quer dizer que não a ame. Ele só não vê a hora de ela se casar e ir morar em sua própria casa.

— O Callan é um bom homem. — Mamãe sorriu e a beijou no rosto. — Boa viagem para vocês. E, sério, crianças, tomem

cuidado. — Ela vem e me dá outro abraço. — Filha, não esquece de me ligar sempre.

Balancei a cabeça, concordando. Então estiquei-me nas pontas dos pés e abracei meu pai.

— Beijos. Vejo vocês em três dias. P ama muito vocês. — Digo enquanto me afasto deles com Kent e Claire, e escuto eles dizerem que me amam de volta.

...

Enquanto caminhamos no meio do corredor estreito do avião, à procura de nossos assentos, Kent, que está na minha frente, olha para trás com o cenho franzido.

— Seu pai teve um ataque cardíaco mesmo?

Anuí lentamente, meus olhos estreitos enquanto tentava checar o número de cada cadeira.

— Ele é um pouco dramático, às vezes.

— Ou sempre. — Claire cantarolou atrás de mim.

Sorri, prendendo o lábio entre os dentes, e olhei Kent nos olhos.

— Espero que quando fez a promessa ao meu pai, seus dedos estavam cruzados. Você, definitivamente, não vai manter suas mãozinhas longe de mim.

Ele deu uma risada, balançando a cabeça. Encontrou a fileira de três assentos que eram nossos e bateu no suporte de malas.

— É claro que não, coisa linda. — Ele pisca.

Claire geme atrás de nós.

— OK, estou arrependida de ter pegado o lugar perto de vocês agora.

Nós sentamos: eu na janela, Kent no meio e Claire na ponta. Ela imediatamente colocou seu tapa-olho do unicórnio e seus fones de ouvidos, mesmo que fosse proibido escutar músicas antes da decolagem. Era seu modo de nos ignorar.

Separei meu fone de ouvido, também. Os aviões da E.C.A eram equipados com tablets especialmente feitos para serem usados em voos. Meu pai pediu para coloca-los em meu avião, já que eu não podia ficar tanto tempo parada. Sempre que viajava, eu ia assistindo alguma coisa. No caso de hoje, vou reviver minha pré-adolescência e assistir Supernatural da primeira temporada pela trigésima vez. Eu até trouxe algumas coisas para comer.

O piloto começa a se comunicar e pede para todos colocarmos os cintos. Eu já tinha feito isso (costume), então apenas auxiliei Kent a ajustar seu cinto. Foi quando percebi o quanto ele parecia pálido. Suas mãos estavam geladas e seguravam os descansos de braços com toda a força que ele conseguia colocar. Uma gota de suor escorreu por sua testa e se arrastou até seu pescoço, os olhos fechados.

— Kent, você está bem? — perguntei, tocando-lhe no braço.

Ele sacudiu a cabeça, negando.

— Você nunca voou?

Ele sacudiu novamente.

— Kent — digo, suavemente. —, apenas respire ou vai ter um piripaque.

O avião começou a correr na pista para pegar voo.

— Vamos morrer! — Ele fez o negócio de sacudir a cabeça de novo. — Essa grande coisa de metal nem devia voar. Vamos cair e vamos morrer porque será bem no meio do oceano!

— Nós não vamos morrer! Você precisa se acalmar.

— Como você sabe que isso não vai cair?

— Bem, vejamos. — digo. — Primeiro, é cientificamente comprovado que a chance de um avião cair é de uma em 1,2 milhões. É mais fácil você morrer por um ataque de tubarão ou uma topada.

Ele abre um único olho e me olha desconfiado.

— E como você sabe disso tudo?

Ergo uma sobrancelha.

— Sou sobrinha da mulher que criou este avião, Kent. E quanto aos números, sou boa em matemática. — ergo os ombros. — Coisa de família e tudo o mais. Mas o que importa é você saber que não vai acontecer nada demais.

Ele pensa sobre o assunto por um instante — seus olhos ainda assustados. Ele nem soltou os descansos ainda. Mas

quando o avião realmente começa a subir, é que ele fica apavorado.

— Uma chance em 1,2 milhões ainda é uma chance, Pérola. E...

Eu o beijo. Inclino-me para o lado, seguro seu rosto com as mãos e forço meus lábios nos seus. Enfio minha língua em sua boca quando ele respira surpreso e acaricio a sua língua.

Por favor, me beije de volta para você poder relaxar. Por favor, Kent.

Arrasto meu polegar em arcos em suas bochechas, beijando-o com carinho quando ele começa a me beijar de volta.

Isso. Assim... Relaxe.

Escuto Claire resmungar, alguns caras do time zombando, mas não paro. Eu só quero beijá-lo e deixa-lo tranquilo. Só quando sinto que estamos totalmente em cima, eu o solto.

— Melhor?

Ele solta um grunhido, segura um lado do meu rosto e me puxa para beijar meu queixo.

— Muito melhor. Obrigado.

19 - PÉROLA

Pousamos em Florença pouco antes do anoitecer. Era verão, então o clima estava perfeito. Inalei profundamente e cheiro familiar logo invadiu minhas narinas, fazendo-me sorrir com as lembranças.

Eu e minhas primas costumávamos passar as férias aqui, na casa da nossa avó. Esta cidade é, sem dúvidas, um dos meus lugares favoritos do mundo inteiro.

Dou uma olhada em Kent e o vejo ainda pálido. Apesar de ter tentado de todas as formas esquecer que estava voando em um avião, ele não conseguiu. Primeiro, tentou pegar no sono, mas seu nervosismo estava dominando sua mente e não o deixou pregar os olhos. Depois, tentou assistir Supernatural comigo... Bem, não foi uma boa ideia. Eu estava na cena em que Dean e Sam, os personagens principais da série, precisavam deter um demônio em um avião, e Kent colocou os fones bem no momento em que o avião estava caindo. Acabei precisando beijar sua boca, novamente. E quando me certifiquei de que Claire estava com seu tapa-olho favorito de unicórnios e sua respiração estava lenta e tranquila, peguei a mão de Kent e trouxe bem para o meio das minhas pernas. Quer dizer, não chegou realmente lá, mas foi quase e acabou funcionando, já que ele relaxou e manteve a mão lá o tempo inteiro.

Abro um sorriso divertido para ele, mas não posso dizer uma palavra, porque o Sr. Gray se adianta, pedindo a atenção de todos nós.

— OK, pessoal. Estamos todos aqui e precisamos estabelecer algumas regrinhas. — Ele coloca as mãos na cintura

larga, realçando a sua roupa de turista americano que insiste em demonstrar. — Apesar de que a maioria já ultrapassa os dezoito anos, eu devo informar que isso não mudará o fato de que ainda são estudantes e que deverão se hospedar em quartos separados. Esse hotel é de grande porte, mas existem quartos para até três pessoas, portanto, meninos com meninos e meninas com meninas. — Ele abre um sorrisinho. — A Srta. Maxwell está com seus cartões-chaves. Se hospedem e descansem bem, pois, amanhã cedo, iremos começar nosso tour por Florença!

A sua empolgação para esse tour poderia até me animar se eu não conhecesse essa cidade de ponta cabeça. Conheço cada buraco desse lugar.

Claire e eu pegamos um quarto com Linda Reyes, uma garota legal que é da equipe de matemática. Seus cabelos são um pouco bizarros, segundo Claire. Eles são de um rosa-claro, mas chamativo.

— E aí, o que pretende fazer com o gostosão do Kent aqui na Itália? — Claire se joga deitada na minha cama.

Sorrindo, encolho os ombros.

— Ainda não sei. Ele disse que tinha uma surpresa para mim.

Seus olhos ampliam com curiosidade.

— Oh, meu Deus! Será que vocês vão...?

As borboletas em meu estômago fizeram um ótimo trabalho me deixando ansiosa, antecipadamente. Cerrei os

dentes para evitar um gritinho de empolgação quando minha amiga fez o seu ao se sentar no colchão e bater palminhas.

— Eu realmente espero que sim, Clair. Eu já tenho dezoito anos e sou doida por ele. Sem contar que logo estaremos no fim da escola e não penso que ele vai querer ir para MIT¹.

— Como assim você não sabe? Ainda não falaram sobre isso?

Dou de ombros outra vez, mas me concentro em separar uma roupa legal para poder ir jantar mais tarde.

— Não. — respondi. — Só descobri o que ele queria fazer porque foi perguntado no jantar lá na minha casa. — Sou sincera com ela. Tinha total noção de que a cara chocada da minha amiga fazia sentindo ante a isso, mas prefiro ficar se pegando com meu namorado lindo do que ficar falando sobre coisas que sei que vão me fazer mal. Sou uma pessoa ciumenta e não quero surtar com antecipação só porque, provavelmente, iremos para pontos diferentes do país.

— OK. — Claire meneia a cabeça. — Não vou discutir com você por causa de uma coisa tão... Sei lá, uma coisa que podem resolver depois.

— Resolver depois não vai fazer a sensação de perda ser menor. — A voz baixa e distraída de Linda Reyes soou no quarto, e nos lembramos que ela estava em sua cama, no canto esquerdo do quarto, lendo um livro sobre psicologia. Quando percebe que a estamos encarando, ela levanta os olhos e nos dá uma olhada meio que pensam que estou errada? — Com todo respeito, Kent McGregor é o maior gato que a King já teve como aluno. Até a Brenna Wilson, que sonha em ser freira um dia,

baba por ele. Você está certa em ser ciumenta e tudo o mais. Mas adiar o inadiável vai ser ainda pior.

Ela fecha o livro e o coloca de lado, sobre sua cama. Se levanta e vai em direção à porta enquanto eu e Claire a olhamos de boca aberta. Linda Reyes nunca havia falado mais de duas palavras com qualquer pessoa na escola.

— E boa sorte, Pérola. — Ela acena quando alcança a maçaneta, um meio sorriso de lado. — Naquilo que vocês vão... — Ela imita Claire e sai do quarto, fechando a porta.

Claire e eu ficamos paradas, encarando a porta fechada por alguns instantes.

— Eu deveria ter dito obrigada, não é?

Claire assente devagar.

— É, você deveria. E ela tem razão, se você quer saber.

...

Como amante da Arquitetura, tenho uma queda real por arquitetura antiga. Mas há um lugar em Florença que sempre me deixa com olhos brilhando e um sorriso bobo nos lábios.

Catedral de Santa Maria del Fiore.

Foi o primeiro lugar que o Sr. Gray resolveu nos levar. Obviamente, eu já estive aqui várias vezes. A primeira vez, foi com meu tio Lucca, que é um grande arquiteto renomado e, por sua vez, participou de muitas reformas de monumentos históricos

importantes nessa cidade. Assim como eu, ele é apaixonado pelo Duomo de Florença.

Logo na porta de entrada há um relógio colossal com uma decoração em pintura de um famoso pintor italiano e acertado de acordo com a hora itálica. Segundo tio Lucca, a planta do lugar é basilical, com três naves, divididas por grandes arcos, suportados por colunas monumentais. Suas decorações internas são austeras, o que torna tudo ainda mais perfeito.

— Você parece que vai babar. — Um arrepio toma conta da minha coluna com a voz rouca e divertida de Kent ao meu ouvido.

Eu me viro e abro um sorriso derretido. Ele está muito lindo com calça jeans preta, camisa branca com mangas que agarram bem seus bíceps de atleta e os cabelos espreitando para fora do chapéu preto, em sua nuca. Eu estava babando por ele desde que saímos do hotel, mas optei por seguir com Claire, uma vez que ele estava com seus amigos.

— Você tem noção do quanto você está linda? — Ele pergunta, as covinhas se mostrando com o sorriso em seus lábios.

Eu estava com um vestidinho de verão vermelho com bolinhas brancas e alças fininhas, e de tênis branco. Não tinha nada demais, no entanto, eu me senti a garota mais linda do mundo com seu elogio.

— Obrigada, razão dos meus surtos de ciúmes. — Seguro seu rosto entre as mãos e beijo sua boca. — Você está uma delícia também.

— Hum, gosto disso. — Ele me beija de volta. — Mas por que você está olhando para os lados como um católico encarando o Santo-Graal? Nunca esteve aqui?

Largo seu rosto, suspirando, e pego sua mão.

— Perdi as contas da quantidade de vezes em que estive aqui. — Confesso, anuindo.

— Imaginei. — Ele sorri. — É a cidade da sua família, não é?

Anuí novamente e comecei a nos guiar para o centro da Catedral.

— O que tem de tão especial nesse lugar? — Procura saber, olhando com cuidado para meu rosto.

Sinto vontade de ficar ofendida com sua pergunta. É um insulto ele não saber, mas eu relevo. Algumas pessoas não conhecem esse lugar, assim como muitos outros lugares importantes da Itália.

— Você quer mesmo saber a história? — Olho de lado para ele e o vejo assentindo.

— Por favor, seja minha guia aqui. Eu não faço ideia do que é essa coisa aqui.

Abro um sorriso, compreendendo seu lado. Meus dedos se apertam mais entre os seus e respiro fundo antes de começar a explicar.

— A Catedral de Santa Maria del Fiore, em primeiro lugar não é essa coisa. — Ergo uma sobrancelha para ele, que meneia

a cabeça, sorrindo em desculpa. — É o Duomo de Florença. É basicamente um templo Cristão, tipo uma sede do bispo e uma diocese. Arnolfo di Cambio, o arquiteto da catedral, quando foi encarregado do projeto, recebeu o pedido de realizar “a maior e mais bela igreja nunca construída”. E assim ele fez: cumprida 153 metros, larga 38 no ponto mais estreito e 90 metros no mais largo e altura de 86,7 metros. Foi construída entre 1296 e 1436. No entanto, a fachada só foi concluída no século XIX. — Olho para cima e aponto para ele me seguir. — Os vitrais são os maiores na Itália e essas imagens são de santos do Velho e do Novo Testamento. — Então aponto mais para o lado. — Aquele crucifixo é obra de Benedetto da Maiano. — Por fim, suspiro teatralmente e olho para Kent, que está, de fato, prestando atenção em tudo que falo. — Resumindo: Isso aqui é chamado de Arquitetura Gótica e, claro, é meu sonho de princesa. É o sonho de princesa de qualquer pessoa no mundo da arquitetura.

— Uau. — Ele assobiou, mexendo a cabeça. — Você é realmente apaixonada por esse lugar.

Sorri.

— Ah, sou mesmo. Tenho um penhasco por esse lugar. É inspiração para quem quer se formar em arquitetura.

— Estou feliz por você, Lazzari. — Ele diz. — Sério, tenho muito orgulho de você. — Seu cenho se franze e ele parece distante por um tempo.

— Algum problema? — Fico preocupada.

Ele nega, sacudindo a cabeça, então abre um sorriso maroto.

— Nada que tenha que ser resolvido agora. Você vai me mostrar outros lugares legais e muito velhos em que você é apaixonada aqui em Florença?

• • •

Depois da Catedral, Sr. Gray nos levou até o Palácio dos Medici. contei tudo para Kent sobre a incrível história e mostrei como eu ficava boba novamente com toda a arquitetura do lugar. Só em seguida, Sr. Gray nos liberou para conhecermos sozinhos a cidade, sob a condição de que precisaríamos estar no Hotel antes do anoitecer.

Então levo Kent para alguns lugares próximos que conheço, passando pelas ruas estreitas da cidade. Eu lhe dei um resumo da história de cada coisa em que passamos, como fiz com o Palácio e a Catedral, até que chegamos na ponte velha.

Larguei sua mão quando subimos, tomando sua frente, admirando o Rio Arno que está sob a ponte.

— E esta é a Ponte Vecchio ou, como os turistas costumam chamar: Ponte Velha. Foi construída ainda na Roma Antiga. E é, de longe, o lugar mais romântico de Florença. — Sorrio, prendendo o canto do lábio inferior entre os dentes. — Você precisa ver isso durante à noite, Kent. É perfeito.

— Sei de algo ainda mais perfeito. — Ele diz, encarando meu rosto de uma forma tão intensa que perdi o fôlego por alguns segundos.

Minhas bochechas queimaram e coloquei uma mecha do meu cabelo para trás da orelha.

— Kent, sou louca por você. — Confesso. Meu peito sobe e desce com violência quando as palavras saem de minha boca.

Kent vem andando até estar diante de mim. Seu grande corpo me obrigando a levantar o queixo para encarar seus olhos escuros, protegidos pela aba do boné. Seu cheiro me tira todos os sentidos e me deixa como uma poça de água.

— Vou levar você para um lugar amanhã. — Ele me diz, sua mão vindo para meu rosto. — Quero muito você, Pérola. Também sou louco por você. Completamente.

Então ele me beija. Seus lábios se chocam com os meus, macios e suaves por um segundo. Em seguida, sua mão desce para minha nuca, inclinando minha cabeça mais para trás quando sua língua adentra em minha boca e ele me suga completamente. Ele chupa, mordisca e lambe. O beijo é quente e me deixa com tanto calor, que eu tiraria meu vestido agora mesmo, aqui, no meio de todas essas milhares de pessoas sobre a ponte. Eu não ligo, só me importo agora com o que ele é capaz de causar ao meu corpo.

KENT

À noite, tomei um banho e vesti algo confortável e quente. Pode até ser verão, mas Florença é fria quando anoitece.

Marquei com a Pérola de encontrar ela na piscina para irmos jantar juntos, então pego meu celular e a carteira e desço

para o local marcado. Sento-me na ponta de uma das espreguiçadeiras e envio uma mensagem, avisando que já estava aqui.

O dia foi ótimo. Pérola me explicou cada ponto em que passamos hoje, e eu me senti como um bobo orgulhoso diante da mulher mais extraordinária do mundo. Ela é tão inteligente e inspiradora que eu simplesmente não conseguia parar de olhar e de ouvi-la.

Eu não faço ideia de como será quando eu contar sobre New Orleans, mas espero que isso entre nós não acabe nunca.

— Um dólar pelo seu pensamento.

Viro a cabeça no momento em que Stacy se senta na espreguiçadeira ao lado da minha. Seu cabelo está preso em um rabo-de-cavalo no alto da cabeça e os olhos cinzas brilham divertidos em minha direção.

— Não, espera. Deixe-me adivinhar. — Ela ergue uma palma para que eu espere, e ergo uma sobrancelha, esperando. — Pérola Lazzari e em como você enfiou sua língua na garganta dela hoje na Ponte Vecchio?

Eu sorri. Ela fez careta de enjoo.

— Tão previsíveis, os garotos... — Ela nega com a cabeça, se recostando na espreguiçadeira. — Tipo, veja seu amigo, Avery. Ele está transando com Lilly Douglas neste instante.

Notando seu tom chateado, pergunto:

— Você quer namorar Avery?

Ela nega rapidamente.

— De todo modo, todos sabem que ele é apaixonado pela Claire Bryant. — Encolhe os ombros, novamente fazendo uma careta ao citar o nome da amiga de Pérola.

— Hum. — Olho para tela do meu celular, mesmo sabendo que não há nada de interessante para se ver lá.

— Pérola contou não foi? — Stacy faz a pergunta após um minuto de silêncio. — Ela contou sobre a osteoporose e o resto?

Anuí, ainda encarando a tela do meu celular.

— Você foi má, Stacy.

Uma risada sem humor escapou de sua garganta.

— Ah, você pensa que fui má? — Ela se desencosta, e seu tom de voz me faz encara-la de novo. Seus olhos estão frios agora. — Então, ela também contou sobre como ela me esnobou quando entrou na King só porque as pessoas conheciam e endeusavam sua prima mais velha, não é? Ela contou que tentei me aproximar dela, mas ela estava muito ocupada, rindo de mim, porque o primo dela, Benton, me deu um fora? — Eu vi o momento exato em que seus olhos se encheram de lágrimas e sua voz falhou. — Ela contou o quanto o primo dela é hipócrita? Porque respeito a opinião dos outros sobre não me namorar, porque, pelo menos, eles são sinceros, mas a única explicação que o Benton me deu foi que *fiquei* com outros caras. O que é engraçado vindo dele, já que ele comeu a King inteira com apenas catorze anos. Mas a sua namorada te contou, não é? Que ela riu de cada vez em que eu me sentia envergonhada com isso, com os apelidos machistas que sua amiga, Claire, me dava

e com todas às vezes que as outras meninas ricas me criticavam porque eu não tinha dinheiro? Ela te contou tudo isso, também?

Eu sacudi a cabeça.

— Stacy, eu disse que não iria me meter entre vocês.

— Jura? — Sua pergunta é cheia de ceticismo. — Mas foi você mesmo que acabou de dizer que sou má! E sou, sim, mas sabe por quê? Porque cansei de ser o patinho pobre daquela escola, Kent. Cansei e resolvi revidar. Não me orgulho de ter espalhado para todo mundo que ela tinha osteoporose, mas participar da equipe de líderes de torcida é a única coisa da qual posso me gabar. Sabe por que fico com os garotos? É porque a cada um que se aproxima de mim, tenho esperança de que vão se apaixonar e vão querer passar por cima das ordens de seus pais de não se envolverem comigo. Vivo no meio de pessoas que foram criadas como príncipes e princesas, Kent. — Diz ela, cansada. — Ao contrário do que sua namorada pensa, eu não estou dando em cima de você; Eu só pensei que, por ser como eu, iria me entender, sem me julgar. Mas vejo que não é bem assim.

— Kent?

Olho para trás e Pérola está lá, linda, mas com os olhos estreitos sobre a figura de Stacy.

20 - PÉROLA

— Kent, podemos ir agora? — perguntei. Meus olhos estavam sobre Stacy, que tinha a cara fechada em sua espreguiçadeira.

— Claro. — Ele se levantou, guardando seu aparelho celular no bolso traseiro de sua calça, e sorriu de boca fechada. Se voltou para sua “amiga” e acenou. — Vejo você depois. — Ela revirou os olhos, mas ele a ignorou e estendeu a mão para pegar a minha.

Combinamos de jantar no restaurante do hotel. Eu havia dito a ele que eles servem um ótimo prato italiano. Sem dúvidas, o restaurante Four Seasons era um dos melhores do país.

Enquanto caminhávamos, atravessando os jardins que dão acesso ao caminho exato do restaurante, o silêncio reinou. Ele estava muito calado, e isso me incomodou. Parei de andar, obrigando-o a fazer o mesmo, e virei para encara-lo.

— O que ela disse? — cerrei os dentes.

— Pérola, não foi nada.

Larguei sua mão.

— Ah, é claro que foi alguma coisa. Escutei ela irritada. O que ela falou?

Ele suspira, parecendo cansado e passa as mãos pelo rosto lindo. Em seguida, posiciona elas em sua cintura estreita.

— Prometi a você que não me meteria entre vocês duas, e vou cumprir minha palavra. — Ele diz, firme. — Eu não me importo com o que Stacy falou. Não me importo o que vocês duas fizeram ou deixaram de fazer para se odiarem tanto. Escutei você naquele dia, e hoje escutei ela. Fim da história. Não sou um muro para ficar no meio de vocês duas.

Recuei um passo, inclinando minha cabeça um pouco para o lado. Uh. Ele estava irritado.

Seus olhos alcançaram um ponto longe, sobre meu ombro e, por um momento, pensei ver angústia neles. Eu não falei mais nenhuma palavra. Após alguns instantes, ele finalmente falou, e sua voz era esgotada.

— Não me faça de muro, Pérola. Se quer saber o que ela falou, vá lá e pergunte. Mas, se você acredita que ficar um tempo comigo, em paz, é mais importante que ir até lá e esquentar a cabeça por causa de uma briguinha idiota de menina, então fique aqui e venha comigo.

Pisquei, confusa quando sua voz adoçou e seus olhos me comeram com gula.

— Do que você está falando?

— Confia em mim?

Anuí sem hesitar.

— Me dê um minuto. — Ele pede e pega o celular em seu bolso, e começa a digitar para alguém. Um minuto depois, seu celular apita com uma mensagem nova. Ele olha a tela e então abre um sorriso para mim. Ele estende a mão para que eu pegue. — Vem comigo, linda.

Eu não posso evitar minha risada nervosa quando agarro sua mão e o deixo me guiar em direção à saída. Do lado de fora, um táxi estava a nossa espera. Kent me ajudou a entrar e entrou em seguida. Sorri com a adrenalina da corrida até aqui e viro para ele, curiosa;

— Para onde estamos indo?

— Se eu dissesse não seria surpresa.

— Pensei que a surpresa seria amanhã.

Ele me olha nos olhos e sorri.

— Surpresa, linda.

Precisei sacudir a cabeça.

— Você sabe que não poderíamos sair do hotel durante a noite, certo?

Kent pisca para mim, seu sorriso maroto me deixando um pouco zozza.

Jesus, ele é lindo demais.

— Apenas confie.

Anuí. Eu não iria rebater. Confio nele e me rebelar é uma coisa que gosto de fazer, de vez em quando. Presto atenção ao nosso percurso, e por mais que eu conheça a cidade com a palma da minha mão, o motorista está indo para uma rota desconhecida para mim. Tenho que morder a parte interior das minhas bochechas, pois minha língua está coçando para

perguntar novamente onde estamos indo. Não é possível que sou a única no mundo que não suporta ficar no escuro quando estou muito ansiosa.

Através do rádio do táxi, Taylor Swift cantava I Knew You Were Trouble, e comecei a cantarolar junto. Era uma das minhas cantoras favoritas e acabei me empolgando, elevando a voz quando ela fazia e abaixando quando necessário, enquanto olhava pela janela. Quando a música chegou ao fim, senti minha nuca queimar e me virei só para ver Kent me encarando com um brilho encantado nos olhos.

— Você canta muito bem. Só... uau! — Ele sacudiu a cabeça e assobiou. — Minha garota sabe usar a voz.

Sentindo-me estranhamente tímida, sorri e coloquei meu cabelo para trás da orelha.

Kent estendeu a mão e tocou em meu rosto, fazendo um carinhoso arco em minha bochecha com seu polegar.

— Aonde aprendeu a cantar assim?

Dei de ombros.

— Sempre gostei de cantar. É um dos poucos exercícios que posso praticar, de toda forma.

— Hum. — Ele se inclina e beija meu rosto. — Sua voz é linda demais, assim como você é.

Beijei seus lábios rapidamente.

— Obrigada.

O táxi estacionou uns vinte minutos depois, em frente ao que parece ser um Chalé, um pouco afastado da cidade. Havia algumas luzes acesas ao redor para não ficar totalmente escuro. Kent agradeceu ao motorista e pagou a corrida antes de descermos. Ele pegou minha mão e atravessamos o espaço que leva à porta do Chalé de madeira.

Olhei ao redor e gostei, apesar de não fazer ideia do que estamos fazendo aqui. O Chalé é todo de madeira e parece bastante aconchegante para uma temporada de inverno. Enquanto eu ficava encantada com o lugar e toda a arquitetura, Kent abriu a porta e nos colocou para dentro.

— Que lugar é esse? — perguntei.

— É da irmã do Avery. — Ele diz enquanto anda pelo pequeno espaço, à procura do interruptor. Quando encontra e liga a luz, ele sorri para mim. — Pedi para ele me conseguir as chaves para poder ter um momento com você. — Então abre os braços. — Surpresa!

Não pude evitar a risada incrédula.

— Você sabe que é fofo, não é?

— É, dou o meu melhor. — Ele vem, segura minha cintura e me puxa para seu corpo, abraçando-me. Sua boca está bem perto da minha quando ele fala: — Falei para você que nossa primeira vez deveria ser especial e estou fazendo de tudo para acontecer assim. Mas não farei nada hoje, se você não quiser. Apenas ficaremos aqui, curtindo um pouco do silêncio desse Chalé de gente rico.

Enlaço seu pescoço com os braços e me pressiono mais contra ele.

— Está louco? Eu quero que você faça alguma coisa hoje.
— Beijo seus lábios devagar. — Por favor, faça amor comigo. Me torne sua mulher.

Ele grunhe, fechando os olhos por um segundo. Quando os abre, há um bocado de intensidade lá e eu poço sentir algo bem duro em meu ventre. Kent abaixa a cabeça e me beija vorazmente, tirando meu fôlego, e me deixa puta de ódio quando se afasta abruptamente e aponta para mim.

— OK, garota. Guarde essa frase para me dizer mais tarde. — Ele tenta, em vão, ajeitar seu pau duro dentro da calça. Não funciona, principalmente porque ele me pega encarando o “grande amigo” e mordendo meu lábio inferior. Ele geme. — Merda. Eu preciso alimentá-la primeiro. Pare de me olhar dessa forma, principalmente porque precisamos pegar leve hoje. É sua primeira vez, Pérola. — Ele avisa.

Faço um biquinho.

— Não pegue leve comigo só por conta disso.

Kent me olha como se eu tivesse duas cabeças.

Dou risada.

— Estou brincando, lindo. Relaxe e me alimente. — Pressiono as mãos em meu estômago dolorido. — Estou realmente com fome. O que temos aqui?

— Vamos ver.

• • •

Acabou que a irmã de Avery tinha pedido para o caseiro fazer uma pequena feira essa semana e Kent fez um macarrão delicioso com queijo. Ele saber cozinhar dessa forma só o torna ainda mais atraente para mim. Ele literalmente me pegou pela boca. Estávamos sentados em dois banquinhos na pequena ilha de madeira.

— Onde aprendeu a cozinhar? — pergunto após engolir pela última vez.

Ele também acaba sua comida e descansa o garfo sobre o prato. Depois que toma um gole de água, ele responde:

— Quando minha mãe ficou doente, eu precisava fazer algo para minha irmã comer. No começo, pedíamos comida ou nossos vizinhos levavam para que não morrêssemos de fome. — Ele dá de ombros. — Então, um dia eu decidi que não iria viver o resto da minha vida dependendo dos outros. Foi quando comecei um curso bem legal chamado Youtube. Por incrível que pareça — Ele se inclinou para perto, como se fosse me contar um segredo —, lá tem vários vídeos ensinando a cozinhar.

Dei um tapa em seu braço.

— Engraçadinho.

Ele sorri, balançando a cabeça.

— O que mais sabe cozinhar?

Ele encolhe os ombros como se não fosse nada demais.

— Nada muito extravagante. Alguma coisa italiana aqui, outras coisas chinesas ali... Na verdade, sou bom mesmo em comidas brasileiras.

— Sério? — Eu realmente estava interessada agora. Fui uma vez ao Brasil, de férias com minha família e amo a culinária daquele país.

— Sério. — Ele anui com firmeza. — Em minha opinião, é a culinária mais complicada, mas o sabor vale muito a pena.

— Oh, meu Deus, vale mesmo, não é? — Tenho certeza que meus olhos estavam brilhando.

Ele ri da minha animação.

— Posso cozinhar algo para você qualquer dia.

— Eu adoraria!

Kent recolheu os nossos pratos para lavar na pia com as panelas que ele sujou para fazer o jantar. Empoleirando-me na ilha de madeira, admirei a bunda perfeita dele. Eu já podia me imaginar enfiando minhas unhas nela enquanto ele está sobre meu corpo. *Sim, vai ser bom.*

Eu nem tinha tirado minha virgindade ainda e já era uma tarada!

Ele olhou por cima do ombro e me pegou no flagra.

— Está olhando para minha bunda?

— É uma bunda bonita.

Ele sorriu, balançando a cabeça e voltou a fazer o que estava fazendo. Terminando, ele enxuga as mãos em um pano e sem dizer uma palavra, ele vem para minha frente. Ele segura

minhas pernas e as abre, ficando no meio delas. Tão perto que sou obrigada a olhar para cima para encará-lo. Então ele tocou meu rosto com delicadeza.

— Você está mesmo pronta?

Anuí, umedecendo meus lábios.

— Fale. — ele pede. — Preciso ouvir você falar.

— Estou.

Ele me ajuda a ficar de pé e me leva para o quarto. O Chalé da irmã do Avery não é muito grande. Na verdade, é minúsculo. Da sala para o quarto é um total de cinco passos, mas é bastante confortável. A cama King Size ocupa quase todo espaço do quarto pequeno.

Dentro do quarto, ele me soltou, encarou a cama por uns segundos, então, ainda de costas para mim, ele levou uma mão para trás e puxou a camisa pela cabeça. A pequena corrente prata ficava perfeita em contraste com sua pele bronzeada.

Resfoleguei e minha boca secou. Eu já tinha visto ele sem camisa antes, mas agora, aqui dentro desse quarto, nesse Chalé confortável e sozinhos, tudo ficou mais intenso.

— Vem cá, linda. — Kent estendeu a mão para minha, puxando-me com cuidado para montar em seu colo quando ele se sentou na beirada da cama.

Segurei em seus ombros e olhei em seus olhos. Meu coração bombeava com tanta força, que doía respirar.

— Você confia em mim?

Essa pergunta outra vez. Quase revirei os olhos, no entanto, em vez disso, assenti quando disse:

— Estou apaixonada por você, Kent. Então, sim, confio em você.

O clima estava um pouco pesado de tensão, então eu sugeri que foi por isso que ele não sorriu com a boca, apenas com os olhos, que brilharam com algo carnal. Sexual. Kent não fez mais nenhuma pergunta, ele segurou minha nuca e me beijou. Foi um beijo lento e intenso, que foi ficando ainda mais intenso. Sua outra mão, que estava em minha cintura, me pressionou contra sua ereção, e Jesus Cristo, era uma puta ereção. Perdi o fôlego e não foi porque nossas bocas ainda estão unidas.

Kent começa a descer pela minha mandíbula, pescoço e topo dos seios, e joga a cabeça para trás, dando-lhe total acesso. Suas mãos deslizam as alças do meu vestido pelos ombros, até ele o tecido esteja amontoado em minha cintura e meus seios estejam amostra. Meus mamilos estavam duros e apontando diretamente para ele.

Eu senti um calor atravessar meu pescoço e se concentrar em minhas bochechas, mas não por estar seminua pela primeira vez em sua frente, mas, porque eu vi o desejo cintilar no seu olhar quando os encarou. Ele literalmente lambou os lábios e rosnou baixinho.

— Porra, são ainda mais perfeitos do que imaginei. — Ele os agarrou com as suas mãos, e gemi. Ele estava medindo o tamanho e testando o peso deles, no início.

E gostei. Eu tinha seios grandes com pequenos mamilos rosa-escuros. Uma marquinha de biquíni ainda estava desenhada neles da última vez que visitei minha prima, Mia, em Miami. A sensação que desceu pela minha espinha quando Kent abaixou a cabeça e passou a língua no meu bico direito foi tão deliciosa que gemi e fechei os olhos. Eu senti o momento exato em que minha calcinha se molhou.

Kent deu lambidas demoradas nos dois peitos até que ele se descontrolou e começou a devorá-los. Sugou, mordeu e apertou.

— Kent... — Foi tudo que meu cérebro conseguiu colocar para fora. Agarrei seus cabelos, puxando os fios entres os dedos.

Ele abandona meus peitos e sobe outra vez pelo meu pescoço até minha boca. Dessa vez, o beijo é mais duro, quase violento. De repente, ele nos virou, deitando-me no colchão, e eu nem pude começar a deduzir que é um colchão confortável, porque ele me puxou pela cintura para a beirada, separou minhas duas pernas e encarou o que havia no meio delas.

Não era preciso olhar para saber que minha calcinha estava muito molhada. Eu me permiti ficar feliz e orgulhosa de mim mesma por sempre seguir dois dos melhores conselhos da minha mãe: manter uma depilação brasileira e sempre comprar lingerie sexys. Hoje, eu estava com uma branca de rendinha. Não era fio-dental porque não imaginava que viríamos para cá hoje, mas era sexy o suficiente.

Os olhos de Kent se ergueram e encontraram os meus, e pude ver, com precisão, o desejo cru neles.

— O que... — Interrompi a pergunta quando me dei conta de que eu sabia exatamente o que ele iria fazer. Assisti bastante

filmes pornô e li muitos livros eróticos para saber.

Ele estava de joelhos, no meio das minhas pernas. Era óbvio o que iria fazer a seguir.

Umedeci outra vez os lábios, minha garganta muito seca com ansiedade.

Ele vai me chupar.

— Posso? — Ele está pedindo permissão, sua voz baixa, rouca de tesão.

Anuí rapidamente.

Então prendi a respiração quando o vi abaixando a cabeça. Ainda por cima do tecido de renda, ele me lambeu bem devagar, de baixo para cima.

Ah, puta merda!

Soltei um gemido, estremecendo, desmanchando sobre o colchão. Kent afastou para o lado a calcinha e me lambeu mais, repetidamente. Ele começou a ficar mais rápido, vez ou outra, sugando meu clítoris. Estou desesperada. Eu havia lido livros onde as mulheres diziam ficar dessa forma quando seu homem estava entre suas pernas, mas, Jesus Cristo, isso ao vivo era surreal!

Eu enrijei quando, com cuidado, Kent começou a introduzir um único dedo dentro de mim.

— Shh. — Ele beija o interior da minha coxa. — Relaxa, baby. Você precisa relaxar. Eu só estou preparando você.

Assenti, engolindo em seco. Meus olhos estavam fechados com força. Fiz o que ele pediu e dei tudo de mim para relaxar meus músculos. E funcionou. Kent passou a fazer movimentos de vai e vem com seu dedo, e estava ficando gostoso. Ele desceu a cabeça apenas para dar um beijo em minha carne molhada e depois subiu outra vez para me observar.

— Me faça um favor, amor. — Abro os olhos e olho para ele, e ele pede: — Segure seus peitos para mim, uh?

Incapaz de responder um simples OK, eu, mais uma vez, fiz o que ele pediu. Agarrei meus seios e os apertei, puxando os mamilos entre os dedos, gemendo para ele.

— Porra, sim. Você está perfeita assim, amor.

Seus dedos estavam eufóricos agora, entrando e saindo rápidos. Ele voltar a me chupar, fazendo algo novo, girando e tremendo. Eu estava gemendo muito alto agora, sentindo que meu ventre ia explodir a qualquer momento.

— Kent, eu... — *Putá merda! Eu vou gozar?*

Ele parece perceber isso também, porque sua boca se torna mais voraz e acrescenta um dedo, ambos girando dentro de mim, como se estivesse à procura do ponto certo.

Apertando mais meus seios, forcei meus olhos fechados e gritei seu nome com o que presumo ser um orgasmo. Meu corpo se contorce todo, arqueando o pescoço.

KENT

Pérola ainda estava com pequenos espasmos quando parei sobre seu corpo, beijando seu rosto com cuidado. Enfiando um braço sob ela, puxei seu corpo mole mais para cima e beijei sua boca.

Seu gosto é viciante. Ela é viciante. Eu estava tão duro que doía. A beijo com força, suas mãos se entranhando em meus cabelos. Ela geme em minha boca, sentindo seu gosto na minha língua.

— Espero que você realmente esteja pronta, anjo. — digo, beijando a linha da sua mandíbula.

— Estou. — Ela geme mais.

Sorri por vê-la toda derretida. Levantando-me, eu me livro do que falta das minhas roupas e pego uma camisinha dentro do bolso. Vejo ela arrancando seu vestido e a calcinha, também. Eu estava com tanta fome dela, que nem deu tempo de tirar suas roupas de verdade. Eu abro a embalagem e desenrolo a caminha em meu pau.

Os olhos azuis deslizam até ele e, para minha surpresa, ela abre um sorriso malvado, prendendo o canto do lábio entre os dentes.

— Não faço nem ideia de como tudo isso vai entrar em mim, mas, caramba, Kent, estou muito pronta. Acabo de ficar mais molhada do que já estava.

Rosno um xingamento. Descobri que sua boca esperta me deixa muito excitado. Volto para cima dela e, mais uma vez, tomo sua boca de uma forma quase violenta. Meio que desconto todo o peso do tesão assim, já que é sua primeira vez e precisarei

tomar muito cuidado. Largo sua cabeça e, colocando a mão entre nossos corpos quentes, agarro meu pau e encontro sua entrada. Ela está certa: ficou mais molhada do que já estava.

Olho em seus olhos, sério.

— Está mesmo pronta? — Pergunto de novo. Não quero que ela faça nada que não queira.

Ela agarra meu rosto entre as pequenas mãos trêmulas, puxa minha cabeça para baixo e morde meu queixo levemente. Sua voz é completamente sexual quando ela faz seu pedido:

— Por favor, Kent, me torne sua mulher. Estou pronta, prometo.

Então, faço exatamente isso. Prendendo a respiração, começo a empurrar para dentro dela bem devagar. É impossível segurar os gemidos que escapam por entre meus lábios enquanto sigo o caminho. Ela é tão apertada, que minha preocupação vai às alturas.

Paro quando a vejo estremecer e gemer de dor.

— É só pedir e paro, Pérola.

Ela sacode a cabeça e se segura em meus ombros.

— Não. Continue. Não é tão ruim.

Anuí, engolindo em seco. Abaixei mais, apoiando-me em meus antebraços, ficando mais próximo do seu rosto. Enquanto empurrava mais para dentro, espalhava beijos carinhosos em seu rosto, tentando fazer com que não seja tão dolorido para ela. Para mim, estava sendo a melhor sensação do mundo. Levou

tudo de mim para não gozar neste minuto. Logo, eu senti o momento exato em que eu a rompi.

E ela também sentiu, obviamente. Suas unhas cravaram com força em minhas costas, seu corpo se tensionou e ela gemeu com a dor quando uma lágrima escorreu para o lado em seu rosto.

Parei na mesma hora, beijando as pálpebras de seus olhos fortemente fechados, depois seu queixo, e sua testa, e suas bochechas, e seus lábios.

— Quer parar agora? — Sussurrei.

Novamente, ela sacudiu a cabeça.

— Apenas me dê um minuto, tá bem? Eu só preciso me acostumar com essa... sensação.

— Certo.

— Droga, você tem um pau grande.

Acabei sorrindo.

— Obrigado, anjo.

Ela fica imóvel e em silêncio por uns instantes, em seguida, ela inspira fundo e expira. Quando abre os olhos bonitos, vejo determinação.

— Continue.

Ergo uma sobrancelha.

— Certeza?

— Toda certeza do mundo, amor.

Volto a me movimentar devagar, mas, dessa vez, vou mais firme. Entro e saio com precisão, beijando sua boca com intensidade. Ela é gostosa demais, apertada demais. Eu sentia, mesmo ali, naquele Chale da irmã do meu melhor amigo, que eu estava perdido.

Ela confiou em mim para se entregar pela primeira vez, e eu não posso explicar nem o começo dos meus sentimentos sobre isso. Tipo, ela era a garota mais linda e gostosa que eu já tive o prazer de colocar meus olhos e ela me escolheu. Tudo que eu podia pensar era em como quero passar o resto da minha vida com aquela mulher. Eu não fazia ideia de como seria sua reação sobre New Orleans, mas eu tinha certeza de que eu não queria deixar ela. Nunca. Ela tinha que concordar ser minha, mesmo à distância. Iríamos para universidades diferentes de todo modo.

Então, quando eu me tornasse realmente um profissional e ela uma linda e sexy arquiteta, poderemos ficar juntos e formar nossa família. Sem distâncias, sem ciúmes ou incertezas. Só nós dois em uma fodida casa que ela iria desenhar. Ela seria minha mulher, e eu estaria muito bem com isso.

Os gemidos de dores de Pérola, em um momento, se tornaram gemidos de prazer. Comecei a ficar mais rápido, mais forte.

Eu estava tão perto e precisava que ela gozasse outra vez, junto comigo. Portanto, enfiando a mão entre nossos corpos suados, alcancei seu clítoris inchado e esfreguei, masturbando-a.

— Goza, anjo.

Ela choramingou, mas assentiu frenética.

Masturbei com mais velocidade, empurrando com mais força, e ela gozou. Mais uma vez, ela cravou suas unhas em minhas costas e seu corpo convulsionou com outro orgasmo.

Sua visão gozando foi o suficiente para me fazer explodir, também.

21 - KENT

Acabamos dormindo depois de tudo.

Pérola pegou no sono primeiro, enquanto eu fazia cafuné em seus cabelos com ela deitada em meu peito. Fui logo em seguida, sentindo seu cheiro maravilhoso.

Fazer amor com ela foi a melhor sensação do mundo. Dormir agarradinho com ela foi ainda melhor. Eu senti como se ela fosse minha para sempre, e que nada nem ninguém pudesse nos separar.

Três horas depois, acordei e a convidei para um banho de banheira comigo. Nós dois estávamos precisando. Sentei primeiro e ela se sentou entre as minhas pernas, encostada no meu peito. E aqui estávamos nós, num silêncio gostoso, apenas trocando carícias.

Ela está sorrindo, brincando com meus dedos cheios de espumas. Linda demais para minha sanidade.

Beijo seu ombro molhado, meu coração muito apertado porque sei que chegou a hora e eu não posso mais adiar contar para ela. O medo de que ela não aceite toma conta do meu estômago. Fecho meus olhos por um instante, minha testa pressionada contra a parte de trás da sua cabeça. Tomando algum fôlego, falo:

— P, preciso falar uma coisa importante com você.

Ela assente, sem soltar meus dedos.

— Você pode me falar qualquer coisa.

Sem enrolar, despejo de uma vez:

— Recebi uma proposta de um time grande em Chicago, e eu disse sim.

Seu corpo enrijeceu. Ela ficou em silêncio por um tempo. Quando eu já estava prestes a pedir para que ela dissesse alguma coisa, ela soltou minha mão e se levantou, sem se importar de espalhar água para todos os lados. Ela saiu da banheira, em silêncio; pegou a toalha, em silêncio; se enrolou, em silêncio, e foi para a sala.

Fui logo atrás, amarrando uma toalha em volta da minha cintura. Encontrei Pérola parada, de frente a uma janela, com braços cruzados e encarando a noite lá fora.

— Não vai falar nada? — Tentei soar casual, mas, por dentro, estava tudo uma bagunça. Eu estava desesperado com seu silêncio. Ela não respondeu, então insisti: — Pérola, você precisa falar alguma coisa.

Eu estava parado a uns seis passos dela, mas ela virou tão abruptamente, que pude sentir daqui. Seus olhos estavam estreitos, enviando-me punhais que partiam meu coração.

— Você pensou, por um segundo, Kent, em me contar isso antes de me foder? — Certo, danem-se os punhais com os olhos; Essas palavras que realmente machucaram, não só meu coração, mas meu corpo inteiro.

Foi a minha vez de estreitar os olhos sobre ela.

— Está querendo dizer que eu... — Neguei com a cabeça, tão cético que uma pequena risada me escapou. Dei um passo em sua direção. — E se eu tivesse contado, nada aconteceria, certo? É isso que está me dizendo?

Ela jogou os braços para o alto, explodindo para cima de mim.

— Estou dizendo que você me enganou! Estou dizendo que você mentiu para mim, Kent! — Ela empurrou meu peito, berrando.

— Menti para você? — Segurei seus punhos, dobrando um pouco os joelhos para encarar seus olhos. Minha voz estava perigosamente baixa. Todo o medo que estava sentindo momentos antes se transformou em raiva. — Eu nunca menti para você, caramba!

— E por que não me contou?

— Estou contando para você agora!

— Ah, claro. — Ela puxa os punhos do meu aperto e se afasta, rindo com desdém. — Depois de me foder. Obrigada pela consideração, baby.

Eu queria recrutar. Queria gritar para ela que ela estava ficando louca. Queria sair desse lugar e quebrar alguma coisa que eu não precisasse doar um rim para pagar depois. No entanto, em vez disso, tentei engolir minha raiva. Inspirando fortemente, coloquei as mãos na cintura e olhei para ela.

— Tive um pai que nos abandonou na primeira oportunidade que teve. Tenho uma mãe que trabalhou como uma condenada para que eu e minha irmã pudesse ter tudo que

precisássemos. E ela está morrendo, Pérola. Ela está morrendo, e eu não posso fazer nada além de tentar lhe proporcionar um resto de vida melhor. Então aceitei a proposta de New Orleans, porque não é apenas meu sonho de se tornar um profissional que vai se realizar; Mas também meu sonho de dar conforto e uma casa própria para ela, em seus últimos dias. Com isso, vou poder dar tudo que ela precisa, incluindo os remédios caros que ela precisa para aliviar a dor do corpo dela, que quando bate, ninguém dorme. Os gritos dela é como os gritos de uma pessoa sendo queimada viva na porra do inferno.

Dou uma pausa e posso ver seus olhos azuis nublados de lágrimas. Ela engole em seco, mas não diz uma palavra. Estou tão cansado agora, que meus ombros caem.

— Você tem razão, no entanto. Eu deveria ter te contado antes de fazermos amor. — Em meu tom, estava claro que eu me aborreci com ela falando que a fodi. Poderia até ser, mas não dessa vez. Eu nunca dei amor para outra garota como dei para ela essa noite.

Ela ultrapassou o especial para mim, e me magoa saber que não foi assim para ela.

Pérola leva ambas as mãos para o rosto, numa tentativa de se esconder e solta um gemido frustrado.

— Não fiz isso para brincar com você. Fiz porque estou apaixonado por você e queria que essa noite fosse especial.

— Eu não quis dizer que você brincou comigo.

— Você quis. — rebati. — Talvez não intencionalmente, mas foi exatamente o que está dizendo.

Ela joga as mãos para o alto.

— Talvez eu só quisesse que você fosse sincero, Kent! Você vai para longe de mim e só me contou agora, depois de tudo que aconteceu! — Ela para, então algo se passa em sua expressão. — Ela sabe, não é? A Stacy sabe?

Foi minha vez de jogar as mãos para o alto, completamente frustrado. Por mais que eu queira me esquivar desse assunto, ele sempre volta em minha direção com uma violência sobrenatural. Eu só queria que nada disso fosse real neste momento, principalmente essa pergunta.

— Jesus, não! — cerrei os dentes. — As únicas pessoas que sabem são minha família e Avery, mas só porque ele também recebeu a proposta. — Olhei para ela, deixando-a ver que estou magoado. — Posso ter uma amizade com ela, Pérola, mas eu nunca contaria para ela sem contar a você. Isso é traição.

Uma lágrima rola pelo seu rosto bonito e tudo dentro de mim desmorona. Ver que ela está sofrendo me deixa desesperado. Meu primeiro instinto é dar um passo à frente para abraçá-la, mas não penso que ela vá querer isso, então fico onde estou.

Ela enxuga o rosto com o dorso das mãos e me encara por um tempo. Em seus olhos, posso ver a indecisão, a mágoa, tudo misturado em um redemoinho infernal.

— Só... — Ela sacode a cabeça. — Só me leva para o hotel. Eu preciso descansar um pouco.

Eu queria falar mais, fazer ela entender, porém, sabia que não era uma boa ideia. Neste momento, nada era. Então eu anuí, meus ombros caindo em derrota.

— Tudo bem. — Foi a única coisa que falei.

No táxi, no caminho de volta para o hotel, não falamos nada também. Pérola se deslocou para o outro extremo do banco e passou todo o caminho encarando as ruas escuras de Florença. Minha vontade era de pegar sua mão, beijar seu dorso, sua boca.

Porra, por que diabos fui falar logo hoje? Tudo estava tão bem. Foi uma noite tão especial, como tudo com ela é. Estávamos indo bem e, provavelmente, só iríamos para o hotel amanhã de manhã.

No entanto, eu sabia que precisava falar. Já tinha anulado demais e tenho que partir em dois meses. Quanto mais tempo você tentar tampar o sol com a peneira, maior será o seu problema. Minha mãe costumava dizer isso quando eu era criança e não queria falar alguma coisa que eu tinha feito.

Quando chegamos ao hotel, Pérola entrou no saguão na minha frente. Respeitei seu silêncio e me mantive atrás, quieto. De repente, quando já estávamos no centro do saguão, quase chegando aos elevadores, ela parou e se virou, procurando pelos meus olhos.

— Por que você não me escolhe? — pergunta, e seu tom dói. Os olhos estão vermelhos. Ela chorou no táxi?

— Pérola...

— Não. Por favor, Kent, me escolha. — Uma lágrima cai. — Eu preciso que você me escolha porque, se fizer, todas minhas escolhas daqui para frente serão você. Não importa o quê.

Dei um passo à frente, sempre encarando seus olhos.

— Você tem noção do que está me pedindo? — Faço a pergunta em tom baixo, e ela chora um pouco mais. — Se eu fizer o que você está pedindo, não vou nem para a faculdade, Pérola. Como eu poderia ir com minha mãe naquelas condições? Naquela casa? — Aponto, meu coração tão apertado que mal consigo respirar. — Se eu fizer o que você está me pedindo, e acredite, estou tentado a fazer porque está me matando ter que te ver sofrendo dessa forma, vou assistir à morte da minha mãe, gradualmente. A dor, o sofrimento dela, naquele quarto de merda que mal circula vento. — Olho bem para ela, dessa vez, sem me importar com suas lágrimas. Eu estava falando da minha família aqui, do bem-estar da minha mãe, do futuro da minha irmã. Do meu futuro.

Ela geme de agonia.

— Eu não quero que me deixe.

— Não estou deixando você. — Digo, firme. — De toda forma, iríamos para faculdades diferentes. Você estava pensando em me deixar quando escolhei a MIT?

Rapidamente, ela sacudiu a cabeça em negação.

— Claro que não!

— Pois, eu também não. É um contrato, Pérola. Uma que vai mudar minha vida. Uma que vai me dar condições de proporcionar uma vida melhor para as pessoas que amo, e isso inclui você.

Como se eu a tivesse empurrado, ela deu um passo para trás, afetada.

— Do que você...

— Então, espero que quando você vier falar comigo outra vez, tenha pensado melhor no que está me pedindo.

Saio dali com meu coração na mão. Estava tudo muito confuso. Já havia dito sim para a proposta, no entanto, o pedido de Pérola me fez hesitar. Sei que é um namoro adolescente que está apenas no começo, mas demos um passo muito importante para nós dois hoje.

Eu só espero que ela não me peça isso outra vez, pois essa é a única chance da minha família ter uma vida melhor.

22 - PÉROLA

A viagem de volta para LA não foi nada legal. Kent se sentou ao lado de Avery, umas quatro fileiras à minha frente.

Quando voltamos para o hotel, depois da nossa conversa no lobby, cada um seguiu para seu quarto, e no dia seguinte, saímos em grupos diferentes para visitar os lugares que faltavam na cidade. Não sentamos juntos no almoço, nem no jantar.

Eu quase tive um ataque cardíaco quando vi Stacy passando um celular para que ele tirasse uma foto dela. Mas relaxei quando ele balançou a cabeça em negativa, os olhos escondidos por óculos escuros, e passou o celular para Avery. Estava tão focada nele, querendo que ele olhasse em minha direção, que nem notei a reação da vaca.

Só que ele não olhou; ele deu as costas e se apoiou na parede, enquanto ouvia Logan falar sobre alguma coisa.

Sentada naquele avião, meus olhos se encheram de lágrimas e meu coração apertou. Eu sabia que tive a maior culpa nessa situação. Estou envergonhada por ter sido tão egoísta, pedindo para que me escolhesse. Era sua família e entendo perfeitamente. Eu só estava — e ainda estou — muito desesperada.

Entrando pela porta da frente da minha casa, eu já tinha um destino certo. Meu coração estava tão apertado que explodiria a qualquer momento. Abandono minha mochila no sofá, quando passo por ele e subo as escadas o mais rápido que consigo, dois degraus de cada vez, às vezes até três. Batendo na

porta do quarto dos meus pais, esperei com expectativa até que a voz suave e doce da minha mãe soou lá de dentro.

— Entre, por favor.

Torço a maçaneta e empurro a porta devagar. Enfiando primeiro minha cabeça para dentro, vejo ela e meu pai. Ela está sentada na beira da cama enquanto calça sua sandália de salto alto, e ele está de pé, em frente a um espelho, abotoando sua camisa branca. Ambos sorriem calorosamente quando me veem.

— Meu amor, entre! — Papai vira para me encarar e abre os braços para me receber quando eu adentro de uma vez o quarto.

Quando seus braços fortes me embalam, desmorono. Choro como uma bebê morrendo de fome, forçando meu rosto contra seu peito.

— Ei, filha — Sinto as mãos da minha mãe afagando meus cabelos, carinhosamente. —, o que aconteceu, meu anjo?

Soluço. Afastando-me, olho entre ela e meu pai. Enxugo meu rosto com as mãos, sem me importar com a brutalidade da ação, antes de falar.

— Mamãe, tudo bem se eu conversar com meu pai em particular?

Ela ficou intrigada, mas acabou assentindo e abrindo seu sorriso materno, pelo qual sou apaixonada.

— Claro, filha. — Ela beija meu rosto com delicadeza. — Vou preparar algo para você comer, tudo bem? Deve estar faminta.

Ela estava muito certa. Eu não consegui comer durante toda viagem, o que me surpreendeu já que eu como até quando estou triste.

Só que agora eu não estava apenas triste; eu estava devastada, quebrada por dentro.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada, mãe.

Me deu mais um sorriso lindo e outro beijo na face. Ela olhou preocupada uma última vez para meu pai e saiu do quarto, nos deixando sozinhos.

Antes que ele pudesse perguntar sobre o que estava acontecendo, subo em sua cama, já bem arrumada, sento-me contra o espelho acolchoado e puxo meus joelhos para meu peito, encolhendo-me.

Com uma cara aflita, papai sentou em minha frente e tocou minha panturrilha.

— Quer me contar o que aconteceu? — pergunta. Ele não estava surpreso por eu ter pedido por ele em vez da minha mãe. Durante toda minha vida foi assim, mesmo que ele fosse surtar em seguida.

Eu anuí devagar.

— Promete que não vai te rum infarto ou coisa do tipo? — peço. — Porque a tia Juliet não está aqui por perto, e eu não quero perder outra pessoa.

— Como assim outra pessoa?

— Me promete, pai! — Imploro. — Eu preciso te contar uma coisa, mas não vou fazer se não me prometer.

Ele estreita os olhos para mim, relutante, mas acaba assentindo. Mesmo sem nem abrir a boca, sei que ele já sabia o que sairia dela. Coisas de pais, né? Eles sabem de tudo, até as coisas que você não fala.

Eu nunca tive medo do meu pai, contrariando todas as outras pessoas que o temiam só de olhá-lo. Ele é um cara grande, com um olhar duro e um pouco irritado, no entanto, quem é da família sabe que ele, na verdade, é um homem maravilhoso e até divertido. Mas agora, algo em meu estômago estava muito apertado, apreensivo. Respirei fundo, inspirando e expirando lentamente, antes de finalmente falar:

— Bem — engulo com dificuldade. —, pai, eu e Kent... Nós... você sabe. — Aperto mais minhas pernas em meu peito. Sua expressão se torna mais severa quando ele entende o que estou falando, mas eu não paro. Conto para ele sobre tudo que aconteceu, desde o momento em que eu e o Kent tivemos nossa primeira vez até a parte em que fui egoísta demais e o pedi que me escolhesse.

Quando acabo, abaixo o queixo, apoiando-o entre meus joelhos. Estou chorando de novo, mas silenciosamente, e esperando pela sua reação.

Papai fica de cara fechada e parado por alguns segundos, me encarando com seus olhos azuis idênticos aos meus. Em seguida, ele se levanta abruptamente, assustando-me um pouco. De pé, ele coloca as mãos na cintura e começa a andar de um lado para o outro. Por fim, ele para diante do frigobar que tem em

seu quarto e agarra uma garrafinha de água, despejando rapidamente todo o líquido em sua garganta.

— Não vou citar a primeira parte. — Ele avisa, cerrando os dentes, e concordo. Ele respira fundo e volta a se sentar no mesmo lugar de antes, e seus olhos aliviam quando encontram os meus. — Filha, sinto muito ter que te dizer isso, mas você foi mesmo muito egoísta.

Concordei com a cabeça, chorando mais.

— Mas não vou jogar pedra ou culpar você. — ele continua. — Aprendemos muito com a vida, e você só está no começo dessa aprendizagem. Agora que completou dezoito anos e, por mais que odeio ver isso, se tornou uma mulher. A vida é feito de escolhas, meu amor, e, algumas vezes, até escolhemos as erradas. Seu namorado, Kent, não fez uma escolha errada, apesar de que eu queria muito quebrar a cara dele por ter te magoado. É a família dele, filha. A mãe dele precisa que ele faça a coisa certa agora. Pelo que você me disse, ela está morrendo e tudo que ele quer é dar a ela uma vida melhor antes que parta.

— Mas, pai — Enxuguei meu rosto com o dorso da mão, o que não adiantou muito já que as lágrimas não queriam parar de cair. —, eu disse pra ele que pediria para tia Juliet e para o Jax irem vê-la. Eu disse que poderia ajudar.

— E foi um gesto muito lindo da sua parte. Mas depois, filha? Você me disse que ele também se sente inferior à sua situação financeira.

Anuí.

— Então, você o ajuda, levando Juliet e Jax até lá, e ele fica? Perde a oportunidade de crescer na vida? Continua aqui em

Los Angeles, trabalhando lá na LEA para sustentar a mãe e a irmã enquanto espera você se formar na MIT, e em seguida, assiste você se tornar uma profissional maravilhosa? Porque, pelas coisas que sei sobre aquele garoto, ele não conseguirá chegar em uma faculdade, se não tem tempo de estudar porque está muito ocupado cuidando da família. Filha, vejo isso todos os dias lá na empresa. Setenta por cento dos nossos funcionários não fizeram faculdade porque precisaram trabalhar para sustentar a família. Não sou machista, você me conhece, mas, da mesma forma que uma mulher não gosta de ser financeiramente inferior ao homem, nós tampouco gostamos. Sei que seu coraçãozinho — Ele levanta a mão e toca meu peito. — está doendo agora. Porra, ele vai doer muito ainda e, infelizmente, minha vida, nem eu, nem sua mãe podemos fazer nada a respeito.

Chorando, eu me arrasto até ele e me espremo em seu peito. Ele me abraça apertado.

— Pai, o que eu faço?

Ele beija o topo da minha cabeça.

— Vá até ele, peça desculpa e diga que você vai esperar por ele. Vai ser difícil, mas quem foi que disse que a vida é fácil?

— Você acha mesmo?

— Tenho certeza, minha vida. Se você gosta tanto desse garoto, como acredito que goste, corra atrás e corrija seus erros. Não perca tanto tempo como fiz com sua mãe.

• • •

Era noite quando Patrick estacionou em frente à casa de Kent.

Após a conversa com meu pai, fui para meu quarto e me martirizei durante todo o dia, pensando em como eu viria até aqui e o que eualaria para ele. Como pediria desculpas? Papai disse tudo que eu já sabia, mas não queria aceitar. Se eu não quiser que isso acabe, preciso dar esse passo.

Saí do carro e me encolhi com o vento frio da noite. Meus olhos se estreitaram quando o vento trouxe um punhado do meu cabelo para meu rosto. Tirei-os, jogando eles para trás em minhas costas enquanto caminhava para a entrada da frente.

Fechei a mão em punho e um pouco trêmula, bati à porta de madeira escura. Minha respiração se perdeu no meio do caminho em direção à saída enquanto eu aguardava a porta ser aberta.

Ouvi passos do lado de dentro da casa e meu coração bombeou com violência quando a porta se abriu e a figura linda e quente de Kent apareceu para mim.

Pego de surpresa, ele franziu o cenho quando me viu.

— O que está fazendo aqui, Pérola? — Ele olhou sobre meu ombro, vendo o Maybach preto estacionado no meio-fio.

— Não iria conseguir dormir sem antes falar com você.

Ele olhou em meus olhos por dez segundos, então anuiu e se afastou, indicando para que eu entrasse.

A casa estava silenciosa, exceto pela televisão que sussurrava a programação local. Eu me virei no momento em que ele fechou a porta.

— Cadê sua mãe e sua irmã?

— Minha mãe queria andar um pouco na praça aqui perto, e minha irmã levou ela.

— Humm.

Ele enfiou as mãos nos bolsos de sua calça moletom.

— O que queria falar comigo?

Certo. Ele parecia um pouco chateado, um pouco cansado, e eu entendia completamente.

Enroscando um dedo indicador no outro, abaixei a cabeça e comecei a falar com ele.

— Eu queria te pedir desculpas por ter sido tão egoísta e mimada. — disse com sinceridade. Dei um passo em sua direção. — Não devia ter pedido para você me escolher quando sua família é claramente sua prioridade. Eu não quis menosprezar isso... eu só... — dei de ombros, odiando que o interior da minha garganta estivesse queimando. — Kent, sou ciumenta, possessiva e tudo o mais. Eu não suporto a ideia de você lá, sendo a estrela do time que sei que vai ser, com milhões de mulheres ao redor, implorando por sua atenção. Sinto muito por ser assim, mas é o meu jeito. Odeio saber que você vai estar tão longe, mesmo que em alguns meses teríamos que fazer exatamente isso.

— Você está se escutando? — Ele pergunta. — Caramba, fiz amor com você. Sei que errei em não te contar antes, mas tive o prazer de ser o seu primeiro, e eu não fiz isso para depois dar corda para qualquer outra. Fiz isso porque quero você na minha vida, independente de que vamos estar tão distantes.

— Eu sei. — Balancei a cabeça, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Quando se trata de Kent, sou tão emocional, que eu me odeio por isso. — Desculpe por isso. Eu surtei porque estou apaixonada por você. Também te quero na minha vida e odiei ter brigado com você. — Chego bem perto dele. — Fiquei apavorada, Kent. Parece que tudo se tornou mais intenso depois que fizemos amor. Sinto isso sob minha pele. Estou com medo dessa mudança, mas estou feliz por você ter recebido um convite tão promissor. Eu só espero que consiga me perdoar e que não se arrependa de mim.

Quando ele não faz nada além de me olhar de volta, suspiro, limpando as lágrimas e meus ombros caem quando dou a volta nele para ir até à saída. Mas estremeço quando sua mão agarra meu antebraço e ele me puxa para um abraço apertado.

— Está brincando comigo? — diz ele em meu ouvido. — Eu nunca vou me arrepender de você, Pérola. — Ele segura meu cabelo quando enfio o rosto em seu pescoço, sentindo seu cheiro delicioso. — Você acha mesmo que eu não estou louco de ciúmes, também? Você é linda para caralho e gostosa ao extremo. Não dá para simplesmente ignorar sua presença. Sem contar que é a garota mais inteligente que conheço. Terei um bocado de cabelos brancos até que a faculdade termine e você possa ficar comigo todos os dias.

Beije seu pescoço e levantei a cabeça para olhar em seus olhos.

Ele me beija devagar, saboreando, mordiscando. Sua língua passa pela minha boca, tornando tudo mais quente e elétrico. Agora tudo parece mais intenso. Meus mamilos têm vidas próprias e o espetam, implorando por sua atenção e minha calcinha alaga com seu toque.

Estou ardendo de desejo por ele. Minhas mãos se infiltram em seus cabelos, e as dele descem pelas minhas costas, alcançando minha bunda. Gemo em sua boca.

— Quanto tempo para sua mãe voltar?

— Uns trinta minutos. — Sua boca desce em meu pescoço, onde ele chupa a pele.

— Você acha que-

— Eu não preciso de tudo isso, amor.

Afastando-o pelos ombros, olhei para ele.

— Camisinha?

Seu sorriso foi malicioso.

— Lá no meu quarto.

Encaixando as mãos sob minha bunda, ele me puxa para cima, fazendo-me cruzar as pernas ao redor de sua cintura, e me leva para seu quarto. É um quarto pequeno, mas quem se importa com isso agora? Há necessidades aqui. Me soltando sobre a cama, assisto ele se livrar de sua calça de moletom, seu grande e lindo pau me cumprimenta com um olá. Rapidamente, retiro meu vestido e minha calcinha, e que se dane o sutiã!

Ele desdobra uma camisinha, que ele pegou na gaveta, em seu pau e, no minuto seguinte, ele estava empurrando em mim com cuidado.

Ofeguei, segurando seus bíceps. Não dói como da primeira vez, mas ainda incomoda um pouco. Mas Kent, como era de se esperar, teve esse cuidado, esperando um momento até que eu dissesse para prosseguir. Quando fiz, assentindo, ele começou a me penetrar. Seu ritmo aumentava com o tempo. Eu estava gemendo descontroladamente. A sensação agora era ainda mais magnífica que a da primeira vez.

Enfiando minhas unhas nos braços de Kent, mexi meus quadris de encontro aos dele. Puta merda. Era tão malditamente bom que meus olhos estavam revirando. Os sons selvagens que saíam da garganta de Kent eram ainda mais estimulantes.

Abaixando sobre mim, ele me beijou quando aumentou a velocidade da penetração.

No próximo segundo, nós dois gozamos, gritando nossos nomes. Eu me mantive agarrada a ele, enquanto nossos corpos ainda estavam sofrendo espasmos. Kent ainda estava me penetrando devagar, diminuindo, até que parou e encostou a testa na minha.

— Pérola — ele respirou com dificuldade. —, estarei lá, mas será por você também.

Assenti, estendendo a mão para seu rosto suado.

— Eu sei.

— Quando eu for até seu pai outra vez para pedir sua mão em casamento, quero fazer isso sendo alguém na vida.

Novamente, assenti, minha garganta voltando a arder com lágrimas.

— Eu sei.

— Eu não deveria, mas estou apaixonado por você. Viciado agora. — Ele ri um pouco.

— Tudo bem. Eu também estou apaixonada por você. Prometo ir te visitar sempre que puder. Tenho a porra de um avião, afinal.

— Seria muito bom.

Estico meu pescoço e planto um beijo casto em sua boca.

— Vou esperar por você, meu amor.

— Obrigado. — Ele me beija de volta. — Estarei esperando por você, também.

2º FASE

23 - PÉROLA

Acordei com o som de mensagens chegando em meu celular. Resmunguei, me espreguiçando e odiei perceber que não era a minha cama. Senti algo pesado passando pela minha barriga e não precisava abrir os olhos para saber que se tratava de um braço.

O braço de Jacob. Legal.

Abri meus olhos quando as mensagens não pararam e tateei pelo criado-mudo até que encontrei o aparelho. Coloquei minha digital e a tela desbloqueou e fui direto para as mensagens. Claire. Havia uma sequência de mensagens da minha melhor amiga.

Claire: Bom dia, flor do dia!

Claire: Por favor, me diga que já acordou?

Claire: Hoje será um grande dia e você precisa estar pronta. Sabe disso, não é?

Claire: Pérola Lazzari

Claire: Não me importo se você é ou deixa de ser uma arquiteta fodona. Vou bater em sua bunda grande se não me responder em um minuto.

Claire: PÉROLA!

Claire: PÉROLA!

E as outras dez mensagens são só do meu nome e um bocado de emojis com carinha de raiva.

Sorri, ciente de que ela estava roendo as unhas. Claire nunca foi muito ligada nas coisas, mas quando ela fazia, ficava furiosa quando alguém não retribuía. Então a respondi.

Pérola: *Acabei de acordar. Se acalme um pouco.*

Claire: *Como se fosse possível!*

Claire: *Esteja no Henry's em uma hora.*

Revirando os olhos, bloqueio o celular e faço um esforço para empurrar o braço de Jacob de cima de mim. Ele resmunga algo, e ignoro e me levanto, sem me importar com minha nudez completa. Não seria a primeira vez que Jacob me veria nua e, provavelmente, não será a última.

Eu estava em um hotel, há dez minutos do meu apartamento. Eu e Jacob concordamos de não estabelecer um relacionamento sério agora. Só fazia um ano e meio que acabei com Kent McGregor e isso acabou com meu desejo de querer um relacionamento e até mesmo da minha capacidade de confiar em alguém a esse ponto. Então, quando começamos a sair, resolvemos reservar esse quarto de hotel. Foi uma sugestão minha, uma vez que fazer sexo na minha casa ou na dele não era uma possibilidade para mim.

Fui até o banheiro bonito do hotel, liguei a torneira e joguei um pouco de água no rosto. Eu precisava passar no meu apartamento para um banho e roupas limpas antes de ir encontrar com Claire. Não sabia realmente o que fará esse dia ser grande como ela disse, mas fazia uma pequena ideia.

Há algumas semanas, os sites de celebridades estavam explodindo com as notícias de que os garotos de ouro da NFL assinaram com um time de LA, e que estariam aqui muito em breve, mais especificamente no dia dez e novembro. Mais especificamente ainda, hoje. Rolando mais a tela do meu MacBook, encarei o rosto irritantemente lindo de Kent. Ao seu lado, estava Avery Dawson.

Eu ainda estou em um processo para esquecê-lo, então fiz de tudo para não dar importância a isso. Mas veja, fiquei desesperada ao saber que ele ficará tão perto de mim. Enquanto estava longe, tudo estava bem, porque eu não precisava me preocupar em esbarrar com ele por aí. Agora, tudo vai mudar. E conhecendo Kent McGregor como conheço, ele não vai fazer esforço algum para me evitar.

Pego um pouco mais de água da torneira e molho minha nuca, suspirando. Se eu fechar os olhos agora mesmo, ainda posso sentir as mordiscadas que ele costumava dar em meu pescoço, seu toque, seu beijo. Só de pensar, meu corpo se ascende inteiro. Uma olhada em meus peitos através do espelho, posso ver meus mamilos duros e prontos para atenção.

Argh.

Maldito Kent McGregor!

Voltando para o quarto, visto a roupa em que estava na noite passada e sento-me em uma poltrona ao lado da cama para calçar minhas sandálias. Cronometrei meu caminho na cabeça enquanto fazia isso. Minha casa ficava há 20 minutos do Henry's, então daria tempo o suficiente para ir até em casa, tomar um banho e depois seguir para meu encontro com Claire.

Eu já estava colocando meu brinco quando Jacob se remexeu e abriu os olhos de forma preguiçosa.

— Aonde vai? Não temos que estar no trabalho até às onze.

Abri um sorriso para ele, pendurando o outro brinco.

— É, mas tenho que me encontrar com Claire antes disso. E ainda tenho que passar em casa e tomar um banho.

Ele envia seus olhos verdes pelo meu tipo recém-vestido, e eles brilham quando chegam em minhas pernas.

Sorri, satisfeita, apesar de que meu corpo não reconheceu agora. Não como ontem à noite. Minha cabeça estava lotada de Kent McGregor para reagir ao olhar faminto de Jacob agora.

— Você sabe — ele começa, colocando as mãos atrás da cabeça. Isso fez seu peito bonito esticar mais. —, podemos parar com essa coisa de hotel o tempo todo e começarmos ir para meu apartamento... ou para o seu. Assim, você vai precisar sair às pressas para tomar um banho e trocar de roupas.

Sorrindo, alçando minha bolsa e começo a verificar se tudo está lá dentro.

— Gosto de sair às pressas para tomar banho. — Verificado, fecho-a. — Além do mais, gosto do hotel. Não vamos estragar isso por enquanto, tudo bem?

Contragosto, ele assentiu.

— Ok.

— Ótimo. — Soprei um beijo para ele. — Nos vemos daqui a pouco então.

— Mal posso esperar, baby.

Ofereci um sorriso por cima do ombro para ele enquanto caminhava até a porta.

...

Cheguei ao Henry's cinco minutos adiantada. Para minha sorte, não encontrei ninguém conhecido em meu caminho para me atrasar com conversas sem pés nem cabeças — como minha vizinha de baixo, Lancy, com seus oitenta anos, que insiste em me parar no lobby do prédio ou bater bato no elevador sobre como suas orquídeas fazem bem a ela. Ou como seu cachorro Toby a ajuda a superar a morte de seu esposo, Mike.

Sentei-me de frente para minha melhor amiga enquanto ela digitava em seu iPhone e sorria bobamente.

— Por favor, me diga que sabe que dia é hoje. — Ela vai logo implorando, deixando o celular de lado para me olhar com expectativa.

Finjo demência.

— Hum, não. Não faço ideia, Clair. Eu nem sabia que você estava em Los Angeles. Quando chegou?

— Faz umas duas horas. Precisei passar no escritório antes de vir aqui. Liguei para seu apartamento, mas Teresa disse

que não havia passado a noite lá. — Ela pra e me olha. — Onde estava aliás?

— Não importa.

Ela estreita os olhos.

— Estava com o tal do Jacob, não é? — Sua voz é acusatória. — O engenheiro novo da LEA?

— Não importa. — repeti entredentes.

Claire sorriu genuinamente. Ela me conhece muito bem.

— Tudo bem, bombomzinho. A propósito, hoje é o dia em que Avery e Kent estarão de volta.

Eu já sabia, mas isso não impediu que meu coração desse um mortal acrobático, como se estivesse em uma Olimpíada. Para disfarçar minha reação, acenei para uma atendente com sorriso gentil e pedi um café extra quente e com bastante leite. E, claro, algumas rosquinhas. Eu realmente precisava comer alguma coisa.

— Então — limpei a garganta. —, como estão as coisas entre você e Avery? — tentei mudar de assunto.

Claire e Avery estão juntos desde o final do ensino médio. Em uma das minhas viagens para visitar Kent, ela foi comigo e acabou acontecendo. Eles acabaram de noivar, e esse é um dos motivos que fizeram o Avery assinar com o time Californiano.

— Tudo certo. — Ela riu, balançando a cabeça. Obviamente, ela sabia o que eu estava fazendo. — Estou procurando um apartamento maior para nós dois enquanto

quebro minha cabeça descidindo qual será a decoração da nossa casa em Bel Air.

— Seu apartamento é gigante, Clair.

— É, mas é completamente a minha cara. Quero que seja algo nosso.

— Hum.

— Agora pare de se fazer de tonta e fale.

O meu pedido chegou e agradei, devolvendo o sorriso gentil de Carina, como indica seu crachá. Bebo um pouco do meu café e chacoalho a cabeça para Claire.

— Falar sobre o que exatamente?

Se olhar matasse, eu seria assassinada neste instante.

— Sobre o que você ama evitar.

— Não estou evitando nada, Claire. Às vezes, só não quero tocar no assunto.

— Besteira. Você é medrosa e tem razão em ser sobre isso. Terminou um relacionamento lindo devido a uma intriga boba, que deveria ter acabado com o final do ensino médio.

Foi minha vez de estreitar os olhos para ela.

— Eu não terminei por conta de uma intriga, sabe disso. Então, agora tudo está bem entre você e Stacy Montgomery? — desafiei.

— Com certeza, não. — responde sem pensar. — Ainda não suporto ela, mas não quer dizer que vou acabar meu noivado só porque um ‘blog’ de merda começou a espalhar uma nota dizendo que ela está tendo um relacionamento com Avery. Ela é apenas sua fisioterapeuta.

Aponto um dedo acusatório para ela.

— Mentira. Você surtaria, sabe disso. E eu não terminei meu namoro por conta disso.

A razão real para o término do meu relacionamento apenas eu e Kent sabíamos. Conversei com ele e expliquei que ainda estava muito imatura para continuar em um relacionamento assim, a distância. Antes de me firmar nisso, eu precisava amadurecer e encontrar confiança o suficiente para aguentar notícias ridículas e todas as mulheres caindo em cima dele. Não era fácil para uma garota insegura manter isso tão distante assim. Na verdade, no começo eu só queria um tempo. Kent concordou quando viu que eu não ia desistir. Então, com o passar dos meses fomos nos afastando mais. As mensagens cessaram, assim como as ligações. E, no fim, as notícias dele saindo com modelos e celebridades explodiram.

— Sim, surtaria. Quem não? Sou ciumenta e não posso fazer nada com isso. — Ela encolhe os ombros. — Mas, em vez de apenas terminar e não querer mais olhar para cara do meu homem, eu iria até lá e pediria uma explicação.

— Ah, e ele falaria a verdade? — Soo sarcástica.

— Se ele nunca me deu motivos para duvidar da sua palavra, sim, acredito que ele me diria a verdade. — Ela bebeu de seu próprio café. — Amiga, a primeira coisa em um relacionamento é a confiança, e a segunda é a conversa. Você se

precipitou em acabar seu relacionamento sem dar uma chance de ele se explicar. Então, não vem com essa de não querer tocar no assunto.

Suspirei em cansaço. O motivo de não contar para Claire a verdadeira história era justamente esse. Ninguém — além dos meus pais — poderia entender meus medos.

— Me chamou aqui para falar sobre isso?

Claire estalou a língua no céu da boca, negando com a cabeça.

— Na verdade, não. Só quero sua ajuda para encontrar um bom apartamento. Mas é sempre bom lembrar que estou certa o tempo todo.

...

Às onze em ponto, atravessei as portas de aço do elevador no andar do meu escritório. Soprei um beijo para meu tio Lucca, que estava em sua sala de paredes de vidro, resolvendo alguma coisa no telefone, antes de ir para minha sala.

— Bom dia, Gemma. — cumprimentei minha secretária, que já estava de pé, me esperando com seu tablet em mais.

— Bom dia, srta. Lazzari... Quer dizer... Pérola! — ri nervosa, então repete com mais calma. — Bom dia, Pérola. Como passou a noite?

Ofereci um sorriso para ela, estendendo a mão para apertar de leve seu braço ao passar por ela.

Gemma tinha mais ou menos minha idade, talvez só um ano a menos. Faz apenas uma semana que está trabalhando comigo, mas ainda tem problemas de ficar diante de mim ou de qualquer pessoa da minha família. Seu rosto bonito rapidamente se torna vermelho um de nós chega por perto — principalmente quando tio Lucca dirige a palavra a ela. A coitada fica à beira de um infarto quando isso acontece.

— Minha noite foi... — pondero um pouco, meneando a cabeça. — produtiva, vamos dizer assim. E a sua?

Ela sorriu.

— Passei a noite tentando deixar sua agenda em ordem. Não que já não estivesse em ordem, claro. — Ela se apressa a dizer, atropelando as palavras. — No entanto, o seu tio Enzo, me passou uma nova reunião para você, então precisei refazer tudo para encaixar ela aqui. — aponta para seu tablet.

Ao entrar em minha sala, abandono minha bolsa sobre minha mesa e coloco as mãos na cintura, franzindo o cenho.

— Uma reunião nova?

— Isso. — Gemma assente tão firme que seus cabelos loiros veem para seu rosto com o movimento.

— Com quem é a reunião?

Ela dá uma olhada no tablet.

— Deixe-me ver. Humm, aqui! É uma reunião de trabalho com Kent McGregor para a reforma de seu novo apartamento. — Meu coração parou no meio de uma batida ao escutar o nome, mas Gemma não pareceu saber disso, porque seus olhos se

arregalaram após uns segundos e ela me olhou com euforia. — Oh, Deus! Este é o mesmo Kent McGregor da NFL?

Me senti enjoada, então pressionei minha palma sobre a área do meu estômago.

Não. Não. Não.

— Meu tio mandou isso pra você? — Perguntei.

Ela assentiu.

— Estou dizendo: nem sequer dormi para arrumar sua agenda.

Enxuguei o suor imaginário da minha testa. Não acredito que tio Enzo apenas jogou o trabalho para mim.

— Ele está aí?

— Acredito que esteja em sua sala.

Anuí distraída e passo por ela, em direção à porta. O som dos meus saltos contra o mármore do chão era como uma música irritante enquanto caminhava para o escritório do meu tio. Não sabia dizer se estava com raiva ou apenas desapontada. Ele é da minha família, certo?

Bati duas vezes antes de empurrar a porta aberta. Visualizei ele não em sua poltrona, por trás da grande mesa de vidro. Os cabelos grisalhos estavam bem penteados e os olhos azuis-claros sorriram quando o entrei.

— Kent McGregor, tio? — soei amarga.

— O que tem ele?

— Como assim *o que tem ele*? O senhor sabe exatamente o que tem.

Ele me olhou com tranquilidade.

— Lembro-me de você ter dito que, *apesar de tudo, estava muito bem*. E que queria que tratássemos Kent normalmente. No entanto, querida, se quiser, posso passar o trabalho para outra pessoa.

Contrariada, sacudi a cabeça. Quando terminei o namoro, meus tios e meu pai queriam ir até New Orleans e assassinar Kent, então pedi que não fizessem e fingi que tudo estava bem. Tentei explicar que era um tempo que eu precisava e que era para acontecer. Funcionou muito bem, pelo visto.

— Não, tudo bem. — Sentindo-me enjoada demais, levei uma mão à testa. — Mas quero Jacob comigo.

— Ele não pediu um engenheiro.

Enviei um olhar para ele, que implorava para que ele não me negasse isso. Se tivesse que passar por essa tortura, não queria passar sozinha.

Tio Enzo ergueu as mãos, se rendendo.

— Ok, querida. Leve o Jacob com você, mas terá que convencer McGregor de que ele precisa de um engenheiro. Eu te amo demais, sabe disso, mas ele se tornou um dos maiores clientes da LEA.

Fiz careta.

— É apenas uma reforma de um apartamento, tio.

— Uma reforma milionária. — ele corrige.

— Humpf. Besteira. Você não liga pra essas coisas.

Eu conhecia bem minha família, e dinheiro nunca foi uma coisa que eles valorizam tanto assim.

Tio Enzo me deu seu sorriso carinhoso, balançando a cabeça.

— Apenas faça ele concordar, P. Faz parte do contrato.

...

— Então, como ele é?

A pergunta casual de Jacob me puxou de meus pensamentos depressivos. Ergui a cabeça e peguei seus olhos verdes ansiosos sobre mim. Levou cerca de trinta segundos para reformular a pergunta em minha cabeça e entendê-la. Dei de ombros, tentando soar desinteressada.

— Alto e... normal. — *E completamente lindo, atraente, gostoso, a personificação da perfeição, se você quer realmente saber.*

Jacob me olhou de forma engraçada.

— Você está estranha, Pérola. Pensei que vocês tinham acabado amigavelmente.

— E acabamos. — *Ou foi o que pensei. Bem, ele me mostrou que não foi bem assim.*

Eu pego um Twizzlers Strawberry e o enrolo em meu dedo. Estava nervosa, então eu precisava de algo para mastigar.

— Humm, ok. — Jacob ri, alargando o peito. — Bem, espero que ele me aceite no trabalho. Vai ser irado trabalhar para o menino de ouro.

Ele está tão animado, que pensei muitas vezes e me segurei para não falar nada do tipo “*Se Kent ainda é o mesmo de sempre, ele vai querer matar você por estar comigo. Mas, quem se importa, não é? É o menino de ouro!*”. Em vez disso, eu fingi empolgação.

— Éhh, irado!

O apartamento de Kent era muito bonito, com uma arquitetura moderna, grande e elegante. Não tinha móveis ainda, mas ele se tornou rapidamente muito apertado quando encontramos Kent no meio da sala.

Ele estava de costas para nós, com braços cruzados sobre o peito, enquanto ria de alguma coisa que Stacy disse. Já ela, estava sentada em um dos três degraus que nos levava para a área da cozinha. Seu sorriso foi sumindo quando seus olhos cinzas encontraram os meus.

— Acho que essa é minha deixa. — disse ela, se levantando.

Kent se virou para saber do que se tratava e travou. Nossos olhares permaneceram pausados um no outro por tempo

demaís, até que limpei a garganta e pressionei os lábios juntos, desconfortável.

— Bom dia. — Era a única coisa que poderia sair da minha boca agora.

Mas Jacob tinha o que falar. Ele se aproximou de Kent com um enorme sorriso de fã e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Olá, Sr. McGregor. Sou Jacob Ernest, engenheiro da LEA, e estou a seu dispor.

Ótimo.

Com toda educação, Kent aceita sua mão, mas seus olhos ainda estão queimando sobre minha pele.

— Obrigado, Jason, mas não lembro de pedir por um engenheiro. — ele trocou o nome de propósito.

— Uma reforma não é feita apenas com um arquiteto, e você sabe disso. — Eu disse, entredentes.

Stacy, que ainda estava de pé ali por perto, ergueu as mãos como se tivesse se rendendo e sorriu, divertida.

— Ok, isso vai ser divertido. — Ela volta a se sentar no degrau. — Vou ficar e assistir um pouco. — Ela pisca para Jacob, realmente se divertindo. — Vai querer pipoca, parceiro?

Kent ignorou e cruzou os braços.

— Não vou pagar por algo que não pedi.

Dei de ombros.

— Então vai pagar por nada, porque se Jake não ficar, eu não fico.

Só quando fechei a boca, foi que percebi o grande erro que saiu dela. Pude ver, na forma em que os olhos escuros de Kent se alteraram, que ele soube do meu lance com Jacob. Um que parecia um sorriso de hiena brincou em seus lábios deliciosos.

— Bom saber, P. — meneou a cabeça devagar. — É muito bom saber.

Meu coração parecia que ia sair pela minha boca a qualquer momento.

Jacob olhava entre nós dois, como uma criança no meio de uma discussão de adulto na qual ela não entende nada.

— O que é bom saber?

Kent ofereceu um sorriso para ele, que claramente gritava babaca e bateu — com mais força que o necessário — em seu ombro, num gesto de camaradagem.

— Vamos trabalhar, Jason?

24 - PÉROLA

— Então — assumi meu lado profissional. Tanto quanto eu odiava estar aqui, eu amava meu trabalho, então eu faria de tudo para exercê-lo bem. Não importava se o cliente era Kent McGregor. —, pelo projeto vi que você quer algo mais radical.

Kent anuiu. Estávamos ainda na sala de estar, mas agora Stacy não estava mais e ele estava em cima, com os quadris contra a ilha da cozinha e de braços cruzados. Sua expressão estava séria, e, mesmo de longe, conseguia ver a cada vez que sua mandíbula se tornava rígida — era sempre que Jacob falava ou chegava perto de mim.

Bom.

— Tem alguma ideia do que fazer? — Jacob questiona. Se ele está ciente do ódio do seu ídolo por ele, não demonstra.

Olhando diretamente para mim, Kent respondeu com frieza.

— Confio na Lazzari.

Isso foi como um soco no meu estômago. Mudei meu peso de perna. Ele só costumava me chamar pelo sobrenome quando estava muito puto comigo.

— Você precisa ter alguma ideia do que quer, Kent.

— Eu tenho. — ele disse e era óbvio do que se tratava.

Minha boca ficou seca.

— Kent-

— Apenas faça do seu jeito, Lazzari. — Ele cerrou os dentes. — Você é a arquiteta aqui. Torne as coisas mais modernas e mais digital. Não sei, finja que está fazendo algo para você, pra variar.

— Como é que é? — Eu não o enxerguei direito quando ele cuspiu as palavras na minha cara. Ele está insinuando que eu...? Eu estava prestes a rebater quando seu celular tocou.

Ele puxou o aparelho do bolso e atendeu. Só quando a outra pessoa falou, ele desviou os olhos de mim.

— Eu disse que estarei disponível amanhã. Estou no meio de uma coisa. — Ele parou e escutou, totalmente concentrado. — Aham. — assentiu, contrariado. — Ok, Pierce. Estarei aí em quinze minutos. — Quando desliga, tenho pena da tela do seu iPhone, que correu risco de rachar com a violência em que ele a pressionou. — Posso ver você depois de amanhã e você me mostra o que resolveu?

Sacudo a cabeça, mas minha vontade era de voar até seu pescoço e estrangula-lo.

— Claro que não. Temos que resolver isso, Kent. Eu não faço ideia do que você espera que eu faça.

— Faça o que achar melhor. — Ele pesca um cartão-chave em seu bolso e me entrega. — Fique a vontade para vir quando quiser. Não tenho nada em mente, só quero que seja algo legal para Kaya. — Ele segura meus olhos e, pela primeira vez desde entrei aqui, eles estão suaves e sinceros. — É uma surpresa para ela e ela gosta de você.

Isso mexeu comigo. Eu também gostava muito da sua irmã mais nova. Nossas conversas fazem muita falta.

Assenti, olhando para o cartão na palma da minha mão.

— Tudo bem.

Ele moveu a cabeça e olhou para Jacob.

— Vejo você outro dia, Jason. — diz, antes de passar por mim, me afogando com seu cheiro maravilhoso.

As borboletas em meu estômago estavam agitadas agora com toda a saudade. Eu costumava ficar em uma de suas camisas quando estava em Chicago com ele, só para sentir seu cheiro enquanto ele não chegava em casa.

— Você está bem, P? — A voz preocupada de Jacob me puxou dos pensamentos melancólicos.

Neguei com a cabeça, abrindo um sorriso para ele.

— Sim, obrigada. Vamos ver o que podemos fazer aqui?

O apartamento era gigante, então levamos um tempo para refazer toda estrutura com alguns novos detalhes que acrescentei em meu AutoCAD. Quando terminamos, já estava na hora de irmos.

Eu não voltei para o escritório. Estava exausta e merecia algumas horas em minha banheira. Dirigi até meu próprio apartamento e foi exatamente o que fiz. Preparei a banheira com os sais de banho que eu tinha e enquanto refrescava, abri uma garrafa de vinho.

Enchi uma taça e bebi um pouco enquanto checava minhas mensagens e e-mails. Depois de responder alguns, ainda de pé na cozinha, peguei a garrafa e minha taça e levei para o banheiro comigo. Lá, as coloquei sobre a pia de mármore para poder me livrar das minhas roupas. Em seguida, conectei meu celular no sistema de som e Dangerous Woman começou a soar na versão de SoMo, deixando-a ainda mais sexual.

Então peguei minha taça e entrei na banheira. Meu corpo todo relaxou com o contato com a água morna. Foi como se algo muito pesado tivesse sido arrancado das minhas costas. A minha cabeça doía como se eu tivesse trabalhado muito duro hoje, quando tudo que fiz foi ter um encontro rápido com o único homem que é dono do meu coração.

A voz de SoMo era tão erótica que, ao fechar meus olhos e apoiar a parte de trás da minha cabeça contra a borda da banheira, meus pensamentos me guiaram até o lugar em que eu não queria ir. Lembrei do quanto Kent havia mudado em quase dois anos.

Ele parecia mais alto, mais esculpido. Estava mil vezes mais bonito que da última vez em que nos vimos. Seu sorriso, ele ainda continuava o mesmo — lindo, sexual e de fazer qualquer uma perder a capacidade de raciocinar. Todo ele parecia mais selvagem, erótico demais, como em um bom filme pornô.

De repente, meu corpo se tornou quente e não foi culpa da água. Meus mamilos doía com a rigidez. Só para aliviar um pouco, levei minha mão livre e apertei o direito. Nem consegui evitar o gemido que escapou da minha boca. Abandonei minha taça na borda larga e levei a outra mão para o esquerdo.

SoMo faz meu sangue bombear com a letra sacana da música nova que começa — First. Arqueio meu corpo para minhas mãos, a pele molhada faz tudo ficar melhor.

Eu sempre tive um sonho meio doido de foder na piscina ou na banheira. Kent sempre fez perfeito, de várias maneiras e posições, em vários lugares de sua casa ou do vestiário da sua equipe, ou em algumas — todas — boates em que fomos, e até mesmo em um evento de gala ou outro...

Mas nunca fizemos isso na água. E eu nunca pedi, mesmo tendo certeza de que ele faria sem pensar duas vezes, porque eu sempre estive tão ligada ao nosso sexo alucinado que nem me lembrava que conseguia falar às vezes.

Lentamente, arrastei uma mão pelo meu abdômen, deixando minha mente imaginar ele aqui. Me tocando delicadamente enquanto olha dentro dos meus olhos. Então sua mão grande alcança meu ponto dolorido. Ele arrasta o dedo para cima e para baixo em meu clitóris, o atrito com a água fica tão perfeito. Gemi quando seu dedo entrou em mim rapidamente. Apenas com isso, eu já estava à beira de uma mega convulsão.

Ele desceu sua boca para meu mamilo necessitado e lambeu bem devagar, de cima para baixo, sem deixar de me penetrar lá em baixo.

— Puta merda, Kent...

Meu corpo arqueou quando ele aumentou a velocidade e sugou meu peito com uma sucção dura. E eu explodi, gritando seu nome. O orgasmo me arrebentou, convulsionando meu corpo de um jeito extraordinário.

Então, quando tudo acabou, após alguns minutos de espasmos, meu peito pesou com a sensação de vazio. Ao abrir os olhos, Kent não estava aqui. O dedo dentro de mim era o meu e a boca em meu peito era apenas minha mão. Senti as lágrimas inundarem meus olhos, fazendo-os arder. Logo, a música de SoMo só me causou raiva porque é o cantor favorito dele.

Agarrando a haste da taça, joguei todo o líquido em minha garganta e me afundei inteira na banheira.

Eu precisava parar de pensar em Kent ou isso iria me matar.

KENT

— O que era tão urgente, cara? — Eu bati a porta da SUV ao sair. Turner e Vega, meus seguranças particulares, vieram logo atrás.

Pierce, meu advogado desde que comecei a carreira, estava me esperando em frente ao prédio do seu escritório, vestido com seu terno caro habitual. Com um gesto, ele me ofereceu um pedaço de seu cachorro-quente; Neguei com a cabeça. Começamos a caminhar para entrada do prédio.

— Primeiro — Ele me passou a pasta que estava sob seu braço. —, fechamos a compra da ilha no Rio de Janeiro. Ela já foi até nomeada como você queria.

Abri a pasta, o meu coração amolecendo ao ver o nome Ilha Nice McGregor. Era sua ilha preferida. Ela adorava ir lá sempre que podia, e foi lá que ela faleceu. Fazia uns meses que ela tinha partido, mas eu ainda sentia tanta falta que doía cada parte do meu corpo.

— Muito obrigado, Pierce. Isso é muito bom.

Ele assentiu.

— Ela merecia muito mais que isso. Era uma mulher muito boa.

Eu notei que Pierce sentia algo pela minha mãe, pois sempre que ele a via, seus olhos brilhavam e suas conversas duravam mil vezes mais que nossas reuniões importantes. Ele até se ofereceu para levá-la para passear algumas vezes quando eu não podia.

Fechei a pasta e a segurei com carinho. Ligaria para minha irmã depois, para avisar que conseguimos. Olhei para Pierce, que estava apertando o botão para chamar o elevador.

— Qual a outra coisa?

Ele resmungou, espancando o botão.

— Saudades, New Orleans... — balançou a cabeça. — Bem, você precisa assinar uns últimos papéis. Avery já fez isso mais cedo.

Anuí. Ele também era advogado de Avery, sendo assim, precisou se mudar para cá conosco, já que, segundo ele, somos seus maiores clientes.

Nós fomos até seu novo escritório, que ficava no décimo quinto andar do prédio executivo e assinei todos os papéis. Larguei a caneta sobre os papéis e suspirei.

— Há algo mais? — procuro saber.

— Não. Você e Avery serão apresentados ao time na próxima segunda. O presidente quer fazer também uma apresentação aos torcedores. Pelo visto, a contratação de vocês está dando o que falar aos tabloides e seus fãs californianos estão em êxtase.

— Tudo bem. Você pode me manter informado de tudo?

Ele assentiu com precisão.

— Pode apostar que sim.

Deixando um sorriso para ele, agarrei a minha pasta e me retirei do seu escritório, logo em seguida do prédio.

Turner já estava em seu lugar atrás do volante, então Vega me acompanhou da saída do prédio até a porta de trás do carro, abrindo-a para mim o mais rápido possível, uma vez que já havia vários paparazzis ao redor.

Minha vida tem sido uma bagunça desde que comecei a jogar profissionalmente. É uma bagunça boa, no entanto. Aonde quer que eu vá, as pessoas estão sempre me parando para um autógrafo ou foto, ou até mesmo um abraço.

É uma vida com vantagens, mas também há um bocado de desvantagens.

Uma delas foi meu relacionamento que não suportou a distância.

...

No dia seguinte, Stacy me encontrou bem cedo no hotel onde estava hospedado até que meu apartamento fique pronto. Ela é minha fisioterapeuta e preparadora física desde que acabou a faculdade. Ela não deixou de ser minha amiga, mesmo depois que fui embora.

— Tem certeza de que ela está com o tal de Jake? — Stacy pergunta, enfatizando o apelido com qual Pérola chamou o engenheiro ontem.

Rolei os olhos enquanto corria na esteira.

— Você viu como ela ficou ontem.

— O que vi foi seu pau em posição de sentido quando ela entrou. — Ela ri. — O garoto está precisando de algum movimento, K. Faça alguma coisa por ele.

Eu sorri, balançando a cabeça, mas não deixei de correr.

Stacy tinha razão: meu pau estava precisando de movimentos — coisa que ele não teve realmente há um bom tempo. Porra, tempo demais. Ficar frente a frente com Pérola ontem o acordou. É impossível não olhar para ela e não ter uma puta ereção. Meu fodido pau sabia o que tinha à sua frente, e sabia o que estava perdendo.

— Se eu não te considerasse um irmão, ajudaria você, sabe.

— Ah, é? — Eu arqueio uma sobrancelha. — Como?

Ela encolhe os ombros, como se não quisesse nada. — Eu sou gata, tenho seios grandes e uma bunda, digamos... suculenta, e sou muito boa de cama. — Ela ri, prendendo o canto

do lábio entre os dentes. — Muito boa, na verdade. Faria você esquecer a Pérola rapidinho.

Irrompi em uma risada. Os minutos chegando ao fim, eu fui desacelerando.

— Mas, claro, como sua irmã postiça — Ela ergue o dedo em riste. —, sei que você ama aquela garota, mesmo ela sendo um grande e grosso pau no cu. — Nego com a cabeça, ciente que as duas nunca se bateram, apesar de que elas tentaram respeitar uma a outra por mim. — Você deveria ir atrás dela, sabia?

Eu encaro o rosto bonito de Stacy quando ela joga uma toalha de rosto para mim.

— Você lembra que foi ela quem terminou, certo?

— Foi por que mesmo que ela terminou? — A engraçada finge pensar sobre o assunto. Obviamente, ela sabia bem.

Enxuguei minha nuca suada e respondi mesmo assim. — Nas palavras dela, não tinha maturidade o suficiente para ter um relacionamento à distância. — Encolhi os ombros. — Estávamos discutindo bastante por ciúmes.

— Argh! — Stacy revirou os olhos. — Não tem nem como defender a criança, mas, vamos lá! — Ela fez sinal para irmos até as mesas que fica no bar do hotel, logo em frente à saída da academia. Quando sentamos em uma, ela continuou. — Eu — tocou em seu próprio peito — teria mandado essa porra de maturidade ir pra puta que pariu, se namorasse alguém tão lindo como você.

— Muita maturidade, garota. — ri, recostando-me na minha cadeira.

Ela ignorou. — Mas eu também posso entender, com muita resistência, o que Pérola fez. A garota pode ser uma maníaca no ciúme quando quer. Eu sei disso, e você mais ainda.

Assenti, concordando com ela.

— Só que agora você não está em New Orleans. Você está aqui, Kent. Então, mova sua bunda linda e faça algo. Odeio ver você sofrer, droga!

Inclinei meus antebraços sobre a mesa.

— E você quer que eu faça o que? Vá até ela e diga pra ela deixar seu namorado porque eu estou de volta para LA? Você sabe muito bem que eu também entendi o lado dela. Ver ela sofrendo pela distância estava me matando. Então eu dei o tempo que ela pediu, mas para quê? — Eu cerrei a mandíbula. — Enquanto eu estava movendo a porra do mundo para manter minha mãe viva um pouco mais ao mesmo tempo em que tentava fazer meu melhor para voltar para cá, ela estava aqui, com outro cara. E eu não posso nem falar nada, porque supostamente, eu sou culpado por isso tudo.

— Ei. — Ela estende a mão por cima da mesa e agarra a minha. — Você não é culpado, Kent. Só estava fazendo o melhor para Nice e Kaya. Ah, quer saber? Se acha melhor não fazer nada, que se foda! Estou aqui para te apoiar e é o que vai acontecer, tá?

— Ok. Obrigado. — Eu levantei nossas mãos e beijei o dorso da sua.

Ela me deu um olhar malicioso. — Quer que eu arrume alguma mulher pra você? Tipo, para movimentar o guerreiro aí? — Ela aponta com o queixo para minhas calças.

Ri, sacudindo a cabeça.

— Vai virar cafetina agora?

— Não é bem uma cafetina. — Ela sorri, rolando os olhos.
— Eu tenho algumas amigas, sabe...

— Ah, claro. — Dei um tapa de brincadeira em sua mão.

Meu celular tocou e meu coração bombeou com violência quando li a mensagem que chegou.

Pérola: *Podemos nos reunir hoje? Tenho uma ideia que acredito que você vai gostar.*

25 - PÉROLA

— Ok, podemos começar?

Kent olhou ao redor de seu apartamento vazio.

— Seu namorado não veio? — perguntou.

— Ele não é meu namorado. — Fiz cara feia para ele. — Não que seja da sua conta.

Ele cruzou os braços e me olhou com ceticismo, mas não disse nada mais sobre isso. Ergueu a sobrancelha questionou: — O que você precisa de mim?

— Bem, a reforma é em seu apartamento. Tenho que saber se você gosta do que eu pensei—

— Eu gosto de tudo que você faz. — Ele me interrompe. Nossos olhos se prendem por uns segundos, o ar do lugar de repente se torna inexistente.

Droga. Nem parece que estamos tanto tempo separados.

Limpando a garganta, caminho até a ilha da sua cozinha para pegar o iPad meu em minha bolsa.

— Olha, o apartamento em si já é bem moderno e tecnológico, mas eu tive algumas ideias quando dei uma boa olhada nele. — Eu abri meu AutoCAD e voltei para perto dele, para lhe mostrar melhor. Não foi uma boa ideia. O perfume masculino de Kent invadiu minhas narinas e a saudade doeu na alma. — Eu gosto das paredes externas serem todas de vidro,

mas eu gostaria de fazê-las ficarem opacas... caso você precise de privacidade, sabe?

Ele estava realmente prestando atenção ao que eu dizia. Assentiu com a minha proposta.

— Eu aprecio minha privacidade. Você pode fazer isso?

— Na verdade, sim. — Eu anuí. — A LEA está tem um design próprio de paredes de vidro. Com apenas um botão do controle remoto, você torna tudo opaco.

— Ótimo.

— Certo. Agora, me deixe te mostrar mais. — Ampliei a imagem no iPad, focando sua sala de estar. — Acredito que vai ficar bem melhor se trouxemos essa escada para o outro lado, bem ao lado da área da cozinha. Dará mais espaço para sua sala. Quando as pessoas saírem do elevador, ficaram logo impressionados com todo o espaço e não darão de cara com uma escada. Além do mais, podemos aumentar o tamanho da sua ilha de cozinha. Isso pode ser até bom para receber visitas.

Kent só escutava e concordava com a cabeça para tudo que eu falava. Vez ou outra, peguei ele encarando minha boca enquanto eu falava.

Nervosa, comecei a andar pelo apartamento. Levei ele para o andar de cima.

— Se mexermos na escada como eu propus, também será bom porque ela ficará próxima à porta do quarto principal da casa. — Mostrei para ele através da imagem do meu iPad, enquanto andava um passo à frente dele. O som dos meus saltos contra o mármore do chão, tornava tudo mais profissional, apesar

de que meu coração quer dar cambalhotas. — Seu quarto está perfeito, no entanto — Eu abri a porta e entrei no quarto principal, seguida dele. —, vou mudar o closet de lugar, tornar ele mais moderno, sabe? Já falei com minha mãe e ela vem aqui para ver como vamos fazer. Quer dizer — ela parou e olhou para mim, se desculpando. —, se estiver tudo bem para você, claro, já que não gostou da ideia de ter o Jacob no trabalho.

De braços cruzados, no meio do quarto vazio, ele inclinou o corpo levemente em minha direção.

— Eu gosto da sua mãe, Pérola. Ficarei muito feliz em revê-la.

Anuí, tentando manter minha respiração regular. Já era difícil estar perto dele e sentir seu cheiro, mas encarar seus olhos diretamente era como se eu estivesse morrendo gradualmente.

— Certo. Os outros quartos estão perfeitos. Não vou mexer em nada. Agora, vamos para o terraço?

Ele me seguiu até o terraço coberto do apartamento. Era um bom espaço para muitas coisas. Como jogador famoso, ele poderia dar uma festa só aqui nesse lugar, sem precisar usar o resto da casa. Ao contrário do resto do apartamento, o terraço tinha o piso todo de madeira. Havia uma pequena piscina na parte direita e uma hidro ao seu lado. No outro lado, um canteiro de flores bem cuidadas, provavelmente o design original do prédio. O que me fez torcer o nariz em desagrado. Por mais lindo que fosse, não se pode colocar um canteiro de flores em uma casa que você ainda vai vender, porque você não sabe se o comprador tem alergias àquilo.

Eu me virei para Kent. — Em primeiro lugar, vamos tirar aquele canteiro dali.

Ele concordou com a cabeça.

— E sua irmã gosta de piscinas, então vou aumentar essa aqui. — Eu disse, gesticulando para o lado da piscina. — Ah, também vou tornar esse espaço aberto. Não se tem um terraço desse tamanho para não desfrutar do céu, pelo amor de Deus.

Kent parecia que estava prestes a explodir em uma risada. Em vez disso, ele concordou mais uma vez.

— Ok. Qualquer coisa que você quiser.

Não deveria, mas me senti muito bem com essas palavras dele. De repente, era como se eu estivesse trabalhando em algo nosso, exatamente como planejávamos quando ainda estávamos juntos. Mas não estamos mais e isso me deixa um pouco depressiva. Eu não tenho mais Kent McGregor. Eu não tenho mais planos com ele.

Quando meus olhos ameaçaram lacrimejar, eu recuei, voltando para dentro do apartamento. Sentindo que ele me seguia, eu perguntei: — Você não vai dizer nada sobre isso?

— Sim. Sinto sua falta, Pérola.

Eu parei tão abruptamente, que meu coração estacionou junto comigo.

Kent ficou bem atrás de mim, tão próximo que eu podia sentir sua respiração pesada. Ele não me tocou, mas sequer precisava. Todo meu corpo já estava todo tensionado, sedento por ele de várias formas possíveis.

Fechei meus olhos quando senti ele se inclinando para cheirar meu cabelo. Eu estava com um par de saltos muito altos, o que deu a ele uma vantagem, assim ele não precisava se inclinar muito para baixo.

A voz dele criou um arrepio que desceu pela minha espinha e foi direto para o meio das minhas pernas quando ele disse: — Agora você é quem precisa dizer algo.

Eu podia falar alguma coisa? O interior da minha garganta começou a queimar, meu coração martelava em minhas costelas. Não, eu não poderia falar uma só palavra, porque eu simplesmente não conseguia. Pelo menos, não neste momento, com ele tão próximo.

— Pérola — ele enfia seu nariz em meus cabelos, mas não se move para me tocar. —, eu sinto tanto a sua falta.

Literalmente, eu tremi, apertando ainda mais meus olhos. Uma única lágrima silenciosa escorreu pelo meu rosto. Fechei as mãos em punho porque elas estavam tremendo demais.

— Você não vai falar nada? — Ele implorou.

— Eu... O que você quer que eu fale?

— Diga que sente minha falta também. — ele soa desesperado. — Diga que me ama.

Eu girei em meu eixo, encarando-o. — Eu nunca deixei de amar você, Kent. — confesso, minha voz baixa, arrastada. — Mesmo com tudo que aconteceu, eu nunca deixei de te amar.

Seus olhos caem para minha boca e se demoram lá alguns segundos. — Por que você me deixou?

— Você sabe o motivo. — sussurro.

— Quero que você me diga. — Ele exige. — Me fale o que aconteceu. Me fale o por que você não pôde ficar comigo, mas tudo bem ficar com seu colega de trabalho.

Eu podia dizer, através da sua voz, que ele estava chateado. Eu recuei, tomando distância do seu corpo, mas rapidamente sentindo falta do seu calor.

— Não podia continuar uma relação ciente de que não tinha maturidade para lidar com certas coisas, Kent. Não queria passar o resto da minha vida discutindo com você pelo seu trabalho.

Kent me olhou como se alguém o tivesse ferido com uma faca no estômago.

— Mas com Jacob você consegue?

— Jesus. É tão diferente! — Deixei meus braços levantarem e caírem em seguida, exasperada. — O Jacob estava bem aqui, perto de mim-

— Eu estou bem aqui, perto de você. — Com dois passos, ele estava colado a mim de novo. — Estou aqui, Pérola.

— Eu não amo ele. — Engolindo em seco, ergo minhas mãos e toco em seu peito largo. Eu estava tremendo, mas que se dane, eu precisava tocar nele de novo. — E isso torna tudo mais fácil.

— Por Deus, o que fica mais fácil?

— Kent, eu tinha um infarto sempre eu via alguma garota perto de você. Eu nem sequer tinha maturidade para aguentar suas fãs atiradas. Eu precisei do espaço porque eu precisava me tratar.

Ele segurou meu rosto em suas mãos grande e me fez encara-lo. — Você pode me dizer o que isso tem a ver sobre ser mais fácil com Jacob?

O encarei bem de volta, segurando seus olhos com os meus. Odiava saber que sua boca estava ali, tão próxima, e eu não podia beija-lo.

— Não surto quando alguma mulher chega perto dele. O que temos não envolve sentimentos, Kent. É só sexo.

Seu maxilar perfeito se contrai e seus lindos olhos escuros se tornam selvagens. Ele está com raiva. Abruptamente, ele larga meu rosto e se afasta, passando as mãos pelos cabelos e xingando com alguns palavrões.

— Não fique tão irritado. Você não perdeu tempo com as inúmeras mulheres dos tabloides, tampouco com sua amiguinha, Stacy.

Se ele ia ficar com raiva, eu também tinha meus motivos. Cruzei os braços e esperei por uma resposta.

Kent parou de andar de um lado para o outro e colocou as mãos na cintura ao me olhar com desdém.

— Eu sempre entendi sua briga com a Stacy, mas eu nunca toquei nela dessa forma.

Ri com ceticismo. Ele veio em minha direção, apontando para mim.

— Sabe todas aquelas inúmeras mulheres? — perguntou, irritado. — Elas só estão nas malditas fotos porque a Stacy se negou a ir em todos aqueles eventos. E você sabe o motivo, Pérola?

Dei de ombros, sem me importar em estar sendo irônica. — Não faço a mínima ideia.

— Porque ela sabia que você ficaria chateada.

— Humpf. O que você acha que eu sou? Idiota, por acaso? A garota nem sequer gosta de mim, então por que ela se importaria com isso?

— Porque ela se importa com o que eu sinto. — ele respondeu, seus ombros poderosos caindo em derrota. — Ela ficou comigo quando eu mais precisei, quando a minha mãe faleceu. — Ele olhou bem em meus olhos. — Quando precisei de você.

— Você não está sendo justo, Kent. — Apertei mais meus braços ao redor do meu peito.

— Você quer falar de ser justo? — Deu um passo para mim, os olhos lacrimejando. — Eu sou foddidamente apaixonado por uma mulher que me deixou através de uma ligação, quando eu nem podia sair do estado por conta da porra do campeonato.

— Nós conversamos-

— Não, droga. Não é uma conversa quando só um lado fala!

Estreitei os olhos.

— Pensei que tinha entendido.

— E entendi! — ele grita. — Eu entendi porque eu sabia que estávamos brigando demais e você estava sofrendo com isso. Eu não sou insensível, Pérola. Eu te amo e ver você sofrer de longe estava acabando comigo, então eu aceitei quando você ligou e disse que queria um tempo. Mas você entende o quanto eu me desesperei naquele hotel quando não pude ir atrás de você e apenas... abraçar você e dizer que tudo ia ficar bem? E, para piorar, quando o campeonato acabou e eu finalmente podia ir te encontrar, você mandou a Claire me dizer para não ir porque você não... — Ele fez uma pausa e parecia doente no momento. — Porque não queria me ver.

Eu sentia que, se abrisse a boca, engasgaria com minhas lágrimas. Elas estavam escorrendo pelo meu rosto agora. Eu não gosto de ser o tipo de pessoa fraca e medrosa e eu tento não ser, mas meus sentimentos por Kent me deixam tão confusas e amedrontadas, que tenho medo de afundar nisso.

Kent McGregor tinha o poder de me fazer sentir como a pessoa mais linda e poderosa do universo, mas ele também tinha o poder de me destruir.

— Eu sinto muito por isso. Eu... — Franzi o cenho, sentindo uma dor estranha em meu estômago. Andei até minha bolsa e a peguei. — Eu entrarei em contato com você para falar sobre seu apartamento, futuramente. Agora eu preciso ir.

Eu estava a meio caminho do elevador, quando sua voz me fez parar de andar.

— Você tem até o final da reforma para me dizer se é isso mesmo que você quer, Pérola. Se ainda me quiser, eu serei todo seu — ainda sou todo seu. Se não, se escolher ficar com Jacob, eu prometo te deixar em paz.

26 - PÉROLA

O final de semana passou como um sopro. Num piscar de olhos, eu já estava entrando em meu escritório na segunda de manhã, com minha amável secretária me seguindo.

— Gemma, você pode desmarcar todos os compromissos que tenho para hoje? — peço, colocando minha bolsa sobre a mesa. — Vou me concentrar apenas na obra do Kent McGregor. Peça ao meu tio que transfira as outras para outros arquitetos, por favor.

— Pode deixar. — Ela anui. — Mais alguma coisa?

— Não, obrigada.

Ela assente uma vez e vai embora.

Eu não dormi direito por todo final de semana e ignorei cada ligação e mensagem que Jacob me enviou. Acontece que minha vida ficou de cabeça para baixo no momento em que Kent fez seu ultimato final. Eu passei esses últimos dois dias pensando em suas palavras, que me deixaram no chão. O entendo, na verdade. Eu não iria querer viver assim também. Saber que ele não esteve com Stacy, me deixou, de certa forma, aliviada. Mas também não posso esquecer todas as outras mulheres que apareceram com ele. Não foi uma ou duas, foram várias.

O ciúme ainda envolve meu estômago, querendo esmagalo da pior e mais dolorosa forma possível. É como se ele quisesse me matar. Apenas um olhar para Kent e toda a psicoterapia vai para os ares.

Decidida, eu pego minha bolsa de volta e grito por Gemma. Ela aparece na minha porta no mesmo segundo.

— Por favor, ligue para Dra. Gilbert. Eu preciso vê-la agora mesmo.

...

O consultório da minha psicóloga fica a apenas quatro minutos de carro do prédio da LEA. Eu cheguei lá em dois. No consultório, sua secretária já estava me aguardando para me levar direto à sua sala.

A doutora Gilbert estava sentada em sua poltrona habitual, as pernas cruzadas elegantemente e seu tablet sobre o colo. Ela sorriu docemente quando eu entrei e me encarou através de seu óculos de aros dourados.

— É a segunda vez que te vejo essa semana, Pérola. Aconteceu alguma coisa?

— Sim. — respondi, sentando-me em meu lugar de sempre. — Ele está aqui em Los Angeles.

Ela ergueu uma sobrancelha. — Ele?

— É, você sabe, ele... Kent McGregor, o motivo pelo qual tenho que ver você toda semana.

— Ah, claro. Ele. — Ela me encara bem nos olhos. — Você o encontrou?

Anuí. — Ele me contratou para reformar seu novo apartamento.

— Então, está trabalhando para ele? — perguntou, e eu anuí outra vez. — E como está sendo para você?

— Nada legal. — soei exasperada. — Assim, ter ele tão perto de novo faz tudo piorar. Quer dizer, eu ainda o amo muito e não quero explodir de ciúmes.

— Ele sabe que você não o quer aqui?

Gemi.

— Não é questão de querer. Na verdade, eu o quero tanto aqui, que dói, mas como posso viver tão perto do meu maior ponto fraco?

— Você já experimentou contar para ele como se sente?

— Posso ter dito algo.

— Com detalhes?

Eu fiz careta, mas não respondi. Como eu falaria para ele de forma mais detalhada? *Ei, Kent, então, é um assunto bem engraçado para dizer a verdade. Eu tenho um tipo de doença chamada Síndrome de Otelo. Por isso não posso ficar com você, porque corro o risco de querer te matar por ciúmes.*

— Pérola — Dra. Gilbert chamou minha atenção. —, acredito que já concordamos que a conversa é a melhor solução para tudo.

— Talvez não para isso.

— Certo. — Ela suspirou frustrada, deixando totalmente seu profissionalismo de lado. — Que tal um jogo?

Olhei desconfiada.

— Que tipo de jogo?

— Você ama o Kent McGregor, mas tem medo do que possa acontecer, caso tenha um ataque de ciúmes. — ela falava calmamente. — Mas, se o quer de volta, precisa superar isso, ou seja, terá que tentar mudar as coisas.

— E como eu faria isso?

— Bem, você pode começar renunciando a algumas coisas, como por exemplo, conversar com o Kent e dizer tudo que precisa ser dito. Pedir desculpas pela forma em que terminou o namoro, é um ótimo começo. Enfrentar seus medos, Pérola. Essa síndrome que você tem é como uma fobia: para vencê-la, você precisa enfrentá-la.

Engoli em seco, sentindo minhas mãos escorregadias.

— Você acha que eu tenho que fazer isso?

Ela balançou a cabeça. — Estou aqui para ouvir você e fazê-la tentar entender suas dificuldades. Acredito que vai entender se conversar, mas isso só depende de você.

...

Quando eu saí do consultório da Dra. Gilbert, eu fui direto para o apartamento do Kent. As obras começarão hoje, e eu preciso estar lá para isso.

Minha cabeça parece que pode explodir a qualquer momento com tudo que a psicóloga me falou. Ela estava certa, como sempre estive. Eu tenho noção de que preciso enfrentar isso, no entanto, falar é bem mais fácil que agir. Não importava quantas vezes eu diga para mim mesma que não é nada demais, que posso ser mais confiante em uma relação com Kent, eu sempre iria estremecer de ciúmes. Os ataques de respiração estão sempre presentes, lembrando-me que eu não sou capaz de superar.

Mas eu quero superar. E, eventualmente, eu vou.

Assisti com Jacob o início da reforma no apartamento de Kent e é sempre bom trabalhar com ele.

Jacob é um cara muito inteligente, um dos melhores engenheiros da LEA, sendo sempre elogiado pelo meu pai e meu avô. Ele também é engraçado e uma ótima companhia. Foi por isso que, quando ele me chamou para sair a primeira vez, eu não neguei.

Eu já estava bastante magoada com Kent, pelas inúmeras notícias e fotos com as vadias de New Orleans, que eu nem pensei duas vezes. Mesmo sabendo que eu que tinha escolhido aquilo, terminando com ele, não foi fácil. Já fazendo terapia, eu decidi que não sentiria por ninguém o que sentia por Kent, daí o nosso acordo do hotel.

Na hora do almoço, eu disse para Jacob que precisava resolver uma coisa e fui embora. No caminho para meu carro, enviei uma mensagem para Kent, pedindo para falar com ele em particular.

Ele me deu um ultimato, então eu iria colocar minhas cartas sobre a mesa.

KENT

— Olá. — uma voz feminina soou alegremente quando eu saí do campo, após a apresentação para a nova equipe.

Ergui os olhos e dei de cara com uma das líderes de torcida, que esbanjada um enorme sorriso empolgado em seu rosto bonito. Ela era loira, com cabelos longos e ondulados nas pontas. Os olhos azul-bebê me encaravam sob os longos cílios.

Devolvi o sorriso.

— Olá.

Os olhos se arregalaram e, como se saísse do transe, rapidamente estendeu a mão para mim.

— Sou Selen Gibson, uma das líderes de torcida do time.

Stacy bufou atrás de mim.

— É, sua roupa torna isso evidente, gata.

— Kent McGregor. — apertei sua mão. Eu já estava acostumado com mulheres quase tendo um ataque perto de mim, mas essa aqui era bem engraçada.

Ela olhou de mim para Stacy, então de volta para mim. Um brilho triste tingiu suas iris, algo conhecedor.

— Ah, desculpa, eu não...

— Naã. — Stacy bufa outra vez e vem para o meu lado. Ela se apoia com um braço em meu ombro e oferece a outra para Selena. — Sou apenas a melhor amiga e fisioterapeuta, Stacy Montgomery — Ela diz, mas quando os olhos de Selena voltam a ficar animados, ela acrescenta. — A namorada dele se chama Pérola Lazzari.

Selena deixa escapar um *ah*, então força um sorriso.

— Bem, de todo modo, foi um prazer, Kent. Estou feliz que você e Avery Dawson tenham vindo para Blue Bay.

Meneei a cabeça com um sorriso de desculpas para ela.

— Obrigado.

Ela dá uma última olhada estranha para Stacy e vai embora.

Do meu lado, Stacy estoura uma bola de chiclete.

— Ela está a fim de você.

Levantei uma sobrancelha.

— Não depois de você dizer que tenho namorada. — Voltei a andar em direção ao vestiário para me trocar.

— Você não desmentiu. E, de todo jeito, é como se você estivesse namorando ela. Não importa o quanto Selena seja

gostosa, você nunca olharia para ela com seu pau sedento pela Pérola. Tem sido assim por todo esse tempo, não vai mudar agora que está mais perto dela, não é?

Quando cheguei diante da entrada para o vestiário, parei e me virei para ela. Stacy era apenas uns quatro centímetros mais baixa que eu, então não precisei olhar muito para baixo. Sorri para ela, cúmplice.

— Você me conhece bem. — Meu celular bipou e eu o retirei do bolso para ver uma mensagem de Pérola lá na tela. Meu sorriso se tornou bobo.

— É ela? — Stacy tentou espiar.

Assenti enquanto respondia.

— Está vendo? Seu sorriso idiota entrega tudo.

Enfiei o celular de volta para meu bolso, sem conseguir esconder o sorriso.

— Ela quer me ver em particular.

O olhar de Stacy se tornou cúmplice e malicioso.

— Hum, então o que ainda está fazendo aqui? Corra lá e pegue sua mulher de volta, bonitão! — ela riu e tocou meu braço, sua risada se transformando em um sorriso sincero. — É bom saber que ela ama você de volta. Isso me deixa feliz, apesar dos meus problemas com ela.

Estalo a língua no céu da boca e pego sua mão, a puxando para um abraço apertado.

— Obrigado, mas ainda não sabemos o que ela quer.

Ainda abraçada comigo, ela ergue apenas a cabeça para rir da minha cara.

— Conversar em particular? — movimentou as sobrancelhas, significativamente. — Ela quer seu corpo, McGregor.

— Vamos esperar que sim, porque eu definitivamente quero o dela.

Ela fez uma careta de nojo, se divertindo e se afastou. Enquanto andava de costas e de frente para mim, ela disse:

— Vá lá e a traga de volta para você, certo? Transe muito, porque eu já estou com pena do seu pau quase virgem de novo. — Ela aponta para minha virilha, sem se importar com todas as outras pessoas ao nosso redor. — Eu te amo, bebê, mas agora preciso encontrar Avery. Ele me disse que precisava de uma sessão de fisioterapia depois da apresentação de vocês.

— Eu também te amo.

...

Turner abriu a porta do NX 300h F SPORT para que eu pudesse sair. Eu avistei alguns paparazzi's espalhados pela rua. Eles deviam ter me seguido do estádio até aqui, no meu hotel.

De óculos escuros, eu apenas acenei antes de passar pelas portas do hotel. Havia marcado com Pérola para me encontrar em minha suíte. Eu estava bastante ansioso para vê-la de novo.

Na semana passada, quando estive com ela, deixei a decisão do nosso relacionamento em suas mãos. Será que ela já tinha minha resposta?

Hesitei ao passar o cartão no painel do elevador. E se a resposta for não? Se ela não me quiser de volta e decidir que é melhor permanecer com Jacob? Eu permiti seu acesso à minha suíte enquanto estava a caminho. Por isso, quando as portas do elevador se abriram, eu logo a avistei.

Ela virou ao som do elevador se abrindo, seus olhos procurando por mim. Eu podia sentir sua ansiedade daqui. Suas mãos estavam unidas em frente ao seu estômago, uma torcendo a outra. Ela não me deu seu sorriso bonito.

Retirei os óculos, sem tirar os olhos dela.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei com cuidado.

Ela anuiu, e eu vi lágrimas nublarem seus olhos azuis.

— Por que você está chorando? — Andei até ela, levantando a mão para tocar a sua. A preocupação tomando conta do meu corpo.

Ela retesou e se afastou, andando até a área do quarto em que estava a cama. Fiquei parado e de pé no mesmo lugar, observando seus movimentos nervosos. Respirando fundo, ela se sentou na beira da cama e bateu no espaço vazio ao seu lado, indicando para que eu me sentasse lá.

Sem dizer uma palavra, fiz o que ela pediu e esperei. Estava com medo de ela dizer que não me quer mais; que desistiu de nós.

Pérola estava de cabeça baixa, olhando para suas mãos entrelaçadas sobre suas pernas. Ela costumava fazer isso quando estava nervosa e queria me contar algo.

— Pérola — chamei baixinho. —, fale alguma coisa.

Ela balançou a cabeça, assentindo e fungou.

— Minha psicóloga disse que eu tinha algo como Síndrome de Otelo. — disse ela, por fim.

Anuí devagar. Não fazia ideia do que isso seria, então, eu esperei que ela explicasse.

— Acho que foi por causa da obra de Shakespeare. Otelo foi possuído por um ciúme doentio que o levou a matar sua esposa.

Eu fiz careta. — Você não é doente, Pérola. — repreendi. Ela pode até ser ciumenta, mas não doente.

Ela sorriu tristemente quando levantou os olhos para mim.

— Eu sou extremamente possessiva com você, Kent. Eu tenho vontade de arrancar os cabelos de cada mulher que chega perto de você ou apenas suspira de longe quando você passa. Por que acha que eu não gostava de ir aos seus jogos? Porra, eu adoro futebol, sabe disso, mas ver as mulheres gritarem coisas para você, me deixava a ponto de ter uma crise. As pessoas têm razão quando dizem que sou mimada, mas não é culpa dos meus pais. Eles apenas me deram o que acharam necessário e teve

até regras e limites. Só que eu não fui criada com insegurança. Eu nunca tive medo de perder alguma coisa, porque, sério, que pessoa no mundo teria medo de algo se possui até um leão?

Eu dei risada, sacudindo a cabeça. Ela também riu, mas a risada se transformou em sorriso, que acabou morrendo.

— Mas, então você entrou na minha vida e eu comecei a aprender o que era perder o controle sobre algo. Eu morri cada vez que Stacy chegou perto de você na escola e, depois, cada vez que uma fã ou até mesmo mulheres normais olhavam para você.

— Só você importava, Pérola. — eu sussurrei.

— Eu sei. — ela assentiu. — Confiava em você, mas o problema era comigo. Não podia continuar da forma em que estávamos. Sempre que ia te visitar, nós discutíamos feio.

— E por isso acabou comigo por telefone?

Seu corpo estremeceu e ela levantou os olhos nublados para mim.

— Eu não queria. — ela negou com a cabeça. — Não foi justo com você, com nosso relacionamento. Só que eu sabia que, se fosse até você, se eu olhasse para você, nós iríamos acabar na cama, e eu não diria nada, e então até hoje, estaríamos brigando sempre. — ela faz uma pausa. — Ou eu já estaria morta por alguma crise respiratória.

Eu quis tocar ela, abraçá-la, mas não fiz. Me mantive no lugar.

— Eu teria feito você mudar de ideia.

Ela concordou.

— Foi o que eu disse.

— Só que você está com o Jacob. — Eu não entendia isso, e não aceitava. Eu odiava saber que outro cara tem ela, enquanto eu não posso.

Pérola fechou os olhos, parecendo sentir dor.

— Eu vi que você estava com... outras.

— Eu não estava. — cerrei os dentes, exasperado. Surpresa, ela abriu os olhos e olhou para mim. — Porra, não vou mentir para você. Eu tive algumas daquelas mulheres de joelhos, chupando o meu pau, mas não passou disso. Mesmo sabendo que você estava vendo outra pessoa e não queria me ver, tudo que eu pensava era em você. Na hora h, eu nunca avancei.

— Você está sem transar todo esse tempo?

Assenti com dureza, raiva exalando do meu corpo.

— Sim, porque a única mulher que eu queria era você.

Ela balançou a cabeça, atordoada.

— Eu... eu sinto muito... — sussurrou, uma lágrima rolando pelo seu rosto. — Droga — ela enxugou a lágrima —, eu não sinto muito caralho nenhum. Estou feliz que não estive com nenhuma das vacas siliconadas com as quais apareceu.

Uma risada reverberou através da minha garganta. Aqui estava a minha mulher. Linda, ciumenta, mas, ainda sim, a

mulher que eu conhecia.

— Você tem uma resposta para mim? — eu perguntei, com medo da resposta.

Ela negou com a cabeça.

— Eu quero você, Kent, mas não podemos ir tão depressa.

— O que você quer dizer?

— Eu te dizer tudo isso não muda o fato de que eu tenho um problema. — disse. — Dra. Gilbert acha que é como fobias e eu preciso encarar para superar, então eu posso fazer isso, só que com calma.

Anuí.

— De todo modo — ela falou — eu preciso conversar com Jacob. Ele tem esperança de que possamos nos tornar mais que uma transa casual.

Apertei a mandíbula e caí de costas no colchão. Pode até parecer infantil, mas eu não estava disposto a escutar essas coisas.

— Eu quero ir devagar e ver no que vai dar. Sabe, se eu vou conseguir aguentar tudo, já que você está perto agora.

Eu não disse uma palavra. Não gostava disso, e a imagem de Pérola com outro cara agora estava viva na minha cabeça. Continuei olhando para o teto.

— Kent? — ela me chamou, sua voz insegura.

— Hum? — Não olhei para ela.

— Podemos fazer isso?

Um minuto de silêncio.

— Você pode me prometer que, se não der certo e você decidir continuar a viver sem mim, você me dirá pessoalmente?

Pude ouvir ela engolir.

— Eu prometo.

Eu voltei para minha posição sentada e olhei para ela.

— Eu amo você, Pérola, mas eu não quero sentir de novo o que eu senti quando você desistiu de mim.

— Ok.

— Mas eu estou aqui em LA por você e eu vou ajudar você a superar essa coisa, apesar de que eu te acho sexy quando está com ciúmes.

Ela riu e bateu em meu ombro.

Eu sorri um sorriso maroto para ela, amando sua risada, amando mais ainda sua presença, e toque seu nariz arrebitado.

— Eu te amo, princesa.

Seus olhos amoleceram. Ela se esticou, beijou minha bochecha, então deitou a cabeça em meu ombro.

— Eu também te amo. Muito.

27 – PÉROLA

Quando entrei na casa dos meus pais, logo a sensação de estar em casa me invadiu. Eu amava vir aqui e recordar de todos os anos em que morei aqui. Não foi uma coisa fácil sair para meu próprio lugar, mas eu já estava na idade de viver sob meu teto e tomar minhas decisões. Amadurecer. Essa foi uma das etapas da minha terapia, depois que terminei o relacionando com Kent.

Como não encontrei ninguém na sala de estar, abandonei minha bolsa sobre o sofá novo de cor creme — minha mãe, claramente, fez uma nova decoração para a casa — e fui até o primeiro degrau da escada. Segurando no corrimão, estiquei meu pescoço para ver se tinha alguém na parte de cima. Eu havia marcado de encontrar minha mãe aqui hoje.

— Mãe? — chamei, alto o suficiente para que me escutassem no andar de cima.

Não houve resposta.

Franzindo as sobrancelhas, aguicei meus ouvidos no silêncio da casa e pude ouvir um tintilar de prata vindo da cozinha. Lentamente, um sorriso se abriu em meus lábios e desci do degrau, virando em direção à cozinha.

Meus pais tinham pessoas trabalhando para eles, mas pela hora que era, ninguém deveria estar trabalhando. Mamãe tinha praticamente ordenado às garotas da limpeza que elas tirassem as tardes de folga, todos os dias, uma vez que a casa não precisa ser arrumada o tempo todo, e sempre que ela e o meu pai vão jantar em casa, ela liga para avisar. Às vezes, meu

pai mesmo faz o jantar, então as garotas não são necessárias o tempo inteiro.

Com esse conhecimento, eu sabia bem quem estava na cozinha. Andei devagar, meus passos preguiçosos e um sorriso bobo nos lábios. Espalmei a mão no batente da entrada da cozinha e observei meu pai partindo um pedaço de bolo de chocolate. Ele vestia uma camisa preta, com mangas dobradas até seus cotovelos e uma calça jeans escura. Seus cabelos grisalhos, de alguma forma, o tornou ainda mais lindo. Cinquenta anos caiu bem para ele, afinal das contas. Para mim, meu pai era o homem mais lindo do mundo.

Ao notar minha presença, ele levantou os olhos para mim. E lá estava meu sorriso favorito no mundo inteiro — o sorriso que era destinado apenas a mim. Ele tinha um sorriso especial para mamãe e outro para seus sobrinhos e familiares, mas esse em particular, era apenas meu.

— Meu amor, eu não tinha te visto. — disse ele, carinhosamente.

Sorrindo, entrei na cozinha e fui até ele, que me abraçou com meu abraço favorito. Ele beijou o topo da minha cabeça.

— Vim ver a mamãe. — falei, sentando-me em uma das banquetas ao redor da grande ilha de granito branco. Papai me entregou uma colher para acompanhá-lo na fatia de bolo e se sentou ao meu lado. — Tenho algumas coisas para falar com ela sobre um trabalho.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Ela ligou e avisou que iria se atrasar alguns minutos, mas já deve estar a caminho. Você quer ela no seu projeto novo?

— Não é bem um projeto. Tenho um apartamento enorme para reformar e preciso dela para alguns detalhes que quero acrescentar.

Ele me olhou de perto, com cuidado.

— Por acaso é o apartamento de Kent McGregor?

Minha colher cheia de bolo parou em meio caminho à minha boca. Suspirei e abaixei a colher de volta para o prato.

— Tio Enzo contou para você? — soei como se sentisse dor. Não gosto de esconder nada do meu pai, mas ele realmente ficou chateado quando terminei com Kent. Não com Kent diretamente, mas com a situação. Entendo que ele não queira me ver sofrendo.

Ele anuiu, firmemente.

— Sou seu pai, e ele sabe que me preocupo com você.

— Sei disso. — relaxei meus ombros. — O que você acha sobre isso?

Papai largou seu garfo e segurou minha mão, apertando-a levemente.

— O que você acha disso, filha? O que está sentindo, estando tão perto dele outra vez?

Considerei dizer que estava tudo bem e que eu ficaria bem com tudo, mas não seria justo depois da conversa que tive com Kent. Ele aceitou ir devagar comigo, ver onde meu problema irá

nos levar, e eu não estou me sentindo muito bem sobre isso. A insegurança tem um abraço forte e constante em meu estômago.

Contei sobre tudo ao pai. Ele já sabia sobre minhas terapias e até já foi lá comigo, quando minha psicóloga pediu para ver meus pais. Acredito que ela estava apenas tentando ver de qual dos dois herdei tanta possessividade.

Bem, ficaria claro se ela pedisse para ver toda minha família. Acho que Deus pegou a possessividade de todos, juntou tudo e colocou em mim.

— E você está bem em tentar de novo? — perguntou ele, após eu terminar. Seu olhar transbordava preocupação, mas ele estava cauteloso, provavelmente aguardando que eu fale alguma coisa.

— Sim. — Eu nem hesitei ao responder. — Tenho vinte e três, pai, e preciso crescer de verdade. Isso inclui conseguir lidar com problemas como este. Você é ciumento ao extremo com a mamãe, mas consegue conviver com isso.

— Nem sempre é fácil. — O ponto entre suas sobrancelhas se franzem. — Eu ainda tenho vontade de esfolar cada um dos filhos da puta que olham para ela. — ele rosna e encolhe os ombros. — Mas eu decidi que iria aprender a controlar isso... ou, pelo menos, tentar reprimir.

— E conseguiu. — apontou, sorrindo de lado.

Ele me enviou um olhar divertido.

— Naã. Geralmente, desconto tudo depois, você sabe, no quarto.

Uma filha normal, faria careta; eu, sorri com cumplicidade. Mesmo que tenha ficado enjoada por falar sobre meus pais fazendo sexo, entendo que sexo é algo comum nos seres vivos. E, assim como meu pai — porque o ciúme não foi a única coisa que herdei dele —, eu também tenho uma certa adoração ao sexo.

— Filha — sua voz é carinhosa. —, se você acha que consegue, então tem meu apoio, mas se não, continuarei aqui por você. Até posso espremer McGregor como a porra de um pano ensopado, se você quiser. — Ele brincou, e neguei com a cabeça, sorrindo. Ele tocou minha bochecha e a apertou, como fazia quando eu era criança. — Apenas quero que seja feliz. Com Kent ou sem ele.

Anuí. — Ok.

Já estávamos na terceira fatia de bolo quando mamãe chegou. Ela se juntou a nós, e contei para ela minha ideia sobre o apartamento de Kent. Depois, nós três fomos para sala de cinema e assistimos dois filmes, até que deu a hora de ir para casa. Murchei um pouco. Não queria ir para meu apartamento e ficar lá, sozinha.

— Você pode dormir aqui, se quiser, filha. — Mamãe tocou meu cabelo, como costumava fazer quando eu era criança, seu sorriso cheio de amor de mãe. — Podemos pedir pizza para o jantar e você pode dormir no seu quarto.

Deitei minha cabeça em seu ombro.

— Não vai parecer que sou criança?

— Você é nosso bebê, não importa que idade tenha. — Papai disse e beijou minha cabeça.

Pedimos pizza e comemos na cozinha. Quando acabamos, meus pais me deram boa noite e se recolheram para seu quarto, então fui para o meu.

Após um banho bem demorado, vesti um dos meus velhos pijamas, que minha mãe ainda mantinha no meu antigo closet, e escorreguei para debaixo das cobertas limpas com meu celular em mãos. Ele vibrou, assim que encontrei uma posição, e a tela ascendeu com uma mensagem de Kent. Meu coração pulou uma batida, em seguida, acelerou, enquanto eu pressionava minha digital para desbloquear o aparelho. Abri na mensagem e um sorriso leve se arrastou pelos meus lábios.

Kent: *Vou ter uma festa de aniversário no próximo final de semana. Gostaria que você estivesse lá.*

Respondi sem hesitar.

Pérola: *Ok, estarei lá.*

Kent: *Estarei te esperando.*

Levei meu polegar até a boca e mordi a carne ao lado da minha unha. Meu estômago estava apertado com ansiedade.

Outra mensagem surgiu.

Kent: *Sinto sua falta, P.*

Uma risada nervosa escapou da minha garganta e o interior da minha garganta queimou com as lágrimas.

Pérola: *Eu também sinto sua falta.*

KENT

Eu também sinto a sua.

Virei a tela do celular e mostrei para Stacy. Ela riu, balançando a cabeça e tomou um gole de sua cerveja.

— Vocês parecem dois adolescentes trocando mensagens escondidas.

Sorri e bati em sua cabeça. — Cala a boca. — Encarei a mensagem na tela outra vez, tentando pensar em algo para responder, qualquer coisa, só para puxar assunto. Meu coração estava dando cambalhotas como a porra de uma ginasta.

Com um movimento surpresa, Stacy roubou meu telefone quando eu estava prestes a começar digitar. Ela bloqueou a tela e sacudiu a cabeça ao ver que eu abri minha boca para protestar.

— Amo que ela ainda esteja tão na sua e sei que vocês vão voltar, eventualmente, mas você precisa entender que agora ela é quem precisa vir atrás. Foi ela quem terminou, Kent. Você assinou com Los Angeles por ela, deu o primeiro passo e o segundo quando exigiu que ela fizesse o trabalho em seu apartamento. Merda, você acabou de dar o terceiro, convidando-a para sua festa de aniversário! Que tal deixar que ela dê o quarto, hum?

Fiz uma carranca. — Você sabe que ela tem um problema.

— Sei. — ela assentiu. — E está se tratando. Mais um motivo para você ir com calma, bebê. Dê a ela um tempo. Quando ela se sentir segura o suficiente, ela virá até você.

Eu sabia que ela tinha razão, então não discuti. Mudei minha vida por ela, até arrisquei perder alguns contratos melhores — o que deixou meu empresário muito puto. Acabei dizendo sim para um contrato menor e convenci Avery a vir comigo. Como meu melhor amigo, não hesitou e assinou comigo. Afundei mais ainda no sofá e cruzei os braços sobre o peito.

— Oh, não faça esse bico para mim. — Stacy apertou meus lábios juntos, brincando. — Amo ver que você, finalmente, tem seus olhos brilhando com esperanças de novo, mas não quero que se humilhe. Deixe-a vir até você. Acredite em mim, ela virá.

Suspirei, anuindo para ela, que sorriu docemente e se ajeitou ao meu lado, deitando a cabeça em minhas pernas. Arrastei meus dedos delicadamente pelos seus cabelos pretos.

— E quanto a você? — perguntei. — Eu vi como seu rosto ficou corado quando Benton Lazzari apareceu na tela do seu tablet hoje.

Novamente, suas bochechas ruborizaram e ela fechou a cara.

— Não importa. Ele é apenas um pequeno idiota cheio de si.

— E você gosta dele mesmo assim.

Ela se levantou, abruptamente, ajeitando sua calça jeans em seus quadris largos. Depois, passou os dedos pelos cabelos,

seu rosto sério. Por fim, ela deu de ombros.

— É a maldição Lazzari, fazer o quê.

Eu sorri.

— Você está crescida agora. Talvez ele não veja você como antes. — sugeri. Na época da escola, Stacy tinha raiva de Benton, primo de Pérola, por ele não querer nada com ela. A rejeição do garoto, só fez com que ela se sentisse mais atraída por ele.

Os olhos cinzas e frios de Stacy pousaram em mim, estreitos.

— Que tal você se preocupar com sua namorada agora?

Bebo um pouco da minha água, olhando-a com tranquilidade. É véspera do meu primeiro jogo no time novo, então, nada de álcool para mim.

— Eu não estou preocupado com ela. — disse. — E não levante essa barreira comigo. Amo você da mesma força que amo Kaya, então não vou deixar de me preocupar com você.

Ela revira os olhos. — Podemos parar de falar sobre mim e começar a falar sobre a organização da sua festa? Afinal, não sou eu quem está precisando transar. — resmungou, enquanto ia até o frigobar da minha suíte.

...

No sábado, após mais uma entrevista coletiva, fui direto para a mansão em Bel Air, a qual comprei e dei de presente à Avery, quando ele me disse que estava pensando em se casar

com Claire. Ele acabou insistindo para fazer minha festa lá, como uma inauguração com estilo de sua casa.

Estacionei rapidamente meu Bugatti La Voiture Noire em frente ao enorme portão mansão até que eles abriram e permitiram minha passagem. Stacy estava comigo, no banco do passageiro, e assobiou quando escorregamos para dentro.

A música que estava tocando era barulhenta e sensual. Luzes cercavam a casa, piscando para todos os lados. Eu sorri, animado por finalmente ter algo para comemorar após a morte da minha mãe.

— Avery sabe dar uma festa. — Stacy gritou para ser ouvida acima da música quando começamos a caminhar pelos jardins, lotados de pessoas conhecidas, chamando por minha atenção.

Eu sorri para ela enquanto cumprimentava algumas das pessoas, em sua maioria, celebridades mundialmente conhecidas. Até mesmo umas que eu nunca cheguei a conhecer pessoalmente. Um ponto chato pra caralho nesse mundo: não importa se você não conhece, se você é conhecido e dar uma festa, essas pessoas aparecerão por lá, só porque elas podem e seus nomes permitem.

Avistei Avery e Claire mais à frente. Eles estavam abraçados, mas quando me aproximei, eles se soltaram para falar comigo.

— Cara, feliz aniversário. — Avery me abraçou, dando tapas em minhas costas.

Claire sorriu e beijou meu rosto, desejando-me parabéns. Eu a beijei de volta, na bochecha.

— Ela vem? — perguntei. Não era preciso dizer o nome de quem se tratava; Claire sabia bem.

Ela assentiu com firmeza quando voltou para os braços de seu noivo.

— Ela já enviou uma mensagem, dizendo que está a caminho. Relaxe. — Ela cutucou meu peito. — Ah, e obrigada pela casa. É linda.

Dei a ela um sorriso gentil. — Vocês merecem. — Bati no ombro de Avery antes de sair, passando pelas pessoas eufóricas, em direção ao interior da casa. Tentei relaxar como Claire sugeriu, mas sabia que precisaria de alguma bebida para me ajudar com isso.

PÉROLA

A mansão de Avery e Claire em Bel Air era magnífica. Uma estrutura moderna, de tirar o fôlego.

Quando minha entrada foi autorizada e estacionei, já pude ver Claire correndo em minha direção antes mesmo de descer do meu carro. Seu sorriso era tão largo, que temi que ela pudesse rasgar seus lábios.

— Ah, que bom que você chegou e, meu Jesus, você está deslumbrante, garota! — Ela apontou para minha roupa.

Eu ri, balançando a cabeça, e a puxei para um abraço. Havia escolhido um pequeno vestido vermelho-sangue de cetim, curto, que mal cobria minhas coxas. Suas alças eram fininhas, mas acabei colocando uma jaqueta de couro preta por cima para combinar com minhas sandálias de saltos trançadas, que alcançavam um pouco acima dos meus tornozelos. Deixei meus cabelos soltos e apliquei um batom vermelho, mas não abusei da maquiagem, como sempre.

— Você está linda, também. — Eu disse após uma boa olhada nela. Ela estava com um short cintura alta e um top, ambos de couro, e uma sandália de salto. Seus cabelos estavam perfeitos com o novo corte. Dei outra olhada para a mansão. — Assim como sua casa. É belíssima!

— Não é? Foi Kent que deu de presente de noivado ao Avery.

Ergui uma sobrancelha, mas não falei nada. Deixei ela me guiar por entre as pessoas — a maioria, celebridades. O gramado era onde se concentravam a maior parte dos convidados.

Se tratavam de grandes jardins bem tratava de um vasto gramado bem tratado, que provavelmente, precisaria de cuidados após ser pisoteados por tantos sapatos desconhecidos. Claire me arrastou por uma escada de mármore branco, que nos levava para um terraço, onde ainda haviam pessoas. Olhando para o lado, dei de cara com uma enorme piscina, cercava com paredes pretas. Seu design era único, como se estivesse suspensa em um tipo de arquitetura moderna.

Falei e acenei para os conhecidos. Sendo uma Lazzari, eu tinha acesso a círculos da alta sociedade, com isso, conhecia várias pessoas famosas ou apenas ricos. Presenciei duas

mulheres, já bêbadas, pulando juntas na piscina, e as pessoas ao redor gritando e incentivando, antes de Claire me puxar para dentro.

Festa de jogador.

O interior da casa era tão maravilhoso quanto o lado de fora. Era cercada por paredes de vidro, que eu conhecia bem. Não fazia ideia quem era o arquiteto responsável, mas ele sabia fazer as coisas de um jeito elegante e contemporâneo. Estava de parabéns, assim como a decoração. Mamãe provavelmente babaria se ela visse o que estou vendo agora.

Deixando Claire me guiar até uma enorme ilha de granito, que ocupava o canto da sala de estar. Era um tipo de bar, criado na sala, em um lugar mais acessível. Por trás da ilha, havia vários compartimentos repletos de bebidas variadas e fortes o suficiente para manter alguém em alerta.

— Fique aqui, ok? — Claire varreu o lugar com seus olhos estreitos. — Vou preocupar o Avery e saber onde Kent se enfiou. Ele estava ansioso para sua chegada. — Ela não esperou por minha resposta e saiu em sua busca.

Sem saber o que fazer, optei por fazer o que ela disse. Deslizei em um banquinho ao meu lado e tentei me distrair com meu celular enquanto esperava. Claire disse que Kent estava ansioso para minha chegada, mas ele também estava sentindo todas essas borboletas agitadas no estômago como eu?

Uma música reggaeton está explodindo nos alto-falantes, fazendo os convidados irem à loucura. Aparentemente, essas músicas que fazem as festas hoje em dia. Eu rapidamente reconheço a música, Con Calma de Daddy Yankee. Landyn, a

esposa do meu primo Jax, é latina e costuma ouvir sempre. Em sua festa de aniversário só tocou esse ritmo.

Estreitei os olhos para tela do meu celular quando duas mulheres pararam ao meu lado, ambas apoiadas contra a ilha.

— Você o viu? — uma delas perguntou, parecendo bem animada. A outra deve ser assentido, porque ela gemeu teatralmente. — Meu Deus, ele é tão... ele! No jogo de estreia dele e de Avery, foi muito injusto quando eles tiraram as camisas no final!

— Sim! — a outra também gemeu. — Eu não sabia se dançava ou babava por eles.

Minha mão apertou com toda força o aparelho celular. Eu sabia exatamente de quem ela estava falando. O que eu poderia fazer? Nem sequer sou sua namorada mais. Ainda. Olhei para cima, olhando para as mulheres pela primeira vez. Geralmente, tenho total confiança em minha aparência, mas sentir-me murchar um pouco quando vi a beleza de estrela de Hollywood das duas.

Ambas eram altas, loiras e com um corpo perfeito de atleta. Logo, reconheci elas como líderes de torcida. A de cabelo mais longo, revirou os olhos, fingindo estar sentindo prazer.

— Eu só vim hoje porque sinto que será meu dia. — disse ela. — Vou esperar ele se divertir um pouco e depois, vou tentar leva-lo para um dos quartos.

Senti que poderia vomitar a qualquer momento. Quando estava prestes a me levantar e sair, uma voz feminina, muito conhecida, me fez parar.

— Ah, oi, Selene. — Stacy sorriu de boca fechada para a loira de cabelos longos. Ela estava do outro lado da ilha, curvada sobre ela, com os antebraços apoiados no granito.

A cabeça da loira virou tão rápido, que eu senti um estalo em seu pescoço por ela. — Selena com a — corrigiu ela, parecendo contrariada.

— Tanto faz. — Stacy abanou a cabeça, fazendo seus cabelos pretos virem para frente de seus olhos. — Você lembra de mim, certo? A melhor amiga de Kent McGregor.

Algo no rosto da mulher mudou, para algo mais esperançoso, então ela sorriu largamente para Stacy.

— Sim, lembro de você.

Stacy meneou a cabeça, um sorriso malicioso nos lábios.

— Lembra também quando te falei que a namorada dele se chamava Pérola Lazzari?

Meus olhos se arregalaram em surpresa e meu queixo caiu.

Selena fechou a cara, mas sua expressão era de puro deboche.

— Bem, lembro, mas eu vi que ele chegou com você e, pelo que notei, não há ninguém com esse nome por aqui.

— Não? — Se a mulher pensou que seria a cara do deboche, Stacy a superou. — Engraçado, porque ela está bem atrás de você.

Selena virou abruptamente com sua amiga e seus olhos azuis me encararam com surpresa e algo mais. Raiva, talvez?

Incorporando meu lado adulta e muito madura, eu lhe ofereci um sorriso de pura gentileza e dei um tchauzinho. — É um prazer, Selena com a. — disse. — Ah, e fico feliz que você queira levar meu namorado para um dos quartos. É um sentimento que, acredito eu, é compartilhado com a maioria das mulheres nessa casa e fora dela. Só que é uma pena que ele seja recíproco apenas comigo.

A carranca de Selena aumentou. Ela me fuzilou com sua amiga por um tempo, e esperei por um ataque de fúria, mas, em vez disso, ela sorriu de boca fechada forçadamente e saiu, arrastando sua amiga com ela.

Stacy riu, balançando a cabeça, mas seu sorriso morreu devagar quando ela se virou para mim. Ela pode ter me defendido aqui, mas eu sabia que ela não gostava de mim. Eu sentia o mesmo, então, não me importei.

— Kent pediu para você encontrar com ele no andar de cima, última porta à esquerda. — ela disse quando se virou para pegar uma garrafa de uísque. Quando ela voltou, deu a volta na ilha e parou na minha frente me encarando com os olhos cinzentos estreitos, nariz com nariz. — Vou te dar um conselho, gata: quebra ele outra vez e farei, pessoalmente, o mesmo com você, só que de uma maneira mais física.

Ergui o queixo, firme, para encara-la de volta. Uma parte de mim, quis rir da cara dela e dizer que queria vê-la tentar. A outra, estava agradecida por ela estar cuidando dele quando estou longe.

— Recado dado. — disse simplesmente.

— Bom. — Com um apontar de dedo para mim, ela se afastou em direção aos jardins com a garrafa de uísque nas mãos.

28 - PÉROLA

O quarto estava coberto pela escuridão, exceto pela luz da lua que adentra pela brecha que a cortina fez. O som da música lá fora estava longe, mas as batidas ainda estrondava as paredes e a porta.

Enfiei primeiro a cabeça, tentando enxergar além da escuridão. Stacy havia dito que era a última porta à esquerda, será que ela falou o certo? Já estava prestes a sair quando uma porta se abriu, inundando o quarto com sua luz, e a figura alta e musculosa de Kent surgiu. Resfoleguei, pisando para dentro e fechando a porta atrás de mim.

Kent me viu e seus passos hesitaram por um milésimo de segundo, antes de voltar ao normal. Cada passo confiante, uma batida forte do meu coração contra minha costela, até que ele estava diante de mim, em toda sua glória nua, exceto por uma toalha ao redor de sua cintura. O cheiro da sua loção de barba e sabonete masculino invadiram meu sistema e me deixaram tonta.

As minhas pernas fraquejaram, mas eu me mantive firme, meus olhos em seu peito musculoso e molhado. Fazia pouco mais de uma semana que ele havia chegado à Califórnia, mas seu corpo já estava bem bronzeado.

— Você veio. — Sua voz rouca enviou um arrepio pela minha espinha. Ele não me tocou, ainda, mas sua respiração acariciou a pele do meu rosto.

— Eu disse que estaria aqui. — sussurrei, minha garganta apertada. Eu estava excitada apenas com sua presença.

— Sim, você disse. — Havia um leve toque de incredulidade em seu tom. Suas mãos alcançaram minha cintura, e estremeci, e seus olhos abaixaram, viajando lentamente por todo meu corpo. — Você está linda pra caralho, baby.

Para você.

Toquei seu peito, amando sua proximidade. Sentindo saudades da sua pele sob meus dedos. Rapidamente, minha mente ninfomaníaca tomou o controle e eu estava perdida.

Kent colocou uma mão em meu pescoço e a outra permaneceu na minha cintura quando ele me puxou até que não restava mais nenhum espaço entre nós. Meus seios doloridos pressionados em seu peito forte, molhando meu vestido com a água do seu corpo. Quando ele segurou firme em meu pescoço e sua boca mergulhou na minha, derreti em seus braços. A língua de Kent invade, me lambendo e comendo, tomando em um único beijo tudo que perdi durante todo o tempo longe. Seu beijo era intenso, duro e preciso. Alucinante.

Agarrei seu bíceps, arranhando com minha unha. Querendo mais e mais, e mais.

A mão em minha cintura viajou até se concentrar em minha bunda, e ele apertou, pressionando meu ventre contra sua ereção muito dura. Ele rosnou em minha boca; gemi. Necessidade correndo pelas minhas veias.

— Porra, quero você, Pérola. — Ele mordeu, então puxou meu lábio inferior entre os dentes. — Sei que combinamos ir devagar e sei que você tem aquele cara, mas, caralho, estou com tantas saudades de você. De ter você.

Alcançando sua nuca com as duas mãos, puxei sua testa para minha. Nossa respiração descontrolada. Meu peito subia e descia com violência.

Ele tinha razão. Eu preciso ir devagar, e Jacob ainda está presente. Mas também nunca combinamos fidelidade, por isso não lhe devo nada. Eventualmente, vou me sentar com ele e dizer que não podemos mais nos ver. Se vou tentar de novo com Kent, não posso estar vendo outra pessoa ao mesmo tempo que cobro fidelidade a ele.

Mas agora, tudo que eu preciso é dele. Estar perto dele. Beijar ele.

Rocei meus lábios inchados nos seus. — Apenas me beije. Sei que é sua festa, e você precisa estar lá para seus convidados, mas, por favor, fique um pouco comigo. — sussurrei.

— Acha mesmo que eu me importo com todas essas pessoas? A maioria que está ali é só porque sou um jogador famoso. Muitas pessoas dali, eu nunca nem vi. Só as que importa é Stacy e Avery, e os dois sabem com quem estou. — Ele beija a ponta do meu nariz, como ele costumava fazer sempre. — Com quem importa mais.

Sentindo-me altamente sentimental por estar assim com ele, por suas palavras, peguei sua mão e o puxei até a grande cama no centro do quarto. Eu solto sua mão e começo a retirar minha jaqueta, devagar, meus olhos presos no rosto perfeito de Kent. Através da luz da lua que adentra o quarto, posso ver como seus olhos escurecem de excitação, seguindo os movimentos lentos da minha mão. Com a jaqueta já no chão, eu me concentrei no zíper lateral do meu vestido. A respiração de Kent se tornou pesada. A toalha em volta de sua cintura já formava uma tenda.

Umedeci os lábios com a língua e puxei as alças finas do vestido pelos meus ombros. Empurrando para baixo, deixei ele cair em uma poça de tecido nos meus pés. Meu corpo agora só estava coberto por uma lingerie preta. O sutiã meia-taça erguia meus peitos como se fossem um aperitivo suculento sobre uma bandeja. O brilho nos olhos de Kent apenas me confirmou isso.

Eu já estava abaixando para retirar as sandálias, quando uma mão grande e, incrivelmente, trêmulas, agarrou meu pulso e me colocou de pé.

— Deixe isso comigo. — Sua voz era rouca, tensa. Confirmei, e ele desceu, ficando em seus joelhos. Encaixando sua mão por trás do meu joelho esquerdo, ele usou a outra para desatar minha sandália e, levantando com cuidado minha perna, retirou-a do meu pé. Precisei segurar em seus ombros para não me desequilibrar. Quando ele colocou meu pé de volta no chão, seus lábios tocaram suavemente a pele da minha panturrilha. Estremeci com um gemido. Kent sempre amou deixar beijos em minhas panturrilhas. Em seguida, com todo cuidado do mundo, ele fez o mesmo com minha perna direita.

Ele se colocou de pé, minhas mãos ainda descansando em seus ombros largos e fortes. Ficando na ponta dos pés, subo na cama alta e vou até o centro dela. — Vem. — digo, minha voz quase um murmúrio cheio de luxúria.

Kent coloca primeiro um joelho sobre o colchão e então sobe, vindo para meu lado. Empurro seu peito até que ele se deita sobre os travesseiros macios, e eu me deito em seu peito. Um braço seu me circula, seus dedos começam a traçar linhas imaginárias em meu braço nu.

— Você sabe, — Kent sussurra. — não está ajudando isso de você ficar quase nua ao meu lado. Sabe muito bem que não aguento.

Reprimi uma risada quando olhei para a cabana formada pela sua toalha. — Achei que seria justo, uma vez que você está só de toalha.

— Não é um jogo justo quando você tem a porra do corpo mais perfeito do mundo. É gostosa pra caralho, e eu não faço sexo há um longo tempo.

Sorrindo, me aconchego mais na lateral do seu corpo. — Se ajuda, você também é gostoso pra caralho, e não importa se eu transei nesse tempo, ainda é muito difícil para mim. Estou molhada desde que vi você sair daquela porta. — aponte para a porta do banheiro, onde ele estava há alguns instantes.

— Não, isso não ajuda. — Seu rosto está envolto em sombras, mas pude ver a contração de uma careta.

Eu ri e beijei seu peito. Ficamos em silêncio por um tempo. Meus dedos desenhando em seu peito, e os seus em meu braço. Nossas respirações calmas. Até que a música lá fora foi trocada e houve gritos excitados, e lembrei onde estamos.

— Acho que você deveria descer agora. As pessoas devem estar procurando por você.

— Shh, só mais alguns minutinhos. — Ele me abraçou mais forte e ficamos assim, por mais alguns minutos.

...

KENT

Os convidados ficaram animados quando voltamos para festa. Claro, a maioria deles nem conseguiam ficar de pé direito de tão bêbados.

Aceitei a cerveja que Stacy me deu com um sorriso cúmplice entre mim e Pérola e fui até os jardins para cumprimentar outras pessoas. Não gostei quando Pérola escapou do meu lado e foi para Claire. Eu queria ela perto de mim, para que todos pudessem ver que não importava o quê, ela era minha. Só minha.

Bati minha palma contra a de Connor Ferrer, um dos jogadores do meu antigo time, que veio para LA apenas para festejar comigo e dei um beijo na bochecha de sua namorada, Erica. Quando me virei para falar com outro jogador, um furacão loiro se jogou em mim, se agarrando meu pescoço com tanta violência, que acabei derrubando um pouco da minha cerveja.

— Feliz aniversário, coisa linda! — a líder de torcida que conheci nesses dias, Selena, sorriu maliciosamente, mas não me soltou.

Recuei, ficando ereto, de forma que ela precisou ficar pendurada em meu pescoço, devido à minha altura, e olhei para ela. — Obrigado, Selena. — Com a mão livre, tentei retirar seu braço; ela era bem forte para seu tamanho. Meus olhos correram para cima, para Pérola, e ela estava congelada, os grandes olhos azuis assistindo-me. O brilho neles era furioso e decepcionado ao mesmo tempo. Meu coração afundou. Voltei para Selena. — Você pode me soltar agora. — disse, educadamente.

Ela não fez. Em vez disso, se empurrou na ponta dos pés e beijou meu queixo. Fiz uma careta.

— Sabe, poderíamos ir lá para cima. — Sua voz era sinuosa em vários pontos.

— Acabei de descer.

— O que custa subir de novo?

Minha expressão estava séria. Olhei para cima e tranquei meus olhos com Pérola, tentando lhe dizer que eu era apenas dela.

— Custa mais do que você imagina. — respondi, sem tirar os olhos de Pérola.

Selena deu uma risada sexy.

— Diga quanto, e eu pago.

Isso fez meus olhos descerem para ela, frios e completamente irritados. Dando o meu máximo para me conter, agarrei seu braço e o puxei de meu pescoço.

— Custa a minha mulher, e ela não tem a porra de um preço. — Eu nem esperei seu rosto começar a expressar uma reação, passei por ela e segui para falar com alguns outros amigos.

Enquanto ouvia Saylor Davies, outro parceiro do antigo time, falando sobre como eu e Avery fazemos falta, olhei para a mulher que continha meu coração. Seus olhos estavam mais

aliviados, mas ainda havia dor neles. Eu lhe enviei um olhar e nele estava bem claro o que eu queria lhe dizer.

Sou todo seu.

29 - KENT

— Então, QB, o que está achando da reforma? — Jacob fez a pergunta assim que passei pelo elevador privativo da minha cobertura. Seu sorriso era uma mistura de fanatismo e arrogância.

Segurei um comentário em minha boca, porque, apesar de que estava transando com a minha mulher, ele ainda era um fã e um profissional. Eu nunca tratei um fã mal, e não começaria com ele. Tampouco desrespeitaria um profissional em seu local de trabalho. Mesmo que esse local seja a minha casa.

Acenei com a cabeça, dando-lhe um sorriso que eu costumava direcionar aos meus fãs. — Está ótimo. — Eu não menti. A cobertura tinha sido modificada para algo mais moderno e tecnológico, como havia pedido à Pérola. Parecia como um lar puramente masculino, todo pintado com cores neutras, mas fortes. Uma obra de sua mãe, imagino. Havia alguns homens trabalhando nas paredes de vidro que cercam o lugar. Meus olhos encontraram os azuis-escuros de Pérola e um sorriso verdadeiro desmanchou meus lábios. — Definitivamente perfeito.

Ela sabia que eu não estava me referindo ao apartamento, porque seu rosto corou deliciosamente. As lembranças de duas noites atrás, em minha festa, também estavam grudadas em sua cabeça bonita. Nós dois, deitados naquela cama, abraçados quase nus. Como costumávamos fazer, exceto pelo quase, claro. Nossas roupas geralmente estavam jogadas em algum lugar pela casa.

Não nos vemos desde aquela noite, porque ambos tínhamos trabalho a fazer. Então, quando ela me mandou

mensagens, perguntando se eu não queria dar uma olhada na reforma, eu não pensei duas vezes antes de pedir ao meu assistente para desmarcar todos os meus compromissos de hoje.

— Ah, que bom que gostou. Eu e Pérola estávamos preocupados com o que você pensaria. — A voz de Jacob chamou meus olhos de volta para ele. — Não é mesmo, P?

Eu e Pérola.

Não é mesmo, P?

É estúpido, mas o ciúme queimou minha garganta quando lutei contra o desespero ao ouvi-lo tratar Pérola com intimidade. Sou ciente de seu envolvimento, mas não precisava aguentar isso.

Felizmente, Aurora Lazzari, a mãe de Pérola, adentrou a sala em seu salto quinze e saia lápis. Linda e elegante como me lembro bem. Olhando entre ela e a filha, não se encontra nenhuma aparência. Se não fosse pelo fato de conhece-las, eu nunca diria que são mãe e filha. Pérola é apenas a cópia de seu pai. Tipo uma versão masculina de Giovanni Lazzari.

Aurora me deu o seu sorriso carinhoso de sempre quando se aproximou e beijou meu rosto. Ela nem parece estar na casa dos quarenta de tão jovem e bonita que é. — Olá, querido. — Cumprimentou, sua voz doce. — Quanto tempo. — Ela riu.

Sorrindo, devolvi o beijo em seu rosto.

— Pois é. Como a senhora está?

— Ora, não me chame assim ou me sentirei com a idade da minha mãe. — Ela fez uma careta, mas abriu um sorriso

brincalhão. — Estou bem, obrigada.

— Longe de mim, ofender você. — Dei ênfase na palavra, e ela sorriu mais.

— Obrigada. E você, como está indo? Vejo que agora é um grande jogador. Meus parabéns.

— Muito obrigado, Aurora. — disse, e olhei para sua filha, sobre seus ombros. — Eu estive em um tempo ruim, mas já está melhorando.

Pérola desviou os olhos de seu tablete e se desmanchou em um sorriso conhecedor quando encontrou meus olhos.

Aurora assentiu e pediu licença, dizendo que precisava de Jacob na varanda com ela para uma ajuda. Ela piscou um sorriso para mim. Ela estava nos dando privacidade, e era por isso que eu a amava. — Vejo você depois, Kent. Estou feliz em vê-lo de novo.

Anuí. — Também estou feliz com isso.

Quando Aurora saiu, arrastando Jacob com ela, me deixando a sós com sua filha, eu me virei completamente para ela, que tinha abaixado seu tablete sobre o balcão da ilha da cozinha e agora estava me encarando com expectativa.

— Você estava preocupada com o que eu pensaria? — Perguntei a ela, lembrando das palavras de Jacob.

— Você sabe que tenho confiança em meu trabalho. Eu não estava preocupada com o que você pensaria, mas estava ansiosa pela sua opinião.

Com passos firmes, cheguei perto dela. Perto o suficiente para estender a mão e tocar sua pele perfeita, se quisesse. — Tudo que você faz, acho perfeito, Pérola. — Eu disse, olhando em seus olhos. — Você ainda não falou com Jacob, não é?

Surpresa atravessou seus olhos. Ela engoliu, então sacudiu a cabeça. — Não, mas farei isso hoje. Eu não me esqueci, apenas não tive um tempo de verdade.

Assenti. Não gostava muito, mas não podia fazer nada quanto a isso.

— Não se preocupe, ok? — ela tocou meu braço, seus olhos transmitindo confiança. — Eu não farei nada além de conversar com ele.

— Confio em você. — Eu disse, e era a mais pura verdade. Mesmo depois de tanto tempo longe, ela ainda era a pessoa em que eu mais confiava no mundo inteiro. Dei um passo e estava diante dela, precisando abaixar o queixo para encarar seu belo rosto, mesmo ela estando com um salto fodidamente alto. Sua proximidade me fazia sentir coisas que deveriam ser proibidas com pessoas por perto, mas meu corpo não se importa muito com essas coisas.

Ela ergueu seu queixo e me encarou de volta. Seus olhos me implorando, queimando por mim. Seus lábios levemente abertos e sua respiração defeituosa, devido a minha proximidade. Ela estava afetada tanto quanto eu.

— Quando terei você de novo? — perguntei baixinho para que ninguém que entrasse de repente pudesse ouvir.

Ela ofegou, puxando o ar bruscamente.

— Deixe-me apenas resolver isso com Jacob. — Ela sussurrou. — Também quero você de novo, acredite em mim.

— Acredito.

Ela assentiu, engolindo em seco.

Levantando uma mão, segurei seu rosto de lado, movendo sua cabeça de modo que meus lábios pairaram sobre os dela. Quase se tocando. Eu poderia e queria beijá-la, mas não faria isso aqui e agora quando ela ainda tinha essa merda com seu colega de trabalho.

Os olhos de Pérola vacilaram e, um olhar para baixo, e pude ver seus mamilos eretos pressionando o tecido fino de sua blusa. Eu mal podia esperar para tê-los de novo em minha boca.

— Você é minha, Pérola. Sabe disso, não é? — pedi, quase implorando. — E sou todo seu. Corpo, alma e a porra do meu coração. Até com todas as discussões e ciúmes, você era a pessoa perfeita para mim. Tudo em você é perfeito, e eu nunca vou me cansar de te dizer isso.

Ela anuiu novamente, seus olhos se enchendo de lágrimas.

— Sei. — Ela balançou a cabeça quando uma lágrima escorreu pela sua bochecha. — Fui estúpida por deixar você, mas eu sentia que estava te sufocando. Era abusivo, Kent.

— Então abuse de mim, pelo amor de Deus.

Ela deu uma pequena risada entre as lágrimas e bateu em meu peito de brincadeira.

— Não brinque com isso. É algo muito sério. Se fosse o contrário, as pessoas realmente veriam o quão ruim isso é. Mas como isso é comigo, que sou a mulher da relação, elas acham que é apenas *frescura*.

Ela tinha razão. Eu estava cansado de ver as pessoas, principalmente a mídia, criticando as relações de alguns famosos, as declarando como abusivas. Os homens eram sempre os alvos dos ataques.

Balancei a cabeça, concordando com ela, porque ela estava certa.

— Entendo que não é frescura. E estou aqui para você, sempre que precisar, tudo bem?

— Tudo bem. Obrigada.

— Eu te amo e vamos superar isso juntos. — Eu disse.

Pérola abriu um sorriso bonito. — Okay.

— Sem Jacob, por favor.

Seu sorriso se tornou uma gargalhada gostosa. — Sem ele ou qualquer outra pessoa. — Ela ergueu uma sobrancelha divertida, e então fez careta. — Como aquela Selená, por exemplo.

Foi minha vez de fazer uma careta. A mulher era insistente. — Sem ela, também.

Pérola estava prestes a dizer mais alguma coisa quando sua mãe colocou apenas a cabeça para dentro da sala e avisou: — Jacob está vindo. Ele parece ansioso demais para ficar perto

do astro do futebol. — Ela sorriu para mim, que retribuí o gesto, e piscou cúmplice para a filha.

Assenti e abaixei a mão. Odiava isso, mas querendo ou não, Pérola ainda tinha uma coisa com o bastardo, e eu não podia fazer nada até que ela desse um basta.

Ela sorriu para mim, daquele jeito em que ela prende a ponta da língua entre os dentes de uma forma sexy e ergueu o tablet com uma mão enquanto a outra retirava as manchas de lágrimas de seu rosto.

— Você tem um fã, cara.

Torci o nariz, mas acabei forçando um sorriso quando Jacob rompeu na sala, todo animado.

PÉROLA

Eu havia marcado um jantar para Jacob e eu em um restaurante simples perto do trabalho. Cheguei dez minutos adiantada para escolher um lugar bom.

Jacob chegou em dez minutos e estava meio nervoso quando se sentou em minha frente. Ele casualmente olhou o cardápio e fez seu pedido para uma garçonete educada, e fiz o mesmo. Só quando ela saiu com nossos pedidos anotados, ele olhou para meu rosto. Seu sorriso era ansioso, mas não alcançavam seus olhos verdes.

Fiquei curiosa, mas não fiz perguntas. Costumávamos contar algumas coisas um para o outro, mas nada muito além disso. Eu abri a boca para falar “Jacob”, e ele me interrompeu.

— Antes de você falar qualquer coisa, tenho pra te dizer.
— Suas palavras nervosas eram rápidas. Eu assenti. Ele coçou o queixo e fez uma careta. — É que... P, gosto de você. De verdade, mesmo. Só que eu não vejo um futuro acontecendo para nós. Tentei aceitar o tipo de relação que temos, mas não é para mim. Gosto de mãos dadas e beijos em públicos, e eu... Bem, — ele realmente parecia envergonhado. — encontrei alguém que quer o mesmo.

Completamente pega de surpresa, arregalei os olhos, minha boca aberta em choque. Eu não estava com raiva. Sério, foi como retirar um bocado de tijolos das minhas costas. Vim até aqui para terminar o que tínhamos e não esperava que ele fosse fazer isso também. Deu até vontade de rir, mas engoli isso e balancei a cabeça com cautela.

— Uau. — Eu disse. — Eu não... uau.

Ele me olhou com pesar. — Sinto muito, P. — Se apressou a dizer. — Não fique chateada comigo. Conheci Demi há algum tempo e só rolou. Não disse nada antes porque você deixou claro que não era um relacionamento sério. Não havia fidelidade ou coisas do tipo.

Neguei com a cabeça e levantei minha mão para agarrar a sua, apertando levemente para acalmá-lo. Dei um pequeno sorriso. — Não estou chateada com você. Aliás, chamei você aqui para falar com você sobre isso e dizer que não poderia continuar com nosso arranjo. — Eu vi a surpresa em seus olhos. — Você sabe da minha história com Kent, e eu o amo mais que

tudo ainda. Ele também me ama e resolvemos nos dar uma nova chance.

Primeiro, pensei que Jacob daria um show, dado o brilho desgostoso de seus olhos. Mas ele sorriu, colocando a mão no peito, parecendo realmente aliviado. — Jesus. Pensei que você ficaria com raiva de mim.

— Por quê? Mesmo que não houvesse Kent, eu ficaria feliz em saber que você conheceu alguém especial. — era uma meia mentira. Talvez, se não houvesse Kent, eu estaria namorando Jacob. Mas estou mesmo feliz por ele. Sorri amplamente para ele. — Vou conhecer essa Demi?

Jacob relaxou e jantamos tranquilos. Ele me contou um pouco sobre essa Demi, e contei para ele como conheci Kent e como ele se tornou um QB famoso. Sua expressão fanática me fez rir cada vez que olhava para ele.

Nunca pensei que seria tão fácil assim. Quando tive que acabar meu relacionamento com Kent, foi como rasgar meu coração. Daí, eram situações completamente diferentes. Eu não amo o Jacob como amo Kent.

Quando o jantar terminou, fui para meu apartamento. Apesar de estar sedenta para contar a Kent que eu tinha conversado com Jacob, me forcei a esperar até o dia seguinte. Era um dia de treino dele, e eu iria lhe fazer uma surpresa em seu hotel.

...

Claire me enviou uma mensagem, avisando que Kent já estava de volta ao seu hotel. Ele também mandou mensagens, mas eu não as respondi.

Ao chegar no hotel em que ele estava hospedado, me apresentei na recepção e o homem simpático atrás do balcão me avisou que Kent estava na academia privada do hotel em uma sessão de fisioterapia. Colocando meu ciúme de lado — porque eu sabia bem quem estava com ele —, fui na direção indicada para mim. Meu sorriso era largo, mas estremecia um pouco. Minhas mãos soavam e meu cérebro estava rodando, no mesmo ritmo das batidas aceleradas do meu coração.

Era assim que eu me sentia quando sabia que tinha alguma mulher perto de Kent. Era terrível e ninguém entendia, mas era real. Parei abruptamente, meus olhos se arregalando, quando vi Kent, através das paredes de vidro que cercam a academia, com sua roupa de malhar — um calção térmico e uma camiseta de laterais profundas. Eu sabia que ele preferia fazer isso sem a camisa, mas fiquei parte feliz por ele estar com uma agora. Mas não foi isso que me fez parar.

Selena, a mulher que conheci em sua festa — a mesma que tentou beija-lo — estava lá, empoleirada sobre a esteira, com os grandes olhos azuis maliciosos sobre Kent. Ela falou alguma coisa, mas ele balançou a cabeça, uma carranca deixando seu rosto bonito duro.

Meus olhos correram pela academia, mas não havia sinal de Stacy em lugar nenhum. Agarrando bem a minha bolsa, adentrei, pisando duro para que meus saltos alertem a minha chegada.

Ambos olharam para mim. Selena revirou os olhos e se empurrou para longe da esteira. Kent abriu um sorriso que fez as

borboletas em meu estômago se agitarem.

Não devolvi o sorriso, no entanto. Estou ciente que era para tentar, mas não dá quando a mulher está por perto o tempo todo. Olhei entre eles, estreitando os olhos levemente.

— O homem da recepção disse que você estava em uma sessão de fisioterapia. — Eu disse para Kent, mas meus olhos estavam sobre a figura debochada de Selenia.

Ela puxou um cacho de seu cabelo dourado e começou a enrolá-lo no dedo, fingindo tédio.

— Bem que eu gostaria de ser sua fisioterapeuta. — Ela falou, provocante.

Meus olhos ficaram ainda mais estreitos. Era por isso que eu evitava ir aos seus jogos. Eu poderia matar uma dessa maneira.

Duas mãos grandes me puxaram para si, e inalei o cheiro masculino e viril de Kent. Voltei para ele, meus olhos suavizando, meu corpo tenso, relaxando. Ele se tornou tão lindo que doía olhar.

Ele me olhou, todo carinhoso. — Por que não respondeu minhas mensagens?

— Queria fazer uma surpresa para você.

Selenia bufou, e eu lhe dei uma olhada no momento em que Kent cerrou os dentes. Ah, vou matar alguém hoje.

— Nos dê licença, pelo amor de Deus.

— Qual é, K! Estávamos tendo uma conversa aqui. — Ela reclamou, fazendo beicinho.

Ela fez beicinho?

Minhas mãos se fecharam em punhos, mas eu não cheguei a avançar porque outra voz feminina soou.

— Oush. Por favor, Selena, não se humilhe dessa forma, ok? — Stacy caminhou em nossa direção em sua roupa de academia, modelando seu corpo perfeito de ex líder de torcida. Seu rosto, refletia tédio puro. Ela balançou a cabeça, agitando seu rabo-de-cavalo. — Foi apenas uma noite e não vai acontecer de novo.

Minha cabeça disparou para Kent. Ele dormir com ela? A dor pinicou a parte de trás da minha cabeça e dei um passo para o lado, tentando manter meus batimentos calmos.

Então Stacy completou: — Não costumo dormir com alguém por mais de uma noite. Apenas vá e deixe-me trabalhar com Kent.

Meu queixo caiu. Kent me deu um sorriso significativo, que me dizia que ele sabia o que estava rolando.

Selena tentou rebater, mas Stacy apenas fez um sinal de desdém, acenando para a porta. Com uma última olhada esperançosa para Kent, ela saiu, pisando duro.

— Você pegou ela? — Kent perguntou, surpresa em sua voz.

Stacy deu de ombros, como se não fosse grande coisa, enquanto arrumava seus produtos de trabalho. — Ela estava

disponível e carente de você, então prometi fazê-la esquecer de você por uma noite.

Stacy ficou com Selena?

Acho que meu choque foi visível, porque ela revirou os olhos com um olhar em meu rosto. — Não é grande coisa, Pérola. Eu pego mulheres também, e daí? É bom experimentar coisas novas de vez em quando.

— Não estou julgando você, só... um pouco surpresa.

— Bem, pode me agradecer por tirar ela do pé do seu homem. Ela é gostosa pra caralho, mas é uma vadia fora da cama. E eu não estou falando do fato de ela estar dando em cima do Kent o tempo inteiro.

Assenti.

Stacy olhou para Kent. — Quer um tempo para conversar ou podemos começar?

Kent sorriu agradecido para ela. — Cinco minutos?

— Ok. Vou tomar um suco verde então. — Depois de acenar para mim, ainda bem distante da simpatia, ela se foi, nos deixando a sós.

Virei para Kent e respirei fundo quando ele me puxou e me abraçou. Abracei de volta, relaxando em seus braços.

Ele beijou meus cabelos. — Qual era a surpresa? — Perguntou.

— Conversei com Jacob ontem. Estou livre agora. —
joguei tudo logo, sem enrolar.

Recuando o suficiente para olhar em meus olhos, ele segurou meu rosto de cada lado, com suas mãos grandes. Seus olhos se tornaram mais escuros e até possessivos, de uma forma que enviou um arrepio pelo meu corpo.

— É toda minha outra vez?

— Eu sempre fui toda sua, Kent. — Segurei em seus bíceps fortes e sorri. — Nunca pertenci a nenhuma outra pessoa além de você. Mas, vamos devagar para que eu não mate ninguém. Como era minha vontade agora pouco, quando vi Selena dando em cima de você.

Rindo, Kent esmagou sua boca na minha e me beijou um tanto dependente. Ele mordiscou meu lábio inferior, e deixei um gemido de prazer escapar. A sensação dolorosa da minha excitação já estava presente entre minhas pernas. Ele inclinou levemente minha cabeça, intensificando o beijo quando chegou mais perto. Seu corpo duro colado no meu. Sua excitação empurrando em minha barriga.

Foi um beijo lento, profundo. Ele gemeu baixinho, e arfei. Esse era um dos meus sons favoritos dele. Tudo sobre ele era bom demais, gostoso demais.

Kent intensificou o beijo, mudando o ângulo de nossas cabeças, e foda-se, esqueci de Selena, Stacy e até do lugar onde estávamos. Eu queria ele aqui mesmo, na academia vazia. Sobre a esteira ou até mesmo no chão.

Eu só queria tê-lo, senti-lo de novo. Saborear seu corpo e beijos. Me perder outra vez nas sensações que só ele consegue

proporcionar.

Quando minha respiração oscilou e o ar se foi de nós dois, interrompemos o beijo. Kent não me soltou, e eu não me afastei. Olhamos um para o outro, como se quiséssemos decorar cada traço de nossos rostos. Seus lábios inchados e manchados pelo meu batom me fizeram rir de leve.

Ele traçou seus polegares pelas minhas bochechas e depositou beijinhos no canto da minha boca.

— Sim, podemos fazer isso devagar, contanto que você não fuja outra vez.

Balancei a cabeça. — Não vou fugir de novo. Prometo.

Ele me beijou outra vez, mas fomos interrompidos por um limpar de garganta. Stacy.

— Amo que vocês estejam se pegando outra vez, mas temos trabalho a fazer. — Ela indicou Kent. — Sério, ainda tenho que trabalhar em Avery hoje, então, podemos agilizar e, em seguida, vocês vão para o seu quarto?

Revirei os olhos, mas acabei rindo do desespero em sua voz.

— Tenho que ir para LEA agora, de qualquer maneira.

Kent segurou minha mão.

— Podemos ter um encontro hoje?

Ergui a sobrancelha. — Um encontro?

— Sim. Eu, você e um jantar. Posso mandar fechar aquele restaurante de frutos-do-mar que você adora.

— Sério? — Stacy se meteu. Com os braços cruzados sobre os peitos, ela nos olhou com indignação. — Vocês estão há séculos sem transar. Kent, está nisso literalmente. Experimentem um jantar na suíte do hotel ou no seu apartamento, Pérola. E, pelo amor de Deus, transem! Kent está um pé no saco após tanto tempo sem transar.

Uma mulher normal, ficaria vermelha com suas palavras, mas não eu. Com o pai e tios que tenho, e com uma mente aberta para assuntos sexuais, é difícil se sentir envergonhada sobre isso.

Prendendo meu lábio inferior entre os dentes, dei de ombros com um sorriso astucioso para Kent.

— Acho que serve no meu apartamento.

Kent devolveu meu sorriso, mil vezes mais mordaz, e puxou minha mão, agarrando um lado do meu rosto com a mão e beijando-me com força, sem se importar com a presença de Stacy.

— Vejo você às 20 horas?

Assenti, embriagada. — Espero você lá. — Então vou embora, tentando o máximo para manter minhas pernas firmes enquanto caminho para fora da academia.

30 - PÉROLA

— Você parece bem nervosa, prima.

Estanquei. Já fazia uns dez minutos em que estava andando de um lado para o outro na sala do meu apartamento. Meus dedos entrelaçando um no outro, num tique nervoso.

Eu estava nervosa.

Olhei para Nina, minha priminha, filha caçula do tio Lucca, e abri um sorriso carinhoso para ela. Um espelho do seu próprio sorriso carinhoso. — Só um pouquinho? — brinquei, levantando minha mão e quase juntando meu indicador e polegar.

Ela riu, balançando a cabeça delicadamente enquanto picava um pimentão vermelho.

— Você não tem que ficar nervosa, P. Está linda, como sempre.

— Obrigada, *principessa*. — disse, gentilmente.

Nina tinha apenas dezessete anos, mas era a melhor cozinheira que já conheci na minha vida, então, quando combinei com Kent do nosso jantar ser na minha casa, logo pensei nela. Seu sonho de ir estudar Gastronomia na França estava quase se tornando realidade, e eu estava dando a maior força.

Caminhei até a ilha do meu apartamento e me empurrei sobre uma banquetta, observando-a trabalhar. Apoiei meus antebraços no balcão de mármore e estudei seu rosto.

— E você? Algum namoradinho que eu deva chutar a bunda?

Ela bufou com uma risada quando passou os pimentões repicados para uma panela. Seu rosto rapidamente se tornando vermelho. Era tão linda e fofa, que eu queria guardá-la em meu bolso e nunca mais soltá-la.

— Você não precisa fazer isso, porque o idiota do meu irmão já fez.

Eu ri. — Ele fez?

Nina anuiu, revirando os olhos.

— O que Ben fez dessa vez?

— Tinha um cara da escola, Max Buttler, que me perguntou se eu não queria sair com ele. Ir ao cinema, sabe? Perguntei a minha mãe, e ela disse que tudo bem, mesmo que o papai tinha tido um mini infarto com seu rosto todo vermelho. Mas quando Benton soube, ele foi até Max e lhe disse que, se Max me chamasse outra vez para sair ou até mesmo olhasse para mim, ele pressionaria o pneu de sua *Superleggera* nas bolas do Max e aceleraria sem sair do lugar. — Ela parecia indignada quando terminou de falar.

Coloquei uma mão sobre a boca para tentar impedir uma risada. Era nessas horas que eu agradecia aos céus por não ter tido um irmão. Meu pai surtando sozinha já basta.

Ben é um cara difícil, às vezes. Ele herdou o ciúme da família. Aos vinte e um anos, ele está focado em três coisas: Faculdade, mulheres e sua carreira como piloto da Moto GP. Mais para esse último, claro. O segundo, é apenas uma prova

que ele é um Lazzari, e o primeiro foi um acordo com os seus pais. Se ele não fizesse uma faculdade, não poderia pilotar.

— E o que você fez? — perguntei.

Nina deu de ombros.

— Descontei. Fui até seu apartamento e o encontrei com uma garota lá.

— E...?

Ela sorriu de uma forma perversa. Nem parecia a menininha gentil e fofa de antes.

— Eu disse para ela que, se ela não voasse porta afora, eu arrancaria seu aplique horroroso e furava seus peitos falsos.

Eu não impedi a risada desta vez. Minha priminha também sabe ser possessiva quando ela quer ser.

— Mas você gosta desse Max? — perguntei.

Nina suspirou, mas seu rosto ainda estava em um tom vivo de rosa.

— Não é que eu goste dele, mas acho que seria bom sair com um cara, só para variar. Aparentemente, todo garoto daquela escola tem medo do Benton ou do meu pai. Do meu nome, pra falar a verdade.

— Ben foi realmente um tipo de líder naquela escola. As pessoas ainda o respeitam.

Nina bufou. — Eles não poderiam encontrar outra pessoa para adorar que não tenha nosso nome? Há tantas pessoas legais e popular por lá...

Enruguei o nariz. — Não acho que seja assim que funciona.

— Pois é. O Racer nem é do último ano, mas as pessoas já o adoram como se fosse o rei da escola. É ridículo demais.

Ela bufou novamente e nós duas acabamos sorrindo.

Quando deu a hora marcada com Kent, Nina já havia ido embora. Tio Lucca veio busca-la depois do trabalho. Eu estava uma pilha de nervos.

Puxei várias respirações quando a portaria avisou que Kent estava subindo. Dei uma olhada ao redor para uma última checagem.

Mesa posta: *verificado*.

SoMo cantando em um volume baixo: *verificado*.

Me olhei no espelho da sala, conferindo minha roupa novamente. Escolhi uma saia justa branca de cintura alta, que alcançava o meio das minhas pernas; um top-cropped preto com detalhes em renda e uma sandália de salto preta com tiras que cercavam meus tornozelos.

Visual sexy: *verificado*.

As portas do elevador se abriram e a visão de Kent McGregor em uma calça jeans escura, tênis e uma camisa de mangas compridas preta, me deu água na boca. Seus olhos

estavam famintos sobre mim. Em sua mão, uma pequena rosa vermelha, mas eu não acho que nós dois nos importamos para isso agora.

Meu corpo imediatamente reagiu a ele. Meus mamilos endureceram e meu núcleo apertou. Toda a saudade acumulada vindo à tona.

Kent entrou sem uma palavra, com passos decididos e firmes, até que ele estava diante de mim. A rosa encontrou o caminho do sofá, e eu nem pisquei antes que ele segurasse meu rosto e afundasse seus lábios nos meus.

Seu beijo não foi suave ou delicado. Ele me beijou duro, com necessidade. Sua língua por toda minha boca. Uma mão desceu em minha cintura, me mantendo firme em meu lugar enquanto ele me saqueava com sua boca deliciosa.

— Se você estava planejando algo romântico — ele raspou os dentes em minha boca, rosnando. —, sinto muito informar que, no momento, estou muitas coisas, menos romântico.

Suspirei, sentindo-me zozza. Quando abri a boca para perguntar o motivo, fui arremessada sobre o meu sofá branco de cinco lugares, que mamãe escolheu para minha sala. — O que você...? — Solucei com o susto, quando Kent se ajoelhou na minha frente e empurrou minha saia para cima em minha cintura.

Olhando-me com seu familiar olhar faminto, ele mergulhou entre minhas pernas e beijou minha buceta sob o tecido encharcado da minha calcinha de renda preta. Ofeguei, surpresa. Kent trouxe seu dedo indicador e traçou o tecido molhado de cima a baixo, bem devagar, estudando minha reação. Minha respiração trêmula fazia meu peito subir e descer com força e

necessidade. Ele enfiou o nariz lá e me inalou profundamente, gemendo no processo.

— Caralho, que saudade eu estava do seu cheiro, baby. — Seu dedo não parava de me torturar, me deixando louca. — Estou com água na boca para experimentar você de novo. Sentir o gosto da minha boceta na minha língua outra vez.

Anuí, prendendo o lábio inferior entre os dentes.

Sim, por favor. Apenas faça...

Ele rosnou com um gemido quando afastou a renda para o lado.

— Porra. Não sei o que mais está me levando ao limite: sua boceta molhadinha para mim ou sua cara de safada. — Ele não esperou ou avisou quando sua língua trilhou minha carne sedenta, dessa vez, rapidamente. Ele beijou meus lábios de forma dura, como fez com minha boca. Sua língua trilhando todo caminho.

Levantando os braços sobre a cabeça, agarrei o encosto do sofá e abri mais minhas pernas para ele, gemendo alto durante toda sua abordagem.

O dedo de Kent desceu e encontrou seu caminho para dentro do meu canal quente, no mesmo instante que sua língua começou a pincelar em meu clitóris.

— Ohh, puta...! — Meu corpo arqueou involuntariamente e meu aperto no encosto do sofá se tornou mais apertado.

— Isso, baby. — Kent beijou suave meu botão dolorido, e sem parar de mover seu dedo dentro de mim, ele pediu: —

Abaixe as alças do seu top e mostre-me seus peitos perfeitos, hum? Você faz isso por mim? — Ele fez o mesmo pedido que sempre fazia quando estávamos transando. Ele introduziu outro dedo em mim e os torceu.

Mordendo o lábio inferior com mais força, assenti, contorcendo-me. Abaixei minhas mãos e, prendendo as alças em meus dedos, as trouxe para baixo, revelando meus seios. Meus mamilos estavam duros e pontudos, esperando por alguma atenção.

Os olhos de Kent brilharam com aprovação e ele chupou meu clitóris, provocando-me com seu olhar sujo e seus movimentos, que ele sabe muito bem que me tiram a sanidade.

Só para provoca-lo de volta, peguei meus peitos com minhas mãos e os apertei, torcendo os mamilos com meus polegares e indicadores. Arqueando as costas para torna-los mais proeminentes. Meus quadris começaram a se mover de encontro sua mão e boca, em busca de uma libertação.

— Kent... — implorei, fechando os olhos. Apeitei meus peitos com mais força. Eu precisava chegar ao orgasmo. Eu já estava preparada para isso.

Mas, ele parou e se afastou.

Ele simplesmente parou.

Abri os olhos, indignada e cerro os dentes para ele.

Como o arrogante que é, ele ri para mim, com seu sorriso de menino grande que sabe o que está fazendo. Me matando, por exemplo. Ele inclina a cabeça levemente, olhando para meu corpo aberto para ele, enquanto empurra suas calças para baixo.

Ele se livra dela e de sua cueca, mas não se preocupa com sua camisa quando se abaixa entre minhas pernas, seu joelho na beira do sofá. Ele estende a mão e puxa a renda fina da minha calcinha, seu dedo raspando na minha carne molhada, então minha calcinha não é nada além de um pedaço de pano rasgado em sua mão.

— Ai! — reclamei, tocando o lugar que picou a minha cintura onde estava minha calcinha. — Isso pinica, sabia?

Seu sorriso safado amplia. — Deixe-me compensar você por isso, então. — Kent se inclina, seu corpo pairando sobre mim. Uma mão apoiada ao lado do meu braço enquanto a outra agarra seu pau e o guia para minha entrada. No segundo depois, ele está todo dentro de mim em um impulso firme.

Ofeguei, agarrando seus bíceps.

— Ah, Deus!

— Não, baby — ele sacode a cabeça, entrando e saindo com força. —, sou apenas eu, o homem da sua vida.

Concordei com um aceno de cabeça, porque minha voz tinha sumido.

Kent empurrou com determinação. Sua mão que havia o guiado para mim, segurou a lateral do meu pescoço e ele veio para baixo, enfiando o rosto em meu pescoço.

Minhas mãos deslizaram para suas costas, o agarrando mais em mim. Eu gostaria que estivéssemos sem roupa alguma; gostaria de sentir sua pele quente na minha, sem nenhuma barreira, mas não me importei muito. Nossa conexão estava feita. Toda a saudade acumulada em nossos corpos, se esvaindo.

— Eu preciso que você venha comigo, amor. — ele diz, áspero em meu ouvido. — Você pode fazer isso?

— Sim... — Lambi meus lábios ressecos, assentindo desesperadamente.

Kent aumentou a pressão, girando os quadris. Ele me segurou no lugar, indo mais fundo, e então tudo explodiu. Ele, rosnando, sua libertação me invadindo. Eu gritei, meus nervos gritando com o prazer que sou consegui sentir com Kent. Tão intenso, que só senti que estava chorando quando as lágrimas escorreram até meu ouvido.

Kent tinha razão: Ele era o homem da minha vida.

...

Um minuto depois, Kent estava deitado no meu sofá e eu estava deitada ao seu lado, com a cabeça sobre seu peito e uma perna entrelaçada nas suas. Ele estava trilhando seus dedos pela pele do meu braço, ocasionalmente me deixando arrepiada.

Puxei o tecido da sua camisa e a torci entre os dedos, enrugando o nariz. Quero ele sem ela.

— Você preparou um jantar?

Oh, merda! Esqueci da comida. Gemi, enterrando meu rosto no peito treinado de Kent.

— Não eu. Pedi para Nina preparar algo para nós, e ela fez Gnocchi. Era para comermos antes de tudo, mas,

obviamente, não deu tempo nem de um Olá.

Kent riu e isso fez seu peito vibrar.

Levantei a cabeça para encara-lo, apoiando meu queixo em seu peito. Eu ainda babava com sua beleza, e seu sorriso era minha religião. Sempre foi.

— Eu estava com fome de você. — ele diz, delineando minha bochecha com seu polegar. — Ainda estou, na verdade. Mas antes de ter você ao redor do meu pau novamente, vamos experimentar o Gnocchi da pequena Nina. O cheiro está muito bom.

Sorrindo, inclinei meu rosto para o carinho de seu dedo e assenti, um segundo antes de me levantar com dificuldade.

— Espere. — Kent se sentou quando eu já estava de pé, prestes a arrumar meu top e minha saia. Ele levou uma mão para cima, então nas suas costas e puxou a camisa por sua cabeça. — Tire sua roupa e vista isso. — Ele estendeu a camisa para mim.

Ergui a sobrancelha em desafio.

Ele piscou para mim.

— Não quero empecilhos quando acabarmos de comer porque estou planejando comer você sobre sua mesa no final, como a porra de uma sobremesa dos céus.

Bufei de brincadeira, mas comecei a me livrar da minha roupa restante e sandálias. Já pelada, porque ele estragou minha calcinha, peguei a camisa e vesti, amando o tecido macio

roçando meus mamilos — que já estavam rijos devido à atenção de Kent sobre eles.

Kent se levantou e vestiu apenas sua cueca box vermelha e me seguiu para onde o jantar estava servido. No meio do caminho, ele me alcançou por trás, enlaçando minha cintura com os braços fortes e beijou meu pescoço.

— Eu estava com tanta saudade, que doía todo meu corpo. — Ele beijou minha orelha. — E amo ver você em minha camisa.

Ele não perguntou se eu usava as camisas de Jacob depois do sexo, e fiquei feliz com isso. Talvez, ele só estava tentando não pensar sobre isso, da mesma forma que eu.

Afinal, por que pensar em algo que só vai magoar?

Seus braços me apertaram mais e ele passou sua língua pelo comprimento da minha orelha, me ascendendo. Gemi e empurrei minha bunda ao encontro do seu pau, já bastante pronto para mim. Ele mordeu meu lóbulo em seus dentes e beijos a parte sensível, então, segurando minha cintura, me colocou sentada na cadeira com cuidado, e foi para a outra.

A noite mal começou, no entanto, em meses, foi a melhor noite da minha vida.

31 - KENT

Eu comi Pérola sobre a mesa de jantar, logo depois de jantarmos a comida preparada por Nina. Em seguida, nós avançamos para o quarto, onde nossa noite apenas começou.

Tínhamos a porra de muitos meses para pôr em dias e, não conseguimos ficar de preliminares. Nós fodemos uma, duas, três e até a quarta vez, dessa vez, em sua banheira. Quando caímos exaustos na sua cama, abracei-a por trás e pegamos no sono.

Era o paraíso na minha vida de novo. Ter Pérola daquele jeito, minha para fazer amor e dormir de conchinha, era meu fraco. Ela era meu calcanhar de Aquiles. O amor da minha vida. E estava comigo outra vez.

No dia seguinte, acordamos bem cedo. Ela tinha trabalho a fazer em meu apartamento, e eu tinha treino com a equipe para o próximo jogo.

Eu esperei ela tomar banho para poder me despedir do seu corpo macio e molhado. Perfeito do caralho. Eu chupei cada pedacinho da sua pele com ela pressionada contra a parede, e ela se entregou, pouco se importando para o atraso. No final, me levantei e beijei sua boca, deixando-a saber o quanto ela era gostosa. Segurei seu rosto; ela estava mole e me deu um sorriso exausto, mas satisfeito.

— Vejo você mais tarde? — Ela perguntou.

Um sorriso safado deslizou em meus lábios, e ela gemeu.

— Pode apostar que sim, amor — garanti. — Já perdemos tempo demais, você não acha?

Ela anuiu, passando os braços em meu pescoço e puxou-me para encostar em seu corpo nu. Minha ereção estava furiosa e Pérola sentiu isso. Ela se contorceu, roçando sua barriga na minha dureza.

Foi minha vez de gemer. Bati em sua bunda linda.

— Não me tente ou nenhum de nós vai trabalhar hoje.

Ela sorriu, maliciosa.

— Eu não acho que meu patrão ou meu cliente vai me repreender por isso...

Balancei a cabeça, sorrindo com ela e sussurrei em sua boca:

— Seu cliente poderia te repreender de outra forma.

Ela arfou na minha boca.

— Seria bem justo, na verdade. — Atrevida, ela desceu sua mão entre nós e pegou meu pau sob o tecido da minha calça.

Gemi, puxando seu lábio inferior com os dentes.

— Infelizmente, no meu caso, terei uma multa por chegar atrasado.

— Isso é um empecilho?

Sorri e apertei um seio com minha mão.

— Eu daria a porra da minha senha do banco para eles, se isso significasse foder minha garota. — Pegando na parte de trás de suas pernas, a levanto, e ela enrola as pernas em minha cintura com um gritinho fofo. Carrego ela até sua cama, onde a deixo sobre o colchão. — De quatro, amor — exijo, já trabalhando para abrir minhas calças e empurra-la para baixo.

Obediente, ela fez o que pedi, me dando uma visão maravilhosa da sua bunda grande e redonda, que me deixa louco.

Pressionando minha palma em sua coluna, guiei meu pau até sua entrada e impulsionei com força. Ela gritou um gemido, agarrando as cobertas, e eu a levei dessa forma, até que nós dois estávamos saciados. Mais uma vez.

Perfeita.

...

— Ok, sério, você transou! — Stacy disse assim que me viu na academia do hotel, onde marcamos de nos encontrar após o treino.

Abri meu sorriso cúmplice, meu pau sacudindo com as lembranças do meu amor com Pérola. Levantei minha palma e ela bateu a dela em um *high five*.

Stacy me abraçou e beijou meu rosto. Seu sorriso estava de orelha a orelha. Quando se afastou, apoiou as mãos na cintura e me encarou.

— Estou realmente feliz por você, sabia?

— Eu sei disso. — Devolvi o beijo no seu rosto. — Eu espero que você encontre seu par também.

Ela bufou e deu de ombros.

— Você seria esse par, né? — Ela riu, negando com a cabeça. — Desencana, príncipe. Estou muito bem da forma que estou.

— Mesmo? — Ergui uma sobrancelha.

Ela deu um soco de brincadeira no meu ombro. — Você está pronto? — Ela desconversou.

Ciente, balancei a cabeça. — Mais que pronto.

— Ah, é? Mesmo depois do round de sexo?

Pisquei. — É por isso que estou a todo vapor, Stacy.

Ela riu mais e me guiou para a esteira. Ajustando seu relógio inteligente no pulso, ela subiu em uma das esteiras, que estavam uma ao lado da outra, e indicou a outra para mim.

— Uma hora de corrida, garanhão.

Ajustei meu próprio relógio inteligente e subi na minha esteira. Após ajustarmos o tempo de cada esteira, começamos a correr.

Fizemos isso por uma hora inteira, sem conversas, apenas concentrados em nossas respirações e na música eletrônica que

soava através do alto falante. Quando o tempo acabou, Stacy foi a primeira a saltar e foi até sua garrafa de água. Ela bebeu uma boa quantidade de água, seu peito subindo e descendo pesadamente. Ela estava toda soada, os cabelos grudados pelo pescoço e alguns fios no rosto. Eu segui para minha garrafa.

Ao terminar, ela olhou para mim com pesar. Alguma coisa estava acontecendo.

— Kent, fico realmente feliz por você e a Pérola. — Ela diz. — E quero que saiba que torço muito por sua felicidade. Você é meu melhor amigo e eu tenho orgulho disso, ok?

Abaixei a garrafa da boca devagar.

— Ok. Obrigado. Você também é minha melhor amiga, sabe disso.

— Eu só... — Ela se aproximou, tocando meu braço com cuidado. Stacy parecia que estava prestes a chorar.

— Ei, o que está havendo? — Eu larguei a garrafa e fiquei de frente para ela, segurando seu rosto.

Ela sorriu, tristemente, e negou com a cabeça.

— Só quero que saiba que, se for preciso, se a Pérola não conseguir me suportar tão perto de você, por todo esse lance do problema dela, eu saio. Irei para o mais longe possível, porque, se eu ficar e ela ir embora de novo por minha causa, não vou mais suportar te ver pra baixo de novo. Não é justo com você, Kent. Você merece toda a felicidade que está vivendo agora.

— Não vai precisar chegar a esse ponto. Você é como minha irmãzinha. — Garanti e a puxei para um abraço apertado.

Eu odiava essa situação. Meu amor era a Pérola, mas eu amava Stacy como amava Kaya, minha irmã mais nova. Todas elas são muito importantes para mim.

— Eu vou precisar ir agora. Você vai ficar bem? — procurei saber, beijando o topo de sua cabeça.

Ela anuiu, ainda contra meu peito e logo se afastou, enxugando o rosto.

— Sim, vou. Você é o irmão e o amigo que eu nunca tive.

— Sei disso e sempre estarei bem aqui para o que você precisar.

— Ok.

PÉROLA

O apartamento de Kent estava quase pronto. Só faltava algumas coisinhas aqui e outras ali, mas nada que vá durar mais de uma semana. Os trabalhadores da LEA gostam de fazer as coisas com perfeição, mas em tempo recorde. É por isso que a empresa da minha família é tão solicitada.

Após sair, dirigi até a casa dos meus pais. Mais cedo, mandei uma mensagem para meu pai, pedindo para conversar com ele. Eu precisava de alguém para falar sobre essa minha situação com Kent, e Claire estava muito ocupada organizando seu próprio casamento.

Estacionei minha BMW X5 em frente a casa em que passei boa parte da minha vida e já avistei meu pai na porta. Paciência era um forte do qual ele não portava. Desci e bati a porta do carro atrás de mim, então fui até ele, adorando o sorriso carinhoso que ele me oferece sempre que estou perto. Quando cheguei nele, passei meus braços ao redor de sua cintura, e ele me embalou no seu abraço paterno.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou, preocupado.

— Aconteceu. — Assenti, afastando-me dele. Sorri. — Podemos conversar lá dentro?

Nós entramos e papai acenou para sua adega particular, que mamãe montou em um canto da sala de estar.

— Quer beber alguma coisa?

— O que você tem aí? — perguntei e me sentei no grande sofá de couro branco, com uma perna sob meu corpo e apoiei meu braço no encosto para assistir meu pai se movimentar entre suas inúmeras garrafas de vinho.

— Pode ser um tinto?

— Claro.

— Ótimo. — Papai abriu uma de suas garrafas de vinho tinto e serviu duas taças. Depois de me entregar uma, sentou-se ao meu lado e me olhou com cuidado. — E então? O que tinha para me dizer?

Beberiquei em minha taça antes de começar a falar:

— Eu e Kent estamos juntos novamente.

A sobrancelha grossa e bem-feita do meu pai se arqueou e ele se interessou pela conversa.

— Estão?

Anuí.

— Pelo menos, estamos tentando. *Eu* estou tentando, pai, e estou com medo. — A minha voz falhou no final e o interior da minha garganta queimou.

Papai estendeu a mão e pegou a minha, apertando-a de leve.

— Converse com seu velho aqui. Fale para mim do que você tem medo.

Emoção me envolveu por inteira. Eu amava meu pai mais que tudo no mundo e amava essa ligação que temos um com o outro.

— Tenho medo de surtar por ciúmes de novo, me desesperar e fugir.

— Eu entendo, meu amor. — disse ele, apertando minha mão na sua. — Não sou a melhor pessoa para falar sobre essas coisas, você sabe, sou possessivo ao extremo.

—Oh, eu sei disso, papai. — Dei risada, e ele me acompanhou.

— Pois é. Mas eu posso te dizer que, se você tem certeza que o ama, como eu tenho plena e total certeza do meu amor pela sua mãe, tudo vai melhorar. Tudo que você tem que fazer é se entregar aos seus sentimentos por ele. Só por ele. Eu sei que a vontade de matar vai ser grande, assim como a de brigar, gritar, surtar — ele ri um pouco. —, mas, se você focar apenas no Kent, no homem da sua vida, tudo passa, amor.

— Você acha isso mesmo?

— Bem — Ele meneou a cabeça, sorrindo. —, olhe só quantos anos estou com sua mãe.

Sorri, concordando com a cabeça.

— Verdade. Acho que funciona, então.

— Não estou dizendo que eu não tenho mais vontade de esfolar cada filho da puta que chega perto dela, mas, por ela, eu me controlo. Tudo que eu tenho que fazer é lembrar que ela é só minha.

Anuí.

— Vou tentar isso também. — Segurando firme minha taça com uma mão, inclinei meu corpo para frente e beijei a bochecha do meu pai. — Obrigada pelo conselho, papai.

— Fico feliz que tenha me procurado para essa conversa. — Ele me embalou em seus braços e beijou o topo da minha cabeça. — Vai vê-lo hoje?

— Sim. — Eu dei um sorriso largo.

Ele riu junto.

— Ok. Divirta-se.

— Oh, eu vou. — Bebi um pouco do meu vinho.

Papai geme, fechando os olhos como se estivesse sentindo dor.

— O quê?

Ele balançou a cabeça, fazendo careta.

— Meu conselho não envolve imaginar minha menininha se divertindo com um cara por aí.

Gargalhei, jogando a cabeça para trás e dei outro beijo no rosto do meu pai.

— P te ama, viu? Você é o melhor pai do mundo!

— Eu também te amo, P. Você e sua mãe são as razões da minha vida.

Deitei minha cabeça em seu peito, equilibrando minha taça.

— Vocês dois são a razão da minha.

E o Kent também.

32 - PÉROLA

— Aqui, vem cá. — Kent estendeu a mão para que eu a pegasse, e quando eu fiz, ele me puxou para ele e beijou minha bochecha. — Tenho um presente para você.

Minha curiosidade foi aguçada. Ergui uma sobrancelha.

— Mesmo? E o que é?

Ele pegou uma sacola branca sobre a cama e tirou uma camisa do seu time de dentro dela. Era branca com as mangas azuis, da mesma forma que era seu nome e número 10 atrás. Ela não era enorme; era feminina e caberia perfeitamente em mim.

Abri um sorriso largo e agarrei a camisa, abraçando-a contra meu corpo.

— Kent, é linda! — Abri-a em minhas mãos para admirá-la. Tinha certeza que meus olhos estavam brilhando para meu presente.

— Eu conheço uma pessoa mais linda que ela. — Ele tocou minha bochecha com carinho e traçou os dedos pela minha mandíbula e garganta, causando um arrepio na minha pele. — Eu amo como seus olhos brilham quando faço algo para você.

Sacudi a cabeça, sorrindo boba.

— Eu te amo. — falei e fiquei na ponta dos pés para beijar seus lábios com um beijo casto. — Muito obrigada. Eu amei e vou usá-la hoje, com certeza.

Hoje era o jogo dele contra um time de Nova Iorque e, mesmo que eu os considere um inimigo forte, Kent não pensa assim. Ele insiste que vai ser moleza, que ele, Avery e os demais dão conta. Eu encolhi os ombros quando ele disse isso. Eu sabia que Kent era o melhor e, mesmo com um pé atrás, eu deveria confiar nele sobre isso.

— Eu amo muito você, Pérola, e vou amar te ver com essa camisa lá, torcendo por mim. — disse ele.

— Nunca mais vou parar de ir, prometo. Estarei sempre lá, torcendo por você. — ofereci um sorriso sincero. — Não importa as circunstâncias.

— Tudo bem. — Ele pega na parte de trás da minha cabeça e me puxa para um abraço apertado. — Tudo bem, meu amor.

Nas últimas semanas, eu tenho tentado me manter firme. Aumentei a frequência de vezes que visito a psicóloga, uma vez que estou mais presente ao lado de Kent e os assédios de fãs e ataques de mulheres aleatórias se tornou mais frequente na minha vista. Kent até foi pedido em casamento, em rede nacional, por uma modelo famosa mundialmente, que faz sucesso no Instagram por causa dos seus enormes peitos e fotos sensuais. Eu estava assistindo de casa e precisei comer um bocado de rosquinhas Twinkie's para me acalmar e engolir a vontade de dirigir até lá para esmagá-la com minhas próprias mãos.

Tirando isso, eu e Kent estamos ótimos. Estou indo aos seus jogos e ele tem estado presente na reforma do seu apartamento, sempre que tem tempo.

— Eu vou precisar ir em um lugar antes do jogo, então...
— digo enquanto me afasto dele.

Kent ergue a sobrancelha quando me vê checando meu cabelo no espelho. Ele vem atrás de mim e encontra meus olhos através do espelho.

— Para onde você precisa ir?

— Almoçar no Bazaar.

Kent cruzou os braços fortes.

— Com quem?

Sorri, amando seu lado ciumento. Encolhi os ombros.

— Nono. — respondi.

Seus ombros aliviaram.

— O Noah está na cidade?

— Sim. Ele esteve em Paris antes, para uma exposição e agora tem um evento aqui em Los Angeles, então me ligou, pedindo para que eu vá almoçar com ele hoje. — Eu me virei para encara-lo de frente. — Ele até disse que gostaria de ir ao jogo também.

Noah era o melhor amigo da minha mãe, meu tio, que amava esportes tanto quanto eu. Ele costumava estar presente nos jogos escolares comigo, assim como meu pai. Já que eu nunca pude participar de nenhum deles, eles torciam comigo.

Kent segura meu rosto com delicadeza.

— Ok. — Ele me dá um selinho demorado. — Diga a ele que mandei um abraço e que será bem-vindo ao jogo.

Anuí.

— Certo. — Com um último beijo, eu saio para o meu compromisso.

...

O jogo estava lotado, como sempre. A torcida de ambos os times estavam a todo vapor.

Quando cheguei na área VIP, fui direto para minha amiga, Claire, que tinha uma camisa parecida com a minha, mudando apenas o número e o nome, que era, obviamente, do seu noivo. Eu a abracei, sorrindo.

— Cadê seu tio? — ela perguntou, olhando ao redor.

— Não pôde vir.

Ela assentiu e apontou para o gramado dos Blue Bay LA.

— Já vai começar! — Claire disse, ansiosa. Assim como eu, ela sempre fora fã de futebol e, claro, seu noivo jogando a deixava ainda mais nervosa que o normal.

O jogo rolou normalmente. Eu acabei com três baldes de pipoca e 5 barras de chocolates, antes de darem o jogo por encerrado, com os Blue's vencendo com três jardas a mais que os Giants. Foi um verdadeiro sufoco, mas Kent e Avery tirou de letra.

As pessoas estavam gritando sobre como eles era, sem dúvidas, os melhores jogadores a liga. Meu feito estava explodindo de orgulho enquanto eu acompanhava Kent com os olhos, vendo-o dando entrevistas no campo.

Ele tinha arrancado o capacete e seus cabelos estavam uma verdadeira bagunça sexy. Tão lindo que doía. Ele falou algo para o repórter, que fez o homem sorrir e ambos olharam em minha direção. Automaticamente, um sorriso surgiu no meu rosto.

— Pérola? — a voz da minha amiga me fez desviar o olhar. Ela estava de pé, na saída da área VIP. Ela acenou. — Vem. Somos as namoradas, então podemos descer lá.

Sem conseguir conter o sorriso, me levantei rapidamente e a segui. Claire me levou em um caminho que dava direto no campo. Assim que pisei no gramado, os olhos de Kent se fecharam com os meus. Sorri mais largamente quando ele dispensou o repórter e começou a caminhar para mim. Eu nem me importei para onde Claire foi, apenas segui em frente. Hesitei, meu sorriso morrendo, quando Selena pulou de repente na sua frente, se pendurando em seu pescoço.

Sem saber como agir logo, Kent ficou de braços abertos, uma carranca linda no rosto.

Parei, levando as mãos suadas para meus bolsos traseiros. Engoli em seco, sentindo-me estranha, como se estivesse prestes a ter um ataque respiratório. Estreitei os olhos para a cena.

Apenas respire, Pérola. Controle sua respiração e tudo funcionará bem.

Kent tinha seus olhos cuidadosos e preocupados sobre mim. Ele, educadamente, segurou os braços de Selena e a afastou, então falou algo para ela, que a fez recuar.

Foi como se uma pedra bem pesada tivesse sido tirada do meu peito. Assisto ele terminar de andar o caminho até mim e parar na minha frente.

Suor cobre sua pele bronzeada e o sorriso perfeito, com as covinhas lindas, está estampado em seu rosto.

— Você está bem? — Ele procura saber, e eu sei que ele está perguntando sobre o pequeno show de Selena.

Balanço a cabeça.

— Estou me controlando.

Seu sorriso aumentou.

— Muito bom. — Como de costume, ele pega meu rosto em sua mão grande e abaixa a cabeça para me beijar.

E eu esqueço de Selena e de todas as outras mulheres que caem em cima quando seus lábios se apossam dos meus. Minhas mãos saem dos bolsos e eu seguro firme em seus bíceps bem malhados, deixando-o aprofundar o beijo.

Eu estava orgulhosa por não enfiar um murro no nariz arrebitado de Selena. No final, quem iria para casa com Kent, era eu; quem dormiria com ele, era eu. E, o mais importante: quem está sendo beijada por ele, no meio de um estádio lotado de pessoas que estavam aqui para vê-lo, sou eu.

Então, por que me importaria com pessoas insignificantes?

Quando ele libertou minha boca, eu sorri para ele.

— Parabéns pela vitória. Talvez te trouxe sorte eu vir vestida com essa camisa.

Ela negou com a cabeça, seu polegar traçando um arco em minha bochecha.

— Você é a única que me traz sorte, amor.

Como não ser apaixonada por esse homem?

...

No dia seguinte, cheguei na cobertura de Kent bem cedo. Estavam dando os últimos retoques, mas eu queria estar aqui até o final.

Havia dormido com Kent no hotel, só que ele precisou ir em uma entrevista na TV, para falar sobre sua vitória de ontem sobre os Giants de Nova York. Antes de vir para a cobertura, passei em casa para um banho rápido e vesti algo confortável. Só precisaria passar na empresa mais tarde e não estava me sentindo muito bem, então não me importei de parecer uma profissional. Estava com uma calça jeans, tênis, uma blusa cinza de alcinhas e um casaco vermelho de capuz por cima. Totalmente casual.

Eu estava ouvindo meu mestre de obras falando sobre o que ele fez na cozinha quando o elevador apitou, informando que alguém o solicitou. Foi um pedido de Kent colocar esse alarme, como um tipo de acesso privado. Instalamos um jogo de câmeras

e o acesso vem direto de um tablet especial, que funciona como um controle, que irá controlar todos os sistemas eletrônicos do apartamento.

Peguei o tablet sobre a ilha de mármore preto da cozinha, sentindo minha cabeça doer como o inferno e pude ver que era Stacy. Franzi o cenho.

O que ela estava fazendo aqui? Ela não sabe que Kent está na TV?

Curiosa, autorizei sua subida. Vinte segundos depois, as portas do elevador se abriram e Stacy adentrou.

Ela estava usando algo parecido com o meu, mas sua blusa era de mangas curtas e sua jaqueta de couro preta estava amarrada ao redor de sua cintura. Ao contrário do meu cabelo, que estava solto, o seu estava preso em um rabo de cavalo no alto da cabeça. A roupa era casual, mas seu corpo de ex-líder de torcida e atual preparadora física a deixa com um ar sexy.

Stacy olhou ao redor, os cantos dos seus lábios se curvaram para baixo em apreciação. Quando seus olhos cinzas chegam em mim, eles não têm o brilho debochado de sempre, mas também não tem amizade.

Encosto-me na ilha, precisando me encostar em alguma coisa.

— Kent não está aqui.

— Eu sei. — Ela escorrega sentada em uma das banquetas de estofado preto, que minha mãe escolheu. Com o dedo indicador, ela acena ao redor. — Ficou muito bom. Bem a

cara dele, na verdade. — Ela pisca para mim e fala naturalmente: — Você é boa no que faz, Pérola.

— Obrigada. — Eu soo um tanto surpresa. — Mas, o crédito não é todo meu.

E não era mentira. Minha mãe e Jacob tinham uma boa porcentagem de créditos nessa mudança.

Ela anuiu.

Limpei a garganta.

— Se sabia que não encontraria Kent aqui, veio olhar como ficou? — perguntei.

Seus olhos prenderam os meus.

— Não. Estou aqui para falar com você. — falou, com sinceridade. Depois que anuí, ela continuou: — Bem, não sei se Kent te falou, mas eu conversei com ele sobre vocês e toda a situação.

Ele não tinha me contado, mas eu não respondi, apenas esperei ela falar.

— Eu basicamente disse a ele que, se fosse melhor para você — ela apontou para mim. —, eu não hesitaria em ir para longe.

A surpresa me pegou de jeito dessa vez. Me remexi, arqueando uma sobrancelha.

— Mesmo?

— É — Ela deu de ombros. — Tipo, eu amo o Kent como irmão. — deu ênfase para que eu não entenda mal. — Eu não posso vê-lo sofrer de novo porque você não conseguiu ficar com ele, Pérola. Sério, foi um pesadelo ter que ver ele daquela forma e saber que parte da culpa era minha. Eu adoro ficar perto dele e conversar, porque ele é meu único amigo, mas poxa, eu daria meu braço para que ele fosse feliz.

Isso realmente me tocou. Eu ainda tinha um receio com Stacy, mas era bom saber que ela arriscaria sua amizade para ver seu amigo feliz.

Toquei minha testa e estava bem quente. Após adicionar na mente para não esquecer de passar em uma farmácia e comprar algum remédio para virose, eu finalmente falei.

— Obrigada por isso, Stacy, mas não será necessário. Aprendi a ver como você é importante para Kent e estou bem com isso... Ou pelo menos, estou tentando ficar bem com isso. — Eu ri um pouco, então suspirei. — O Kent também te ama e eu vou aceitar isso, nem que para isso eu tenha que ver minha psicóloga mais vez. Ele já renunciou a muitas coisas por mim; está na hora de fazer isso por ele.

Ela anuiu.

Eu acenei.

— Kent me falou algo sobre você não gostar de mim na época da escola porque me viu rindo de você quando meu primo falou que nunca pegaria você.

Com os anos, Stacy desenvolveu uma qualidade (talvez defeito) de não demonstrar seus sentimentos para qualquer pessoa. Sua expressão estava concentrada e séria, mas ao ouvir

isso, a máscara caiu. Uma carranca foi formada em seu rosto bonito.

— Isso não importa mais. — Ela sacudiu a cabeça. — Eu amadureci o suficiente para entender que nada justificava as coisas que aprontei com você. Você tinha um problema, e eu usei isso para me vingar. Não foi legal.

— Não, não justificava. — Eu concordei. — Mas eu gostaria que soubesse que não foi minha intenção magoar você. Eu só estava lá, ouvindo o Bem falar, distraidamente e acabei sorrindo porque todos ao redor fizeram.

— Ok. — É tudo que ela diz, com um aceno rápido de cabeça.

Eu abro a boca para falar mais, mas uma dor atravessa meu estômago e eu pressiono as duas mãos sobre minha barriga.

— Pérola? — Stacy se levanta, sua voz preocupada. Eu não respondo, mas grito quando outra dor parece que vai me rasgar por dentro. Stacy corre para perto de mim, segurando-me pelos braços. — Pérola, o que está acontecendo?

— Dói! — Eu faço careta, curvando-me para frente.

Stacy toca minha testa, em seguida, meu pescoço.

— Meu Deus, Pérola, você está queimando de febre!

— Não, eu... — Eu nem consigo terminar. Tudo fica preto e eu só escuto o grito de Stacy por socorro e sinto ela me agarrar para que eu não caísse no chão.

Então eu apaguei.

33 - PÉROLA

Quando meus olhos se abrem com dificuldade, preciso fechá-los de novo, imediatamente, pois uma luz forte invade minha vista e dói. Não dói tanto quanto meu estômago, mas dói. Gemi, levando uma mão para tapar os olhos.

— *Pérola?* — Não era a voz de Stacy. Era uma voz familiar, mas ainda estava bem distante. — P, você está me ouvindo?

Eu tento abrir os olhos novamente, dessa vez, bem devagar. As formas começam a aparecer diante de mim. Eu vejo Stacy ao meu lado, a expressão preocupada que eu nunca vi antes, direcionada a mim. Ao seu lado, o dono da voz familiar: Jax, meu primo e neurocirurgião.

Ele estava vestido com seu habitual pijama-uniforme azul-escuro, então eu sabia que estava deitada na cama de um hospital.

— P, pode me ouvir?

Eu virei minha cabeça. Dessa vez, era a voz de tia Juliet, que estava do outro lado da minha cama. Ela também usava o pijama azul-escuro.

— O que... — Eu parei, fazendo careta quando me senti tonta.

O que diabos estava acontecendo comigo?

— Princesa, você não precisa se mover. — Jax repreendeu. — Você acabou de acordar de um desmaio. Fique relaxada.

— Eu desmaiei! — Não foi uma pergunta. Eu realmente desmaiei. Procurei pelos olhos de Stacy. — Eu desmaiei.

Ela anuiu.

— É, e você estava queimando de febre. Por que não tomou um remédio?

— Eu estava planejando fazer isso quando você chegou para conversar. — Resmunguei e voltei para meu primo. — Estou com algum tipo de virose?

Ele negou com a cabeça.

— Não. Eu examinei você, P. Não é uma virose.

— Então, o que é?

— Querida — tia Juliet chamou minha atenção. —, temos uma suspeita, mas precisamos fazer o teste antes.

— Teste? — Confusa, inclinei a cabeça.

Ela me estendeu uma caixa. Meus olhos se arregalaram.

Era um teste de gravidez.

Sentei-me rapidamente, ignorando a tontura.

— Não tem como! — protestei. — Como é possível, se eu menstruei normalmente esse mês?

— Querida, é normal a menstruação descer, mesmo você estando grávida. Acontece com algumas mulheres.

Engoli em seco.

— Tia... — Eu estava com medo até de pegar naquela caixa.

E se eu tivesse grávida?

Não é como se eu não fosse ter apoio suficiente para criar a criança, mas eu não achava que estava preparada. Eu ainda tinha um bocado de obstáculos para passar e viver sem pânico com o homem que eu amo. Um filho significa mais preocupações.

— Você quer que eu vá com você?

Fiquei ainda mais surpresa quando Stacy se ofereceu.

Ela torceu o nariz.

— Não serei sua amiga ou coisa do tipo, mas, a não ser que sua tia ou seu primo topem entrar lá com você, não tem mais ninguém para isso.

— Bem, eu preciso ir para uma cirurgia agora. — Tia Juliet disse, com pesar.

Eu olhei para Jax e fiz uma careta, e ele devolveu com uma engraçada.

— Tudo bem, obrigada. — Anuí para Stacy.

Jax me ajudou a levantar e me levou até o banheiro. Depois que ele saiu, Stacy fechou a porta e me estendeu o potinho. — Você precisa fazer xixi aqui dentro. — Disse ela.

— É, eu estou sabendo. — Eu ainda estava tonta, então me segurei na pia para poder me encaminhar até a bacia.

— Deixa eu te ajudar com isso. — Stacy veio para meu lado, segurando minha mão. Ela me ajudou a sentar na bacia e me segurou para que eu não caísse. Ela ficou do meu lado todo o momento e, quando terminei, me ajudou a levantar.

— Missão cumprida. — eu disse com sarcasmo, mas não sorri. Coloquei o potinho sobre a pia e Stacy colocou o bastão dentro dele. Meu estômago se apertou, mas não de dor; de enjoo. Olhei para a mulher ao meu lado. — Você já ligou para Kent?

Ela anuiu.

— Achei que você iria querer ele aqui, mas ele não atendeu. Ainda deve estar dando entrevista.

Assenti, agradecida.

— E meus pais?

— Seu primo os chamou. Eles já devem estar chegando.

— Ok. — Eu liguei a torneira e lavei minhas mãos. As mechas do meu cabelo estavam insistindo em grudar na minha cara por conta do suor e eu tentei tirá-las, mas o calor estava insuportável. Suspirando e evitando olhar para o pote, puxei meu casaco pelos meus braços e o coloquei do outro lado da pia. Eu estava tão cansada, que parecia que tinha corrido uma maratona.

Apoiando as duas mãos na pia, abaixei a cabeça entre os ombros para respirar melhor.

— Aqui, toma.

Olhei para cima e, através do espelho, vi Stacy tirando a liga de seu cabelo. Ela não hesitou quando suas mãos capturaram todo o meu cabelo com cuidado e o puxou para o alto da minha cabeça, então os prendeu em um rabo de cavalo.

— Melhor? — perguntou, colocando a mecha que sobrou atrás da minha orelha.

— Sim, obrigada. — dei a ela um meio sorriso. Era estranho vê-la cuidando de mim depois de tudo. — Obrigada mesmo. Você não tinha obrigação nenhuma comigo e, mesmo assim, está aqui.

Ela sacode a cabeça, estalando a língua no céu da boca.

— Realmente, não tinha. — ela concordou. — Mas, independentemente de qualquer coisa, você é um ser humano, Pérola, e é o amor da vida do meu melhor amigo. Eu posso não gostar muito de você ainda, mas nada o impede de ajudar você. Sem contar que, eu gostaria de ter alguém perto de mim quando precisarei. — Sua voz abaixou algumas notas e seus olhos pareciam tristes e distantes, mas isso aconteceu por um segundo apenas; logo sua expressão de pedra estava lá de volta.

Eu gostaria de perguntar o que ela queria dizer com isso, mas tinha a impressão de que isso causaria um mal-estar desnecessário agora. Já estava bastante preocupada com o resultado do teste.

Alguém bateu na porta.

— P, tudo certo? — Era Jax.

Agarrei meu casaco, e Stacy me segurou para irmos até à porta. Abrimos e meu primo estava nos aguardando com uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas.

— Tudo certo. — Esclareci e acenei para a pia. — Só esperando resultado.

Stacy me colocou de volta na cama.

— Descanse. Você parece uma merda.

Torci o nariz.

— Ah, obrigada. — disse, sarcasticamente, e ela sorriu de lado.

Dois minutos depois, Jax saiu do banheiro com o bastão em mãos. Ele arqueou a sobrancelha, olhando diretamente para as fitas do bastão.

— E então? — perguntei, sem paciência. Meu estômago parecia que ia explodir, de tanto que ele está apertando de ansiedade.

Ele olhou para mim, com seu ar profissional.

— Você está grávida, P.

Meu queixo caiu.

Stacy arregalou os olhos.

Jax me deu um sorriso orgulhoso.

E a voz do meu pai soou através do quarto:

— Ela está grávida?

Em seguida, a voz da minha mãe:

— Ah, Deus, que maravilha!

Meus olhos seguiram para a porta do quarto, onde meus pais estavam de pé, olhando para mim como se fossem pular sobre mim a qualquer momento e me esmagar em um abraço. Até meu pai, que costuma ter sinais de infarto quando se trata de mim, estava com um enorme sorriso no rosto. Senti meus olhos arderem com lágrimas.

Eu não estava triste, não era isso. Ao contrário do que eu pensava, eu estava feliz que estava carregando um bebê do Kent, mas, de repente, como se meus hormônios tivessem acordado, eu estava me sentindo bastante sentimental.

Uma lágrima caiu quando minha mão, automaticamente, foi para minha barriga.

Eu estava grávida.

De Kent.

Esteva esperando um bebê do Kent.

Minha mãe veio para perto e me abraçou.

— Querida, não chore. — disse ela. — Isso é uma coisa muito boa.

— Sei disso. — Assenti, soluçando. — Eu sei, mãe.

Papai nos abraçou com seus braços fortes, nos segurando firme. Ele beijou o topo da minha cabeça.

— Não chore, meu amor. Estamos aqui.

Eles ficaram me segurando por um tempo, até que eu consegui me acalmar. Jax olhou para mim.

— Você está bem? — perguntou.

Anuí, enxugando meu rosto com o dorso da mão.

— Desculpa.

— Não por isso, princesa. — Ele me deu seu sorriso bonito de covinha única. — Agora que sabemos que você está grávida, precisamos procurar a causa da sua febre e mal-estar. Você desmaiou e chegou aqui com quase quarenta graus de febre, e não é nada bom.

Mamãe apertou minha mão.

— E como descobrimos, Jax?

— Vou pedir uns exames e chamar um obstetra. Se for algo relacionado à gravidez, vai ser bom termos um por perto.

— Tudo bem. — Eu concordei. — Obrigada.

Ele negou com a cabeça.

— Estarei aqui sempre pra você, lembra?

Sorri com sinceridade.

— Lembro. P ama você por isso.

Ele se inclinou e beijou minha cabeça, antes de se retirar da sala.

34 - KENT

A entrevista terminou e eu peguei meu celular para checar se havia alguma mensagem de Pérola. Não tinha, mas havia umas cinco ligações perdidas de Stacy. Imediatamente, retornei.

Ela atendeu no terceiro toque.

— Oi! Onde você está?

— Acabei a entrevista agora. Aconteceu alguma coisa?

— É, sua namorada aconteceu.

Congelei.

— Do que você está falando?

A Pérola estava indo bem com o tratamento e estava segurando bem seus surtos de ciúmes. Pensei que ontem, depois do episódio de Selena, que ela levou bem, não aconteceria mais nada. Só de imaginar ela indo para longe de mim de novo, me deixa nervoso.

— Não se preocupe, ela não fugiu. — Stacy me garantiu.
— Ela nem poderia, uma vez que sua família e casa estão aqui.

— E o que aconteceu? — pedi.

— Então — ela começou a explicar —, eu fui até a sua cobertura para conversar com ela...

— O que você foi conversar com ela? — Quis saber.

Ela estalou a língua no céu da boca.

— Coisas de mulher, Kent. Preste atenção!

— Ok.

— Como eu ia dizendo... eu fui até lá e conversamos, mas a Pérola começou a sentir uma dor na barriga e ela estava queimando de febre, e acabou desmaiando. Eu a trouxe para o hospital onde o primo e a tia dela trabalham.

— O quê? — O medo tomou conta do meu corpo. Corri para fora do estúdio enquanto segurava com firmeza o celular contra minha orelha. — O que ela tem?

— Está tudo bem agora, mas acho melhor você vim até aqui. É melhor você saber dela.

Eu não dei tchau; encerrei a ligação, enfiando o celular de volta no bolso e mergulhei para dentro do meu Lamborghini. O estúdio em que estava não era tão longe do hospital, então logo eu estava estacionando no enorme estacionamento. Saí do carro, minhas mãos tremendo. No caminho, tentei ligar para Pérola, mas não tinha resposta. A preocupação estalava em minha cabeça.

Stacy me enviou o número do quarto e o andar, então não precisei parar na recepção e fui direto para os elevadores. Praticamente soquei os botões. Assim que as portas do elevador se abriram, avistei Stacy no corredor, com um copo de café.

Ela virou e me viu, e esperou eu andar até ela.

— Onde ela está? — perguntei, inclinando para beijar seu rosto.

— Naquele quarto. — Ela apontou e sorriu. — Fique tranquilo. Ela está bem, só precisa descansar.

Anuí e, sem dizer nada, respirei fundo e fui para o quarto. Abri a porta devagar, colocando apenas minha cabeça para dentro primeiro.

Pérola estava sobre cama e seus pais, ao seu lado. Jax, o primo, estava na frente da cama com uma médica, checando algo em seu tablet. Minha princesa ergueu a cabeça e abriu um sorriso lindo e choroso quando me viu. Na hora, seus lindos olhos azuis marejaram.

— Ei. — Eu entrei e cumprimentei Jax com um aperto de mão, antes de falar com Aurora e Giovanni e, finalmente, ir até minha mulher. Sentei na cama ao seu lado. — O que aconteceu? Você está bem? Não consegui atender antes, porque estava no meio de uma entrevista.

— Não se preocupe, está tudo bem. A Stacy me avisou sobre isso. — Ela agarrou minha mão e seus olhos voaram entre seus pais e primos, com uma súplica silenciosa.

Eu não entendi, mas eles pegaram o pedido e saíram do quarto, cada um com uma desculpa diferente. Em alerta, arqueei a sobrancelha.

— Me diga o que está acontecendo. — exigi. Só o pensamento de que alguma coisa pode estar errada com ela, me deixa apavorado.

Pérola suspirou com um sorriso suave nos lábios e levou minha mão até sua barriga. Ela olhou para o meu toque por uns segundos, em seguida, seus olhos encontraram os meus e ela não precisou mais abrir a boca para falar.

Eu entendi. Meus olhos se arregalaram, depois lacrimejaram. Meu coração se expandiu, cheio de amor, orgulho e um sentimento novo, que eu nunca havia sentido antes.

Ela está grávida?

Empurro mais minha mão, mas não de um jeito forte; de um jeito que ela se encaixe melhor na barriguinha ainda plana de Pérola. Eu a seguro ali, um sorriso bobo se alargando em meus lábios.

— Meu amor, você...? — Eu mal conseguia falar, porque o interior minha garganta estava queimando com as lágrimas.

Pérola balançou a cabeça, confirmando. Suas lágrimas já estavam escorrendo pelo seu rosto lindo.

— Sim, baby. Estou grávida.

Eu a abracei. Apenas fui para frente e a puxei em meus braços, precisando sentir ela perto. Enfiei meu nariz em seu pescoço e fiquei agarrado nela. As mãos de Pérola ao redor dos meus ombros, me segurando firme também, enquanto soluçava baixinho.

Só após alguns minutos, quando seu choro cessou e eu estava dormente de tanta felicidade, ela falou:

— Você está feliz?

Levantei a cabeça e segurei seu rosto em minhas mãos, procurando seus olhos.

— Eu sou o homem mais feliz do mundo. — Deixei claro. — Você me fez e me faz esse homem. Esse — eu toco sua barriga com carinho — é o maior e melhor prêmio que eu poderia receber. O resto são apenas enfeites na minha estante. Tudo bem?

Ela assentiu, seus lábios pressionados em um beicinho de choro. A coisa mais fofa do mundo.

— Eu te amo tanto. — ela chorou, me agarrando.

A abracei de novo.

— Eu também te amo. Demais até. — beijo sua cabeça bem na hora que a porta é aberta de novo e a médica que estava no quarto antes entra, seguida de Jax, os pais de Pérola e Stacy.

— Sinto muito atrapalhar os novos papais — ela sorriu gentilmente —, mas o resultado do exame acabou de chegar.

Eu olhei para Pérola.

— Que exame?

A médica respondeu por ela.

— A Pérola estava com uma febre alta e uma dor abdominal quando chegou aqui, então foi preciso fazermos alguns exames para saber do que se tratava.

Assenti e acenei para ela continuar. Pérola ainda segurava minha mão, então permaneci sentado na cama ao seu lado.

— Bem, está tudo bem com o bebê, mas você deve ter ingerido alguma substância que fez mal para você, causando uma pequena infecção. Por sorte, a infecção mostrou os sintomas antes de chegar ao feto. — Ela deu um sorriso encorajador para Pérola. — Tudo que precisará fazer é tomar um antibiótico que irei prescrever e repousar. Seu corpo ainda está fraco e fazer esforço é um risco para seu bebê.

— Ok, obrigada, Dra. — Pérola agradeceu, parecendo aliviada; seu aperto na minha mão e o sorriso no seu rosto dizia isso. — Quando vou poder ir para casa?

— Se estiver se sentindo bem, posso te liberar agora mesmo.

...

Estacionei na garagem do prédio onde Pérola vive. Ela precisava repousar e leva-la para o hotel não era uma opção. Aqui, ela tinha sua cama confortável e tudo que ela fosse necessitar.

Abri a porta do carro e saí, colocando minha mochila sobre o ombro. Antes de sairmos do hospital, pedi a Stacy que passasse no hotel e pegasse algumas coisas para mim. Eu não sairia de perto de Pérola e do meu filho, mesmo se o time precisasse de mim agora. Dei a volta no carro e abri a porta do passageiro, então, passando um braço sob suas pernas e outro ao redor de suas costas, a levantei nos braços.

— Você não precisa fazer isso, Kent. — Ela riu, enrolando os braços ao redor do meu pescoço. — Eu posso muito bem andar até o elevador e, depois, para dentro de casa.

— Tenho certeza que sim, amor — dou um beijo casto em seus lábios. —, mas eu sou um cavaleiro.

Com ela em meus braços, caminhei para o elevador privado que ia direto para cobertura, e ela me ajudou, pressionando o seu cartão-chave no painel. Vinte segundos depois, as portas se abriram e eu a levei para dentro, direto para seu quarto, colocando-a sobre a cama.

Ela sorriu para mim.

— Acho que vou precisar de um banho.

Abandonei minha mochila em uma poltrona ao lado da cama, em seguida, puxei o blazer pelos meus ombros e comecei a desabotoar os botões da minha camisa branca.

— Tudo bem. Vou preparar um banho para você. — eu disse, indo em direção ao seu banheiro.

— Você pode tirar a camisa aqui se quiser.

Eu olhei por cima do meu ombro e vi Pérola de cabeça inclinada, lábio inferior entre os dentes e uma expressão safada no rosto.

Minha perdição.

Ri, balançando a cabeça enquanto me livrava da camisa.

— Não venha com essas coisas, porque você precisa repousar.

Ela fez beicinho.

Neguei com a cabeça.

— Você está agora com nosso bebê aí dentro. Não vou colocar você e ele em perigo.

Ela bufou e caiu de costas na cama, olhando para o teto de cara fechada.

Ignorando a birra, fui para o banheiro e liguei a torneira para encher a banheira e derramei algumas loções de banho que Pérola costumava usar. Ao voltar para o quarto, ela ainda estava na mesma posição. Deitei ao seu lado, e ela veio se enroscar em mim, descansando a cabeça em meu peito.

— Estamos prontos? — perguntou ela, eventualmente.

Franzi o cenho, sem entender a pergunta.

— Para um bebê. — ela esclareceu, a ponta do seu nariz vermelha. — Você acha que estamos prontos?

Eu entendi onde ela estava querendo chegar. Anuí com firmeza.

— Nós estaremos prontos para esse bebê, Pérola. — garanti, abaixei a cabeça, olhando dentro dos seus olhos. — Eu estarei aqui para vocês dois. Vou dar minha vida para que vocês sejam felizes, da forma que vocês estão me fazendo feliz agora.

Novamente, seus olhos lacrimejaram, e eu a apertei mais de contra meu corpo.

— Você é uma mulher do caralho, Pérola, e será uma mãe maravilhosa. — eu disse a ela. — Eu tenho certeza disso. Passaremos por cima dos nossos problemas por esse bebê,

porque ele agora é o motivo das nossas vidas. — toquei sua barriga com carinho e me ajeitei na cama para que minha boca pairasse sobre a sua. — Eu te amo e amo nosso bebê, da mesma forma que amarei os outros que virão em seguida. — Enfieei minha mão no bolso da minha calça. Hoje mais cedo, antes de sair para entrevista, eu me lembrei do anel que havia comprado para pedi-la em casamento, antes de tudo acontecer. Eu o peguei e o coloquei no bolso, porque estava sentindo que precisava fazer o pedido e tornar tudo que estamos vivendo em algo maior. Eu preciso de Pérola tanto quanto preciso respirar, e agora que sei que ela tem um pedacinho meu dentro dela, tudo está mais intenso. Puxei do bolso o pequeno anel de Ouro Rosê, que mandei fazer especialmente para ela, e vi seus olhos arregalarem em surpresa. — Pérola Lazzari, você é o amor da minha vida e eu não posso viver sem você. Aceita se casar comigo e passar o resto das nossas vidas juntos?

Ela segurou meu rosto com suas mãos trêmulas, as lágrimas descendo pelo seu rosto perfeito e escorrendo para trás de sua cabeça.

Merda. Eu mesmo estava chorando agora.

— Obrigada por não desistir de mim quando eu fui uma covarde. — ela pede. — Eu aceito me casar com você porque te amo muito e também não posso viver sem você. Aprendi isso da pior maneira possível e hoje sou a mulher mais sortuda do mundo por ter um homem com o pacote completo.

Arqueei uma sobrancelha, irônico.

— Pacote completo?

Ela ri deliciosamente entre as lágrimas.

— Sim. — ela assente. — Lindo, cheiroso, gostoso, atleta... — Seu olhar é cheio de amor, e isso enche o meu coração. — O meu *garoto perfeito*.

Deslizei o anel em seu dedo e abaixei minha cabeça para beijar sua boca. Minha vida até agora foi cheia de altos e baixos, perdas e ganhos. Mas nada se compara a esse momento. Nada se compara ao meu amor por essa mulher.

Ela sempre disse que tinha encontrado em mim o garoto perfeito, mas não faz ideia do quanto ela é perfeita para mim.

E eu estou disposto a lhe mostrar isso até o fim de nossas vidas.

EPÍLOGO

PÉROLA

— Não acredito que você me fez reformar esse apartamento de acordo com o meu gosto.

Kent sorri.

— Eu sabia que acabaríamos aqui. Você e eu.

Nós estávamos em uma espreguiçadeira na varanda da cobertura nova. Kent deitado com as pernas estiradas, e eu entre suas pernas, deitada em seu peito. Uma de suas mãos acariciava meu braço enquanto a outra fazia o carinho em minha barriga de treze semanas.

— E nossa bebê. — eu completei, orgulhosa.

Ele acariciou ainda mais minha barriga.

— Sim, e nossa pequena. — ele diz, seus lábios contra meu cabelo.

Eu tinha feito o exame de sexagem fetal há uma semana e acabamos descobrindo que nosso bebê era uma menina. Tivemos uma pequena discussão sobre como será o seu nome.

Eu gostaria que fosse Nice, como a mãe de Kent, mas ele negou firmemente. Segundo ele, minha sogra, em algum momento de sua vida, pediu para que nenhum de seus filhos fizessem isso. Ela não gostava do seu próprio nome e não queria que uma criança sofresse do mesmo mal. Então, depois de três dias seguidos de discussão sobre isso, acabamos decidindo por Luana.

Luana Lazzari-McGregor. Nossa bebê linda.

— Você já está entediada com toda a organização do casamento? — ele me perguntou.

Balancei a cabeça, sorrindo.

— Na verdade, não estou. Mia, Kaya, minhas tias e minha mãe estão me ajudando com isso.

— Isso é bom. — ele diz. — Pelo menos, sua prima tem uma noção de todas essas coisas de moda.

— É, ela é muito boa.

Outra coisa que tínhamos decidido, foi o casamento, que aconteceria só após o nascimento de Luana. Assim, teria tempo o suficiente para organizar uma boa festa. Eu gostei dessa forma. Adoraria que nossa filha participasse da cerimônia, mesmo sabendo que ela não terá ideia do que estará se passando. Provavelmente, ela estará dormindo ou chorando, implorando por peito ou algo do tipo.

Sorrindo, olhei adiante e encarei a hidromassagem que instalei no espaço aberto da cobertura, e lembrei o que imaginei quando estava elaborando a reforma. Levantei a cabeça devagar e estreitei o olhar. O vento de verão de LA soprava meus cabelos, enviando um punhado para meu rosto.

Kent seguiu meu olhar e depois me olhou com cuidado. Tenho certeza que minha expressão era estranha.

— O que houve? — ele perguntou.

— Nada, só... — Mordi meu lábio inferior em um sorriso. Olhei para ele com um encolher de ombros. — É que, quando eu estava elaborando aquela hidro... Bem, — sorri — eu acabei constatando que nós nunca transamos na água.

O conhecimento se instalou nos lindos olhos do meu noivo e ele abriu o sorriso mais sexy já visto pelos meus olhos.

— Você tem razão. — disse ele, anuindo devagar. — Nunca fizemos isso, no entanto... — Ele se mexeu, encaixando um braço sob minhas pernas e outro ao redor da minha cintura e

nos levantou. — para tudo há uma primeira vez, baby. Basta querer. — Ele piscou para mim e começou a nos levar para a hidro.

Enrolando meus ombros ao redor de seu pescoço, pressionei meus seios doloridos em seu peito.

— Vamos mesmo fazer isso?

— É, nós vamos.

Com cuidado, Kent entrou na água e me abaixou nela. Assisti a saia do meu vestido de verão flutuar sob a água morna e um gemido escapou dos meus lábios. Nas últimas semanas, eu estive mais sensível que o normal. Isso porque estava grávida e com desejos, mas tinha orientação médica sobre não praticar nada de esforços, e Kent, todo lindo e cuidadoso, acabou decidindo que o sexo está nessa lista de coisas a não de fazer.

Olhei para ele, que estava me observando com olhos estreitos e cheios de luxúrias. Ele olhou para baixo e o brilho aumentou, então segui seu olhar, vendo o vestido grudado em meu peito, meus mamilos pontudos e sedentos.

Kent estendeu a mão e seu polegar raspou sobre meu mamilo, fazendo-me estremecer.

— Você está tão sensível. — ele sussurrou.

Anuí, minha boca resseca com o desejo.

Meu peito subia e descia rapidamente enquanto Kent se livrava da sua camisa molhada, em seguida, veio para mim. A água morna tocou meu corpo quente e um arrepiou percorreu minha espinha. Kent sentou, me levando com ele, montando-me em seu colo. Os meus olhos rapidamente fizeram uma averiguação ao redor.

A varanda era um espaço aberto, com vários edifícios ao redor, tão altos quanto esse. Foi esse o motivo pelo qual sugeri colocar vidros que ficam foscos em todas as janelas. Pessoas podem ser curiosas quando querem, e alguém tão conhecido

como Kent atrai bastante atenção. Meu sobrenome também não ajuda. Eu não ficaria surpresa se, em algum desses prédios que nos cercam, tivesse algum paparazzi sedento por um click nosso.

Bem, foda-se.

Eu nunca liguei para essas coisas e, definitivamente, não irei deixar de fazer amor com meu homem, após tanto tempo de abstinência, só porque alguém pode nos fotografar. Ainda estou com meu vestido — o que desconfio que seja algo proposital de Kent —, então, para todos os efeitos, estou apenas sentada em seu copo e estamos em um momento casal.

Coloco minhas mãos em seus ombros largos e sorrio quando sua mão cava entre minhas pernas e toca minha buceta sob o tecido da calcinha. Arqueio uma sobrancelha.

— Você não vai rasgar ela.

— Por que rasgaria? — Ele fez uma careta inocente e beliscou meu clitóris.

Arfei, apertando meus dedos em seus ombros. Cerrrrrto. Estou mais sensível do que imaginava.

— Kent, eu gosto dessa...

Meu protesto foi interrompido pelo rompimento da minha calcinha. Olhei feio para ele, mas o idiota apenas sorriu todo lindo e ergueu o tecido em frangalhos para que eu pudesse ver.

Ele joga o resto de calcinha longe, fora da hidro, e segura minha cintura de ambos os lados.

— Eu vou fazer amor com você aqui, P, mas — ele me olhou com cuidado, como se estivesse falando com uma criança. —, sem movimentos bruscos, entendeu? Você ainda precisa ter cuidado e não queremos que nossa filha acorde só porque a mãe dela não consegue se controlar.

— Ei, eu consigo! — protesto.

Kent balançou a cabeça, sorrindo como se dissesse que não, de jeito nenhum eu consigo.

Arqueei a sobrancelha, pegando o desafio.

Ele fixa uma mão em minha cintura enquanto a outra guia seu pau até minha entrada.

Prendo meu lábio inferior entre os dentes, minhas unhas cravando na carne dos ombros largos. É verdade o que dizem, afinal de contas: dentro d'água tudo fica mais gostoso. Segurando-me para não gritar ou fazer qualquer movimento brusco, porque, sério, eu não vou perder esse desafio, sinto meu corpo entrando em uma combustão com toda a espessura de Kent dentro de mim.

Lentamente, ele me conduz para cima e para baixo. Sua expressão é tão delirante quanto a minha. A boca entreaberta, os olhos semicerrados, os gemidos roucos que escapam de sua garganta... Incrivelmente sexy.

Minha total perdição.

Quem em sã consciência consegue se segurar com um homem desses?

Sem me importar mais se há ou não alguém nos observando dos prédios à nossa volta, jogo a cabeça para trás e deixo as lamúrias de prazer saírem alto da minha boca.

Foda-se o autocontrole ou a porra do seu desafio!

Eu estou há semanas sem sexo. Não tive direito nem a um oral de dez minutos, porque a droga do repouso não permitia.

Começo a me mover sozinha, mais rápido, buscando por mais dele, querendo que ele vá mais e mais fundo, mas Kent pressiona seu aperto em minha cintura para me controlar.

— Devagar, princesa. — ele rosna, pausando os movimentos por uns instantes. — Você vai chegar lá dessa forma.

Fecho a cara, mas não por muito tempo, já que ele volta a me mover com suas mãos grandes controlando meus movimentos. Kent me segura e me empurra fundo para baixo, entrando até não ter mais o que entrar, e ele faz pressão por duas vezes, girando meus quadris de força que encontre perfeitamente o seu quando ele empurra para cima.

— Ahhh! — Meus olhos visitaram a parte de trás.

Ok, dessa forma é bom. Ele tem razão, e eu odeio que ele tenha, mas caramba, eu gosto disso.

Kent faz isso mais algumas vezes, nossos corpos molhados se debatendo. O desejo é quase agonizante de tão grande. A água apenas ampliou tudo que já costumamos sentir no sexo. Provavelmente, a gravidez ajuda um pouco, também. É certo de que eu vou querer mais vezes dentro da hidro e na piscina também.

O ritmo de Kent é controlado, mas intenso. Ele me puxa, pressiona, vira, empurra, então puxa novamente. Nós estamos em êxtase agora, os gemidos são audíveis e com toda certeza, se houver alguém nos observando, eles sabem exatamente o que estamos fazendo. Não há como não saber, porque estou circulei o pescoço de Kent com os braços e estou pressiona em seu peito, enquanto ele me puxa e empurra seu pau para cima.

É tão bom.

Quando ele empurra outra vez e faz pressão, eu desabo. Meu corpo convulsiona, minha buceta contraindo ao seu redor, meus olhos encontram o caminho para traz novamente, o prazer atingindo meu cérebro tão intensamente, que eu grito seu nome sem parar, sentindo-o continuar a empurrar mais e mais e mais, até que ele chega no ápice também. Seus braços me circulam e ele me abraça forte, mantendo-me perto por um tempo, até nossos corpos voltarem ao ritmo normal.

Desço minha testa na sua, nossos olhos fechados, as respirações ainda pesadas.

— Você tem razão. — confesso, tocando seu rosto.

— Tenho?

— É. — sorrio um pouco. — Eu não posso me segurar quando se trata de você e do seu pau lindo.

Foi sua vez de dar risada.

Afastei minha testa e olhei seu rosto perfeito. Ele estava me olhando, também, um sorriso repuxando seus lábios para o lado.

— Meu pau lindo agradece a você e a sua buceta gostosa. — ele diz.

Eu levo a mão ao peito e pisco os olhos rapidamente, com um olhar apaixonado.

— É por esse tipo de frases que eu amo você.

Sorrindo, ele pega meu rosto entre as mãos e me beija.

— Você me ama por tudo que eu sou.

— Convencido demais? — Arqueio uma sobrancelha.

Ele dá outra risada, jogando a cabeça para traz.

Ele tem razão outra vez: Eu amo tudo sobre ele. Simplesmente tudo.

EPÍLOGO 2.

A contração chegou novamente e com ela, a uma dor excruciante.

Droga.

Segurando o colchão de cada lado com toda minha força, eu gritei em pleno pulmões. E gritei de novo, e de novo, e de novo, até que a dor passou e eu caí exausta no travesseiro.

Ao meu lado, minha mãe me olhava com sua preocupação habitual de mãe. Ela tocou carinhosamente minha cabeça e beijou minha testa suada.

— Querida, tudo já vai acabar, tá bem?

Anuí, sentindo-me esgotada antes mesmo de parir. Por que foi mesmo que eu não optei pela cesárea?

No quarto em que estava no hospital, estava toda minha família. Kent estava do meu outro lado, agora segurando minha mão, mas com mais cara de medo do que eu. Minhas tias estavam no final da cama, em frente aos meus pés; já os meus tios estavam sentados em um sofá para visitas, tentando acalmar o meu pai.

Tia Juliet entrou, seguida do meu obstetra substituto.

Dr. Thomas McCoy cumprimenta as pessoas ao redor e abre um sorriso simpático para mim.

— Você tem bastante pessoas preocupadas, não é? — ele me pergunta, brincando enquanto calça as luvas estéreis e vem para o meio das minhas pernas.

Kent olha para mim com olhos arregalados.

— Sua obstetra é homem?

— Na verdade, era Dra. Lauder, mas ela teve um probleminha e eu estou substituindo-a. — Dr. McCoy respondeu por mim, olhando por cima da minha perna. — Mas podemos chamar outra pessoa, apesar de que só há estagiários disponíveis agora.

De repente, todos os homens presentes no quarto, se aproximam com curiosidade e ódio na expressão.

— É uma boa ideia. — Todos eles disseram ao mesmo tempo.

Dr. McCoy já estava se afastando quando tia Juliet colocou a mão em seu ombro e o empurrou de volta para o banquinho.

— Você fica, Thomas.

— Chama ele pelo primeiro nome? — Tio Enzo fez a pergunta parecer casual, mas seu olhar estava estreito sobre sua mulher.

— Sim, ele é um colega de trabalho muito bem competente, aliás.

— Eu quero que chame outra pessoa! — Papai diz.

— Nenhuma pessoa além desse médico vai tocar na minha filha! — Mamãe rebateu.

Kent estava olhando para mim de cara fechada.

Eu suspirei.

— Gente, pelo amor de Deus, eu estou prestes a ter minha filha e a dor que estou sentindo a cada cinco minutos é como se tivessem me rasgando por dentro com a porra de uma faca! — rosnei, entredentes. — Se vocês surtarem por causa do Dr. McCoy ou por qualquer outra coisa que não seja o nascimento da minha filha, eu vou pedir para que saiam do quarto. Há um motivo bem claro no fato de que homens eram proibidos de assistirem os partos das mulheres, antigamente, caramba.

Todos eles ficam em silêncio. Bom. Eu olho para Dr. McCoy, que está um pouco incerto de estar ali, no meio de tanta gente maluca. Eu super entendo meu noivo e os outros por não quererem ele aqui. Dr. McCoy é do tipo de médico que as pacientes não estão nem aí para o que estão passando; elas só veem até ele para vê-lo e aprecia-lo.

Mas só que estão estou me fodendo para sua beleza ou seu sorriso charmoso. Eu já tenho o homem perfeito para mim. Um pacote completo: lindo, atleta, alto, lindo, perfeito...

— Por favor — eu alivio minha voz, dando um olhar suplicante para o Dr. —, traga minha bebê para meus braços, ok? Apenas... ignore todos eles. É coisa de família.

Ele endireitou as costas e anuiu para mim, então flexionou as mãos antes de voltar ao trabalho.

Senti o momento em que as contrações começaram a vir novamente e, dessa vez, agarrei a mão de Kent, me preparando para a dor. Duas enfermeiras entraram na sala e logo vieram para perto, uma delas pedindo para as pessoas se afastarem. O único que foi permitido ficar ao meu lado, foi Kent, por ser o pai do bebê.

Dr. McCoy analisou a situação entre minhas pernas e levantou os olhos para mim, e eles me transmitiam calma.

— Você está começando a sentir a contração, não é?

Assenti, quase que desesperada.

Ele sorriu.

— Você consegue ficar agachada ou de quatro?

Eu ouvi o rosnado dos homens na sala e as risadinhas das mulheres, então escutei tia Juliet explicando o motivo da pergunta. Algo sobre ser as melhores posições e menos doloridas. Em seguida, ela guiou todos para fora da sala, alegando que preciso de espaço para fazer isso.

Mas eu neguei com a cabeça, porque estava doendo demais e eu não acho que sou capaz de me mover assim.

Ele me deu um olhar de compreensão, e pediu para as enfermeiras:

— Por favor, coloquem-na em posição de trendelenburg para que fique melhor para ela e a bebê.

Elas rapidamente vieram e moveram a cama até que ela ficasse inclinada, com minhas pernas mais para baixo.

Dr. McCoy olhou para mim.

— Quando ela chegar, faça força, tudo bem? — pediu. — Sua filha está pronta para vir ao mundo.

Kent apertou minha mão, sua expressão tão nervosa e apertada, que mais parecia que ele era quem iria parir.

Um sorriso trêmulo escapou, quando concordei com o doutor.

Então a dor veio, e eu fiz exatamente o que me foi pedido. Fiz força, empurrando para baixo. Não gritei ou fiz escândalos, apenas apertei a mão de Kent e trinquei os dentes.

— Isso! — o doutor gritou. — Novamente, Pérola. Vamos lá, você é capaz disso, ok? Seu corpo foi feito para isso.

Eu fiz novamente. A dor era algo surreal. Eu tinha lido alguns livros e sabia que a fonte dessa dor era basicamente o medo. Era relativa, cada mulher reage de uma forma. Li relatos até de mulheres que nem sentiram nada. Mas, porra, eu queria arrancar os olhos de alguém com a dor que eu estava sentindo.

— Estou vendo ela, Pérola! — gritou o doutor novamente. — Vamos lá! Você consegue. Estou bem aqui esperando para pegá-la, tudo bem? Não se preocupe com isso, apenas traga ela ao mundo.

A contração veio e eu fiz de novo. E fiz isso mais três vezes, até que o grito infantil da minha filha encheu o quarto e

meu corpo relaxou com alegria quando as lágrimas começaram a cair dos meus olhos. Foi questão de segundos antes que Dr. McCoy a colocasse sobre meu peito, ainda com o cordão umbilical. Eu abracei minha bebê tão pequenina e esqueci da dor, das pessoas, de tudo. Só quem importava era ela.

Meu novo mundo.

Só quando Kent estendeu a mão enluvada para tocá-la com cuidado, eu percebi que ele havia saído para se higienizar para poder chegar perto dela. Ele se abaixou ao nosso lado, seus olhos nunca abandonando nossa bebê, que já tinha atacado meu peito e estava se alimentando nele pela primeira vez.

— Quer ter a honra, papai? — Dr. McCoy estendeu uma tesoura, usada para cortar o cordão umbilical, para Kent, com um sorriso no rosto.

Kent assentiu, pegou a tesoura e prestou atenção nas orientações do médico. Ele encaixou a tesoura, mas não cortou; em vez disso, colocou a outra mão nas costas pequeninas da nossa menina e começou a falar:

— Eu, Kent McGregor, assumo o compromisso de cuidar, amar e criar minha filha Luana Lazzari-McGregor sob meus cuidados, ensinando a trilhar nos caminhos que a levam a verdadeira felicidade. Neste momento tão especial, desligo minha filha, porque agora nasce uma mãe, nasce um pai e nasce a minha família.

E então ele corta da forma que foi orientado a fazer, desligando nossa bebê de mim.

Eu estou chorando como uma louca descontrolada.

Kent entrega a tesoura ao doutor para que ele termine o que tem que fazer e vem para nós duas. Ele beija a testa da sua filha, que ainda está mamando e depois a minha.

— Você está linda, meu amor. — ele me diz.

— Oh, por favor, eu devo estar um desastre.

Ele sorriu um pouco.

— O desastre mais lindo do mundo inteiro. — Ele garante, acariciando meus cabelos e olhando em meus olhos. Sua voz abaixa quando ele voltar a falar: — Você está linda e me deu o melhor presente que eu poderia ganhar, P. Eu te amo e amo nossa filha também. Vocês são as mulheres da minha vida. São a minha vida agora.

— Eu também te amo. — Eu toco seu rosto com a mão livre e beijo seus lábios. — Obrigada por ter me dado ela, também. Vocês são minha vida.

Ele encosta a testa na minha e põe uma mão protetora sobre Luana, que se remexeu e choramingou quando o bico do meu peito saiu sem querer da sua boca.

Nós rimos e ele enxugou meu rosto, beijando meu pescoço.

— Acho que vamos ter um pouco de trabalho, não vamos?

Assenti com firmeza.

— Com certeza.

Mas, quem se importa? Nossa vida acabou de nascer e está prestes a começar de verdade.

FIM.

